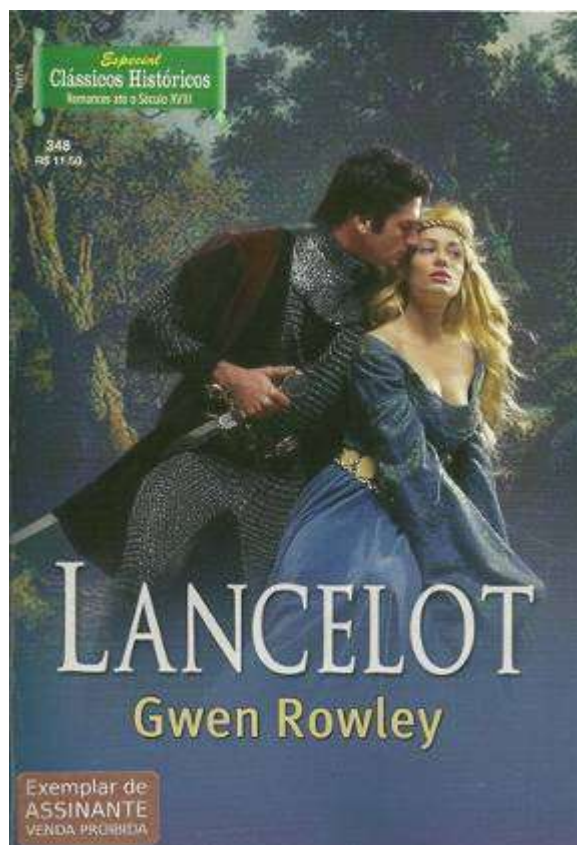


LANCELOT

Knights Of The Round Table - Lancelot

Gwen Rowley



3º livro da série da "Távola Redonda"

Século XI

Um amor mágico que acendeu uma lenda.

Lancelot é um cavaleiro valente, abençoado pela Dama do Lago com um extraordinário talento bélico. Sua habilidade de combate conquistou-lhe um lugar ao lado do rei Arthur, mas os poderes que a Dama lhe concedeu custam um preço alto demais...

Elaine de Corbenic está fazendo o que pode para conservar unida sua família empobrecida. A fortaleza está em ruínas, e os camponeses estão passando fome e em vias de uma rebelião. O pai de Elaine está obcecado com a ideia de encontrar o Santo Graal, e seu irmão mais velho, mutilado por Lancelot numa justa, é um ébrio amargurado. Sem um dote, ela tem pouca esperança para o futuro.

Incógnito, Lancelot entra em Corbenic a caminho do torneio do rei. Fascinado por Elaine, ele fica consternado quando ela revela seu desprezo por ele, e precisa engolir a própria arrogância para conquistá-la. Pois somente com Elaine a seu lado, ele terá a força necessária para se libertar dos encantamentos que o mantêm cativo...

Digitalização e Revisão:

Crysty





Querida leitora,

Guerreiros fortes e poderosos, cheios de nobreza e honra, os Cavaleiros da Távola Redonda lutam por reis, resgatam donzelas e se empenham em buscas perigosas. Mas o verdadeiro amor pode ser a mais perigosa de todas as buscas...

Sir Lancelot, Primeiro Cavaleiro do reino do Rei Arthur e Paladino da Rainha, não pode ser derrotado por qualquer homem terreno, contanto que mantenha seu juramento a Arthur e Guinevere. Embora arrogante e extremamente confiante, ele de repente se vê de joelhos perante uma moça simples: Elaine de Corbenic, e é forçado a escolher entre o orgulho e o amor, para se ver livre do encantamento que o prende a Camelot...

Uma história envolvente da primeira à última página!

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2006 by The Berkley Publishing Group
by the arrangement with the author.

Originalmente publicado em 2006 pela Berkley Publishing Group.

PUBLICADO SOB ACORDO COM PENGUIN GROUP USA INC.

NY,NY-USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: KNIGHTS OF THE ROUND TABLE - LANCELOT

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Silvia Moreira Vânia Buchala

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Gabriela Machado

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL

Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO

Ana Beatriz Pádua

Copyright© 2010 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Butantã, 500 — 10º andar — CEP 05424-000.— São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley

Capítulo I

Assim que Elaine percebeu que seu tio parecia um touro, imaginou por que não se dera conta dessa semelhança antes: pescoço musculoso, narinas arfantes e olhos próximos. Se pusesse uma argola em seu nariz, poderia levar o homem para o mercado.

— Uma praga maldita, isso é o que eles são! — ele berrou, batendo com o punho sobre a mesa. — Piores que os saxões sanguinários são esses servos de Corbenic, e não suportarei mais isso!

— Foi um inverno difícil — Elaine disse, contendo-se com esforço. Os convidados pareciam tomados de constrangimento.

— Um inverno difícil? — Ulfric rugiu, vermelho de raiva. — Todo inverno é difícil, e isso não é desculpa para caçar ilegalmente.

— Mas o senhor sabe que nossa colheita foi pobre e...

— A mesma velha história — Ulfric escarneceu. — Mas não vai adiantar. Eu me fiz de cego no passado, mas, se você pensa que vou ficar parado enquanto seus vassalos invadem minha propriedade e fogem com minha caça...

Elaine pousou o cálice sobre a mesa com todo cuidado.

— Foi um homem — disse — e uma corça. Difícilmente uma invasão.

— Um que eu saiba! Mas esta não é a primeira vez que pego esses ladrões espreitando minhas terras! Seu pai é um inútil, e quanto a Torre... Por Deus, tudo o que fiz por esse rapaz está perdido agora.

Elaine saltou em pé.

— Dobre sua língua quando falar de meu irmão! E de meu pai também! Se quiser o pagamento pela maldita corça...

— Ah, receberei o que me é devido. Eu...

— Ulfric! — tia Millicent exclamou. — Já basta!

Ulfric fitou a esposa e murchou como uma bexiga furada. Elaine olhou para a tia também. *Hipócrita*, pensou com fúria impotente, fora Millicent quem tocara no assunto da caça ilegal, agitando-a como uma bandeira vermelha diante do nariz do marido.

— Reclamei com o rei, foi o que fiz — Ulfric resmungou, de mau humor. — E não foi a primeira vez.

— Elaine. — Alienor afastou os olhos do pai para Elaine, implorando silenciosamente que a prima se calasse.

Alienor parecia pálida e cansada, não uma noiva animada. O noivo olhava para o sogro como se já pensando melhor a respeito do casamento, nem vinte quatro horas depois de realizado.

Elaine sentou-se sem uma palavra e obrigou-se a sorrir para Alienor. Mesmo assim, o constrangimento perdurou. E, no momento em que conseguiu levantar-se sem chamar atenção, disse à prima:

— Devo ir.

Alienor adiantou-se para abraçá-la.

— Obrigada por tudo. — Enfiou algo em sua mão. Elaine olhou para a corrente de ouro e meneou a cabeça.

— Não posso aceitar.

— Pode, sim. Deve. Não sei o que eu faria sem você nessas últimas semanas. Sinto muito por papai — Alienor murmurou. — Foi Millicent quem começou isso — ela continuou, fitando a madrastra.

— Bem, você está livre dela agora. Espero que seja feliz.

— Obrigada — murmurou Alienor —, tenho certeza de que serei. — Os olhos de ambas encontraram-se e, no mesmo instante, se desviaram. Não havia nada mais a ser dito, o feito estava feito, e Alienor não tinha outra escolha. — Lembranças a... sua família — emendou, a voz entrecortada ao ser abraçada com força pela prima.

Elaine despediu-se da tia e do tio de uma maneira bem menos cordial.

— Sinto muito pelos inconvenientes com o povo de Corbenic — falou com frieza, calçando as luvas. — Isso não voltará a acontecer. Pode mandar o homem para casa comigo, e ele será punido adequadamente.

— Ora, ele já foi punido — Ulfric retrucou. Elaine ficou rígida.

— É mesmo?

— Eu o enforquei há três dias.

— O senhor enforcou um dos homens de meu pai? — Elaine indagou, chocada.

— Eu o consultei primeiro, é claro, ao menos tentei. Escrevi-lhe duas vezes, mas ele não se dignou a me responder. Pode dizer, de minha parte, que ele vai precisar de um novo flecheiro.

— Flecheiro? Quer dizer... Está me dizendo que enforcou Bran, o flecheiro? — Elaine apertou as mãos com força para não ceder ao impulso de arrancar o sorriso da face do tio a bofetadas.

— Enforquei um ladrão. — Os olhinhos de Ulfric se estreitaram. — Sei o quão ocupado é seu pai. Foi um prazer para mim fazer esse servicinho.

Antes que Elaine pudesse responder, sua tia acercou-se dela para beijá-la.

— Adeus, minha cara. Vá com Deus em sua jornada. Transmita meu amor a seu pai e a seus irmãos.

Elaine saiu sem dizer palavra. Bran Flecheiro nada mais era que um rosto para ela, mesmo assim, sentia-se deprimida por alguém de Corbenic ter se deparado com tal destino.

Não há nada a ser feito sobre isso agora, disse a si mesma ao montar seu cavalo e sair do pátio. Pelo menos tinha a corrente. Conseguiria o bastante para comprar um novo carneiro, já que o deles andava mal das pernas e, com sorte, uma ovelha ou duas também, para suplementar o rebanho que definhava.

Estava a meio caminho de casa quando se lembrou de algo que Ulfric dissera: de que reclamara de seu pai para o rei, e não pela primeira vez. Contudo, o rei Arthur era muito ocupado para se preocupar com as rixas de dois nobres rurais.

Mesmo assim, cravou os calcanhares na égua, incitando o velho animal a um trote

relutante, com medo de ter ficado por muito tempo longe de casa.

Quando Lancelot recuperou um pouco o controle, percebeu que o silêncio não poderia ter durado mais que um minuto. Na ocasião, parecera que uma eternidade se arrastara depois que Guinevere se calara, e os três ficaram imobilizados como figuras de alguma tapeçaria horrível, esperando, que Arthur respondesse.

O pior fora que tudo não passara de uma mentira estúpida lançada na conversa pela rainha. Ao olhar para o rosto de Arthur, Lancelot percebeu que o rei sentia-se tal qual ele, como se tivesse levado um murro violento entre os olhos. Que resposta seria possível diante de um flagrante desrespeito à verdade?

Qualquer que fosse, não seria Lancelot a dizê-la. Era dever de Arthur, e seu direito. Ele esperou, sem ousar respirar, que a fúria real explodisse.

Por fim, o rei falou:

— É isso então? Se você sente dor, Lance, deve ficar para trás.

A mortificação de Lancelot aumentou cem vezes mais. Ele nunca estivera melhor.

— Senhor — disse, com cuidado —, realmente não é necessário. É uma coisa insignificante.

— Não! — Guinevere fitou Lancelot com um olhar suplicante por trás do marido. — Você não deve se arriscar.

As mãos de Lancelot se fecharam em punhos.

— Meu lorde — ele começou, sem uma idéia clara do que poderia dizer.

Insistir em que estava bem era chamar Guinevere de mentirosa, coisa impensável, pois ele estava ligado ao juramento de servi-la. Contudo, a aceitação daquela mentira era uma traição a seu juramento ao rei. Mas, antes que ele pudesse resolver o dilema, Arthur opinou:

— Guinevere tem razão. Seria tolice colocar em risco meu melhor guerreiro pela diversão de um dia.

— É isso mesmo, senhor — Guinevere concordou.

Lancelot olhou da rainha para o rei, sem compreender. Depois de seus anos em Avalon, com frequência via-se confuso com as sutilezas dos relacionamentos humanos. Emoções sombrias rodopiavam entre o rei e a rainha, e lançavam perigo sobre todos eles. Sua cabeça começou a doer.

— Senhor, eu...

— Fique! — o rei ordenou, secamente.

— Fique — repetiu a rainha.

Dois seres tinham o direito de comandar sir Lancelot Du Lac, Primeiro Cavaleiro do reino de Arthur e Paladino da Rainha. Quando falavam como um só, não havia outra escolha senão obedecer.

— Sou seu servo — respondeu sem vontade, ao que Arthur não tomou conhecimento.

— Adeus, Guinevere — o rei disse, o olhar cravado no da esposa. A rainha ergueu a face para receber o beijo do marido, e Arthur roçou-lhe os lábios numa despedida casual. — E você, sir Lancelot — emendou com frieza —, espero encontrar ambos com a

saúde melhor quando eu voltar.

Os olhos do rei fulminaram os de Lancelot antes de se virar e se afastar.

Espere, Lancelot quis gritar, *pare*, mas não conseguiu emitir um som.

— Guinevere...

— Espere.

A rainha moveu-se como um gato, abriu a porta, espiou para fora e depois a fechou novamente. Virando-se, recostou-se à madeira e enfrentou o olhar de Lancelot. Sua face estava pálida, e as olheiras escuras eram como hematomas sob os olhos. Diferentemente de Lancelot, ela estava realmente doente.

— Você sabe que me perdoará com o tempo, portanto, por que não nos poupamos o aborrecimento de uma discussão e não conversamos agora?

— Sua tola! — O som de sua própria voz era estranho aos ouvidos de Lancelot, áspera e trêmula de raiva. — Tem idéia do que fez?

Guinevere caminhou até a janela e a abriu, respirando profundamente o ar frio e fresco antes de responder.

— Muito bem, Lance, tenha seu pequeno ataque de ira, se precisa disso. Mas bem sabe que está sendo ridículo. Muitas vezes você me disse que detesta as justas, e Arthur estava inclinado a deixá-lo ficar, portanto...

Ele cruzou a distância entre os dois em três passadas e segurou-a pelos ombros tão abruptamente, que Guinevere gritou de surpresa.

— Sabe o que está dizendo? Dinadan e Agravaine...

Sob suas palmas, os ombros delicados se moveram num gesto de desdém.

— Os dois são como velhas, sempre fofocando pelos cantos. Ninguém dá crédito a nada do que dizem.

Guinevere não era nenhuma covarde. Encarou Lancelot diretamente, somente a pulsação na base de seu pescoço traía o medo. E ela tinha razão em ter medo. Aquele não era nenhum "ataquezinho de ira", mas o tipo de raiva cega que Lancelot experimentava apenas num campo de batalha.

— O que acha que ele pensou quando entrou em seu quarto e nos encontrou? Meu Deus, a cara dele! Não viu? É cega? Desmiolada?

Duas manchas de rubor mancharam as faces pálidas de Guinevere.

— Tire as mãos de mim imediatamente! Como se atreve a falar comigo assim?

— É porque devo! E deveria ter feito bem antes, mas presumi que você soubesse.

Os lábios descorados torceram-se num sorriso de zombaria.

— Soubesse o quê? Que os idiotas murmuram contra os seus melhores? E daí?

— Acha que Arthur não tem ouvido esses murmúrios? — Lancelot sacudiu-a com força. — Tem, eu sei que ele tem, vi o jeito como nos observa!

— Você está errado, enganado...

— Não estou. Eu o conheço melhor que ninguém. Não é nenhum tolo, já suspeitava bem antes de hoje. Mas agora que você conspirou abertamente para me manter ao seu lado enquanto ele está longe, o que mais poderá pensar?

Os olhos da rainha arregalaram-se diante da terrível percepção.

— Então, você deve ir agora mesmo! — ela gritou, levando as mãos ao peito.

— Como posso? Meu velho ferimento me preocupa — ele argumentou, numa imitação irritada de Guinevere. — Mal consigo andar. O próprio rei ordenou que eu ficasse. E se você pensa que isso não causará mais rumores...

— Espere. — Guinevere livrou-se da mão de Lancelot e esfregou as têmporas. — Espere, deixe-me pensar. — Depois de um momento, ela falou: — Você se lembra daquela noite, no mês passado, quando nós três jantamos aqui? Arthur disse que não seria direito você participar de justas atualmente, lembra-se? Que seus oponentes ficam muito assustados com sua reputação, o que os torna incapazes de enfrentá-lo.

— Sim, mas...

— Você vai ao torneio, Lance, mas sob um disfarce. Então poderá dizer a Arthur que foi um teste de honra, pois queria ver se venceria sem que ninguém soubesse quem você era. Ele gostará disso.

Lancelot a encarou, abismado.

— Outra mentira.

— Oh, não, não é! Arthur disse isso, eu ouvi, e você se sentiu um pouco insultado, não foi?

Como ela conhecia bem os dois... Arthur acreditaria, porque era o tipo de truque que ele próprio aplicaria, e Lancelot queria desesperadamente aceitar qualquer alternativa para calar os boatos que se espalhavam pela corte.

— Isso é errado. Por favor, Guinevere, eu lhe peço, deixe-me falar com ele.

— Não! Não comece de novo! Você não dirá nada, a não ser o que eu lhe disse. Você prometeu, e eu preciso...

— Eu! Eu! É só em você que pensa? E quanto a Arthur? E quanto a mim? Somos muito estúpidos para ver o que você está nos fazendo? Ou é egoísta demais para se importar?

— Como pode dizer tais coisas de mim?

Lancelot desabou no banco sob a janela e apoiou a testa contra o vidro.

— Oh, Deus — murmurou —, o que devo fazer?

— Eu já lhe disse! Se você pelo menos escutasse... Com ar cansado, ele se levantou, esfregando os olhos.

— Não posso, o rei ordenou que eu ficasse.

— E eu digo que você deve ir — Guinevere retrucou, franzindo as sobrancelhas.

Lancelot conhecia aquele olhar.

— Impossível. Não posso desobedecer a uma ordem de meu soberano. Encontraremos outro meio.

A rainha da Grã-Bretanha postou-se diante dele, apontando para a porta com imperativa dignidade.

— Ponha sua armadura, esconda o rosto e não fale seu nome até terminar o torneio.

— Não — ele murmurou —, Guinevere, por favor...

— Agora! — ela gritou, batendo o pé — Eu ordeno!

Lancelot já se impacientara e até se zangara com a rainha, mas nunca, até aquele momento, a odiara.

— Que assim seja, milady — ele resmungou. — Eu irei e farei o que me ordena. Mas é a última vez. Estou farto de suas mentiras e de você.

Girou nos Calcanhares e levou a mão ao ferrolho.

— Lance, espere, eu não quis dizer... Por favor, não vá assim — ela falou atrás dele, segurando-lhe o braço. Seus olhos falseavam. — Foi um erro. Eu não estava raciocinando, estou me sentindo tão infeliz, que só queria que você ficasse comigo. Sinto muito, sinto...

— Você sempre sente muito — Lancelot retrucou, friamente —, e, contudo, nunca muda. Bom dia, milady.

Livrou-se da mão dela e saiu. A meio caminho do corredor, ele hesitou, ouvindo os soluços abafados que vinham de trás da porta.

— Maldita — murmurou baixinho. Podia imaginá-la com as lágrimas escorrendo pelo rosto pálido, confusa, angustiada. E absolutamente só.

Porém, recordou-se da fúria glacial que vira nos olhos do rei antes que ele saísse sem nem lhe dar a chance de falar.

— Maldita seja! — repetiu. Virou-se e desceu correndo as escadas sem olhar para trás.

Elaine freou a égua na borda da floresta ao ver a torre de Corbenic à distância. Seu lar. A vista nunca deixava de alegrar seu coração. Mas seu sorriso sumiu quando olhou o campo, entre a floresta e o solar. Havia algo errado. Então, a percepção a atingiu como um soco.

O campo estava vazio. Nenhum arado, nenhuma vara de bois, nenhum camponês, espantalho ou mesmo uma ave para espantar, já que nenhuma semente fora plantada. Ninguém tocara naquele campo desde que ela passara por lá no mês anterior.

Durante as últimas semanas, nos domínios de seu tio, ela tentara aprender o segredo de tanta prosperidade. Toda manhã, ao se levantar, via os aldeões saírem para os campos levando as ferramentas aos ombros. Às tardes, seu passeio a levava até a beira da extensão bem cuidada dos sulcos de arado, que aumentavam a cada dia. E imaginava se o mesmo trabalho estaria sendo feito em Corbenic.

Que tola.

Dispensando o criado que a acompanhara, ela cortou caminho pelo campo, a lama a voar sob as patas da montaria.

Nunca deveria ter saído de casa, Agora, a semeadura estava atrasada outra vez, e teriam de correr contra o tempo para colher o que chegasse a amadurecer. A lição do inverno anterior não fora aprendida. A absoluta irresponsabilidade, a perda de tempo quando cada dia era precioso... Tudo em Corbenic seria de uma desorganização sem esperança? Era demais pedir que as pessoas simplesmente fizessem o que lhes era ordenado?

Ao irromper no pátio assustou um bando de galinhas que ciscavam do lado de fora do estábulo. Mãe Santíssima, ninguém consertara o galinheiro ainda.

Percebeu e esterco que deveria ter sido levado para os campos. Alguém obviamente começara o trabalho e o abandonara, deixando o carrinho de mão na

calçada. Além das galinhas e dos enxames de moscas, o pátio estava deserto.

Elaine recordou-se de como era tudo antes de os saxões chegarem: as calçadas de seixos reluzentes, esfregadas duas vezes por semana, o estábulo caiado de branco, onde uma dúzia de cavalos puros-sangues mastigava sua aveia, os viveiros e os canis, cada qual com seus próprios atendentes. E os sons! Às vezes julgava que era deles que sentia mais saudade. As leiteiras com seus aventais, cantando conforme batiam manteiga, as vozes altas e excitadas dos escudeiros no pátio de exercício, as risadas dos pajens andando pela casa, em librés azuis e vermelhas, e, bem à distância, mal discerníveis, as vozes dos aldeões nos campos.

Acima de tudo, ela sentia falta da voz de sua mãe.

O que mamãe diria disso? Seu olhar percorreu o pátio sujo e silencioso, que poderia passar pelo de algum aldeão. A família tão orgulhosa em breve seria pouco mais que um grupo de camponeses. Uma geração a mais e a diferença desapareceria.

— Cavalariaço! — chamou, nervosa. — Cavalariaço! Venha me ajudar!

Mas não foi nenhum cavalariaço que saiu do estábulo, a camisa solta, as mãos amarrando as calças. O jovem, que não se barbeara, não levantou um dedo para ajudá-la. Simplesmente recostou-se à porta do estábulo e encarou-a com os olhos injetados de sangue.

E o que pensaria mamãe se visse seu filho mais velho agora? Torre coçou os pelos castanhos que saíam pela camisa amassada e bocejou.

— Elaine. Você está de volta.

— Ora, que esperteza a sua notar.

— Não pude deixar de perceber. Você estava gritando como uma alma penada.

Uma risada veio de dentro do estábulo. Elaine estreitou os olhos ao fitar o irmão.

— Ajude-me a descer.

— Vire-se! Estou ocupado.

— Torre! — Ela berrou, furiosa com tamanha vulgaridade. O irmão parou e se voltou.

— Está bem, está bem... — Mancou pelo pátio e estendeu as mãos entrelaçadas.

No momento em que seus pés tocaram o chão, Elaine correu para o estábulo e abriu a porta. Dois cavalos ergueram as cabeças, olhando-a com curiosidade. A baia mais próxima estava vazia, apenas com um monte de palha sobre o qual se reclinava uma moça nua até a cintura. A mulher a encarou com um olhar atrevido através dos cabelos desgrehados que lhe caíam pelos olhos.

— Levante-se! — Elaine gritou. — Vista-se e vá dizer a lorde Pelleas que a filha dele está de volta. E encontre um cavalariaço para cuidar de minha égua antes de voltar para as cozinhas.

Os olhos da moça fitavam além dos ombros de Elaine. Sem encontrar ajuda, a criada resmungou, puxando o vestido para cima:

— Sim, senhora.

Elaine virou-se e foi ao encalço do irmão.

— O plantio ainda não começou, e este lugar... — Apontou num gesto largo para o pátio. — Em nome de Deus, o que você andou fazendo?

— Acho — ele grunhiu, enxugando as mãos na camisa suja — que é bastante óbvio.

Infelizmente, era. Ele tinha palha nos cabelos, e uma barba de dois dias apontava em seu maxilar. Os ângulos da face, um dia tão belos, pareciam indistintos, os brilhantes olhos azuis rajados de vermelho estavam afundados na pele empapuçada. Ao olhar para as ruínas de seu irmão, Elaine não sabia se chorava ou tinha um ataque de ira.

— Bem, e então? — ele indagou, arrastando a perna.

— Como foi o casamento?

Elaine suspirou, sua raiva se fundindo num sentimento confuso de piedade e ressentimento,

— Horrível. Eu deveria ter ficado em casa.

— Eu lhe disse...

— Sei que disse. Você tinha razão. Tio Ulfric foi insuportável, e tia Millicent, pior. Geoffrey mandou-lhe cumprimentos. Disse que virá buscar seu falcão em breve.

Os lábios de Torre retorceram-se no sorriso cínico que ela aprendera a recluir.

— E Alienor? — ele perguntou, e virou o rosto ao se inclinar para pegar as rédeas da égua. — Mandou seus cumprimentos também? — Sem esperar por uma resposta, continuou numa voz que soava quase despreocupada.

— E quanto ao sujeito com quem ela se casou?

— Oh, Torre — Elaine murmurou —, você não continua ressentido com Alienor, continua?

— Ressentido? — Seus olhos estavam toldados quando ergueu o odre de vinho.

— Sei que ficou desapontado, mas há outras herdeiras. Talvez não tão ricas quanto Alienor, mas...

— É disso que pensa que se trata? Do dinheiro dela? Oh, Deus, que idiota você é às vezes! — Antes que Elaine pudesse responder, ele suspirou e tocou-lhe o ombro. — Perdão.

— Não quero que se desculpe. Quero que faça alguma coisa.

— O quê? Sair em busca de fortuna? Oh, não, eu tentei, não tentei? — Ele esbravejou num tom irado, olhando para a perna. No mesmo instante, sua raiva pareceu morrer. Suspirou, e correu a mão pelos cabelos emaranhados. — Às vezes penso que nossa família foi amaldiçoada. Quando lembro de tudo o que aconteceu... Os saxões chegando, a morte de mamãe, papai e sua...

Elaine ergueu a mão, calando-o antes que pudesse pronunciar a palavra que nunca diziam. Ele suspirou de novo.

— A doença de papai — ele continuou, acentuando a palavra — e depois, a minha. Não me diga que nunca pensou se tudo isso é apenas destino.

Claro que Elaine pensara. A mesma pergunta lhe ocorrera muitas vezes durante o último inverno, quando o sono recusava-se a chegar. Porém, se ela não aceitara a idéia então, não seria agora que o faria.

— Culpar uma série de infortúnios, perfeitamente naturais e atribuí-los à magia é o refúgio dos fracos e dos covardes.

Torre endereçou-lhe um sorriso enviesado.

— Você está enganada, sabe disso. Magia existe mesmo, e negá-la não a fará desaparecer.

— Bobagem e...

— Elly!

Ambos se viraram quando o irmão mais novo atravessou o pátio correndo. O pai o seguia mais devagar, a cabeça inclinada sobre algo que trazia nas mãos, sem dúvida um rolo de pergaminho. O roupão remendado de lorde Pelleas pendia frouxo em torno de suas formas franzinas. As mechas de cabelos brancos esvoaçavam em torno da face longa e magra quando ele ergueu a cabeça e sorriu com uma dolorosa ternura.

— Elly! — Lavaine gritou de novo, o rosto radioso sob os cachos ruivos como fogo. Envolveu-a num abraço forte e sorriu. — Arranjou um pretendente nobre?

Elaine suspirou.

— Não.

— Idiotas! — Lavaine exclamou com desdém. — Mas não se importe, tenho certeza de que arranjará no tempo certo. Escute, você pode...

— O que isto parece a você? — Pelleas perguntou, apontando para uma palavra no pergaminho. — Acho... Deus, eu realmente acho que me deparei com ela por fim. Veja aqui...

— Papai, tio Ulfric disse...

Elaine calou-se quando sir John, o intendente, cruzou o pátio, apoiando-se em seu cajado.

— Sir John, lembra-se de que falamos em plantar o campo norte antes de eu partir? Parece que nada foi feito.

— É verdade, senhora — respondeu sir John. — Eu tentei... Mas desde que Martin, o oficial nos deixou...

— Deus o tenha — murmurou Elaine —, mas ele morreu já faz seis semanas. Não pode ser tão difícil encontrar outro oficial.

— Não, milady, eu falei com os servos, e lorde Pelleas prometeu examinar a lista de candidatos que lhe apresentei. Na verdade, na noite de sua partida, seu pai afirmara solenemente que cuidaria do assunto assim que encontrasse tempo.

O que, aparentemente, ele não conseguira no mês em que ela ficara fora.

— Alguma coisa mais, milady?

— Mande Britt arrear os bois — ela ordenou, secamente. — E que todos os homens e mulheres capazes deixem o que estiverem fazendo e sigam para o campo norte. Lorde Pelleas e eu nos reuniremos a eles dentro de uma hora.

— Sim, milady — respondeu sir John.

— Obrigada. Agora, papai, por favor, escute. Tio Ulfric disse...

— Elaine, meu gibão está rasgado! — Lavaine exclamou.

— Consertarei mais tarde.

— Preciso dele agora!

— Lavaine enfiou na cabeça que quer ir ao torneio amanhã — Torre esclareceu.

— Amanhã? — *Ainda não*, Elaine pensou, *é muito cedo*. O irmão havia sido

sagrado cavaleiro, mas era tão jovem ainda, de apenas dezoito anos, e mesmo batalhas de brincadeira poderiam ser perigosas. Era só olhar para Torre para ver isso.

— Que torneio é esse? — ela perguntou.

— O festival de Pentecostes do rei — Lavaine respondeu. — Vêm cavaleiros de todas as partes do mundo para competir.

— E todos sabem que sir Lancelot vencerá — Torre acrescentou rispidamente, com uma carranca.

— O prêmio é um diamante enorme! — Lavaine completou.

— E suponho que você acha que tem chance de ganhá-lo. — Torre riu com escárnio.

— Posso tentar, não posso? Só porque você não pode competir não quer dizer que ninguém mais possa!

— Um diamante? — Elaine disse lentamente, e seu irmão calou-se para fitá-la.

— Você parece estranhamente interessada nesse diamante — Torre observou.— Por quê? Pegou gosto por jóias?

— Sonhei a noite passada... Oh, não foi nada...

— Conte-me — seu pai ordenou, tirando os olhos do pergaminho —, talvez possamos adivinhar o significado.

Sonhos. Tudo sempre eram sonhos para ele! Eram comida e bebida para o senhor de Corbenic, mais reais que o pátio sujo ao redor e mais urgentes que seus servos ociosos. Porém, ele a fitava com tamanha expectativa, os olhos azuis tão inocentes, que Elaine encheu-se de pena.

Pobre papai. Não era sua culpa que não pudesse mais distinguir os fatos da fantasia. Decidiu contar o sonho, um modo de reparar sua impaciência.

— Muito bem, eu sonhei...

Lancelot suava dentro da armadura, cavalgando para o campo de torneio. Ansiava para ficar apenas de túnica, mas era muito conhecido para passar despercebido pela multidão na estrada. Em trechos desertos ele removera o elmo, más, mesmo depois de todos aqueles anos, o brilho do sol, tão diferente da luz diáfana de Avalon, afligia seus olhos. Por isso, manteve o visor erguido para deixar que um pouco de ar esfriasse sua testa lavada de suor.

Conduziu o cavalo até o cume de uma colina e inspecionou o campo lá embaixo, um largo trecho de campina rodeado por uma densa floresta, dividido por uma fita prateada de água. Um lado do rio Usk era uma colcha de retalhos de cores brilhantes, com dezenas de pavilhões já levantados e dezenas mais a se erguerem. O outro era rodeado de três lados por arquibancadas. Figuras minúsculas corriam de um lado para outro, e o cheiro de fumaça das muitas fogueiras subia preguiçosamente para o alto com a brisa da primavera.

O torneio de Pentecostes era uma tradição anual do reinado de Arthur. O ritual solene tornara-se, com o tempo, um evento esplendoroso. No ano anterior o castelo ficara cheio e os campos das redondezas, lotados. Cavaleiros viajavam de todos os cantos do mundo para competir no torneio, ansiosos por testar sua perícia contra os Cavaleiros da Távola Redonda e ganhar os prêmios generosos que Arthur oferecia.

Por causa da confusão dentro e fora do castelo, Arthur decidira que o torneio não seria mais o combate tradicional realizado em Camelot, mas um confronto com duração de apenas um dia, e longe o bastante da Corte, o que desencorajaria quaisquer visitantes. Entretanto, ele oferecera um prêmio de tamanha magnificência, que qualquer cavaleiro demovido pelos inconvenientes logo mudaria de idéia. E, a julgar pela multidão lá embaixo, as famílias tinham resolvido fazer o melhor diante da mudança de condições.

Lancelot esquadrinhou os pavilhões, finalmente localizando o estandarte de seu primo Bors. Ele guardaria seu segredo, mas Lancelot teria de tomar cuidado para não chamar atenção e ser reconhecido. Sua armadura era bastante simples, se mantivesse o visor abaixado, passaria despercebido. Ao relancear os olhos pela sela, gemeu de raiva quando viu o escudo com seu emblema, facilmente identificável.

Fez a montaria dar meia-volta, maldizendo-se por ter, na pressa, pegado o próprio escudo e, mais que tudo, maldizendo Guinevere por colocá-lo naquela situação.

Precisaria voltar a Camelot e retornar, o que significava deixar seu cavalo cansado antes de o torneio começar. Uma montaria cansada seria facilmente ferida, e perdê-la resultaria em meses de inconvenientes, tendo que procurar e treinar outra de acordo com seu costume.

Avistou um grupo de cavalos se aproximando pela estrada. Com um suspiro de irritação, ele abaixou o visor e, então, identificou o pendão empunhado com orgulho por um escudeiro. Desviou os olhos do rapaz e cravou-os na dama de manto azul brilhante, os cabelos avermelhados luzindo ao sol.

A rainha Morgause de Orkney.

Lancelot disse a si mesmo que não tinha motivo para rezear a mãe de Gawain — e, no entanto, receava. Os olhos de Morgause viam longe demais, e ela uma vez dissera que a magia era sua... Como colocara? Ah, sim, sua paixão. O instinto lhe gritou para que não parasse, tirou o cavalo do caminho e embrenhou-se na floresta.

Uma hora mais tarde, estava totalmente perdido. A trilha que julgara ser um atalho para Camelot estreitara-se numa senda minúscula, desaparecendo num lamaçal. Outra trilha que tentara dava tantas voltas, que ele se virava completamente confuso.

Mas pelo menos estava fora da estrada e longe de olhos curiosos.

— Oh, as giestas, as belas e encantadoras giestas — cantarolou baixinho, no ritmo do trote compassado do cavalo.

Não tinha muito ouvido para música, mas houvera um harpista no salão das senhoras, em Avalon, que tocava tão maravilhosamente, que até mesmo ele ficara encantado. Thomas era o nome do menestrel, se não estava enganado, e a Dama do Lago dissera que ele vinha de muito longe, o que era estranho, porque Thomas tinha um sotaque muito parecido ao de Gawain.

Seus pensamentos desviaram-se para Gawain, e um sorriso de escárnio veio a seus lábios. O nobre sir Gawain... Que hipócrita ele era! Sempre tão cortês, tentando disfarçar o ressentimento e a aversão que sentia. Não que ele se deixasse enganar. Nem se importava. Por que se importaria? Lembrou-se do único confronto dos dois nas liças, no dia em que tirara de Gawain o título de Primeiro Cavaleiro da Grã-Bretanha. Gawain lutara bem naquele dia, mas nunca teria chance. Era seu destino conquistar aquele título, o notável destino conferido a ele pela Dama do Lago.

Lancelot só gostaria que a dama tivesse mencionado como se daria aquela conquista. Mas ela nunca respondia a qualquer pergunta diretamente. Sobre o harpista, dissera que as milhas não eram as únicas medidas de distância, o que ele ainda não

consequira entender.

A última canção que Thomas cantara fora a que Lancelot mais gostava. Quando garoto, ele a cantava no pátio vazio, quando ninguém pudesse ouvir. Naquela hora, pensou, não conseguia nem encontrar o tom, e as palavras fugiam de sua mente.

Estava acontecendo de novo. Ultimamente ele sentia a estranha sensação de que seu passado desaparecia, sem lembranças. A canção do menestrel... Qual era mesmo o nome dele? Por um momento, sua mente ficou em branco, mas depois ele se lembrou: Thomas.

Teria havido realmente um harpista? Ou teria sido um sonho? Ele não sabia. Não podia ter certeza de quais de suas recordações de Avalon eram reais, e quais ele imaginara.

Expulsou a impressão inquietante. O passado não era importante. Só o presente importava.

E o presente o descobria perdido naquela floresta escura. A face de Arthur... Ah, não, não iria pensar nisso também. Melhor e mais seguro era pensar num futuro distante, quando o incidente no quarto da rainha fosse esquecido.

Claro que seria esquecido. Ele era Lancelot Du Lac, amado filho adotivo da Dama do Lago, e servia ao rei Arthur como nenhum outro cavaleiro poderia servir algum dia. Arthur conhecia sua lealdade. Sempre que ele saía, as pessoas se enfileiravam nas ruas para aclamá-lo, e os menestréis competiam para fazer canções de suas aventuras. Talvez a essas alturas fossem cantadas na própria Avalon por aquele harpista da Dama... Qual era o nome dele?

Lancelot rebuscou a mente, mas a lembrança se fora.

Não importa, disse a si mesmo. *É provável que eu tenha imaginado tudo aquilo.*

Se pelo menos houvesse alguém a quem perguntar, alguém a quem ele pudesse contar de seus dias em Avalon e do destino glorioso que era o seu, alguém que o ajudasse a compreender todas as perguntas que pareciam não ter respostas...

Há apenas uma pergunta com que você precisa se preocupar agora, disse a si mesmo com firmeza, *e é como sair desta maldita floresta.*

Um momento depois, ele teve a resposta quando vislumbrou uma torre de pedra elevando-se acima da copa das árvores. Com um suspiro de alívio, virou a cabeça do cavalo na direção da torre e incitou o animal a um trote.

* * *

Tinham quase chegado ao solar quando Elaine percebeu um cavaleiro parado diante do tronco de montar, segurando as rédeas de seu cavalo. Ela estacou. Aquele não era nenhum cavaleiro que ela já vira antes. Seu pai deu um passo à frente.

— Bom dia, senhor cavaleiro, e bem-vindo a Corbenic. — Apontou o pátio pobre até a torre em ruínas com orgulho. — Sou Pelleas, senhor deste domínio. De onde vem, meu hóspede, e qual é seu nome? Elaine conteve a respiração, temendo a zombaria do estranho.

— Sou um cavaleiro do salão de Arthur — ele respondeu muito sério e cortês —, e amanhã participarei de uma justa, como um desconhecido, para conquistar o diamante do rei. Futuramente saberá quem sou, mas peço que não me pergunte nada hoje.

O sorriso de Elaine morreu nos lábios. Um estranho que se recusava a dar o

nome... Ora, poderia ser algum fora da lei! Ela e Torre trocaram um olhar, mas antes que um deles pudesse falar, o pai adiantou-se.

— Como desejar — Pelleas retrucou, tranqüilamente. — Espero que fique conosco para passar a noite.

— Obrigado — o cavaleiro respondeu com uma ligeira mesura. — E se pudesse pedir outro favor...

— Por favor, fique à vontade.

— Por engano, vim com meu escudo. Peço que me empreste um, liso, se tiver, ou mesmo com algum emblema, contanto que não seja o meu.

Elaine relanceou os olhos para o escudo em questão, marrado na sela e envolto num pano. Que emblema exibiria? Ela lançou ao pai um olhar de advertência, mas Pelleas sorriu para o estranho, como se aquele pedido incomum não tivesse importância.

— Ora, isso nós podemos lhe arranjar facilmente. Meu filho mais velho, Torre, foi ferido em sua primeira justa. Seu escudo é bastante simples.

Elaine sentiu a raiva engasgada de Torre diante da cessão casual de seu equipamento a um estranho sem nome, mas não havia nada a fazer.

— Por que não? — disse —, pode ficar com ele, não tem nenhuma utilidade para mim.

A pluma azul abaixou-se com o inclinar de cabeça do cavaleiro.

— Agradeço pelo empréstimo, sir Torre.

Torre fez um gesto breve de cabeça, ainda sem sorrir.

— Meu filho mais jovem, Lavaine — Pelleas continuou —, que foi sagrado cavaleiro recentemente, cavalgará com o senhor até a liça. Ele está eufórico, certo de que ganhará o diamante em uma hora, depois o trará para casa e o colocará na mão desta donzela! Não é o que estava nos dizendo, Lavaine?

— Não, papai — Lavaine protestou —, eu estava apenas brincando, senhor — disse, sem-graça, ao estranho. — Torre estava tão mal-humorado e envergonhado por não poder ir...

— Basta! — Torre ordenou, tentando socar a cabeça do irmão mais novo. Lavaine afastou-se num salto, sem ser atingido.

— Sabe, senhor, minha irmã sonhou que alguém colocou aquele diamante em sua mão, mas era muito escorregadio para segurar...

— Lavaine! — Elaine o repreendeu, mas ele a ignorou também.

— E ela o derrubou em uma lagoa ou riacho, e disse que se eu fosse, e se eu lutasse e o ganhasse... Mas foi tudo uma brincadeira, uma piada entre nós. Mas agora papai deu permissão para que eu siga para o torneio de Arthur com este nobre cavaleiro! Posso não ganhar, mas farei meu melhor para vencer.

— Ele não vai querer se aborrecer com você — Torre começou a dizer.

— Ao contrário — o estranho o interrompeu com suavidade — eu acolheria de bom grado um amigo e guia. E você conquistará aquele diamante, se puder. Ouvi dizer que é uma bela e enorme pedra, e a entregará a esta donzela, se desejar.

Quem quer que ele fosse, suas maneiras não poderiam ser criticadas. Tinha uma voz agradável também, profunda e musical, com um sotaque que Elaine pensou ser galês. Certamente, nenhum homem que falasse tão lindamente pudesse ser malvado.

Torre não se deixou conquistar tão facilmente.

— Um belo e enorme diamante é para rainhas, não moças simples — resmungou.

— Se o que é justo é justo, que importância tem que ela seja rainha ou não? — o cavaleiro objetou com frieza. — Esta moça poderia usar uma jóia com tanta justiça como qualquer outra na terra.

Há! Elaine pensou, lançando um olhar triunfante ao irmão. *Ele o colocou em seu lugar!* Quase riu alto, até que o cavaleiro removeu o elmo.

Cabelos negros como carvão estavam emplastrados na testa alta e nas faces coradas de calor. As feições eram perfeitamente simétricas: grandes olhos escuros e malares altos, cinzelados, lábios cheios e vermelhos, um queixo ao mesmo tempo delicado e forte.

Nenhum homem deveria ser assim tão belo, Elaine refletiu, a respiração presa na garganta. Nenhum homem era, isso ela podia jurar. Contudo, ali estava ele parado à sua frente, como alguma criatura mítica saída de uma lenda, e entrando em seu mundinho monótono.

A última suspeita desvaneceu-se. Impossível acreditar que um homem tão jovem, belo e bem-falante pudesse ser outra coisa além do que proclamara ser.

— Um belo discurso, senhor cavaleiro — Torre declarou e, pelo tom divertido de sua voz, Elaine percebeu que ele chegara à mesma conclusão —, mas receio que o tenha desperdiçado com minha irmã. Tal como esse belo diamante seria desperdiçado com ela. Conhecendo-a, Elaine, provavelmente você o deixaria cair em algum canal de drenagem e nem sequer notaria.

Elaine olhou de soslaio para o cavaleiro, pretendendo dar uma resposta inteligente. Mas quando seus olhares se encontraram, uma calma estranha pairou no pátio, e ela se esqueceu das palavras. No espaço atemporal entre uma batida e outra do coração, o mundo conforme ela o conhecera mudou, realinhando-se depois num padrão que incluía aquele jovem cavaleiro, não mais um estranho, mas uma parte essencial de sua existência.

Sim, sim, afinal! Por onde esteve?

Quando pestanejou, a impressão se desfez. O mundo era o que sempre fora, talvez um pouco mais sombrio até, pois o cavaleiro tornara-se outra vez um estranho.

— Palavras gentis nunca são desperdiçadas, Torre — ela disse, um pouco ofegante. — Lavaine, nosso hóspede não tem escudeiro para atendê-lo. Seja gentil e ajude-o com a armadura, e providencie o estábulo para seu cavalo.

— Sim, é claro — Lavaine respondeu —, por aqui, senhor.

O cavaleiro sorriu para Elaine e lhe fez uma leve mesura antes de acompanhar Lavaine aos estábulos.

— Elaine, não sabemos quem ele é, nada a seu respeito. Espero que amanhã ele vá embora.

— Sim, é claro. Aonde foi papai? Torre deu de ombros.

— Voltou ao salão. Tem falado sobre uma escada oculta.

Elaine gemeu e tirou a corrente do pescoço.

— Tome, Torre, leve isto até a vila. Alric de Bedford tem um carneiro para vender. Se você conseguir persuadi-lo a ceder algumas ovelhas, tanto melhor.

Torre deixou os elos escorregar por entre os dedos.

— Linda. Onde a conseguiu?

— Surrupiei de tia Millicent. — Elaine riu diante da expressão do irmão. — Foi um presente, seu bobo.

Ele não se disporia a vender a corrente se soubesse de quem vinha. Elaine meneou a cabeça, suspirando. O amor era belo e bom, mas, se o próximo inverno fosse parecido com o último, qualquer homem sensato preferiria ter ovelhas em vez de uma lembrança de amor.

Elaine encontrou o pai parado no corredor que levava ao seu quarto, olhando para o espaço.

— Papai, tio Ulfric está muito zangado com o senhor.

— Ulfric? — Pelleas pestanejou. — Eu por acaso o ofendi?

— Ele disse que nossos servos andam caçando ilegalmente em seus domínios e...

— Foi um inverno duro, cruel. Mesmo assim, se eles se extraviaram para as terras de Ulfric, é melhor eu dar uma palavrinha com o oficial.

— Martin o oficial morreu. Não se lembra, papai?

— Ah, sim, Deus o guarde. — Pelleas benzeu-se. — Eu queria dizer que... Mas é tão difícil, você sabe, encontrar tempo...

— A questão é que tio Ulfric enforcou Bran Flecheiro.

— Bran Flecheiro? Enforcado? — Pelleas empertigou-se, os olhos faiscando. — Ulfric pôs as mãos em meu flecheiro sem me consultar?

— Ele diz que lhe mandou mensagens, que não foram respondidas.

— Ah... — Os ombros de Pelleas caíram. — Sim, bem, receio que eu tenha ficado meio atrapalhado. — Olhou para o chão. — Bran Flecheiro. Conheci seu pai... E seu avô também. Ulfric não deveria ter enforcado o homem. Poderia ter me procurado pessoalmente, não mandar uma mensagem que sabia que eu não teria tempo para ler...

— O senhor tem razão. E agora ele...

— Foi malfeito o que ele fez, ele poderia ter vindo me procurar pessoalmente. Ele amava sua mãe, você sabe, mas ela me escolheu. E ele teve de se acertar com Millicent.

Riu, e o orgulho em sua expressão era tão renovado como se ele tivesse conquistado sua esposa no dia anterior.

— Ulfric estava no banquete de núpcias — ele continuou — e sua mãe nos fez dar as mãos e jurar amizade fraternal. Mas não creio que ele tenha me perdoado. Millicent não é nada parecida com sua mãe. Deus tenha aquela doce alma. — O sorriso murchou, e as lágrimas encheram-lhe os olhos. — O que devo fazer, Elaine? Deverei desafiá-lo?

A garganta de Elaine fechou-se com um nó.

— Não, papai. Tenho certeza de que ele não pretendia ofendê-lo. É provável que ao não receber resposta, tenha feito apenas o que acreditou que o senhor queria.

— Eu não gostaria que o homem fosse enforcado. Não Bran Flecheiro.

Elaine enxugou as faces do pai com a manga do vestido.

— É uma pena, mas tais coisas acontecem. Mandaremos rezar uma missa por ele.

Pelleas esboçou um sorriso trêmulo.

— Sim, vamos fazer isso.

— Com sua permissão, papai, indicarei um oficial hoje mesmo, assim, não teremos mais essas caças ilegais.

Pelleas pousou a mão no ombro da filha.

— Você deve fazer como achar melhor. É uma pena que Torre não tenha interesse. Pobre Torre... Ele era um rapaz tão promissor... Lembra-se de quando ele venceu o torneio de escudeiros em Alston Manor? Até mesmo Ulfric disse que ele parecia destinado a coisas notáveis.

— Sim, papai, eu me lembro.

— Era um belo cavaleiro o homem que derrubou o nosso Torre.

— O melhor — Elaine assegurou.

— Sir Lancelot... Seu pai era o rei Ban de Benwick — Pelleas disse de repente. — Sabe, eu estava pensando em Ban agora mesmo, embora há anos não me lembre dele. Passamos alguns meses juntos quando éramos jovens. Era desajuizado — emendou, num tom de confidencia. — Não na época, porém mais tarde ouvi dizer que ficou louco. Foi uma coisa terrível. Benwick tomada, o castelo queimando, Ban caindo morto ao chão, e o bebê roubado por uma bruxa que alegava viver num... Onde era mesmo? Um lago? Sim, do Lago, ele se chama Lancelot Du Lac. Deveria ser Lancelot de Benwick, é claro, mas é apenas do lago. Pobre rapaz. — Ele meneou a cabeça com tristeza. — É uma grande pena, filha, quando um rei perde o juízo.

— Sim, papai — Elaine murmurou. — Realmente uma grande pena.

Quando Lancelot livrou-se finalmente da armadura, já sabia que Lavaine fora sagrado cavaleiro fazia menos de um mês, que seu equipamento não era nem de perto tão fino quanto a dele, que sua cadela malhada dera cria uma semana antes, e que ele esperava vender os filhotes na feira. Isto é, se ainda estivesse em Corbenic, pois o que realmente esperava era que o rei Arthur o notasse no torneio e lhe oferecesse um lugar em Camelot.

— Eu o apresentarei — Lancelot disse, tirando a túnica. Então, deparou-se com Lavaine a encará-lo de olhos arregalados e boca aberta. *Alguma vez eu fui assim tão jovem?* Parecia que sua juventude ficara longe, no passado, ele mal conseguia recordar-se como era sentir-se assim.

Ouviu distraidamente os agradecimentos de Lavaine enquanto desatava os laços de suas calças e arrancava a camisa molhada de suor.

— Será que eu poderia me lavar? — perguntou logo que conseguiu.

— Água! — Lavaine bateu a mão na testa. — Esqueci! Espere, não se mexa! Vou buscar!

Lancelot desabou num banquinho e tirou as botas e as calças. Além da janela, o sol incidia sobre o pátio calçado, onde um bando de galinhas ciscava. Ele encostou a cabeça à parede e fechou os olhos, desfrutando da sensação do ar frio em sua pele, do chilrear dos pássaros e do mastigar rítmico dos cavalos no estábulo.

Tivera sorte de ter encontrado aquele lugar e a família gentil que ali morava. Seu espírito animou-se, e ele se arrependeu da raiva anterior. O que Guinevere fizera fora errado, claro, mas não tinha havido necessidade de gritar com ela. Esfregou o espaço entre os olhos, como se pudesse apagar a lembrança das lágrimas que a vira derramar.

Bem, poderia compensá-la por isso. Ah! Guinevere adorava jóias. Ele lhe daria o diamante. Melhor ainda: daria o diamante a Arthur, que naturalmente o presentearia à sua rainha, e ela entenderia que era um presente de ambos.

Que ganharia o diamante era algo que nem cogitava questionar. Só duvidara da vitória uma vez, por um breve momento, durante seu confronto com Gawain. Mas ele prevalecera. Como sempre prevalecia. Como aconteceria no torneio do dia seguinte.

Quando fosse ao pavilhão e tirasse o elmo, Arthur cairia na risada. Mais tarde, no banquete, ele falaria do trabalho que tivera para defender a reputação, e Arthur se desculparia por ter duvidado dele. Depois, ele contaria como tinham planejado a brincadeira, e como fora estúpido em partir levando o próprio escudo.

Faria uma epopéia, exagerando o medo de ficar perdido na floresta e o alívio de encontrar aquele lugar, assegurando-se de mencionar a beleza da filha da casa. Isso, sem dúvida, não seria nada além da verdade, pois ela era uma linda donzela, com aquele pescoço esguio, os cabelos de um ouro pálido, e olhos muito, muito azuis. Olhos maravilhosos. Quando olhara dentro deles pouco, antes, tivera a sensação estranha de que já se conheciam, embora não conseguisse se lembrar de onde ou quando.

— Sua água, senhor.

Lancelot abriu os olhos, e deparou-se com Lavaine à sua frente, a expressão empolgada.

— Obrigado, rapaz — agradeceu. Derramou metade do jarro sobre a cabeça, esfregando os cabelos para tirar o suor e a poeira. Depois, mergulhou um pedaço de pano na água para lavar o corpo.

Era um plano perfeito. Não havia motivo para sua inquietude. O dia passaria bem depressa. Ele se lavaria, vestiria e comeria, seria agradável com seu excêntrico anfitrião, até poder pedir licença e ir para a cama. No dia seguinte partiria cedo. Com Lavaine, chegaria ao campo do torneio a tempo. De qualquer modo, sentia que algo estava errado, embora não pudesse imaginar o quê.

— Diga-me — dirigiu-se a Lavaine, que o observava expectante —, você tem experiência em justas?

Lavaine tagarelou enquanto Lancelot se vestia e penteava. Dobrou a túnica que tirara, a mente remoendo o plano, tentando achar a falha que tinha certeza de que cometera.

— ...Mas se estiver muito cansado, eu entendo. Lancelot tentou lembrar-se do que o rapaz estava falando, mas tudo era um branco.

— Não, eu acho que não.

— Oh, obrigado, senhor! Mandarei selar seu cavalo e pegarei minha lança.

Lancelot presumiu que acabara de concordar em orientar aquele jovem cavaleiro. *Por que não*, pensou, jogando a túnica dentro do saco. Aquele rapaz não o conhecia, mas, no dia seguinte, ele e a família saberiam que o estranho que tinham recebido era ninguém mais do que sir Lancelot Du Lac, seria uma história que passaria de geração a geração. Era como um daqueles velhos contos: o herói disfarçado procurando abrigo com uma família humilde, cuja generosidade seria recompensada centenas de vezes.

Assim seria. Lancelot mandaria algo a eles depois, um belo presente. Parecia essencial que agisse assim, embora ele não soubesse a razão de dar tanta importância ao fato daquela obscura família do interior lembrar-se dele um dia.

Virou-se, olhando para o espaço vazio. Estranho. Por um momento, tivera certeza

de que alguém se postava atrás dele. Sentira uma sensação estranha, como se um dedo gelado tivesse tocado levemente seu pescoço.

Capítulo II

O sol estava á pino quando Elaine amarrou sua montaria num galho baixo á beira do campo norte. Um grupo de aldeões, menos do que ela esperava, reuniam-se num ponto, os tons cinzentos e marrons das roupas surradas a se confundir com a terra lamacenta.

Era chocante o ar de pobreza daquela gente, que passara muito mais que um pouco de fome. Magros e de caras encovadas, homens e mulheres a fitaram impassíveis. As crianças tinham os braços e pernas finos como varetas, os olhos enormes e vazios.

Um homem alto de cabelos claros, adiantou-se e pigarreou. Elaine dirigiu-se a ele.

— O que está havendo? — perguntou. — Onde estão os outros? Metade do dia já está perdido, e eu queria conversar com eles sobre o novo oficial.

— Ora, isso já foi acertado — o homem respondeu. — Ficarei no lugar de Martin.

— E quem é você? — Elaine indagou.

—Will. Will Oficial. O assunto foi resolvido ontem à noite.

Resolvido, é? Sem consultar seu pai ou sir John?

Tradicionalmente, o oficial era escolhido pelos aldeões, conquanto o senhor feudal tivesse a palavra final sobre a questão. Na maioria dos casos, os aldeões sabiam muito bem o que o seu senhor esperava de um oficial, e eram cuidadosos em escolher um homem aceitável. Como aquele deveria ser, lembrou a si mesma, embora não gostasse de suas maneiras.

— Falarei com lorde Pelleas sobre isso — ela avisou com firmeza, porém com um sorriso. — Enquanto isso, vamos ver o que você pode fazer para ter este campo plantado.

Will não retribuiu o sorriso.

— Ora essa, senhora, não precisava vir enlamear seus sapatos aqui. Vou providenciar para que a plantação seja feita a tempo.

— E quando será? — Elaine insistiu, olhando para um grupo de retardatários que chegava.

— Em boa hora. Não se preocupe.

— Estou preocupada, pois me disseram que isso seria feito hoje. Há algum problema, mestre Will?

— Há, sim, senhora. A decisão de quando arar e quando plantar é minha, e eu disse para esperar. Se lorde Pelleas tem algo do que reclamar, ele que me procure.

Elaine ficou muda diante daquela afronta, mas só por um instante.

— Tenho plena autoridade delegada por meu pai a esse respeito, portanto, pode considerar qualquer ordem minha como dada por ele. Agora, vamos ser claros, mestre Will. Amanhã, ao pôr do sol, o senhor se apresentará no salão com um relatório do progresso deste campo. Espero nada menos que dois acres arados.

Ele balançou-se nos calcanhares, os polegares enfiados no cinto.

— Não dá.

— Não?... Perdão, acho que não ouvi direito.

— Ouviu muito bem. Olhe aqui — ele continuou —, temos outras coisas para ver antes de começar isso.

— Outras coisas?

— Correto.

— E que coisas seriam essas? — Ele não respondeu. Elaine sentiu um rubor de raiva subir às faces. — Explique-se.

— Vamos cuidar deste campo assim que terminarmos o nosso. Bran Flecheiro não foi o único que passou fome no inverno passado.

Um murmúrio raivoso subiu da multidão atrás dele, que já crescera ao dobro do tamanho de antes.

— Foi um inverno difícil — Elaine admitiu, tal como comentara naquela manhã. Will não ficou mais impressionado que seu tio Ulfric.

— Para alguns — ele foi dizendo. — Quando os grãos do armazém se esgotaram, nós não tivemos a quem recorrer.

Nem nós, Elaine pensou, lembrando-se dos dias em que Torre e Lavaine voltavam da caçada de mãos vazias, e todos comiam mingau ralo e nabos aferventados, das noites em que ficava acordada, tremendo, com o estômago roncando de fome, preocupada com o dia seguinte, quando também não teriam nada para comer.

— Bran Flecheiro foi pego caçando — Will disse em voz monótona e sem inflexões — e acabou enforcado. Bem, senhora, a família dele estava morrendo de inanição. E não era a única. Este ano vamos cuidar de nossos pedaços de terra primeiro.

— Mas isto é tolice! — Elaine exclamou. — Corbenic pode produzir o suficiente para alimentar nós todos, mas só se trabalharmos juntos!

— Ah, vai catar pedras com a gente, dona? — uma mulher gritou da multidão e, no meio das risadas, outra voz ergueu-se num grito:

— Seus irmãos vão ajudar com o arado?

— Não, sir Torre não! Está muito ocupado se encharcando de vinho para descer aos campos!

— Sim, e bêbado demais para fazer um sulco reto, se arasse!

— Saibam todos! — uma voz de mulher gritou num tom agudo. — Bêbado ou sóbrio, sir Torre pode abrir um sulco mais fundo do que qualquer homem aqui! — A mulher sacudiu os quadris para frente e para trás, causando uma explosão de gargalhadas.

Elaine sentiu o rosto queimar de raiva e mortificação. Ela não se dera conta de que os hábitos de Torre eram sobejamente conhecidos, e não esperava descobrir daquele jeito.

Will virou-se para a multidão.

— Segurem as línguas, idiotas! Senhora, não preste atenção a esses baderneiros. Vamos fazer a aração, só que...

— Ao inferno com a aração — uma voz-rude berrou — e ao inferno com você, Will Oficial! Onde eles estavam quando as crianças de Bran Flecheiro choravam de fome? Banqueteando-se, enquanto a gente morria de inanição.

— Nós todos passamos fome... — Elaine começou.

— Bran Flecheiro nunca fez mal a ninguém, só queria dar de comer aos pirralhos! — uma mulher gritou. — E agora está morto... Enforcado como ladrão!

— Volte para a fortaleza — uma voz profunda foi ouvida. — Ajude o louco do seu pai a cavar outra passagem!

— Chega! — Will esbravejou. — Voltem para suas casas! Andem! Senhora, é melhor ir também — ele emendou, lançando um olhar assustado para Elaine. — Eu tratarei com esses ordinários.

— Não vou a parte alguma — Elaine teimou. — Escutem, vocês todos...

Calou-se quando algo lhe acertou a perna. Ao olhar para baixo, viu a lama manchando sua saia. O próximo punhado caiu ao seu lado, deixando de acertá-la por pouco, e um rugido que não era mais de riso ecoou pelos campos vazios.

— Queremos pão!

— Estamos com fome, nossos filhos estão com fome!

— Não vamos morrer de inanição para vocês se encherem de comer!

Elaine, chocada, percebeu que a situação fugira de seu controle. Aquela gente não era mais um punhado de camponeses famintos, era uma turba revoltada.

Eles podem me matar, ela pensou, uma idéia surreal, mas perfeitamente admissível. Os aldeões de Corbenic, desesperados, estavam a ponto de rebelar-se e, num ato insano, matar seus suseranos.

Tais pensamentos passaram como um relâmpago por sua mente. Mediu mentalmente a distância até seu cavalo e se deu conta de que não conseguiria alcançá-lo. Então, fez a única coisa que podia: virou-se para encará-los, ombros firmes, o coração saltava na garganta ao vê-los tão perto.

De repente, todos recuaram, tropeçando uns nos outros, praguejando na pressa.

Elaine virou-se e viu os quartos poderosos de um cavalo de batalha todo branco. Seu olhar subiu, passando por uma bota polida, um cabo cravejado de pedras preciosas da espada presa à sela reluzente, e por fim chegou à face do cavaleiro que aparecera em Corbenic naquela manhã. Ele usava uma capa escarlate, muito elegante e vistosa, e os anéis que trazia nos dedos faiscavam ao sol quando ele ergueu a mão.

— Lady Elaine — ele disse, a voz quebrando o silêncio. — Precisa de ajuda?

Num gesto calmo, quase casual, ele baixou a mão até que descansasse sobre o cabo da espada.

Elaine olhou para os aldeões. O que era uma turba raivosa resumira-se a um pequeno grupo de camponeses assustados. À frente deles estava Will, que se nomeara oficial sem a permissão de seu suserano, estranhamente encolhido e humilde na presença de um cavaleiro.

Por um momento, ela foi tentada a levar todos à justiça. Mas eles pertenciam a

Corbenic, podiam não ser muitos, mas eram tudo o que tinham, e chicoteá-los ou marcá-los a ferro dificilmente aumentaria a vontade de trabalhar ou a capacidade de produzir.

Seus olhos percorreram o grupo, cravando-se nos poucos que tinham coragem de ainda manter as cabeças erguidas, forçando-os a reconhecerem que seus destinos estavam em suas mãos. Por último, olhou para Will, e só quando ele abaixou a cabeça é que ela ergueu os olhos e fitou o cavaleiro.

— Não. Agradeço, mas não precisa se preocupar. Eu estava apenas tendo uma conversa com nosso novo oficial... — A cabeça de Will ergueu-se num repente — a respeito da plantação nos campos. — Suas pernas estavam moles quando ela se virou e deu uns poucos passos na direção de sua montaria. — Acho que chegamos a um acordo, não é, mestre Will? Você iniciará a aração imediatamente — ela falou por sobre o ombro — e amanhã nos informará sobre o progresso.

— Sim, milady — murmurou Will, contrafeito. — Amanhã.

Elaine chegou à montaria e parou, olhando para o animal, rezando para que as pernas trêmulas tivessem condições de montar. Estava consciente do cavaleiro que avançava em sua direção, mas antes que ele a alcançasse, um dos homens esgueirou-se da multidão e abaixou-se, oferecendo o joelho como degrau.

Ela aceitou, fazendo questão de agradecer ao homem quando já estava na sela.

— Mestre Will, mais uma coisa: mande o pastor escolher um animal do rebanho para matar, e a cozinheira preparar um ensopado. Diga a ela que é por ordem minha. — Seu olhar varreu o campo mais uma vez. — Os que trabalharem comerão.

Virou-se para a floresta e seguiu a meio galope para o abrigo das árvores. Só então percebeu que era sacudida por rápidos e arquejantes soluços.

— Lady Elaine...

Ela passou a manga pelos olhos e obrigou-se a sorrir, diminuindo o trote. O cavaleiro emparelhou com sua montaria. Ele a salvara, e ela deveria se sentir grata, mas a verdade era que queria que ele fosse embora. Era belo demais, bem-nascido demais, muita coisa para ela ter de lidar naquele momento.

— Você me deu um susto lá trás — disse animada.

— De onde surgiu?

— Estava no pátio de exercício com seu irmão Lavaine...

— Vestido assim?

A pergunta escapou antes que ela parasse para pensar. O cavaleiro estava vestido de seda, tão diáfana e extremamente cara, que até mesmo tia Millicent seria incapaz de ter sequer um simples xale daquele tecido. O delicado pano destacava a expansão rija do peito. Os braços desnudos eram encordoados de músculos, com um bracelete de prata acima do cotovelo. O padrão intrincado de folhas de carvalho do bracelete se repetia no bordado em prata no decote alto e no cinto de prata atado na altura do quadril.

Elaine o julgara belo antes, mas, naquele instante, ele parecia um deus.

Ele relanceou os olhos por si mesmo com um leve ar de surpresa, e então deu de ombros como se o que usasse não fosse de nenhuma importância.

O que um homem como ele estaria fazendo em Corbenic? Seria possível que fosse humano? Devia ter algum defeito oculto, tinha de ter. Sim, ele era belo, obviamente rico, corajoso e cortês, e dotado de um impecável senso de oportunidade. Porém, qualquer homem que entrasse num pátio de exercício com uma roupa que valia o preço inteiro de

Corbenic dificilmente poderia ser chamado de sensato.

— O que estava acontecendo lá?

Elaine reprimiu um arrepio.

— Foi um pouco complicado... Nosso oficial é novo e ainda não muito adaptado, mas creio que nos entendemos agora.

— Acho que foi mais que um pouco complicado. Lady Elaine, por que estava lá sozinha? Seu intendente deveria ter feito isso.

— Sim, é claro, mas ele não tem passado bem. — Antes que ele pudesse retrucar, Elaine acrescentou depressa: — O que o trouxe aqui?

— Seu pai pediu a Lavaine para procurá-la, e eu me ofereci para cumprir a tarefa. Lavaine ficou feliz por isso.

Ela também. O irmão ficaria apavorado, e tão envergonhado do próprio medo, que a raiva seria sua única reação. O que aconteceria depois era algo que ela não queria nem imaginar.

Com os lábios trêmulos, forçou um sorriso.

— Obrigada — disse e, para seu horror, sentiu os olhos se encher de lágrimas. Já era ruim ter agido impensadamente como qualquer donzela de um poema de terceira categoria, que ela sempre desprezara. Derramar-se em lágrimas diante de seu salvador seria a humilhação total.

— Não foi nada — ele respondeu, parecendo um pouco constrangido. — Podemos voltar ao solar? Acho que eu gostaria de uma caneca de vinho, e ficaria honrado se pudesse compartilhar esse prazer comigo.

Que palavras tão bonitas, ela pensou, tão corteses e gentis.

— Já sei! — Ela sorriu. — Você deve ser sir Gawain! Ele pareceu tão ofendido quanto se tivesse sido agredido.

— Não sou.

— Não pensei realmente que fosse — ela emendou depressa —, foi apenas uma comparação. Sabe... Tão cortês quanto Gawain.

— Ah... Entendo.

Ele não parecia muito contente. Por um momento, Elaine imaginou se tropeçara na verdade. Porém, diziam que sir Gawain era muito alto e de cabelos claros, enquanto esse era moreno e de altura mediana.

— Somos muito parciais a respeito de sir Gawain — ela continuou, falando depressa para encobrir a confusão — e o consideramos o melhor dos cavaleiros do rei Arthur.

Lancelot parou o cavalo e virou-se para ela.

— O melhor?

— Com exceção de sir Lancelot. Mas esse nós não admiramos.

As sobancelhas negras ergueram-se.

— Não? E por que não?

— Meu irmão Torre enfrentou sir Lancelot em sua primeira e última justa. Oh, sei que tais acidentes acontecem. Porém, mais tarde, enquanto eu esperava ao lado da

tenda do cirurgião, todas as conversas eram sobre um comentário que sir Lancelot fizera, de que teria ficado em casa de bom grado em vez de desperdiçar sua perícia com caipiras inexperientes.

O cavaleiro franziu a testa, os olhos escuros velados fitando as rédeas.

— Muito arrogante da parte dele.

— Sim, e indelicado. E particularmente injusto. O que aconteceu não foi culpa de Torre, eu lhe asseguro. Algum idiota deixou o portão entreaberto: uma criança correu para o campo de torneio, e sua montaria assustou-se.

— Aquele era seu irmão? — o cavaleiro a interrompeu. — Eu... Eu me lembro de ter ouvido falar disso.

— Foi uma queda feia — Elaine prosseguiu. — Sua perna ficou esmagada, quase a perdeu, e teria realmente perdido se minha Brisen não intercedesse.

— É o escudo dele que vou carregar — ele concluiu, pensativo.

— Sim. Meu irmão ficou aleijado. Foi um desapontamento e tanto para todos nós, é claro, mas principalmente para ele. Ele era muito promissor, tinha vencido todos os torneios locais de escudeiros. E estava noivo... Na verdade, comprometido, mas depois os pais da moça desfizeram o trato e agora ele se sente profundamente infeliz.

Qual era o problema com ela naquele dia? Elaine achava que deixara de chorar por Torre fazia tempo e, mesmo assim, o cavaleiro a fitava com tamanha pena e espanto que novas lágrimas lhe encheram os olhos.

— Oh, sinto muito. Não posso imaginar por que estou contando tudo isso a você. Do que estávamos falando mesmo?

— Não me lembro. Ela riu, hesitante.

— Ah, era sobre sir Lancelot. Um assunto que geralmente evitamos.

— Não me surpreende.

Chegaram à beira da floresta, e o cavaleiro puxou as rédeas de seu cavalo, olhando na direção de Corbenic com uma expressão preocupada.

— Eu... Ando cansado de mansões e muita gente — disse —, e este bosque é bastante agradável. Se não se importar, eu preferiria ficar aqui mais algum tempo.

Elaine não tinha porque contestar. Uma companhia tão funesta como a sua poria qualquer homem para correr.

— Não me importo nem um pouco. Lá está a torre, com certeza a verá de qualquer canto da floresta. Jantaremos ao pôr do sol e deixarei seu quarto pronto.

— Espere — ele pediu. — Poderia... bem, está um dia lindo para um passeio, e você deve conhecer todas as trilhas. Quero dizer, se é que gostaria de...

Quando ele sorriu, Elaine sentiu uma tontura. Seria possível... Não, não seria. O que um homem como aquele poderia ver nela? Estava com quase vinte um anos, já longe da primeira juventude, e se um mês de refeições regulares tinham posto um pouco de carne sobre seus ossos, ela não se iludia quanto a ter apagado o dano causado por anos de má alimentação. No entanto, ele a fitava como se esperasse verdadeiramente que ela aceitasse. No mesmo instante, seu coração animou-se. De repente, parecia que qualquer coisa seria possível, até mesmo que ela pudesse ter atraído o interesse do jovem e rico cavaleiro.

— Eu gostaria — aquiesceu. — Venha, vamos ao rio para dar água a nossos

cavalos.

O rio corria sob os galhos dos carvalhos em pequenos redemoinhos pelas pedras reluzentes. Quando chegaram à casa de barcos, Elaine parou e desmontou.

— Pronto, este é um bom lugar.

Levaram os cavalos até a água e os amarraram a um galho. O cavaleiro estendeu sua capa num trecho de grama macia, enquanto Elaine ia até a casa de barcos, uma pequena construção de teto de sapê com alguns pés de açafraão florescendo ao lado da porta. Ela sorriu ao vê-los, lembrando-se de que Torre caçava de que nunca cresceriam.

— Ninguém em casa? — o cavaleiro perguntou atrás dela.

— Está deserta desde que os saxões foram embora.

— Os saxões?

— Chegaram quando eu tinha dez anos. Só tivemos tempo para fugir das correntes ou da morte. Então viemos para cá e moramos aqui durante sete anos.

— Não tinham casas de parentes para onde ir? Nenhum amigo para recebê-los?

— Meu pai estava ferido. Uma espada abriu seu elmo em dois. Eles o deixaram para morrer, mas Torre, que tinha onze anos na época, esgueirou-se pela noite e o levou para um esconderijo. Papai ficou inconsciente por muitos dias e, quando acordou, estava... Não era ele mesmo. E então minha mãe... — Elaine engoliu em seco — sofreu um aborto. Ela e o bebê... Os dois morreram.

— Sinto muito — disse o cavaleiro. Adiantou-se e parou ao lado dela, e os dedos de ambos roçaram. — Eu perdi minha mãe também. Fui adotado quando era apenas um bebê, e ela morreu quando eu estava longe. Não sei nada sobre ela.

Ele parecia tão triste, que Elaine se viu tentada a tomar-lhe a mão, mas não se atreveu.

— Seu pai não pode lhe dizer? O cavaleiro meneou a cabeça.

— Ele morreu logo depois que eu nasci. Mas venha, sente-se. Estava me contando por que não foi procurar seus parentes ou amigos.

— Papai demorou a recuperar-se — ela continuou, sentando-se na capa e encolhendo as pernas. — Quando conseguiu entender que mamãe havia morrido, ele não se conformou. Sempre pensávamos em ir embora quando papai estivesse mais forte, porém o momento certo nunca chegava.

— Entendo — o cavaleiro disse com tanta empatia, que fez Elaine suspirar antes de continuar, numa entonação mais alegre.

— Fomos salvos pelo rei Arthur três anos atrás, quando ele expulsou os saxões e nos devolveu nossa casa. Mas não era mais como antes. O chefe saxão usava Corbenic para hospedar seus guerreiros, e tudo o que eles sabiam fazer era surrar os aldeões. Muitos fugiram, aqueles que ficaram mantiveram-se fora de vista, cuidando de seus próprios lotes, deixando as terras comuns abandonadas.

— Imagino que tenham ficado agradecidos quando seu senhorio retornou — comentou o cavaleiro.

— Perdemos tudo a não ser a terra, e esses três anos foram difíceis. A floresta avançou sobre os campos, restando menos terra para plantar e dando aos aldeões mais desculpas para cuidar dos próprios lotes. É o que meu pai chama de espiral descendente.

— Que solução seu pai sugere? — o cavaleiro perguntou, apoiando-se num dos

cotovelos.

— Encontrar o Santo Graal, e com isso tudo o mais virá. — Ela sorriu diante da confusão do cavaleiro. — O Santo Graal é a taça que Nosso Senhor usou na última ceia. Diz a lenda que José de Arimatéia, membro do conselho do Sinédrio e que pediu o corpo de Jesus a Pilatos para enterrá-lo em sua tumba, escondeu-a depois da crucificação. Meu pai teve uma visão do Graal quando os saxões o atingiram. Ele acredita que está em algum lugar em Corbenic e não se importa com nada a não ser vê-lo com seus próprios olhos. Ele é um homem muito instruído — emendou, cortando uma folha de grama — e uma pessoa muito boa.

— Acredito — Lancelot concordou.

Um silêncio desconfortável caiu sobre os dois, e Elaine procurou um modo de mudar de assunto.

— Sinto muito se não tenho nada a lhe oferecer... Ah, espere, lembrei-me de algo.

Saltou em pé e foi para a casa de barcos. Ajustando os olhos à penumbra, ela avistou quatro catres encostados à parede. A mesa simples estava coberta por uma fina camada de pó.

— Você viveu aqui por sete anos? — o cavaleiro indagou, atrás dela.

— É um pouco apertada, eu sei. Mas o teto era sólido, e foi agradável ter o rio tão perto — ela explicou. Torre ainda vinha ali com frequência e, conhecendo o irmão, ele não vinha de mãos vazias. Abrindo a porta do armário, ela exultou: — Como eu imaginei!

Pegou uma botija quase cheia e duas canecas e levou-as para fora.

— Vamos, eu já falei demais. Conte-me alguma coisa sobre você.

— Não há muito a contar — ele disse, sorrindo enquanto retomava o lugar no chão.

— Você disse que foi adotado. Seus pais adotivos eram pessoas boas?

— Não me lembro muito deles — ele murmurou com certa secura, e Elaine percebeu que o assunto estava encerrado.

— Então, fale-me de Camelot — ela sugeriu.

— O que gostaria de saber? — ele indagou educadamente, mas com uma evidente falta de entusiasmo.

— Qualquer coisa.

Ele olhou para o rio por alguns instantes. Por fim, encarou Elaine e deu de ombros.

— Não sei o que dizer. A maioria das histórias que eu poderia contar já são conhecidas.

Elaine fez outra tentativa.

— E quanto às suas próprias aventuras?

— Não vale a pena falar disso. — Sorriu de um modo tão radioso, que Elaine esqueceu-se da grosseria.

— Tome. — Ela despejou o vinho na caneca. — O dote de minha mãe, ou o que restou dele. Sua família tinha negócios na Provença. Felizmente os saxões não pensaram em olhar nos porões.

Ele girou o vinho na caneca, cheirou-o e experimentou um gole.

— Nunca tomei nada melhor.

— Você é extremamente cortês. — Elaine riu. — Tem certeza de que não é sir Gawain?

— É verdade que viajo disfarçado, mas seria difícil encolher quinze centímetros e mudar a cor do cabelo.

Ela relanceou os olhos para o cavaleiro, surpresa com o tom.

— É um elogio, por certo, ser comparado a tal cavaleiro, não é?

— Claro — ele disse, com um sorriso irônico. — Quem não gostaria de ser Gawain? Tão corajoso, tão nobre, tão cortês e... — Ele bocejou, depois sorriu. — Perdoo-me. Pensar em toda aquela perfeição me dá sono.

— Ora, que vergonha, senhor — ela o repreendeu, divertida —, perfeição é uma palavra muito forte, até mesmo para um nobre cavaleiro como sir Gawain.

— Realmente, ele é um cavaleiro muito nobre — ele concordou, sério. — Diga-me, milady, por que golpe de sorte sir Gawain conquistou uma defensora tão bela?

— Sir Gawain estava com o rei quando ele tomou Corbenic de volta. Na verdade, foi ele quem matou o chefe saxão, e recebeu muitos ferimentos graves pelo bem de pessoas que nem conhecia. Não importa o que digam na corte, sir Gawain sempre será o Primeiro Cavaleiro para mim, mesmo que sir Lancelot o tenha derrubado de seu cavalo.

— Pena que o pobre sir Lancelot não estivesse aqui naquele dia! — o cavaleiro exclamou com um trejeito brincalhão dos lábios. — Você poderia ter descoberto que ele não é o monstro que pensa que é. Na verdade, muitas vezes ele é ríspido, mas depois sempre se arrepende. Não creio, ou melhor, tenho absoluta certeza de que, se ele tivesse percebido a gravidade dos ferimentos de seu irmão, jamais teria dito o que disse.

— Ele poderia saber — Elaine respondeu com franqueza — se tivesse tido a cortesia de mandar um servo procurar notícias. Sir Gawain...

— Teria mandado seu escudeiro — o estranho terminou por ela. — Você tem razão, esse foi sempre o seu costume. E agora é o de sir Lancelot também, ou é o que dizem.

— Pelo menos ele tem o bom-senso de lucrar com o exemplo de sir Gawain.

O cavaleiro pareceu não gostar do comentário, e olhou para o rio com expressão sombria.

Idiota, Elaine disse a si mesma, maldizendo a língua ferina. *Tia Millicent tem razão: "você é muito audaciosa em suas opiniões"*.

No entanto, parte dela não estava triste por ter falado aquilo. Por que não deveria dizer o que pensava, mesmo que aquele cavaleiro magnífico não concordasse?

Tornei-me amarga e tediosa. Eu, que fui um dia tão feliz, que nada conseguia toldar meu espírito por muito tempo.

Espantada, Elaine percebeu que não havia como voltar atrás. Um grande abismo se abria entre a menina que ela fora e a mulher que era no presente.

Estudou o perfil do cavaleiro, tão puro e elegante como se gravado numa moeda romana, e a tristeza a invadiu.

Se pelo menos você tivesse chegado mais cedo, mas agora é muito tarde.

— Podemos voltar? — ela indagou, preparando-se para ficar de pé.

Esperava que ele concordasse prontamente, mas ele a surpreendeu.

— Temos de voltar agora? Não podemos ficar um pouco mais?

Sua raiva, se realmente tivesse mesmo ficado zangado, desaparecera. Seus olhos eram ternos, ansiosos e um pouco tristes. Perdida no negror daquele olhar, Elaine custou a entender as palavras, e conteve o "sim" alvoroçado que lhe saltava aos lábios. Com as faces queimando de rubor, ela baixou os olhos e concordou, sentindo-se uma perfeita tola.

Lancelot bebeu o vinho depressa, esperando que seu rosto não mostrasse a mortificação que sentia. Ele não tinha nada que o retivesse ali com uma moça que, obviamente, queria ir embora. Estava claro que ela concordara em ficar porque não conseguira encontrar nenhuma maneira cortês de recusar.

Era até cômico, pensou, pois havia tempos lamentava não poder ir a parte alguma sem atrair um séquito de admiradoras, sentindo-se uma lebre no meio de uma matilha de cães. Em todo lugar era a mesma coisa: as damas a lhe atirarem lenços, fitas, flores quando ele entrava nas liças, e anéis, broches, pergaminhos perfumados quando entrava no salão. Moças solteiras, estranhas completas, lhe ofereciam as mãos, e as casadas eram bem mais generosas nas insinuações.

Todas, menos aquela donzela inexperiente do interior. E a coisa mais engraçada era que, se ela soubesse quem era ele, iria desprezá-lo ainda mais. Porém não mais que ele próprio, naquele momento, se desprezava.

Imaginar as histórias que contariam de sua visita fez com que uma camada de suor brotasse em sua testa. Não seria o herói, mas o vilão que surgira disfarçado para tirar vantagem de uma família que o aceitara com toda a inocência dentro da própria casa. Caso soubessem seu nome, aquela acolhida teria sido bem diferente. Sir Torre se recusaria a lhe ceder o escudo, e lady Elaine não estaria sentada ali com ele. Quando soubessem sua identidade, o que pensariam?

Contudo, ele não pretendia fazer mal a ninguém, só queria emprestar um escudo em branco. Nunca tivera intenção de enganar aquela moça ou sua família. Acontecera apenas de ficar perdido, pois partira a galope de Camelot com um humor tão sombrio, tão... Apavorado?

Uma coisa assim poderia acontecer qualquer cavaleiro. Não era sua culpa... Era?

Não, a culpa era de Guinevere. Ela havia mentido. No entanto, Guinevere só mentira porque...

Porque outra mentira a obrigara a isso. Mentiras, mentiras, mentiras... Como ele se deixara enredar em tanta falsidade?

A única coisa que sabia era que não tinha o direito de impingir sua companhia àquela moça relutante. Voltou-se para sugerir que voltassem ao solar no mesmo instante em que ela se virava para ele.

Lancelot não se dera conta de sua proximidade. Estavam tão perto um do outro, que ele podia ver cada cílio que emoldurava aqueles brilhantes olhos azuis.

O cheiro dela o embriagou, um perfume que não conseguiu identificar, algo novo para ele, tão sutil e misterioso como uma clareira em meio a um bosque. Ele não conseguia desviar os olhos.

Ela era linda. A face adorável, os cabelos cor de prímula, o pescoço esguio, frágil como um ramo de flor. Tinha uma beleza própria que o comovia, como nenhuma mulher conseguira antes. Ele soubera disso desde o momento em que ela se virara para enfrentar aquela multidão, os ombros eretos, numa atitude desesperada e tão elegante, como ele só vira num campo de batalha. E mostrava uma coragem diferente também.

Aquela moça nunca fingiria ser outra coisa além do que era, dizia exatamente o que pensava, e que se danasse quem discordasse.

Alguns poderiam chamar isso de tolice, Lancelot, porém, sabia que tamanha honestidade tinha um preço bem mais alto do que ele alguma vez se atrevera a pagar. :

Não seria de supor que uma mulher de tão rara coragem tivesse tempo para ele.

Por fim, ela se voltou, com um leve toque de rubor nas faces.

— Eu realmente acho que deveríamos...

— Quando eu era mais jovem — Lancelot ouviu a própria voz dizer —, pensava que seria o mais extraordinário cavaleiro que pudesse existir.

Elaine, que ia se levantar, estacou. Ainda parecia pronta para fugir, Lancelot podia ver na tensão dos músculos, mas ela o deixou continuar.

— Eu era muito orgulhoso — ele disse, os olhos cravados nos raios do sol que faiscavam na água. — Tinha algum talento, como seu irmão, mas diferentemente dele, nunca precisei pensar em nada a não ser em mim mesmo. Fui encorajado a crer que estava destinado a grandes coisas. Quando cheguei a Camelot, eu era insuportável.

Relanceou um rápido olhar para Elaine, que sorria.

— Não acredito que fosse tão mau assim.

— Ah, eu era. Se perguntasse... — Ele se refeou depressa. — Qualquer um que me conheça diria o mesmo. Os outros escudeiros me detestavam, mas eu não me importava. Eu os julgava tão abaixo de mim, tão inferiores, que suas opiniões nada significavam.

— Não tinha amigos? — ela perguntou, a voz cálida de uma simpatia que o comoveu.

— Um ou dois — ele lembrou-se dos primos Bors e Lionel com uma pontada de culpa — poderiam ter sido meus amigos. Mas receio não ter dado muita atenção a eles também. Realmente, milady, eu era detestável.

Ela riu diante da afirmação.

— Parece estar muito melhor agora.

— É mesmo? — Ele pestanejou ao notar a ansiedade na própria voz. — Espero que esteja um pouco. Mas qualquer melhora é devida inteiramente ao rei. Ele não ligou muito para mim a princípio, e não o culpo por isso, já que a única coisa que fazia era me punir por brigar, o que acontecia com bastante frequência.

— E você ganhava as brigas?

— Sempre, o que não ajudava nada a me aproximar dos outros. Porém, um dia eu me meti numa tremenda confusão, e o rei mandou-me sentar e conversou comigo. Ele era... É um homem muito gentil, embora severo. Naquele dia... — Lancelot murmurou com um sorriso saudoso — Ninguém nunca havia falado comigo daquele jeito em toda minha vida.

— Você ficou muito bravo?

Elaine passou os braços pelas canelas e inclinou a cabeça. Os cabelos cor de ouro espalharam-se pelos ombros, e os olhos impressionantemente azuis cravaram-se na face do cavaleiro, verdadeiramente interessada no que ele dizia.

— Não, não fiquei bravo — ele contou, e depois sorriu. — Bem, talvez um pouco. O rei é... Eu poderia dizer que é um bom homem. Muitos homens são considerados bons se

possuem apenas uma única virtude entre centenas de defeitos. Arthur é inteiramente bom.

— Nenhum homem é assim — Elaine protestou —, a menos que seja um santo.

— Eu sempre imaginei que os santos são tristes. O rei é muito humano e tem suas falhas.

— Quais? — Elaine quis saber. — Nunca soube de nenhuma.

Lancelot pensou um momento e então riu.

— Eu também não. Nem as vi por mim mesmo. Se tem uma, é a de estar sempre pronto a acreditar que os outros são tão bons quanto ele. Não que seja perfeito, mas o rei Arthur sempre tenta fazer a coisa certa, não importa o quanto possa ser difícil, ou por mais impossível que pareça.

Elaine descansou o queixo sobre os joelhos.

— Não me parece nada demais tentar fazer a coisa certa, não? Quanto a mim, houve momentos em que fiz, não a coisa errada, ninguém escolhe fazer isso, mas o que era mais fácil ou conveniente.

— Eu mesmo fiz muitas coisas que hoje não faria — ele revelou.

— Posso ver porque o admira tanto — Elaine disse, pensativa. — Depois de tê-lo compreendido, o que mais fez o rei?

— Mandou-me sair em busca de uma aventura.

— E você se tornou um cavaleiro.

— Tornei-me um. Porém, não foi o que eu pensei que seria.

— Compreendo — Elaine murmurou. — Eu também sempre achei que estava destinada a grandes coisas. — Ela apontou para o rio que corria aos pés dos dois.

— Eu me sentava bem aqui e planejava meu futuro.

— Como era?

— Eu ficaria noiva de lorde... Bem, não importa agora, mas ele era um homem de certa importância. Eu imaginava que governaria meu povo com generosidade. Usaria roupas muito elegantes, claro, e jóias esplêndidas. Seria famosa, não apenas por minha imensa beleza, mas por meus incontáveis gestos de caridade. A santidade viria a seguir, naturalmente, mas só depois de eu ter vivido até uma idade avançada e dar à luz pelo menos uma dúzia de filhos.

Lancelot assobiou baixinho.

— Santidade? Jamais aspirei a algo assim. Mas, diga-me, o que aconteceu com o tal lorde?

— Ele não esperou. Ai de mim. Quando minha família sumiu, ele se casou com outra.

— Devo transpassá-lo com a espada?

— Faria isso? — Ela pareceu pensar no assunto, a cabeça inclinada de lado. — É muito gentil, mas não precisa dar-se o trabalho. Imagino que ele já esteja grisalho e gordo, e não é páreo para um cavaleiro de seu indubitável calibre.

— Mas, milady, o que não posso entender, e perdoe-me se estiver sendo impertinente, é por que ainda não se casou.

— Não pode mesmo? — O sorriso de Elaine era zombeteiro. — Ora, vamos, você sabe como é.

Engrossando a voz, ela começou a imitar os jovens cavaleiros da corte:

— Quem é o pai dela? Ah, bom. A mãe? Serve. Qual é o dote? — Os lábios de Elaine se torceram numa careta de desdém, e uma das mãos fez um gesto lânguido e vacilante. — Hum... Apresente-me àquela outra donzela, a vesga, que tem três solares.

Lancelot, que bebia seu vinho, engasgou-se ao rir. Ela gentilmente bateu-lhe nas costas e, quando ele se recobrou, Elaine se desculpou:

— Acho que devo estar ligeiramente embriagada para falar com você assim.

— Não. É que eu não pensava que as damas soubessem disso.

— Claro que sabemos. Ou você endossa a voz corrente de que as mulheres não têm senso?

— Na Corte, geralmente é aceito que a inteligência de uma dama tem relação direta com sua beleza. As mais feias são consideradas inteligentes, as mais bonitas, menos.

— Como se Deus desse com uma mão e tirasse com a outra, não é?

— Sim — ele concordou. — Se isso fosse real, você — ele estendeu a mão e tocou-lhe a face —, por direito, deveria ser pouco mais que uma imbecil.

Elaine riu, e a pele macia sob os dedos de Lancelot tingiu-se de rosado.

— Devo sentir-me elogiada ou insultada?

— Leve todo o tempo que precisar para resolver isso.

Sua mão deslizou para os cabelos macios que pendiam pelo ombro de Elaine. Ele enrolou uma mecha na mão e puxou-a para a frente, fitando-lhe os olhos. Elaine ficou estática, imóvel como uma corça que pressente o caçador, ou de uma pomba sob a sombra do falcão. Mas não recuou.

E Lancelot sabia a razão: conquistara-lhe a confiança com a própria honestidade, e ela o recompensava com amizade. Algo precioso para ele, não apenas porque eram poucos os que ele chamava de amigos, mas porque sentia que não era um presente que Elaine oferecesse com leviandade.

— Milady, para alguém como você, um dote seria inteiramente supérfluo.

Seu olhar desceu para os lábios rosados, suavemente entreabertos de surpresa e, antes que pudesse parar para pensar no erro que estava para cometer, ele a beijou.

Elaine tinha sido beijada pela primeira vez na festa de casamento de sua prima Alienor. Um cavaleiro a encurralara num canto, apertara-lhe o seio e tentara enfiar a língua em sua boca. A princípio ela ficara revoltada, a seguir, furiosa. Livrara-se dele com um safanão e lhe acertara um tapa. Não fora uma experiência que ela gostaria que se repetisse.

Contudo, aquele beijo não era nada parecido com o primeiro.

Era hesitante e suave, um mero roçar de lábios contra os seus. Entretanto, para sua surpresa, ela o sentiu pelo corpo inteiro, um fogo doce que parecia derreter seus ossos.

Infelizmente foi muito breve, o que a deixou desolada. Mas só por um segundo. Beijaram-se novamente, e sua mão empalmou a curva suave do pescoço do cavaleiro, que reagiu do mesmo modo, fazendo-a sentir um arrepio delicioso correr pela espinha.

Ela arquejou baixinho, deliciada, os lábios se abrindo sob os dele, firmes e flexíveis, num beijo ardente.

Num ato ousado, traçou o contorno do lábio inferior do cavaleiro com a ponta da língua, e ele deixou escapar um som, algo entre um suspiro e um gemido, tomando-a nos braços com tal arrebatamento, que a fez perder o equilíbrio. Os dois caíram sobre a capa, rindo.

Erguendo-se num cotovelo ele a fitou, e Elaine viu a própria felicidade refletida nos olhos dele.

— Você é muito linda — ele sussurrou, a voz cheia de deslumbramento, e, com um sorriso, inclinou-se para ela outra vez.

Isto é o que estive esperando por toda minha vida, ela pensou, atordoada com o beijo. Mágoas, fracassos e decepções sumiram como por encanto naquele momento perfeito, que ela esperava nunca terminasse.

Quando ele recuou, foi apenas para enterrar o rosto em seu pescoço, deslizando os lábios por sua pele. Elaine suspirou e correu as mãos pelas costas fortes, sentindo os músculos, respirando o cheiro másculo, um tanto apimentado e exótico, ansiando para que aquele instante precioso continuasse para sempre. Mas não, não assim.

Tinham chegado a uma encruzilhada na estrada. Em sua imaginação, Elaine visualizava dois antigos postes de sinalização apontados em direções opostas, com a escrita desbotada, porém ainda legível. Num deles estava escrito Desonra, no outro, Respeito. Ela torceu os dedos pelos cachos negros e ergueu a cabeça do cavaleiro para fitá-lo.

Ele pousou o dedo sobre sua boca, tentando calar a pergunta que pairava em seus lábios e que iria ser feita.

— Quem é você?

Antes mesmo que ele respondesse, Elaine viu a resposta nos olhos dele.

— Não posso dizer.

Ela livrou-se do abraço e sentou-se, ajeitando os cabelos, o coração partido.

Ele se sentou também.

— Eu lhe diria se pudesse, mas não posso.

— Por quê?

— Um juramento.

— Ah... Bem, então, não devo me intrometer. Detestaria vê-lo danado para sempre por minha causa.

— Elaine... — Ele tomou-lhe a mão na sua. — O nome que você procura não lhe diria nada sobre o homem que realmente sou. Quem sabe um outro...

— Um nome falso? — Ela meneou a cabeça e tentou puxar a mão. — Obrigada, mas não precisa.

— Não — ele retrucou depressa, fechando os dedos. — É o meu verdadeiro nome, ou já foi. Eu o usei há tanto tempo, que nem lembro de tê-lo ouvido pela boca de alguém. Gostaria muito de ouvir você dizê-lo.

— Qual é?

— Galahad.

Um silêncio repentino caiu sobre a clareira, calando os passarinhos e o marulhar do rio. O sol infiltrou-se pelos galhos ao alto, arrancado faíscas dos anéis nos longos dedos morenos fechados em torno dos dela.

— Galahad — ela repetiu baixinho. Um arrepio correu por sua espinha. Foi como se tivesse pronunciado alguma palavra mágica.

— Sim. — Ele ergueu a mão de Elaine até sua boca, roçando os lábios pela palma e rindo alto. — Sim!

De um modo que ela jamais conseguiria explicar, tudo ficou certo. Quando ele se debruçou, Elaine ergueu-se para enlaçá-lo pelo pescoço. Todas as perguntas que espicaçavam sua mente deixaram de importar quando a boca quente do cavaleiro encontrou a sua, e os dois afundaram juntos no chão.

Chegaram a Corbenic quando o sol se punha atrás das árvores, e caminharam de mãos dadas até a entrada da torre.

— Elaine.

Galahad virou-se para ela, os últimos raios do sol incidindo em sua face. Confrontada com tamanha beleza, Elaine fitou-o, deslumbrada. Mesmo depois de tudo que tinham partilhado, ela mal conseguia acreditar que aquele homem maravilhoso a encarava com tanta ansiedade nos olhos.

— Você poderia... Isto é, eu posso... — ele se calou, rindo.

— O quê? — ela murmurou.

— Posso levar sua luva? Amanhã, quando eu for para a justa?

Elaine sentiu-se invadir por uma imensa alegria. Longo tempo atrás, antes que a idade e o bom-senso tivessem posto fim a tais tolices, ela imaginara que um cavaleiro lhe faria aquela mesma pergunta. Aquela havia sido um dia sua fantasia predileta, uma fantasia em que ela passara muitas horas visualizando em demorados detalhes.

Usar a luva de uma dama era uma declaração pública de afeição, muitas vezes a única utilizada por homens e mulheres ligados um ao outro por dever. Mas quando não existia tal vínculo, quando o homem e a mulher eram livres, poderia significar... Poderia querer dizer...

— Sim — ela murmurou. — Sim, se lhe agradar. Ele sorriu, radiante.

— Obrigado. — Ergueu as mãos unidas dos dois, virando a dela para depositar um beijo suave na palma, os olhos a se fecharem por um breve instante.

Elaine percebeu o calor dos lábios, os pelos das sobrancelhas, o comprimento dos cílios negros em contraste com as faces. O olhar do cavaleiro ergueu-se para o dela, e ele beijou-lhe a boca.

— Ora, ora — uma voz fria ecoou atrás dela —, aqui está você, finalmente. Onde esteve?

Elaine virou-se e se deparou com Torre encostado ao batente da porta, os braços cruzados no peito. Ele havia feito a barba, penteado os cabelos, e usava sua melhor túnica.

— Levei Gala... Nosso hóspede para ver o rio — ela respondeu, ruborizada.

— Hum... — Torre olhou para o sol na linha do horizonte. — Uma bela vista, com certeza. Venha, senhor, eu lhe mostrarei seu quarto. Terá tempo para lavar-se antes de comermos.

— Obrigado — Galahad disse. — Lady Elaine, até mais tarde.

Endereçou-lhe um último sorriso, inclinou-se numa mesura e seguiu Torre pelo pátio.

Elaine subiu a escada da torre até seu aposento e abriu a tampa do baú ao pé da cama. Por baixo das roupas cuidadosamente dobradas encontrou o que queria. Tirou a peça e a levou até a janela, sorrindo e alisando-a entre os dedos.

Ela a tecera durante o primeiro ano em que tinham retornado a Corbenic, nos dias em que parecia que tudo era possível. Trabalhara nela em segredo, roubando uma hora antes da alvorada, outra antes do pôr do sol, sentada em seu pequeno tear diante da janela, e sonhando com o dia em que sua luva flutuaria com galhardia no elmo de um cavaleiro.

Havia algo de mágico em ver seu sonho se tornar realidade.

Virou-se, deixando a peça sobre o peitoril da janela, quando a porta se abriu e sua criada, Brisen, entrou, os brilhantes olhos negros faiscando de curiosidade.

— Seu pai esteve perguntando por milady a tarde inteira — ela disse sem rodeios — e sir Torre estava prestes a sair à sua procura. É melhor informá-lo de que milady voltou.

— Eu o vi quando cheguei. — Elaine desabou na cama, olhando sonhadoramente para o teto.

— Ótimo. Pela expressão de sir Torre, temi que houvesse um assassinato. Não que eu tenha me preocupado. Seu hóspede comprovou-se um cavaleiro educado antes, lá nos campos.

Elaine não se deu o trabalho de perguntar como a criada sabia o que acontecera. Brisen sabia tudo o que acontecia em Corbenic. Às vezes parecia saber das coisas antes mesmo que acontecessem, mas isso, óbvio, era devido à rede de informantes, aliada à sua sagacidade.

— Foi uma tolice o que milady fez — Brisen resmungou —, ir até lá sozinha, com os restos de Bran Flecheiro ainda pendurados na floresta e o povo tão irritado. No que estava pensando?

— Não me censure também — Elaine retrucou, pegando um pente e desmanchando os nós dos cabelos.

Brisen sorriu, mostrando duas covinhas fundas ao lados dos lábios carnudos e vermelhos.

— Já foi repreendida? Por seu belo cavaleiro?

— Sim.

Brisen sentou-se na beira da cama e tirou o pente de Elaine.

— Quem é ele?

— Você não sabe? — Elaine riu. — Não me diga que não conjurou o nome dele do ar?

— A Visão não vem a mim a pedido, milady, eu já lhe disse isso.

Elaine não tinha paciência para profecias. Apenas de Brisen é que tolerava tal bobagem. Mas ela não era apenas uma excelente criada, era também uma curandeira de extraordinária habilidade, quase sobrenatural. Muitos diziam isso.

Tinham se encontrado na tenda do cirurgião, em Camelot, em meio ao cheiro de

sangue e o som dos gemidos dos feridos. Elaine lembrou-se que forçara a entrada e ficara ao lado do irmão. Torre jazia inconsciente, a fratura na perna, exposta. O cirurgião tinha uma serra na mão ensangüentada e apontava para o joelho ferido...

— Bem aqui — ele disse — e deve ser feito imediatamente. Queira sair, milady...

Elaine se virou para sir John, seu intendente, que a acompanhara a Camelot, e ele concordou, as lágrimas escorrendo pelas faces enrugadas.

— Vamos, senhora. — Ele a pegou com firmeza pelo cotovelo.

— Mas... — Elaine protestou.

Tudo estava acontecendo depressa demais. Como poderia um dia como aquele, tão ansiosamente esperado, ter se transformado num pesadelo?

Uma mulher miúda, de vestido escuro e touca branca, passava por ali, com um jarro nas mãos e faixas de pano limpo dobradas no braço. Olhou para Torre e parou.

— Deve ser feito agora — o cirurgião avisou.

— Oh! — Elaine exclamou, com voz débil. — Mas tem certeza...

— Plena. Não há como ajudar.

A mulher, que Elaine tomara por uma freira de algum convento próximo, ergueu os brilhantes olhos negros da face de Torre e os cravou no cirurgião.

— O senhor está enganado. Esta perna pode ser salva. O cirurgião fez um gesto impaciente.

— Não lhe perguntei nada, Brisen.

— Não, mas deveria. — A freira de hábito escuro virou-se para Elaine. — Não há necessidade disso.

— Lady Morgana deve estar procurando por você, é melhor ir vê-la agora — o cirurgião esbravejou.

— Ela pode esperar. Sir Yvaine não corre perigo, diferentemente deste pobre cavaleiro.

— Milady — o cirurgião se dirigiu a Elaine. — Cada minuto de demora aumenta o perigo para seu irmão.

— Maldita seja sua língua mentirosa, açougueiro ignorante! — Brisen replicou, e Elaine percebeu que a mulher não era uma freira. — Senhora, a que distância fica sua casa?

— Meio dia de viagem — Elaine respondeu.

— Ele jamais sobreviveria à jornada — o cirurgião bufou.

— Sobreviverá — Brisen teimou —, e andará de novo.

Elaine olhou do cirurgião para a mulher, que falava com tanta confiança.

— Quem é você?

— Brisen — o cirurgião respondeu com desgosto. — É uma das mulheres da duquesa da Cornualha. Imagina-se uma curandeira.

— Sou uma curandeira — Brisen afirmou.

— E você acha... Tem certeza? — Elaine indagou, hesitante.

— Não, eu não tenho certeza. A vida dele está nas mãos de Nossa Senhora. Mas

há uma boa chance de que ele possa sobreviver a isso. — Pousou a mão na testa de Torre. — Ele é forte e jovem. A perna está ruim, nunca mais será a mesma, mas, mesmo assim, creio que pode ser salva.

— Você irá junto? — Elaine perguntou.

— Irei. — Brisen pôs de lado o jarro e as faixas.

— Você — ordenou a sir John —, mande alguém buscar uma carroça. Depressa, não temos tempo a perder!

— Você vai matá-lo! — o cirurgião exclamou. Elaine segurou a mulher pelos ombros.

— Por que você faria isso? Nem mesmo nos conhece.

— Eu devo. Tem de ser assim. Fui treinada por muitos anos, milady, pergunte a ele. — Apontou a cabeça para o cirurgião. — Juro que farei o meu melhor por seu irmão.

Elaine hesitou. Seria loucura acatar a palavra de uma estranha. Ela não poderia viver consigo mesma se causasse a morte de Torre. Mas, naquele momento, Brisen inclinou-se para afastar os cabelos da testa de Torre. A expressão de seu rosto e a ternura do gesto diziam mais do que tudo que pudesse ser dito.

— Vá buscar a carroça — Elaine ordenou a sir John. — Levaremos Torre para casa.

— Não posso permitir isso! — o cirurgião contestou.

— Saia do meu caminho! — Brisen comandou com voz firme. — Vou enfaixá-lo antes de partirmos.

— Você o matará — o cirurgião disse a Elaine, jogando a serra de volta no baú. — Mesmo que ele sobreviva, nunca andarás outra vez.

Oito meses mais tarde, Torre aventurava-se a dar os primeiros passos...

Aquilo acontecera havia mais de um ano e, por algum tempo, Elaine vivera com receio de que Brisen pudesse voltar aos serviços de lady Morgana. Porém, a mulher permanecera, adequando-se facilmente ao papel de criada dela, e curandeira para o povo do solar de Corbenic. E, se insistia em suas profecias de vez em quando, que assim fosse.

— Quem é o cavaleiro? — Brisen repetiu, o pente a puxar um nó.

— Ui! Tortura não vai adiantar. Não posso lhe contar o que não sei.

— Ele não disse?

— Jurou não dizer a ninguém até depois do torneio de amanhã.

Brisen passou o pente devagar pelos cabelos de Elaine.

— Há vários cavaleiros da Gália na corte de Arthur. Sir Bors... Mas dizem que ele é tão pio como um monge. — Brisen olhou para Elaine e sorriu, as covinhas surgindo. — Evidentemente não é sir Bors. Sir Lionel, sir Ector De Maris, e, depois, naturalmente...

— Quem?

— Sir Lancelot. Elaine riu.

— Mas sabemos que não é ele.

— Sabemos?

— Você deve tê-lo visto quando estava na Corte.

— Não, cheguei com lady Morgana na manhã em que a conheci. Nunca vi sir Lancelot.

— Mas o que estaria sir Lancelot fazendo aqui na véspera do torneio do rei?

— Realmente, o quê... — Brisen murmurou. — Vire-se para mim. — Arrumou os cabelos de Elaine de modo que caíssem pelos ombros em ondas até os seios. — Adorável — reconheceu, com um suspiro. — Nós os deixaremos soltos esta noite. Se quiser usar o vestido verde, pode colocar umas fitas.

— O verde está manchado — Elaine murmurou com ar ausente.

— Então, terá de ser o azul, e com as fitas, e duas pequenas trancas nas têmporas. Venha para o banquinho.

Elaine obedeceu e sentou-se, olhando para a janela estreita que dava para o campo norte, onde as figuras minúsculas dos aldeões e bois recortavam-se contra o sol poente. Parecia um milagre. E ela sabia exatamente quem o realizara.

Com um gesto de mão e poucas palavras, Galahad havia restaurado a ordem em seu mundo. A mesma mão acariciara-lhe a face, e ela ainda sentia o contato abrasador em sua pele.

— Ele não pode ser sir Lancelot.

Elaine não percebeu que falara em voz alta até que Brisen respondeu:

— Ele tem a idade certa. E dizem que sir Lancelot é moreno e de uma beleza deslumbrante. Ele não lhe contou nada de sua gente? Dos pais?

— Só que não se lembrava deles. — Elaine deu-se conta de que sir Lancelot também não se lembraria. O rei Ban sofrera um colapso logo depois que o filho tinha nascido. Sua esposa, na fuga de Benwick, deixara o bebê perto do lago para ir ao encontro do marido doente. Enquanto Ban estava morrendo, o bebê fora levado pela Dama do Lago. A rainha Helena nunca mais vira o filho outra vez.

— E quanto ao rei Arthur? — Brisen perguntou. — Falou dele, ou da rainha?

Elaine respirou com dificuldade.

— Um pouco. Referiu-se ao rei de um modo familiar. E depois... ele começou a falar sobre Guinevere, e mudou o assunto para a rainha.

— Ah. Bem, se for sir Lancelot, isso não seria nada estranho. Dizem que ele é bastante íntimo da rainha.

— Rumores tolos — Elaine a repreendeu.

— Esse boato é persistente, milady.

— Isso não o torna verdadeiro.

— Não, não torna. Mas se sir Lancelot estava perambulando pela floresta à procura de um escudo liso, então algo muito estranho está acontecendo em Camelot.

Elaine virou-se para a criada.

— Você acha que é ele.

— Acho, milady.

— Mas... Isso não faz sentido.

— Vou lhe dizer uma coisa, milady: além do que comentam sobre sir Lancelot e Guinevere, jamais se ouviu o nome dele ligado a outra mulher. Não que elas não tenham

tentado. — Brisen apoiou o quadril na beirada da mesa e riu. — Nunca ouviu a história dele com as quatro rainhas? Elas o encontraram dormindo sob uma cerca-viva, e lhe pediram para escolher uma delas como amante. Quando ele se recusou, elas lhe puseram um encantamento e o trancaram num calabouço até que ele mudasse de idéia.

Elaine recordava-se vagamente de ter ouvido algo a respeito daquela história.

— Que coisa absurda e ridícula! — argumentou. Depois de um momento de silêncio, emendou: — Quem ele escolheu?

— Nenhuma delas. Uma criada o ajudou a fugir em troca de um beijo.

— Claro — Elaine bufou. — Você não acredita mesmo em tamanha bobagem, acredita?

— É verdade, milady — Brisen replicou, muito séria. — A rainha Morgause de Orkney contou a lady Morgana. Era tarde da noite, quando o vinho corria solto...

— Fofoca de bêbados.

— Pode ser, mas... — Brisen riu, e levou a mão à boca. Depois, disse em voz baixa: — Morgause era uma das quatro. Ela continua furiosa com ele. E não foi, a única mulher que sir Lancelot rejeitou. Dezenas de herdeiras e princesas tentaram conquistá-lo, mas ele não se interessou por nenhuma. Ele é mais mortal que a praga, e as deixa morrendo de amor.

— Seria injusto culpá-lo por isso — Elaine protestou. — Se ele não as amava...

— Dizem que ele é apaixonado por uma mulher que não pode ter. Ela é esposa do homem que ele admira acima de todos os outros. — As mãos de Brisen se imobilizaram na trança que fazia. — Se assim for, milady, que modo melhor de afastar as fofocas do que fingir devoção por outra dama, mesmo que seja a filha de um pobre lorde do interior?

— Não acredito nisso! — Elaine exclamou, no mesmo instante. — Ele não é assim.

— Como ele é?

— Ele é... — *Maravilhoso. Perfeito. Tudo o que sonhei transformado em realidade.* — Disse-me que cometeu erros, fez coisas das quais se arrepende, e que agora está diferente.

Brisen levou a mão ao queixo.

— Ele a beijou. — Virou a cabeça de Elaine de lado e tocou um local acima de seu pescoço. — E fez mais, além disso... Quanto mais?

Elaine afastou-se.

— Ainda sou donzela, se é o que quer saber.

— Hum. — Os olhos de Brisen se enterneceram. — Milady precisa raciocinar. Sei que não é fácil, já que está enamorada, mas, por favor, tome cuidado. Se ele não lhe diz o próprio nome, como pode confiar nele?

A criada a julgava uma inocente, facilmente seduzida por um cavaleiro da corte de Arthur, o mesmo que causara tanto dano a todos eles. Porém, Brisen não entendia como as coisas tinham se passado. Elaine pretendia explicar, mas percebeu que não tinha idéia do que dizer. Que Galahad era real, e sir Lancelot, ou quem quer que fosse, não era?

Ele levou seu irmão quase à morte, uma voz ecoou em seu íntimo, e caçoou dele depois. Diz que sente muito agora, mas do que valem as palavras? Se ele realmente se importasse com você, teria lhe dito quem é. Se sentisse o mesmo que sente, não teria pedido sua luva, e sim sua mão.

— Oh, milady — Brisen murmurou, gentilmente —, não me leve a mal. Eu posso estar enganada. Talvez ele seja algum outro cavaleiro. Ou pode ser que milady esteja certa ao dizer que sir Lancelot tenha mudado e que não existe nada entre ele e a rainha a não ser fofocas vãs. Quem sabe milady o tenha agradado mais que todas as outras mulheres.

Elaine riu, embora as lágrimas ardessem em seus olhos. Sir Lancelot Du Lac, príncipe de Benwick, Primeiro Cavaleiro de Camelot e o Paladino da Rainha, atraído por seus encantos? Era uma idéia ridícula e, no entanto...

— Houve algo entre nós. Pelo menos, pareceu ter havido.

— Não quero que se envolva em alguma intriga infeliz. — Brisen pousou a mão no ombro de Elaine. — Todos sabem que sir Lancelot nunca usa a luva de uma dama nas liças. Contudo, pediu a sua.

Como Brisen sabia disso? Elaine não se lembrava de ter mencionado o fato. Mas lá estava sua luva sobre o peitoril da janela. Não era preciso ter o dom da Visão para perceber por que fora parar ali.

— Você acha que é parte do disfarce.

— Quando a identidade dele for conhecida, tal quebra de costume será notada. Sei como essa gente pensa, a corte inteira não vai falar de outra coisa. Qualquer outra fofoca será esquecida... Por algum tempo.

Elaine mal conseguiu falar.

— Então... Se você estiver com a razão... Foi uma coisa muito inteligente de se fazer.

— Inteligente, mas não gentil ou honrada. Sua reputação...

Elaine riu, passando a manga do vestido pelos olhos.

— Oh, Brisen, que reputação? Ninguém em Camelot me conhece, nem eu a eles! Por que eu deveria ligar para o que diz um bando de estranhos?

— Não deveria — Brisen concordou. — Mas eu receio que sir Torre veja as coisas de forma diferente.

— Ele nem mesmo notará e, se notar, não vai se importar.

— Ele nota mais do que imagina, milady. E se importa muito mais do que deixa perceber.

Você também, Elaine pensou. Por mais que gostasse de Brisen, suspeitava de que algo mais além do que amizade entre senhora e criada mantinha a curandeira em Corbenic. A qualquer momento, Brisen poderia retornar ao luxo da casa de lady Morgana.

— O que eu deveria fazer? — Elaine perguntou.

— Trocar seu vestido, lavar o rosto e descer para o jantar. Depois disso... — Brisen deu de ombros. — Esperar para ver.

Lancelot recordava-se bem do dia da sagração de Torre como cavaleiro. A manhã começara mal. O rei mais uma vez lhe recusara permissão para deixar a corte e o mandara para as liças, pensando em acalmá-lo. Lancelot, num determinado ponto, mais exatamente durante o confronto com Gawain, tomara uma forte aversão pelo passatempo.

Nunca se permitiria dizer isso ao rei, pois receava as inevitáveis explicações. *Um*

dia, ele jurara centenas de vezes, *falarei ao rei sobre isso*. Naquela manhã, a coragem lhe faltara mais uma vez e ele saía, como sempre, para destroçar os sonhos de qualquer cavaleiro ousado que o desafiasse. Como sempre eram muitos.

Arrancá-lo do cavalo era alcançar a glória num simples golpe, uma perspectiva tentadora demais para se resistir. Todos sabiam que a vitória era improvável, impossível até, diziam, embora os pobres tolos não acreditassem. Torre fora o último naquele dia. Que o rapaz caísse tão facilmente não fizera melhorar seu humor. Ele se afastara, desgostoso, sem nem mesmo lançar um olhar para o oponente caído. Não se lembrava de ter feito o comentário que tanto ofendera Elaine, mas deveria ter sido exatamente o que estava pensando.

Ao observar Torre mancando pelo corredor à sua frente, Lancelot percebeu que havia sido apenas orgulho que o fizera sair para destruir os sonhos daquele jovem cavaleiro, o mesmo orgulho que o levava a enganar o rei sobre a verdadeira natureza de seu Primeiro Cavaleiro.

Torre abriu a porta de um pequeno aposento e fez um gesto para que Lancelot entrasse. Seguiu-o e fechou a porta atrás dos dois.

— Creio que veio aqui procurando por algo mais, além de um escudo — Torre disse, abruptamente. — E, como meu pai não pensará em perguntar o quê, esse dever recai sobre mim.

— Sir Torre — Lancelot começou, com seu sorriso mais encantador —, eu lhe asseguro de que não tinha nenhum plano ao chegar aqui. Estava perdido e fui muito afortunado em encontrá-los. Muito obrigado mais uma vez.

— Fique à vontade para usar meu escudo. Como disse antes, não tenho utilidade para ele. Mas imagino... Por que mesmo viaja disfarçado, senhor?

— Tenho minhas razões — Lancelot respondeu — e, perdoe-me por dizer isto, mas acho indevido que um companheiro cavaleiro, insista sobre o assunto.

— *Touché!* — Torre manquitolou até a mesa e encheu duas canecas com o conteúdo de um garrafão. Ao estender uma a Lancelot, os olhos dos dois se encontraram.

Lancelot percebeu que Torre não precisava ouvir seu nome. Já o adivinhara.

— Contanto que suas razões digam respeito apenas a você e sua própria honra, você está certo — Torre continuou, girando o líquido em seu copo. — Mas quando envolve outros em sua trapaça...

— Trapaça é uma palavra forte — Lancelot retrucou, calmamente. — Não é incomum que um cavaleiro entre anônimo num torneio.

— Não estamos nas liças agora, mas sim em minha casa, onde você roubava beijos de minha irmã não faz uma hora.

Pobre rapaz, tem todos os motivos para me detestar.

— Não roubei nada de lady Elaine, embora admita que aceitei um beijo com prazer. Torre bufou.

— Minha irmã não é nenhuma cortesã para desperdiçar seus beijos com um estranho que surgiu por acaso. Também é indevido a um cavaleiro tirar vantagem da inocência de uma donzela.

— Sir Torre, saiba que tenho o mais profundo respeito por lady Elaine.

Torre fitou-o com os olhos apertados.

— À noite todos os companheiros do rei estarão com ele na véspera do grande torneio. Todos menos um, que, por razões não sabidas, perambula anônimo pela floresta. Diga-me: se tivesse uma irmã, confiaria o bom nome dela a tal homem?

— Talvez eu também tivesse minhas dúvidas, mas tentaria ficar a par dos fatos antes de fazer um julgamento.

— O fato é que você e Elaine ficaram sozinhos a maior parte da tarde. E você a beijou agora há pouco. Dois únicos fatos que me interessam. Pois fique avisado: pense duas vezes antes de cometer tamanha violação às regras da hospitalidade outra vez.

Ou o quê? Vai me desafiar?

Pelo jeito como os olhos de Torre faiscavam, Lancelot percebeu que era aquilo mesmo que passava pela mente do rapaz.

Meu Deus, ele realmente fará isso. É aleijado, sabe quem sou, e, mesmo assim, pretende me desafiar. Eu teria tanta coragem no lugar dele?

— Sua preocupação é digna de elogios, mas me parece um pouco fora de lugar. Se de fato se importa com sua irmã, tome a administração de seus domínios das mãos dela. Ela é muito jovem para tamanho fardo e muito orgulhosa para pedir ajuda.

O rosto de Torre tingiu-se de vermelho,

— Não vejo motivo para que se preocupe com isso.

Sim, eu me preocupo, já que fui eu que lhe causei essa triste sorte.

Porém, duvidava que aquele rapaz amargo aceitasse sua ajuda.

— Perdoe-me — limitou-se a dizer.

— Jantaremos dentro de um quarto de hora. — Torre engoliu o restante do vinho e saiu mancando, parando na soleira da porta para olhar para trás. — Minha irmã é muito pura para os jogos que você brinca na Corte. Tenha isto em mente, senhor Cavaleiro Sem Nome. Seja qual for o problema em que está metido, Elaine não é a solução.

Lancelot tentou responder, mas não houve tempo, pois Torre saiu e fechou a porta.

Ele foi até a janela e olhou para a floresta, recortada contra o céu do poente. Quando o sol nascesse ele partiria para o torneio do rei. E quando se pusesse de novo? Onde ele estaria?

Lancelot estremeceu e deu as costas para o céu vermelho como sangue, o olhar a percorrer o pequeno quarto. As roupas de cama eram remendadas, a jarra e a bacia, da cerâmica mais pobre. Em vez de uma vela de cera, uma vela de seiva estava ao lado da cama. Para tudo que olhava, ele se deparava com um novo lembrete da pobreza dos habitantes do lugar.

Eu deveria me casar com Elaine e deixar tudo isso em ordem. Seria o mínimo a fazer.

Imaginou aquele quarto transformado, e a visão de Elaine deitada na cama, os cabelos reluzentes jogados sobre o travesseiro...

Sim, eu me casarei com ela. Será perfeito... Isto é, se ela me quiser.

Recordou-se das palavras de desprezo a respeito a sir Lancelot, cada uma delas merecida.

Mas sou diferente agora. Ou não sou? Naquele dia ele era, sim. Mas no seguinte seria Du Lac outra vez, metido até o pescoço nas trapaças da rainha.

Trapaça. Estranho como aquela palavra continuava a surgir. Ou talvez não fosse tão estranho assim. Sua vida inteira era uma trapaça, um palácio reluzente construído sobre uma mentira. A qualquer momento tudo poderia desabar. Era loucura arrastar qualquer moça, principalmente Elaine, para dentro de tanta lama. Mas agora que a encontrara, como viveria sem ela?

Elaine tinha uma covinha do lado esquerdo da boca que emprestava ao seu sorriso um charme singular. Um jeito de inclinar levemente a cabeça quando algo a intrigava. Sabia que a intrigara muito. E embora dissessem que um pouco de mistério fazia bem ao amor, ele não tencionava enganá-la. Seu desejo era contar tudo sobre si mesmo, desde a primeira lembrança até o momento em que ela lhe sorrisse no pátio de Corbenic, e ele experimentara aquela sensação incompreensível de tê-la reconhecido.

Não haviam se encontrado antes. Jamais a esqueceria se isso tivesse acontecido.

Viu seu escudo encostado a um canto, coberto por um pano, e imediatamente encontrou na memória o que procurava. Descobriu-o e o analisou.

Desenhara, num ataque de melancolia, um emblema ridículo: um cavaleiro em prata, ajoelhado diante de uma dama, sobre um campo vermelho. Na ocasião, ficara feliz com o resultado, mas depois viera a detestá-lo.

Naquele instante percebeu que havia algo de Elaine na orgulhosa postura da dama. O que ela diria se lhe contasse que fora pintada à sua semelhança, anos atrás, quando ele perdera toda a esperança de encontrar seu modelo em carne e osso? Riria dele, sem dúvida, mas ficaria contente, ruborizada e sem-graça.

Quando lhe contaria? No dia seguinte, depois que o torneio terminasse e ele fizesse as pazes com Arthur? Novamente, aquela estranha sensação arrepiou-lhe o pescoço, mas ele a afugentou. Imaginou-se levando Elaine para Camelot. Por que não? Poderiam ser felizes. Ele a amava tanto, que certamente ela retribuiria o sentimento, mesmo quando soubesse de tudo. Elaine era tão corajosa, tão forte... Faria dele um homem diferente, um homem melhor.

Seja qual for o problema em que está metido, Elaine, não é a solução.

— *Touché!* — murmurou, erguendo o copo em direção à porta pela qual Torre saía. Apesar de ser um jovem rude, Torre não era tolo. Sim, Elaine merecia coisa melhor. Torre era muito orgulhoso para aceitar sua ajuda, mas ele a daria através de Lavaine, sem testemunhas. Assim, Elaine teria um bom dote e se casaria com um cavaleiro respeitável.

As mãos de Lancelot tremiam quando ele esvaziou a caneca e a encheu de novo. A vida era interessante, refletiu, bebendo tudo de um só gole. Reviravoltas surpreendentes surgiam a cada dia.

Aquele, em especial, lhe trouxera uma boa cota de surpresas: acordara em Camelot, fora do inferno ao céu e retornara.

E, depois, havia o amanhã. Aquele estranho formigamento em sua nuca estava de volta e agora, por fim, ele sabia o motivo.

Sir Lancelot Du Lac lutara uma centena de justas. Conhecera a alegria, o orgulho e a empolgação ao pensar em entrar nas liças. Algumas vezes sentira raiva, mas, com mais frequência, enfado.

Nunca, até aquela noite, conhecera o medo.

Quando um pequeno pajem em roupas rotas chegou para conduzi-lo ao salão, Lancelot mandou-o dizer que estava muito cansado para se reunir ao seu anfitrião.

Desabou sobre a cama e adormeceu no mesmo instante.

Algumas horas depois, Lancelot suspirou e abriu os olhos, sem reconhecer onde estava. Tentava ainda encaixar as peças do quebra-cabeça, quando uma voz falou na escuridão:

— Olá, rapaz.

Ele sentou-se, arfando, os olhos perscrutando as sombras.

— Quem está aí?

— Ora, não me conhece? A figura moveu-se e Lancelot divisou o contorno de um cavaleiro de armadura. Sentiu-se gelar. O luar reluziu sobre a manopla pousada no parapeito da janela, arrancando faíscas esmeraldas do metal. Aquilo não era real. Não, ele estava sonhando, tinha de estar.

— Vá embora! — ordenou, deitando-se de novo. — Preciso descansar.

— Terá muito tempo para isso amanhã — o Cavaleiro Verde retrucou, e, rindo, arrancou o elmo, colocando-o no peitoril ao seu lado.

Lancelot nunca vira o Cavaleiro sem o elmo. Os cabelos da cor de agulhas de pinheiro caíam até os ombros. A pele era clara, como as primeiras folhas da primavera.

Ele sempre imaginara que o Cavaleiro seria horrível, contudo o achou tão esplêndido quanto a Dama do Lago, de feições audaciosas e impressionantes, desenhadas em ângulos agudos e depressões sombreadas.

— Eu o avisei — o cavaleiro disse —, mas você não acreditou. Agora é tarde demais.

— Tarde demais para quê? — Lancelot quis saber, apavorado.

— Para tudo. Você falhou, está acabado! É claro que entendeu muito bem a importância da pequena comédia de ontem no quarto da rainha. Como conseguiu colocar-se numa posição tão ridícula está além de minha compreensão. Uma promessa quebrada, rapaz, você sabe o que isso significa.

A Dama do Lago falara sobre isso no dia em que tinham se separado. Havia dito que Lancelot precisava ser muito cuidadoso com qualquer juramento que fizesse, pois sua força repousava na honra, e um juramento quebrado significaria o fim de tudo. Ele não prestara atenção, dispensando o conselho como se fosse algo que uma mãe amorosa diria quando mandava o filho para o mundo.

Deveria saber que a Dama do Lago jamais desperdiçava palavras.

— Servi meu rei e a rainha com honra...

— Honra? Você não sabe o que isso significa. Mas a culpa não é toda sua. Foi a Dama do Lago que o arruinou. Você morou em Avalon por muito tempo. Eu disse a ela que você não era mais humano. Na verdade — o cavaleiro riu —, você é muito parecido comigo.

Lancelot empertigou-se, sentindo-se ultrajado.

— Não sou nada parecido com você!

— Você é. Mas ao menos sou o que fui feito para ser. Já você nada mais é do que o bichinho de estimação da Dama do Lago. Parece um homem, mas por dentro... — o Cavaleiro tamborilou os dedos na couraça de esmeralda no peito —, é oco como um caniço.

Lancelot sentiu o peito apertar, como se o visitante tivesse lhe dado um soco.

O Cavaleiro Verde levantou-se, pegou o elmo, e continuou a falar, com seriedade:

— Esperemos que ela tenha aprendido a lição desta vez, pois sua mórbida fascinação pelos mortais passou dos limites. Roubar um deles para si e mantê-lo como um animalzinho detestável esgotou minha, paciência. Ela não quis me escutar quando lhe disse que isso ainda terminaria muito mal.

— O que quer dizer? — Lancelot perguntou. — Basta de alusões e enigmas. Fale francamente, ou suma.

O Cavaleiro encarou-o.

— A Dama do Lago não tem tempo para um servo que a desaponta, rapaz, um paladino que renegou seu juramento lhe é inútil. — Sorrindo, enfiou o elmo. — Descubra por si mesmo. Pousando a mão coberta pela manopla no peitoril da janela, sumiu dentro da noite. Lancelot jogou as cobertas para o lado e correu até a janela, debruçando-se para olhar a calçada lá embaixo, clara ao luar. Estava vazia.

Capítulo III

Elaine sentou-se à janela da torre com o gibão de Lavaine no colo, observando a floresta tomar forma contra o céu que clareava. Quando viu o irmão mais novo correndo pelo pátio, levantou-se depressa e pegou a luva ao pé da cama.

Escondeu-a sob o gibão de Lavaine e desceu ao salão. Estava deserto. Ela ajoelhou-se e jogou um punhado de gravetos na lareira, soprando os carvões. Ao se acenderem, colocou algumas achas de lenha e sentou-se nos tornozelos, estendendo as mãos para o fogo.

— Bom dia, lady Elaine.

Ela se assustou com a voz dura e fria. Não fosse pelo sotaque, não saberia de quem era.

A diferença entre a noite e o dia. É novamente o cavaleiro de Camelot, e chegou a hora de retornar ao próprio mundo. Mais alguns minutos e você poderá chorar o quanto quiser. Mas, pelo amor de Deus, agora controle-se e não faça papel de tola!

— Bom dia — ela respondeu. — Espero que tenha dormido bem.

Não dormira. O rosado sumira de suas faces e os olhos estavam fundos, com olheiras escuras. Ele estendeu a mão para ajudá-la, mas Elaine levantou-se depressa, sem tocá-lo, limpando o vestido.

— Não, eu sonhei... — Ele sacudiu a cabeça, sorrindo, os lábios acinzentados. — Não foi nada. Milady, posso deixar isto consigo? — Estendeu-lhe o escudo coberto.

Ela o pegou, correndo o dedo pela superfície áspera do tecido.

— Ficará seguro até que seu criado venha retirá-lo.

— Ah, que bom, você está pronto! — Lavaine gritou, entrando apressado, com

Torre logo atrás, e plantou um beijo estalado na face de Elaine. — O que esteve fazendo? Está coberta de cinzas. Este é o meu gibão? — Pegou a peça de cima da mesa e sacudiu-a. — O que é isto? — perguntou, abaixando-se para pegar a luva vermelha do chão.

— Nada — Elaine disse, secamente.

— Muito gentil de sua parte, mas não creio que deva usar uma peça de minha irmã na liça.

— Lavaine, por favor... — Elaine começou, lançando-lhe um olhar feroz. Porém, ele se afastou, segurando a luva longe de seu alcance.

— Ah, entendo... — Lavaine riu. — Não é para mim.

— Dê-me isto! — Torre ordenou.

— Ora, não pode ser sua! E, se não é minha... De quem será? — Lavaine moveu as sobrancelhas de um jeito cômico.

Elaine gostaria que o cavaleiro confessasse que tinha lhe pedido a luva, mas ele parecia não estar ouvindo. Olhava fixamente para um canto do salão.

— Lavaine, basta! — ela o repreendeu, com um nó na garganta.

— Entendi. Deve ser seu! — O irmão gritou, bem humorado, e jogou a luva para o cavaleiro.

Lancelot ouvia a conversa vagamente. Sua cabeça doía, e ele não conseguia parar de pensar no sonho que tivera durante a noite. Tão vivido...

Tenso, olhava para o canto do salão. Havia algo nas sombras, ele tinha quase certeza, mas a pressão latejante atrás de seus olhos tornava difícil focá-los. Alguma coisa bateu em seu peito, e ele ergueu a mão, pegando algo macio, sem tirar os olhos do canto. Tinha certeza de que divisava um par de olhos verdes que o encarava sem piscar. Solto um suspiro, quando um gato saltou de uma mesa e correu para a porta.

Foi só então que percebeu que os outros o observavam em expectativa, mas ele não sabia por quê. Elaine estava ruborizada, Torre com uma carranca. Apenas Lavaine parecia alheio à tensão na sala.

— Vamos, Elly, me dê um beijo — ele abriu os braços — e me deseje sorte.

— Boa sorte, Lavaine. — ela roçou os lábios na testa do irmão. — E para você também, senhor — emendou, secamente.

Lancelot olhou para o pedaço de tecido escarlate em suas mãos. Era a luva de Elaine. O amuleto simbólico que ele lhe pedira. Não deveria aceitar aquela prenda, mas a honra o obrigava a guardá-la. No entanto o que ele sabia sobre honra afinal? , Elaine tomou a decisão por ele e estendeu a mão.

— Posso pegar isto?

Ao ver a mão trêmula diante de si, sua hesitação desapareceu, e ele enfiou a luva no cinto.

— Eu a usarei.

— Não é preciso.

— Mas eu gostaria.

— Ora, pelo amor de Deus, Elly, deixe que ele a leve! — Torre esbravejou. — É apenas uma luva, um disfarce.

— Senhor, seu cavalo está esperando. — Lançou um olhar desdenhoso para Lancelot e acrescentou, incisivamente: — Já passou da hora de ir embora.

Torre virou-se para o irmão e passou um braço por seus ombros, ao mesmo tempo que, com a outra mão, fazia um gesto para Lancelot.

— Lavaine, lembre-se de manter sua lança apontada bem firme. Você tem a tendência de abaixá-la.

— Eu me lembrarei. Lancelot olhou para trás. Elaine estava em pé, tensa, pálida e parecendo mais velha, com os cabelos puxados para trás numa trança grossa que pendia sobre um ombro. Ela ergueu uma das mãos num gesto de despedida, embora não o fitasse nos olhos.

Ao cruzar a soleira da porta, ele olhou para trás.

— Lady Elaine, eu mesmo virei buscar o escudo. Deus a guarde até lá.

Viu de relance o sorriso dela antes que Torre fechasse a porta às suas costas.

— Lá está seu cavalo. — Torre apontou. — Pegue-o. Faça isso agora, e sem mais outra palavra, pois minha paciência está por um fio. Se quiser seu escudo de volta, mande um criado vir buscar.

Mais uma vez Torre levava a melhor sobre ele. Antes que Lancelot pudesse responder, Torre voltou ao salão e bateu a porta em sua cara.

Se fosse rei de Benwick, Lancelot refletiu, eu poderia fazer de Elaine uma rainha.

Se o rei Ban não tivesse perdido o juízo, Benwick nunca teria sido tomada. Não haveria nenhuma fuga do castelo em chamas, nenhum rei morto era alguma praia distante, nenhuma chance de a Dama do Lago apossar-se do filho de Ban elevá-lo para Avalon.

No entanto, a Dama do Lago dissera que aquele era o destino de Lancelot, que seu futuro estava previsto.

Mas, e agora? Se o Cavaleiro Verde não fora um sonho, e ele cada vez mais se convencia de que não havia sido, a Dama do Lago não veria mais nenhuma utilidade nele. Ele se afastara de seu destino em direção a um mundo estranho, onde seu futuro seria escrito por ele mesmo. Se não era o paladino de Avalon, quem era ele, então?

Por um momento, Lancelot sentiu-se desorientado, à deriva num mundo que não fazia sentido. Foi quando se recordou de Elaine sorrindo no abrigo de seus braços.

Ainda sou Galahad. Elaine não é um fogo fátuo que irá se desvanecer com a luz do sol, mas uma mulher de carne e osso.

Se ela estivesse à seu lado, ele poderia agüentar tudo, mesmo a vergonha, a perda e o fracasso.

Primeiro, porém, tinha de sobreviver àquele dia.

Doze horas. Depois disso, estará acabado, e voltarei a Corbenic. Tudo o que tenho a fazer é ir ao torneio, o grande torneio de Arthur, no qual seu melhor cavaleiro fará uma brincadeira com ele, disputando disfarçado. Que boa piada será!

Entretanto, Lancelot jamais se sentira com menos vontade de lutar, ou mesmo de brincar. Apesar do brilho do sol, o dia parecia sombrio e tristonho.

Preciso me controlar. Devo levar isso adiante com estilo, para que Arthur acredite ter sido uma brincadeira. E depois me perdoará.

Lancelot estremeceu.

Sentia-se estranho. Não era mais o mesmo homem do dia anterior, antes de Guinevere chamá-lo a seus aposentos.

Recordou-se de um dia quando ainda era uma criança. A Dama do Lago o levava a uma colina de onde se via toda Avalon. Ela lhe contara histórias de sir Gahmuret, que viajara por todo o mundo como cavaleiro errante, e conquistara o amor de três rainhas.

— Serei um grande cavaleiro também — Lancelot tinha gritado.

A Dama do Lago sorria.

— Será, meu pequeno. O maior de todos. Nenhum cavaleiro terreno o derrotará.

Seu coração infantil se inundara de amor e orgulho, e de uma ferrenha determinação de jamais desapontá-la. Ele já treinava arduamente, uma vez que, o Cavaleiro Verde não permitia negligências, mas, daquele momento em diante, ele havia redobrado seus esforços. Quando chegara a Camelot, mesmo depois de ter enfrentado cavaleiros experientes, a habilidade deles era bem inferior à sua, e ele se sentira invencível.

Até seu confronto com Gawain.

Gawain não fora inferior. O golpe que desferira em Lancelot quase o fizera voar do cavalo e cair de cabeça no chão.

Quase. Inexplicavelmente, Lancelot continuara montado. E foi então que compreendeu que as palavras da Dama do Lago não provinham da crença em sua habilidade. Eram o prenúncio da sorte que ela decretara: nenhum cavaleiro terreno poderia derrotá-lo, por mais merecedor da vitória que fosse.

Gawain defendera seu título com toda a perícia e a força que levava uma vida inteira para conquistar.

Continuara ereto na sela depois de dois golpes, até que, no terceiro, Lancelot conseguira arrancá-lo do cavalo.

Ao aceitar o galardão da vitória, Lancelot reconheceu a verdade. Tinha se tornado invencível graças à magia da Dama do Lago, para servir ao rei Arthur e conquistar a glória perene. Que homem não lhe invejaria tamanha sorte?

Você falhou, está acabado, o Cavaleiro Verde dissera na noite anterior, e você sabe o que isso significa.

Sim, ele sabia. Soubera o tempo todo. A Dama do Lago não se despedia de um servo que cometera um erro com um afago.

Hoje eu morrerei.

— Senhor?

Lancelot assustou-se com o toque em seu braço. Lavaine se postara ao lado dele, o rosto mostrando preocupação.

— Sir, está se sentindo bem?

— Não. Sim, estou bem. — Lancelot forçou um sorriso. — Só um pouco distraído. Sinto muito, o que estava dizendo?

— Que meu amigo mora aqui perto. Sempre o visitava quando morava ao lado do rio. É um sujeito muito instruído. Pensei... que talvez pudéssemos parar. Estamos quase chegando e é tão cedo ainda...

— Contanto que não nos atrasemos — Lancelot falou, com indiferença.

Encontraram o ermitão à beira do rio, examinando as linhas de pesca.

— Lavaine! — ele o saudou, a face se enrugando num sorriso ao avistá-los na margem. — Faz uma eternidade que não o vejo. Como sempre, chegou a tempo de fazer o desjejum.

Subiu a trilha e envolveu o rapaz num abraço.

— Você parece bem, meu garoto. Quem é o seu amigo?

— Um cavaleiro da corte de Arthur — Lavaine respondeu —, que foi nosso hóspede em Corbenic.

— Deus o abençoe — o ermitão disse, com um gesto amistoso. — Espero que esteja com fome também. O rio foi generoso esta manhã.

— Obrigado, mas receio que não tenhamos tempo para comer — Lancelot foi respondendo.

— Ah, claro, vocês vão para o grande torneio. Está atuando como escudeiro, Lavaine, ou eu deveria tratá-lo de *sir*?

— Não deveria — Lavaine respondeu, enfiando o braço pelo do ermitão com familiaridade —, conquanto tenha sido sagrado cavaleiro. Este é meu primeiro torneio, e eu pensei... Bem, se não estiver muito ocupado, gostaria de me confessar.

— Nunca estou ocupado para desempenhar meu ofício — o ermitão enfatizou. — Entre.

Deu um passo para o lado e fez um gesto para que entrassem numa abertura na encosta da colina. Lancelot entrou esperando encontrar uma caverna escura. Em vez disso, viu-se num aposento acolhedor, com o teto feito de raízes de árvores e suportado por fortes colunas de pedra. O sol infiltrava-se pela abertura, banhando a caverna com um brilho esverdeado. A mobília era simples: dois bancos, uma mesa e um catre de grama macia.

Lancelot olhou em volta.

— Foi afortunado por encontrar um lugar assim.

— Deus me trouxe para cá — o ermitão declarou, pendurando o peixe num gancho.

— Antes era apenas uma pequena caverna. O que está vendo custou anos de trabalho paciente — Lavaine explicou.

O ermitão sorriu.

— Ele fala como alguém que sabe. Meus pequenos da floresta pagaram muitos pecados usando pás e picaretas. Cavar é uma bela penitência para crianças mal-comportadas. Por favor, senhor, sente-se. Não vamos demorar.

Ele e Lavaine adentraram uma segunda abertura, que deveria levar a alguma caverna mais funda. Lancelot sentou-se num banco, apoiou o cotovelo na mesa e descansou o queixo na mão.

Talvez devesse seguir o exemplo de Lavaine e se confessar com aquele padre gentil. Mas que diferença faria? Arthur acreditava que os pecados eram perdoados pela confissão, porém, por mais que tentasse, Lancelot não compartilhava da mesma fé. O que um padre cristão entenderia sobre o juramento que ele fizera à Dama do Lago? Mesmo que compreendesse, não mudaria o que fora dito e feito, nem poderia reparar um juramento quebrado.

Pegou pergaminho, pena e tinta de uma prateleira e escreveu as poucas linhas que proveriam o futuro de Elaine e depois o dobrou, pingou cera de um castiçal e imprimiu nele seu selo.

Quando o ermitão e Lavaine retornaram, ele já estava montado em seu cavalo.

— Padre — estendendo-lhe o pergaminho —, por favor, guarde isto. Se eu não retornar para buscá-lo dentro de três dias, faça com que seja levado ao rei Arthur. Vamos — dirigiu-se a Lavaine —, já se faz tarde.

Lavaine limitou-se a concordar.

— Sim, senhor, estou pronto.

O ermitão pousou a mão no joelho de Lancelot

— Não gostaria de se confessar também? Estou a seu serviço, senhor...

— Fica para uma outra vez. Não temos tempo agora.

— No seu lugar, não me preocuparia com o tempo — o ermitão ajuntou, calmamente. — Esses torneios duram o dia todo, e retardatários são sempre bem-vindos do lado perdedor. Tenho alguma experiência nesses assuntos — acrescentou com um sorriso malicioso —, pois fui cavaleiro um dia.

Ergueu os olhos para Lancelot, cheios de simpatia.

Fui um dia como você, pareceu dizer, conheço suas esperanças e seus medos. Seja lá o que me contar, eu compreenderei.

Com um menear de cabeça, Lancelot rejeitou o oferecimento.

O ermitão suspirou.

— Que Deus esteja com você, meu filho, até que nos encontremos de novo.

Não nos encontraremos, Lancelot pensou.

O velho fitou-o com um olhar penetrante e suspirou novamente.

Lavaine e Lancelot seguiram a trote largo, e logo o calmo marulhar do rio se misturou às vozes excitadas da multidão reunida em torno do campo de torneio. Os dois desmontaram e se revezaram como escudeiros, envergando os elmos e as armaduras.

Lavaine estava pálido como um defunto.

— Não se preocupe — Lancelot aconselhou. — Assim que estiver lá, ficará bem.

O rapaz deixou escapar uma risada insegura.

— É assim tão óbvio?

— Todos os cavaleiros têm medo antes de uma batalha — mentiu Lancelot. Ele nunca sentira isso... Até aquele dia. Num gesto impulsivo, virou-se para o companheiro. — Lavaine, você me brindou com amizade e cortesia. Sei que posso confiar em você e guardará segredo. — O rapaz o encarou ansioso. — Eu sou Lancelot Du Lac.

Lavaine ficou boquiaberto.

— Não! O senhor é... Senhor, não direi uma palavra. O Grande do Lago — murmurou, admirado.

— Olhe lá. — Lancelot apontou para o pavilhão real. — Aquele é o seu rei, todo vestido de vermelho. Ele sim tem grandeza.

— Eu o vejo. O temível Pendragon — Lavaine murmurou. — Por Deus, eu devia

estar totalmente cego. Mas, agora que eu o vi... — Olhou de Arthur para Lancelot e, enrubescendo, desviou o olhar para o chão.

Apesar de tudo, Lancelot quase riu, sentindo-se um pouco melhor. *Sou Lancelot Du Lac, cavaleiro de Camelot e, se não for mais, não darei motivos para dizerem que fui menos.*

Levou a luva de Elaine aos lábios antes de enrolá-la em torno do elmo.

— Enquanto ainda enxerga — dirigiu-se a Lavaine, com um sorriso —, vamos observar o combate.

Lavaine riu, um pouco envergonhado.

— Os senhores do norte estão sendo empurrados para trás. Temos de nos apressar, ou terá acabado antes que entremos na luta. Venha, vamos tomar nosso lugar entre seus amigos e parentes.

Lancelot riu e foi em direção do oficial de manobra.

— Lutaremos para os reis do norte — anunciou, estendendo a lança para o oficial amarrar a fita, proclamando sua aliança. — Venha, Lavaine — instou — vamos nos juntar à parte mais fraca e ver se podemos mudar a sorte.

Sem esperar resposta, investiu no meio da multidão.

Lavaine o seguiu. Nem bem chegara ao campo, um cavaleiro o confrontou.

— Sou Lavaine de Corbenic. Luto pelos reis do norte — expressou-se com dificuldade, as palavras raspando na boca ressecada.

— Então não passará.

— Quem me nega passagem? — Lavaine protestou.

— Sir Lucando Butler. Cumpridas as formalidades, os dois se prepararam.

Para seu espanto, Lavaine descobriu que Lancelot tinha razão. Sentiu uma louca empolgação quando se chocaram e o oponente foi ao chão. Empolgado, ele riu alto e virou-se em busca de outro desafio.

Lancelot já havia arrancado da sela três cavaleiros e se preparava para atacar um quarto.

As histórias são verdadeiras então, Lavaine pensou, momentaneamente distraído. Não era o único, porém. Vários dos cavaleiros de Arthur tinham parado para observar o avanço de Lancelot.

— Quem é ele? — Ouviu-os gritar, de um para o outro.

Após enfrentar outro oponente, que caiu no terceiro ataque, Lavaine levou o cavalo resfolegante para a beira da liça, a fim de que descansasse. Ao seu lado, três cavaleiros conversavam e bebiam de um odre.

— Claro que é ele — um deles comentou, convicto. — Só pode ser. Ninguém cavalga como sir Lancelot,

— Sim, Gawain, creio que é Lancelot disfarçado, e com a luva de uma dama no elmo. Ora, ora...

— Não é desonra cavalgar com um escudo em branco, tampouco aceitar o amuleto de uma dama — disse Gawain em tom de reprovação. — Venham, nossos companheiros precisam de nós. — Afastou-se, deixando os outros para trás.

— Ei, Dinadan — um falou para o outro. — Tive uma idéia. E se nós...

Dinadan meneou a cabeça e resmungou algo num tom quase inaudível. Os dois olharam para Lavaine e se afastaram.

Lavaine observou-os. Cavalgaram uma curta distância e se separaram, seguindo entre os cavaleiros do rei e parando de vez em quando para conversar com os companheiros. Sem dúvida espalhavam a notícia da chegada de Lancelot. Viu-se, então, outra vez desafiado.

Aquela foi sua batalha mais árdua. Já estava exausto quando derrubou o oponente, e sua montaria mancava. Ele desmontou e puxou o cavalo de lado, vendo Lancelot se preparar para enfrentar outro cavaleiro: sir Gawain. Parou, ansioso pelo confronto. Porém, antes que Lancelot pudesse investir, foi atacado por um bando de cavaleiros do rei.

Quatro... Não, cinco... Não, oito! Atacaram-no de todos os lados, e o grito de aviso de Lavaine perdeu-se em meio ao estrondo das patas dos animais. Ele se esforçava para ver o que acontecia, mas não conseguia distinguir Lancelot. Logo depois, um urra se ergueu do lado do rei.

— Desmontado! Ele caiu!

Lavaine correu para o cavaleiro mais próximo.

— Dê-me seu cavalo! — gritou.

O homem, algum rei da Escócia, a deduzir por suas armas, ergueu o escudo e desferiu-lhe um golpe que o derrubou esparramado no chão, Lavaine saltou sobre o rei escocês, arrancando-o da sela, e, montado em seu cavalo, abriu caminho pela multidão. Saltou da montaria antes que o animal estacasse, aterrissando ao lado do amigo caído.

— Senhor... — Com dedos trêmulos, ele puxou os laços do elmo.

— Não! — A mão de Lancelot agarrou-lhe o punho. — Ajude-me a montar.

— Está ferido?

— Não é nada. — Lancelot respirava com dificuldade, e a face, sob o visor, estava pálida e suada.

— Mas...

— Leve-me até meu cavalo!

Lavaine agarrou-o pela mão e o puxou. Foi penoso vê-lo arrastar-se até o cavalo. O rei Arthur debruçou-se perigosamente sobre a balaustrada do pavilhão, e só tornou a se sentar quando Lancelot conseguiu montar.

Ao erguer a lança, um grito uníssono ecoou por toda a liça.

A força do ataque de Lancelot parecia redobrada. Ele lutava como alguém possuído, cortando caminho a golpes de lança por entre os cavaleiros de Arthur. Um por um, foram caindo sob seu assalto implacável. Por fim, as trombetas soaram, e os cavaleiros imobilizaram-se.

— Vitória — o oficial gritou — aos senhores do norte. E o diamante ao cavaleiro com a luva vermelha sobre o elmo, o cavaleiro com o escudo em branco!

Lavaine trotou até o lado de Lancelot, sentado imóvel na sela, a cabeça inclinada até quase o peito.

— O senhor venceu! — ele gritou. — Ouça como o aclamam! Veja, senhor, o rei está esperando, precisa ir até ele...

— Lavaine, ajude-me... Outros cavaleiros se aproximaram.

— Vamos, senhor — gritaram —, o diamante é seu!

— Não — Lancelot arquejou. — Não quero o diamante... Preciso de ar...

— Mas o senhor o ganhou! — exclamaram. — O prêmio é seu!

Lancelot ergueu a cabeça com dificuldade.

— Meu prêmio — puxou uma respiração sibilante — é a morte.

Os cavaleiros recuaram, atônitos, vendo-o enfiar as esporas no cavalo.

Lavaine o seguiu logo atrás. Por fim, o cavalo de Lancelot parou na beira do campo.

— Ajude-me... Leve-me para longe deste lugar. Depressa... — Lancelot murmurou.

Lavaine agarrou as rédeas da montaria de Lancelot e incitou seu próprio animal a um galope veloz, embrenhando-se no abrigo da floresta.

— Mais longe — Lancelot arfou —, não deixe que nos encontrem.

Aturdido, Lavaine levou-o para dentro da floresta. De repente, Lancelot soltou um grito de agonia e despencou do cavalo.

Com mãos trêmulas, Lavaine tentava soltar a armadura de Lancelot. O sangue brotava entre as cintas, e seus dedos escorregavam nas tiras. Conseguindo erguer a couraça do peito, viu o eixo de madeira de uma lança, cuja ponta se cravara profundamente, dilacerando a carne.

— Quando... Como...

— Bors... Por baixo de meu escudo. Quando me derrubaram.

Lancelot caiu para trás com um gemido, a mão tateando cegamente o elmo. Tirou a luva vermelha da crista e segurou-a na mão em punho.

— Arranque, Lavaine.

— Eu o matarei se arrancar a lança. — Lavaine estava quase chorando.

— Morrerei se não o fizer. — Sua face contorceu-se, e ele berrou: — Pelo amor de Deus, ajude-me! Tire isto! — Arquejando, Lavaine pousou as mãos no eixo de madeira.

— Há muito sangue, não consigo segurá-la. — Enxugou as mãos na beirada da túnica e tentou de novo. — Fique firme, senhor. — Com um berro, arrancou a ponta da lança da carne de Lancelot.

Um jato de sangue jorrou do ferimento, que espirrou em seu rosto e ensopou-lhe as mãos. Comum grito rouco, jogou a ponta da lança para o lado.

Deus me ajude. O que faço agora? Ele precisa de um curandeiro, não de mim. Eu não sei como tratá-lo.

— Saiu-se bem, meu amigo — Lancelot balbuciou. — Obrigado. — Comprimiu a luva com força sobre a ferida sangrenta. Sua cabeça pendeu para trás e os olhos se fecharam.

Eu o matei, Lavaine pensou, eu matei sir Lancelot.

Com dedos trêmulos, tocou-lhe a jugular, e um gemido brotou de seus lábios quando achou a pulsação. Lancelot não estava morto. Ainda não. Mas logo estaria.

Estancar o sangramento, é isso o que devo fazer. Mas como?

Comprimiu a luva contra o ferimento, que se ensopou instantaneamente.

Deus, não o deixe morrer. Ajude-me, mande alguém nos encontrar, rezou, apavorado.

Mas ninguém aparecia.

— Isto é comigo — Lavaine lamuriou-se em voz alta. — Se eu não fizer nada, ele morrerá. Mas, por Deus, o que devo fazer?

De imediato, uma resposta lhe veio à mente. Comprimiu o tecido ensopado contra o ferimento e, usando a faca, cortou tiras de sua túnica e as atou em torno das costelas do cavaleiro inconsciente. Uma atadura malfeita, logo ensopada de sangue, mas ele decidiu não se preocupar com isso. Ergueu Lancelot nos ombros e o colocou deitado sobre o cavalo. Tinha de levá-lo para a morada do ermitão.

— Sim, era Lancelot — concluiu Gawain, jogando o elmo no pavilhão e correndo a mão pelos cabelos molhados de suor. — Tenho certeza de que era ele.

— O que aconteceu lá fora? — Arthur indagou. — Quem o atacou daquele jeito?

— Agravaine — Gawain murmurou, timidamente —, Dinadan, Ector De Maris, Bors...

— Bors?!

— Sim, mas ele não sabia que se tratava de Lancelot. Agravaine espalhou que era algum cavaleiro ordinário lutando ao estilo de Lancelot. Uma história confusa, de um homem que estava procurando desonrar Lancelot, imitando-o. Não ouvi todos os comentários, senhor.

— E Agravaine acreditou nessa bobagem?

Gawain não conseguiu encarar o rei.

— Ele diz que sim.

— Entendo. — Depois de um momento, o rei perguntou: — Qual é a gravidade do ferimento dele?

— Ele mal conseguia manter-se na sela. E Bors disse... disse que sua lança está quebrada. A ponta deve ter trespassado o cavaleiro anônimo.

Arthur caminhou até a balaustrada e olhou para a multidão lá embaixo.

— Encontre-o, Gawain — ordenou, sem se voltar. — Encontre-o para mim e traga-o de volta.

— Sim, senhor. Eu o farei.

A vila estava em chamas, e o povo fugia gritando das cabanas, o ar espesso de fumaça. Uma batalha, Lancelot pensou, ao abrir caminho por entre a multidão. Precisava encontrar Elaine. Ao virar uma esquina, viu a torre de Corbenic, a fumaça a brotar da janela mais alta. Correu para lá.

Empurrando a porta, irrompeu no salão cheio de fumaça, e se deparou com Torre, sentado à mesa da plataforma.

— Falso cavaleiro — Torre o acusou —, você roubou minha juventude e minha força.

— Não... Não foi por minha culpa. Você não era bom o bastante...

— Você sabia que ele não era bom o bastante — uma voz profunda soou às suas costas. — Nenhum cavaleiro terreno pode derrotá-lo.

Lancelot virou-se, e se viu de frente com o Cavaleiro Verde.

— Ora essa, aqui estamos de novo — o Cavaleiro Verde esgarçou. — Pensei que já havia me livrado de você. — Apontou para a parede da torre e uma porção de pedras desabou, revelando uma passagem escura. — Vá, homúnculo, aquele caminho é seu.

— Para onde conduz?

— É uma boa pergunta. Receio que terá de encontrar a resposta por si mesmo.

Lancelot deu alguns passos na direção da entrada. Ao longe, as chamas lambiam as paredes do castelo, e um débil eco de gemidos angustiados foi trazido por uma lufada abrasadora de ar, junto com um cheiro horrível de carne queimada.

— Eu lhe disse que a Dama do Lago o manteve em Avalon por muito tempo. Você não tem alma agora.

— Tenho!

Lancelot sacou a espada e avançou sobre o Cavaleiro, mas este apenas riu e o desafiou:

— Prove. Encontre o Graal.

Um redemoinho verde rodopiou pelo salão. O fogo atacava as vigas e, de uma grande distância, Lancelot ouviu um grito de mulher.

— Elaine! — exclamou. — Eu a encontrarei!

Subiu correndo a escada para a torre, com as chamas em seus calcanhares. Através da fumaça, vislumbrou Elaine... Não, era outra donzela, segurando algo nas mãos, algo que reluzia com uma luz brilhante que o cegava. Ele antepôs o cotovelo diante dos olhos, protegendo-os daquela luz insuportável. Subitamente, a donzela sumiu, e ele estava sozinho na torre em chamas. Virou-se, mas os degraus tinham desaparecido, e não havia meio de sair. Estava encurralado, asfixiado, as vigas desabando ao redor. Nesse instante, o chão cedeu sob seus pés.

Quando acordou, sentia frio, tanto frio, que teve certeza de que estava morto. Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu. Recordou-se dos cadáveres na cripta em Norhaut, com moedas sobre as pálpebras afundadas. Lá ficava sua tumba, debaixo de uma enorme lápide de mármore que ele um dia erguera sem nenhum esforço.

Estava dentro dela, deitado no esquife. A seus pés havia uma placa de prata, que ele lera no dia em que descobrira o próprio nome: *Aqui irá jazer sir Lancelot Du Lac*, proclamava, em brilhantes letras prateadas, *filho do rei Ban de Benwick*.

Isto, ele pensou, *é o inferno*. Não um poço ardente, mas o vazio congelado onde ele viveria sozinho por toda a eternidade.

— Sir Lancelot! — uma voz chamou, aflita.

Porém era tarde demais. Sir Lancelot estava morto. Por que não o deixavam descansar? Estapeavam suas faces e agitavam penas queimadas debaixo de seu nariz. Embora sentisse os tapas e o cheiro acre, não conseguia se mexer nem falar. Uma voz profunda pronunciava palavras desconexas, parando de vez em quando, instando-o a responder perguntas que ele não entendia. Por fim, desistiram e se afastaram.

— Era para ser uma brincadeira — Guinevere justificou, com dificuldade, os lábios entorpecidos.

Todos a olhavam com ávida curiosidade. Nunca tinham visto Arthur tão furioso. O rei jamais se zangara com sua rainha. Guinevere não conhecia o homem que se postava diante dela, com uma expressão séria e os olhos gélidos.

— Uma... Brincadeira?!

— Você disse... A reputação dele... Não era justo para com os outros, lembra-se? E então ele quis provar. Pensamos que você acharia engraçado — ela murmurou.

— Eu? Eu acharia bem mais engraçado se soubesse da brincadeira.

— Lance... Ele... Queria lhe fazer uma surpresa.

Mas não era verdade. A idéia havia sido de Guinevere, não de Lancelot.

— Você lhe deu sua luva? — Arthur indagou.

— Minha luva? — Guinevere repetiu, sem entender. — Não, claro que não!

Ele não pedira. Nunca pedira. E por certo não o faria justo no dia em que ela o mandara lutar disfarçado.

— Ele usava uma peça de uma dama, ontem — Arthur esclareceu.

Guinevere mal o escutou. Refletia sobre como tinha sido egoísta, sempre pensando somente em si mesma e nas próprias necessidades. Talvez Lancelot estivesse morto, e ela não teria chance de lhe dizer que sentia muito.

Céus, ela o matara!

Arthur jamais a perdoaria.

O rei a fitava com raiva como se a detestasse. Ela o perdera. Perdera o marido para sempre, e por causa de sua própria tolice egoísta. Não conseguia suportar o frio desprezo que via nos olhos dele. Ergueu as mãos, trêmulas, para esconder a face, as lágrimas escorrendo por entre os dedos.

Arthur saiu batendo a porta. Guinevere levantou-se e cambaleou às cegas para o quarto. A maioria das mulheres, que ali estavam, a seguiu, expressando surpresa e simpatia.

Somente uma ficou para trás. Esgueirou-se pela porta e encontrou Agravaine, esperando por ela no corredor.

— E então? — ele indagou. — Como ela se saiu?

— Tinha uma história pronta, e nada má. Deu um jeito de jogar a culpa, ou parte dela, Sobre os ombros do próprio rei. Aparentemente ele fez alguma brincadeira sobre a reputação de Lancelot. Agravaine riu.

— Ela não é uma cadela esperta? E o rei, aceitou a história?

— Acho que sim. Ainda estava zangado, mas me parece que ela o convenceu. Por outro lado... — A moça começou a rir. — Guinevere cometeu um erro. A luva vermelha não era dela, afinal. Quando o rei se referiu a isso, ela ficou branca como cera e irrompeu em lágrimas.

— E?...

— E o rei saiu batendo a porta...

— Como o ribombar de um trovão — Agravaine concluiu, satisfeito. — Saiu-se

bem, minha dama. Muito bem, na verdade. Falarei de você à minha mãe.

— Quando a rainha Morgause estará aqui?

— Em breve, eu creio. Acho que chegou a hora de ela visitar Camelot.

Quando Will chegou para o jantar, lorde Pelleas cumprimentou-o com cortesia. Elaine esperou até que ele tomasse o primeiro gole de vinho para perguntar:

— O que tem a me dizer sobre o campo norte? Quanto tempo levará para terminá-lo?

— Dê-me mais quatro dias — ele respondeu.

O homem parecia ligeiramente orgulhoso de si mesmo, e com razão. Elaine esperava que a plantação levasse ainda mais outra semana. Os homens, por certo, tinham trabalhado duramente para conseguir isso em tão curto tempo.

Will pigarreou e abaixou a caneca de cerveja.

— Milady, e quanto ao Dia do Plantio?

Elaine ficou pensativa. Era tradição marcar o fim do plantio da primavera com um dia de comemoração, danças no gramado, fartura de comida e cerveja, fornecidas pelo senhor das terras. O povo estava dentro de seu direito ao exigir a festança. Ela precisaria impor uma pesada redução nos recursos quase inexistentes dos domínios, contudo não foi isso que a impediu de concordar.

— Não sei. Veremos isso depois.....

Relanceou os olhos para Torre, sentado na plataforma, diante do fogo, as mãos ocupadas com um pedaço de arreio que estava consertando. Ele não parecia estar ouvindo a conversa. Ela não tinha lhe, contado sobre o que acontecera nos campos na semana anterior. O dia em que sua vida havia mudado para sempre.

— Eu digo que devemos — Will declarou. — É o costume, entende? Melhor mantê-lo enquanto podemos. Eles sabem que não merecem isso — emendou, baixando o tom de voz. — Estão mortalmente envergonhados, milady, pelo que aconteceu naquele dia, e fizeram seu melhor para demonstrar isso. Foi uma atitude gentil a sua, além de inteligente, dar de comer a todos que trabalharam.

O olhos de ambos se encontraram, e Elaine enrubesceu. Era muito bom saber que alguém compreendia o que ela fizera.

— Muito bem, então. Quatro dias até que o plantio acabe. Vamos falar da próxima... — Calou-se, erguendo-se ligeiramente ao som de uma trompa ressoando pelo pátio.

— É Lavaine? — Lorde Pelleas levantou a cabeça do livro que estava lendo e olhou para a porta, na expectativa.

— Não. — Torre deixou o arreio cair, e Elaine percebeu que, como ela, o irmão também estava ansioso. — Não, essa não é a trompa de Lavaine.

Os dedos de Elaine se fecharam na borda da mesa. Mesmo querendo correr para o pátio, ela não conseguia se mover.

Quando a porta abriu, ela reconheceu o cavaleiro que entrava, pois era exatamente como o imaginara: alto, ombros largos, belo de rosto e nobre de postura, com cabelos que brilhavam como a chuva caindo. Seus olhos cinzentos correram pelo salão, pela plataforma, e se cravaram nela.

— Sir Gawain — ela cumprimentou —, é muito bem-vindo aqui. Por favor, venha refrescar-se.

— Obrigado, milady. — Ele fez uma medida elegante e parou diante da plataforma. — Receio não poder demorar muito. Uma missão urgente do rei me trouxe até aqui.

As pernas de Elaine começaram a tremer.

— O que... O que aconteceu?

— Cinco dias atrás o rei realizou seu grande torneio...

— É Lavaine? — Pelleas gritou. — É meu filho?

— Não, milorde — Gawain apressou-se em dizer. — Não tenho notícias de sir Lavaine. É sir Lancelot quem procuro.

— Ele está desaparecido? — Torre indagou. — Que pena! — concluiu com insolência.

— Receio que esteja. Mas... — Gawain correu a mão pelo queixo, com ar exausto. — Pensando bem, agradeceria se me oferecessem uma caneca de cerveja.

Elaine fez um gesto ao pajem, e virou-se na direção de Will.

— Creio que já terminamos por hoje — ordenou, suavizando a dispensa com um sorriso forçado.

— Sim, milady. — Will levantou-se, olhando de soslaio para Gawain. — Não se preocupe com o Dia do Plantio. Providenciarei tudo.

Dessa vez o sorriso de Elaine foi mais sincero ao agradecer e se despedir do oficial.

Gawain sentou-se ao lado dela e secou a caneca num único gole. O pajem a encheu de novo, e Elaine o dispensou, pedindo que deixasse a jarra sobre a mesa.

— Agora, sir Gawain, se pudesse...

Em breves palavras, ele a pôs a par do torneio.

— Pensamos que o cavaleiro era sir Lancelot, mas ainda não temos certeza.

— Ele esteve aqui — disse Elaine. — O cavaleiro. Ficou conosco no dia antes do torneio e partiu com meu irmão Lavaine.

Gawain fitou-a com interesse renovado.

— A luva vermelha? — indagou.

— Sim. Era minha. Não posso lhe dizer seu nome, mas ele emprestou o escudo de Torre e deixou o dele aqui conosco.

Gawain levantou-se, animado.

— Posso vê-lo?

— Sim, está em meu quarto — concordou Elaine, levantando-se. — Venha, eu lhe mostrarei.

— Traga-o aqui — Torre ordenou, rispidamente. — Sir Gawain esperará conosco.

Ou Torre tinha uma opinião muito ruim sobre sua moral, ou uma percepção exagerada de seus encantos, Elaine pensou enquanto subia as escadas a passo largo.

Sem fôlego, ela voltou ao salão, carregando o escudo.

— Aqui está.

Gawain descobriu-o, revelando o emblema que Elaine vira no dia em que Torre havia lutado com seu dono. Observou-o em silêncio, recordando-se do que diziam: que aquela mulher era a rainha Guinevere, o cavaleiro, sir Lancelot, o emblema, uma declaração muda de amor.

Gawain suspirou.

— Sim. É de sir Lancelot. Torre aproximou-se para examinar o escudo.

— Leve-o consigo, por favor, sir Gawain, e poupe-lhe o trabalho de voltar aqui para buscá-lo. Isto é, se ele ainda vier a precisar dele. — Dando de ombros, afastou-se.

Elaine confrontou o irmão.

— Nunca pensei que teria vergonha de você, mas é o que estou sentindo agora! Como pode falar assim de um irmão cavaleiro que foi nosso hóspede?...

— O irmão cavaleiro que causou isto — Torre gritou, batendo o punho contra sua perna defeituosa. — E depois caçou de mim com seus companheiros! O hóspede que tirou vantagem de sua inocência e se recusou a revelar quem era.

— Ele não podia. Tinha feito um juramento.

— Por Deus, Elly, não se faça de tola! Veja! — ele gritou, apontando para o escudo. — Que imagem pensa que é esta? Ele usou você! Por que não quer entender isso? O que ele desejava era seu emblema, e tudo o mais que pudesse vir de você. Por que não? Não teria nada a perder, teria? Nem mesmo o bom nome.

— Sir Torre — Gawain interrompeu —, creio que está enganado a respeito de sir Lancelot. Ele nunca foi acusado de se divertir com qualquer dama...

— Ora, ele se divertiu com esta! — Torre exortou. — Vamos, Elaine, não foi isso que aconteceu?

— Não, não foi — ela retrucou. — O que quer que imagine que tenha se passado entre nós...

— Imaginar? Eu imaginei que ele a beijava no pátio? Eu imaginei que pediu sua luva, como se significasse mais que sua própria vida? Ele não passa de um bastardo enganador e mentiroso e, se estiver morto, não vou fingir que não me alegro com isso.

— Você é um tolo! — Elaine admoestou-o, friamente. — E não sabe nada de sir Lancelot nem mesmo de mim. — Respirando fundo, ela se voltou para o hóspede. — Sir Gawain, sinto profundamente que tenha testemunhado esta discussão. Espere um momento enquanto vou buscar minha capa. Eu irei com o senhor.

— Milady... — Gawain murmurou, constrangido.

— Eu irei — Elaine insistiu. — Se não for com o senhor, então por conta própria. Eu preciso. Se ele estiver ferido...

— Você não irá! — Torre objetou, furioso. — Se pensa que permitirei que deixe este salão...

— Paz.

Surpresos, ambos se voltaram para o pai. Lorde Pelleas levantou-se de sua cadeira, as palmas apoiadas na mesa.

— Torre, esqueça — disse com gentileza. — Sir Gawain, por favor, faça o desjejum conosco antes de continuar sua busca. Quero falar com você antes que vá, Elaine.— Pelleas meneou a cabeça e suspirou. — Em particular.

Conduziu-a até seu quarto, lotado de livros e rolos de pergaminhos, e tirou um gato

adormecido de um banquinho.

— Sente-se, filha.

Elaine sentou-se. O gato saltou em seu colo, enrodilhou-se e voltou a cochilar.

— Muitas e muitas vezes eu a ouvi falar de sir Lancelot Du Lac — começou Pelleas. — E nunca bem.

— Eu não o conhecia.

— E o conhece agora?

— Um pouco.

— Esse homem que você conhece... Um pouco... — Pelleas continuou. — É verdade que ele a beijou?

— Sim.

Pelleas inclinou-se para pegar um pedaço de pergaminho do chão e o analisou.

— Com sua permissão?

— Sim. Na verdade — ela emendou, com ousadia — com meu encorajamento.

Pelleas ergueu os olhos.

— Perdão?...

— Não vale a pena repetir — Elaine murmurou, cansada.

Pelleas colocou o pergaminho sobre uma pilha de papéis e virou-se para ela com expressão séria.

— Por um momento, eu teria jurado que era sua mãe falando. — Seus olhos azuis brilharam. — Então está resolvida a procurar sir Lancelot?

— Sim.

— Tem ciência dos rumores sobre ele e a rainha?

Elaine ficou surpresa. Não imaginava que seu pai soubesse de alguma coisa que tivesse acontecido na Grã-Bretanha, desde a chegada de José de Arimatéia.

— Sim, tenho.

— E se forem verdadeiros? — Pelleas perguntou, pegando outro pergaminho do chão. Elaine percebeu que o gesto era uma desculpa para desviar os olhos dela. — Tais coisas acontecem... Uma rainha jovem, um belo cavaleiro... Ah, sim, acontecem. Gostaria de ir procurá-lo mesmo assim?

— Gostaria.

Pelleas fitou-a por um momento. À espera de um longo sermão, Elaine buscou coragem para suportar a fala do pai, mas ele apenas disse:

— Por quê, filha?

— Porque eu o amo. Pelleas meneou a cabeça.

— Não. Sinto muito, querida, mas...

— Se ele... Se Lancelot e a rainha... Não posso acreditar que ele seja feliz assim. Não, sabendo do profundo respeito que tem pelo rei. Creio que eu poderia...

— Mudá-lo? Criança, se existe uma coisa que eu sei sobre homens e mulheres, é que um não pode mudar o outro.

— Eu jamais faria isso — Elaine refutou.

— Nesse caso, você se daria a um homem que ama outra?

— Também não. Digo que o amo, mas, claro, ainda não posso ter certeza absoluta disso. Tampouco posso afirmar que ele me ama. Porém houve alguma coisa entre nós. Sei que parece absurdo, pois ele esteve aqui apenas por um dia. E estou convicta de que não foi apenas de minha parte. Se isso se transformará em amor, não sei dizer. Só o que sei é que, se ele estiver ferido em algum lugar, devo ir procurá-lo.

— Muito bem. Vá com sir Gawain. Ele é um cavaleiro honrado. No entanto, levará a senhora Brisen consigo.

Elaine saltou do banquinho, tirando o gato do colo e jogando os braços em torno do pai.

— Obrigada, papai.

Ele sorriu e beijou-a na face.

— Eu conhecia sua mãe havia quinze dias quando supliquei por sua mão. — Pelleas suspirou ante a lembrança. — Mas já tinha resolvido fazer isso cinco minutos depois de tê-la visto pela primeira vez. Assim como ela, para enorme desgosto do pai. Peço a Deus que lhe dê alegria, minha menina. Para o bem ou para o mal, esse caminho é só seu. Apenas espero que não faça nada que envergonhe a confiança que tenho em você.

— Não farei, papai — Elaine prometeu. — Mas Torre...

— Falarei com ele. — Pelleas suspirou. — Na verdade, já devia ter feito isto há muito tempo. Vá aprontar-se e deixe o resto comigo, criança.

Eles encontraram Lavaine no dia seguinte. Aconteceu por acaso, quando se depararam com o rapaz no mercado, e ele contou tudo o que sucedera depois do torneio.

— Sir Lancelot está vivo — Lavaine lhes assegurou —, embora muito mal. Padre Bernard é ótimo curandeiro e está cuidando dele. Vou levá-los até onde ele está. É melhor que não seja removido — informou a Gawain, em resposta às suas perguntas.

Assim que chegaram à entrada da caverna, Gawain declarou sua intenção de deixá-los e voltar para Camelot,

— Sir Lancelot está em boas mãos, e é necessário que eu retorne à Corte. Sir Lavaine, seguiria comigo? Gostaria que fornecesse ao rei um relato completo sobre o que aconteceu,

Lavaine enrubesceu.

— O que acha, padre? Pode me dispensar?

— Vá, meu filho — o ermitão respondeu. — Nós cuidaremos de sir Lancelot.

— Então, está bem — concordou o rapaz. — Obrigado, sir Gawain.

Gawain sorriu.

— Seria para mim um prazer saber mais a respeito de sua participação no torneio. Além disso, estou certo de que o rei haverá de querer agradecer-lhe pessoalmente por sua ajuda.

Partiram juntos. Lavaine parecia ligeiramente atordoado e muito feliz quando se virou para acenar, antes de desaparecer entre as árvores.

Padre Bernard conduziu Elaine e Brisen para dentro da caverna onde Lancelot

jazia dormindo num catre.

A expressão de Brisen tornou-se sombria depois de examiná-lo.

— Ele está muito fraco, milady.

Elaine acariciou a testa quente e seca de Lancelot. Suas pálpebras estremeceram ligeiramente, parecendo reconhecer o toque. Ela contornou as sobrancelhas negras e arqueadas com a ponta do dedo e alisou-lhe os cabelos.

Ele estava deitado com a cabeça virada em sua direção, o rosto imóvel e tranqüilo, porém com uma tonalidade acinzentada, que a assustou. Tinha perdido muito peso naquele curto espaço de tempo. Os ossos da clavícula saltavam da pele, e as costelas eram visíveis sob a atadura que lhe envolvia o peito. Comentou com Brisen que estava aliviada em vê-las limpas, mas a criada meneou a cabeça.

— Não está drenando — ela declarou e Padre Bernard, parado atrás dela, concordou.

— Boa noite, sir Lancelot — Elaine disse, observando-o atentamente.

Por um instante, ele pensou que ele tinha feito algum movimento. Se fosse isso mesmo, fora tão sutil que não era possível afirmar. Teve a impressão de que ele a ouvia. Ou ela apenas vira o que queria ver? Tomou-lhe a mão, segurando-a entre as suas.

— Lancelot, pode me ouvir? — perguntou. — Sei que não consegue falar, mas, se me ouve, dê-me um sinal.

Ansiosa, examinou a face bonita. Os cílios continuavam imóveis no rosto pálido, os lábios, cerrados.

— Seu espírito saiu — Brisen explicou, atrás dela. Pousou a mão na testa de Lancelot. — Milady, ele está longe. — Fechou os olhos e ficou em silêncio. Por fim, suspirou fundo e olhou para Elaine, penalizada.

— O que podemos fazer? — Elaine indagou.

— Talvez somente milady possa fazer alguma coisa. — Brisen olhou para o cavaleiro adormecido. — Fale com ele. Tente trazê-lo de volta. E mande me chamar se reparar que algo mudou.

Depois de um longo tempo, o silêncio foi cortado por outra voz. Lancelot não conseguia distinguir as palavras, mas o tom era calmo, como água a escorrer pelas pedras, a chamá-lo, a atraí-lo de volta para a dor e as chamas.

— Não — ele tentou dizer, sem conseguir. — Deixe-me descansar. — A voz continuou a provocá-lo, e ele lutou contra ela. A batalha era dura, porém percebia que estava vencendo, a dor se acalmara, a voz se calara, e ele estava em paz outra vez. De repente, um grito desesperado cortou a escuridão vazia.

— Galahad, por favor, volte!

Algo despertou no silêncio da cripta. Não Lancelot Du Lac, pois ele estava morto, assassinado pela vontade da Dama do Lago. Era o Cavaleiro da Luva Vermelha que acordava, e sabia que era a voz de sua dama que o chamava.

— Ele não pode ouvi-la — uma voz profunda falou. — Sinto muito, milady, mas receio que seja tarde demais.

Onde estava ela? Ele não conseguia encontrar o caminho. Então ela voltou a falar:

— Vou buscar Brisen. Ela nos dirá o que fazer.

Não, não, não vá embora, ele tentou gritar. Em desespero, empregou todos os

seus esforços para obrigar o dedo sem vida a apertar-se em torno do dela.

— Ele escuta! — Elaine tomou-lhe a mão, esfregando-a entre as suas, e o calor do toque espalhou-se pelo braço de Lancelot. — Vá, padre — ela murmurou. — Eu ficarei aqui.

Sua voz era como um fio de prata, mostrando-lhe o caminho. Ela se calou novamente, e Lancelot viu-se perdido, caindo num abismo, para longe dela. Apertou-lhe a mão de novo, implorando silenciosamente para que ela continuasse a falar.

— Eu deveria ter vindo mais cedo, mas não sabia onde você estava. Ninguém sabia. Sir Gawain foi a Corbenic procurar por você, e me contou o que aconteceu no torneio.

Gawain, Corbenic... Nomes familiares, embora ele sentisse que milhares de anos tinham se passado desde que os ouvira. Imagens foram se formando em sua mente, primeiro muito tênues, depois mais nítidas.

— Sir Gawain estava terrivelmente aborrecido com o que aconteceu, e muito envergonhado por seu próprio irmão ter sido um dos cavaleiros que o atacaram. Provavelmente tenha sido um engano. Pensaram que você fosse algum estranho fingindo ser sir Lancelot disfarçado... ou algo assim... — ela emendou, num tom de dúvida. — Não fez muito sentido para mim.

Não fazia sentido para Lancelot também. Ora, Agravaine ele poderia entender. Fizera do irmão de Gawain um inimigo desde os tempos em que eram escudeiros. Mas Bors, seu primo, era um dos poucos em Camelot a quem podia chamar de amigo.

— Ele falou? — uma mulher perguntou com voz baixa e rouca, estranhamente tranquilizadora.

— Não — disse Elaine —, mas sei que me ouve.

— Então continue falando, milady. Lancelot abençoou a dona daquela voz.

— O rei está furioso com todos eles e muito preocupado — Elaine continuou. — Eu já suspeitava de que você fosse sir Lancelot, e quando sir Gawain viu seu escudo, confirmou. Eu já sabia — ela acrescentou baixinho, afastando-lhe os cabelos da testa. — Adivinhei naquela noite. Aliás, todos nós adivinhamos. Não quis lhe perguntar porque, de qualquer modo, você não me contaria...

Tantas mentiras. Estava livre delas agora. Du Lac estava morto, e com ele suas mentiras.

— Parti de Corbenic com sir Gawain — Elaine seguiu falando. — Ele foi muito gentil, e estava tão preocupado com você...

Típico de Gawain, Lancelot pensou com amargo prazer. Ele preferiria ter a língua arrancada a admitir que estava louco para me encontrar morto. Gawain me odeia, me odiou desde o princípio, mesmo antes de eu derrubá-lo da sela e... conquistar seu título.

— Ele me deu o diamante para entregá-lo a você. Seu prêmio. Contou a todos nós como você lutou bravamente. Também se ofereceu para mandar procurar sua parenta, lady Morgana, para que ela providenciasse a vinda de uma curandeira. Eu lhe disse que isso não seria necessário, já que Brisen está aqui. Sir Gawain pediu para chamá-lo, se você precisasse de qualquer coisa.

Por quê? Por que Gawain ofereceria tal coisa a ele, um homem a quem tinha todas as razões para detestar? Por certo aquilo alçava a hipocrisia a um novo nível. Ou não seria hipocrisia? Talvez fosse algo completamente diferente que impulsionava Gawain, uma coisa que ele nunca entenderia.

Honra!, O Cavaleiro Verde dissera. *Você não conhece o significado desta palavra... Você não é mais humano...*

Porém, ele estava livre do Cavaleiro Verde também, e da Dama do Lago, que afirmara amá-lo como a um filho. Não, não queria pensar na Dama do Lago. Só Elaine lhe importava. A mulher cuja luva estancara a hemorragia de seu ferimento e o salvara da morte decretada pela única mãe que ele já conhecera.

— Pobre Galahad — ela murmurou. Lancelot sentiu os lábios frios roçar sua testa. — Fique bom logo, para que eu o leve a Corbenic.

Corbenic. A imagem saltou em sua mente. Queria revê-la... A torre arruinada, o pequeno pátio desordenado, e Elaine rindo na relva verde à margem do rio.

Du Lac estava morto, que jazesse em sua tumba eternamente. Quando os lábios de Elaine roçaram-lhe a testa outra vez, Lancelot percebeu que *e*le sim, viveria.

Capítulo IV

— Não me deixe.

Elaine acordou assustada. Deitara-se no chão, com a cabeça apoiada na beira do catre. Três dias tinham se passado, e ela não saíra do lado de Lancelot, a não ser por necessidade, e, ao voltar, encontrava-o inquieto, debatendo-se, só sossegando quando a ouvia falar. Logo depois, caía num sono profundo, um sono reparador, Brisen lhe assegurara, que era o que ele mais precisava.

Ela ergueu a cabeça, sentindo o pescoço endurecido e todos os músculos doloridos. Os olhos de Lancelot estavam abertos, parecendo enormes na face esquelética.

— Não me deixe — repetiu, a voz pouco mais que um sussurro.

— Não o deixarei. — Elaine sorriu por entre lágrimas. — Como se sente?

— Faminto. Ela riu com satisfação. Lancelot finalmente se recuperava. Chamou Brisen e lhe pediu que trouxesse um pouco de caldo e pão.

A partir daí, os dias passaram depressa. Elaine, como havia prometido, não deixou de ficar ao lado de Lancelot. Ela falava e ele ouvia atentamente, enchendo-a de perguntas quando ela se calava, principalmente a respeito de sua infância, que ele parecia achar fascinante.

Um dia, quando o padre Bernard se dedicava ao ato doloroso de trocar as ataduras de Lancelot, ela perguntou:

— E quanto a você? Fale-me de sua infância.

— Perdi meus pais ainda bebê — Lancelot respondeu, pestanejando, quando o padre Bernard puxou a ponta da atadura. — E fui levado por... por minha mãe adotiva.

— Você não sabia mesmo seu nome quando chegou a Camelot?

— Não, só soube bem mais tarde.

— Como era chamado até então?

Ele deu de ombros, soltando um profundo suspiro quando a atadura foi tirada. Padre Bernard balançou a cabeça afirmativamente ao notar o satisfatório progresso da cicatrização.

— Meu tutor me chamava de Menino na melhor das hipóteses — respondeu com um sorriso enviesado. — Minha mãe adotiva e seus empregados diziam filho do rei.

— Filho do rei? Então você sabia que era um príncipe?

— Ah, sim, sempre soube.

— Mas não o seu nome?

— A Dama do lago... Minha mãe adotiva mandou-me descobrir por mim mesmo, quando fosse mais velho.

— Que estranho! E ela chama seus domínios realmente de Avalon? Que tipo de lugar é?

— Lembro-me dele muito pouco agora — disse Lancelot. — Às vezes ainda consigo visualizar o lago. Costumava me deitar à sua margem e sonhar com o futuro. Um pátio com uma fonte... — Padre Bernard limpava o ferimento, e ele se encolheu. Rindo, continuou: — A tapeçaria ao lado de minha cama. Os desenhos mudavam todos os dias, adicionando novas cenas: uma donzela numa torre. Um príncipe, que era eu, e... Não, isso acabou...

Uma tapeçaria cujos desenhos mudavam? Estaria ele delirando?

— Festas no salão — Lancelot continuou, os olhos focados ao longe, sonhando —, gaitas de fole e tambores ao luar. E alguma coisa no bosque de carvalhos, da qual não consigo me recordar. A Dama do Lago, claro, e... um homem que me odiava, um cavaleiro de armadura verde.

— O Cavaleiro Verde? — Elaine perguntou, aliviada por ter algo real a que se agarrar. — O que foi a Camelot, desafiar sir Gawain?

— Sim. Era meu tutor. Sempre me detestou — Lancelot falou em voz baixa. — Acho que me mataria se pudesse, mas a Dama do Lago não permitiria... Mas isso foi antes, quando eu tinha sua proteção.

— E não tem agora?

Lancelot fechou os olhos e meneou a cabeça, mudo.

— Como a perdeu? — Padre Bernard quis saber, passando unguento no ferimento.

— A Dama do Lago me levou a Camelot para servir ao rei. Fui um presente. Ela lhe deu o cavaleiro que criara e treinara a serviço dele.

— Um presente? — Elaine repetiu.

Padre Bernard fez um sinal para que ela se calasse.

— Lancelot — ele disse —, o que fez para ofender sua mãe adotiva? Não serviu ao rei como ela desejava?

Ele rolou a cabeça no travesseiro, inquieto.

— Fiz tudo o que ela me pediu. Estava feliz e orgulhoso por servir ao rei Arthur. Por outro lado, havia Guinevere...

Elaine enrijeceu-se ao ouvir aquele nome pronunciado por ele, ferindo-a como uma punhalada. Lancelot fitou-a e, imediatamente, desviou os olhos.

— Eu me expressei mal. Estou tão cansado, que nem sei mais o que digo.

— Ora, meu filho — Padre Bernard falou num tom reconfortante —, não se preocupe. Somos todos amigos aqui. — Olhou para Elaine e apontou a cabeça para a abertura da caverna. Ela hesitou, e o ermitão repetiu o gesto, com mais ênfase, instando-a a sair.

— Vou deixar que você descanse — ela dirigiu-se a Lancelot.

— Vai voltar?

— Claro! Durma, eu o verei mais tarde.

Lancelot fechou os olhos. O que estaria ela pensando?

— Lancelot — Bernard, chamou gentilmente. — Nada receie, confie em mim, pois mantereí meu juramento até a morte. Tudo o que me disser ficará retido aqui dentro.

— Perdoe-me, padre. Eu pequei? — Lancelot riu amargamente — Não, obrigado. Não tenho fé nos poderes do seu deus.

— Não precisa fazer uma confissão formal para assegurar o meu silêncio, e sua fé é assunto seu. Tenho a impressão de que você carrega um pesado fardo. Quando nos conhecemos, antes do torneio do rei Arthur, senti que estava preocupado, mas não que tivesse dado adeus à esperança. A Dama do Lago abandonou-o à sua própria sorte?

Lancelot encarou o padre por um momento, e então concordou.

— Descobri, antes de entrar no torneio, que ela queria me ver morto.

— No entanto, você ainda está vivo.

— Era para eu estar morto. — Lancelot bufou, impaciente. — Sei que não vai acreditar em mim.

— Por que não acreditaria?

— Porque vai achar que é loucura! E agora não importa. É como disse: estou vivo. Só que... Estive pensando — Lancelot sussurrou — em minha mãe. Minha verdadeira mãe. E na Dama do Lago.

— Conheci a Dama do Lago — Bernard comentou. — Achei-a muito bela e bastante assustadora.

— Sim — Lancelot concordou —, ela é ambas as coisas. Mas sempre foi muito boa comigo. — Desviou os olhos. — Muito boa — repetiu. — Até...

— Foi mesmo? — Padre Bernard indagou, curioso. — Roubar uma criança, o filho de um nobre, um príncipe, e mantê-lo longe do lar e dos pais...

Lancelot o interrompeu.

— Era meu destino.

— Era destino de sua pobre mãe perder o filho e o marido numa única noite? Ela o procurou, rapaz, durante toda aquela noite e por muitos dias depois.

Os olhos de Lancelot se fecharam com força.

— Eu sei. Lionel, meu primo, me contou. Ele a viu pouco antes de ela morrer, e disse que estava em paz, porque tinha certeza de que eu estava vivo.

Padre Bernard passou a nova atadura com cuidado sobre a ferida de Lancelot.

— Deus concedeu-lhe essa certeza, mas isso não absolve a Dama do Lago. Você bem sabe que ela cometeu um crime, uma coisa muito má.

— O senhor a julga pelas suas leis.

— Eu não a julgo, absolutamente. Deixo isto para Deus.

Lancelot meneou a cabeça.

— O senhor não entende. Ela está além do julgamento de Deus.

— Ninguém está além do julgamento de Deus — Bernard contestou com autoridade. Depois sorriu, os olhos doces e cheios de simpatia. — Já que perdeu a proteção dela, terá de viver sem isso. Ainda é um cavaleiro de Camelot, ainda é um homem.

— Eu não estava destinado a ser um homem, não qualquer homem. Meu destino era ser o paladino de Avalon, e jamais poderei cumpri-lo sem a proteção da Dama do Lago. Então...

— Então?

— Nada do que aconteceu teve sentido. O sofrimento de minha mãe... Pensa que isso significa pouco para mim? Vi o lugar onde ela morreu, esquecida do mundo, com meu nome nos lábios. Ela morreu sozinha, mas eu poderia ter ido até ela. Já estava em Camelot, não entende? Eu poderia tê-la procurado, mas não sabia ainda quem eu era. E quando soube, logo depois soube também de sua morte.

— Deve ter sido muito difícil suportar — Bernard considerou.

Lancelot concordou, engolindo em seco.

— A única maneira de encontrar um sentido para os fatos era afirmar a mim mesmo que eles tinham sido fadados a acontecer, para que meu destino grandioso se realizasse. Só assim me considerava redimido, sem ter raiva, sem pensar em ter sido usado.

— Tais sentimentos são naturais. A Dama do Lago e seu cavaleiro estavam errados.

Lancelot meneou a cabeça.

— O senhor não compreende. Eu sou culpado por ter desperdiçado a chance de dar sentido à morte de minha mãe.

— Você cometeu erros, como qualquer um de nós. Por mais arrependido que esteja, não conseguirá desfazê-los.

Ele balançou a cabeça em concordância.

— Não é nada fácil admitir os próprios erros — Bernard continuou, pensativo —, e eu o admiro por isso. Mas não deixe que a culpa tolde seu julgamento. Você afirma que sua infância toda foi perdida, mas eu colocaria isso de forma diferente: ela lhe foi roubada. Você foi usado, Lancelot, do modo mais infame, e tem todo o direito de ter raiva. Não importa o que tenham lhe dito, você é o dono de seu destino. Se diz que perdeu a proteção da Dama do Lago, eu lhe digo que ganhou uma nova oportunidade. Ofereça sua vida ao serviço de Deus, pois só Ele pode redimir todo sofrimento.

— O Cavaleiro Verde disse... que sou vazio... Oco como um caniço. Que não tenho alma.

Pela primeira vez, o ermitão pareceu verdadeiramente zangado.

— Ele mentiu! Você é filho de Deus, Lancelot, e se buscar por Ele, Ele virá ao seu encontro.

Elaine encontrou o padre Bernard em seu lugar de trabalho, do lado de fora da

caverna, na encosta da colina.

— Entre, filha — o ermitão convidou-a, sem tirar os olhos do que fazia. — Você estava perturbada pouco antes, não estava?

— Sim.

As mãos de Bernard se moviam sobre frascos e tigelas com ervas, acrescentando uma pitada disso, um pouco daquilo à mistura perfumada na pequena gamela.

— Não me surpreende.

— Não é estranho alguém não se lembrar da própria infância?

— Não lhe passou pela cabeça que talvez ele não queira se lembrar?

Bernard inclinou a proveta sobre a mistura. O cheiro leve de cravo permeou o ar, fazendo Elaine recordar-se do jardim em Corbenic pelo qual ela e Lancelot tinham andado de mãos dadas.

— Por que não haveria de querer? — ela indagou, surpresa.

Bernard tampou p frasco e o colocou numa prateleira.

— Às vezes, lembranças muito dolorosas são jogadas para o fundo da mente, para que não retornem e machuquem mais.

Pegou dois banquinhos de sob a bancada de trabalho e ofereceu um a Elaine. Os dois sentaram-se, e ele continuou:

— Corre a lenda de que a Dama do Lago é um ser místico, que mora no reino encantado de Avalon. — Ele a encarou, com uma das sobancelhas erguidas, numa pergunta silenciosa.

— Ouvi dizer — ela murmurou. — Mas, diga-me: quem é ela realmente?

— Ninguém sabe onde fica Avalon, sua localização é guardada em segredo. Mas sabe-se que ela, e conseqüentemente seu povo, existem realmente. São pagãos, e todos têm conhecimento de que roubavam criancinhas para usar em seus rituais.

Elaine inclinou-se sobre a bancada, sentindo-se enjoada.

— E o senhor acha...

— Sim, Lancelot foi uma dessas pobres crianças — ele anuiu. — Você o ouviu dizer que o cavaleiro era hostil com ele, enquanto a Dama do Lago era a bondade em pessoa. Este é um velho truque, Elaine, usado para alquebrar o ânimo de um cativo.

Ela o encarou, abalada.

— O que não quer dizer — Bernard emendou — que tenha sido inteiramente bem-sucedido.

— Mas... a tapeçaria... — Elaine balbuciou. — Ele disse que se movia.

Bernard balançou a cabeça em concordância.

— Não se mostre tão surpresa, filha. O mundo está cheio de gente que emprega a arte da astúcia para enganar crianças e incautos. Vê agora como eles agiam? Deixaram-no tão confuso que, mesmo hoje em dia, não consegue distinguir entre ilusão e realidade. Praticaram tais trapaças com uma criança indefesa, convencendo-a de que as imagens numa tapeçaria mudavam, ou que fazendo a vontade deles, ele alcançaria algum destino grandioso...

— Então o senhor acha que a Dama do Lago é uma charlatã? — Elaine o

interrompeu. — Quando sir Gawain decepou a cabeça do Cavaleiro Verde... Dizem que ele a pegou e saiu galopando. Foi apenas um truque?

— Duvido de que tenha sido um milagre — padre Bernard respondeu, secamente.

— Bem que imaginei que não poderia ser como contaram. Mas, mesmo assim — Elaine continuou, com ar de preocupação — a Dama do Lago é amiga do rei Arthur.

— Pode ter sido um dia. Mesmo aqui, as pessoas falam. Ouvi dizer que os habitantes de Avalon voltaram-se contra o rei Arthur.

— Não sir Lancelot — Elaine afirmou. — Não há cavaleiro mais leal que ele.

— Ele acredita nisso. No entanto, o fato de se recordar tão pouco de sua vida antes de chegar a Camelot é preocupante.

— O senhor acha... Oh, padre, acha que ele é louco? Bernard franziu a testa e olhou para as mãos cruzadas.

— Não, não creio. Receio, Elaine, que algo foi feito para garantir que ele não se lembre de certas ordens que lhe foram dadas. Isso pode ser possível, e eles o tiveram nas mãos desde tenra idade. Ao conhecer o rei, a inclinação natural de sir Lancelot foi amá-lo e servi-lo com honra. Porém, correm boatos preocupantes oriundos de Camelot. Sabe do que estou falando?

— Sim. O senhor acha que são verdadeiros?

— Verdadeiros ou falsos, são todos relativos a sir Lancelot. Seria acaso? Ou um plano maior para desacreditar o reinado de Arthur?

— Tudo não passa de suposição — Elaine argumentou.

— Pode ser. Acredite, não estou querendo lançar a culpa sobre sir Lancelot, pelo contrário. Se o que suspeito for verdade, ele corre perigo.

— Da parte do povo de Avalon?

— Possivelmente, embora também haja outro. Não tenho dúvida de que sir Lancelot serviu ao rei Arthur dando o seu melhor. Entretanto, se não foi essa a ordem que recebeu de Avalon... — O padre calou-se.

— Não posso dizer mais. Porém se esse conflito não for resolvido será capaz de destruir sua mente.

— O que devo fazer? — Elaine perguntou. — Como posso ajudá-lo?

Bernard fitou-a com um olhar penetrante.

— Você não é alguém que recue ante um desafio, mas quero que tome cuidado. Creio que sir Lancelot é um bom homem, mas existem forças atuando, dentro e fora dele, que podem colocá-la em perigo.

— Acha que isso me importa?

— Não, mas é porque você está apaixonada — o ermitão respondeu com sarcasmo. — E, conseqüentemente, alheia à razão. Imploro que não faça nada impulsivamente. A melhor coisa a fazer é levá-lo a Corbenic e ficar perto dele. — Cobriu suavemente a mão de Elaine com a sua. — Ele é um rapaz afortunado, Elaine. Se tiver juízo, o tempo e Deus farão o resto.

Nos quinze dias seguintes, Elaine não percebeu sinais de loucura em Lancelot, somente a irritação natural de alguém que é forçado a ficar de cama até recobrar as forças.

— Por que não sai para tomar um pouco de ar? — ele disse a ela numa bela tarde, em que o cheiro da terra molhada pela chuva e de flores de maçã penetrava na caverna. — Faz tempo que está confinada aqui, e eu não sou boa companhia para ninguém. Ande — ele insistiu ao vê-la hesitar. — Eu ficarei bem.

Elaine saiu, pestanejando sob o sol. Demorou-se por algum tempo à margem do rio, respirando o ar fresco e conversando com o padre Bernard enquanto ele verificava as linhas de pesca. Voltava para a caverna com o cesto de peixes, quando ouviu vozes na clareira.

Avistou dois cavaleiros, muito parecidos um com o outro, jovens e de boa aparência. Um tinha cabelos castanhos, puxados para trás, o outro, dourados, soltos até os ombros.

O loiro disse, com firmeza:

— Eu lhe avisei que deveríamos ter virado à esquerda, no marco.

— Se não tivesse insistido em ir atrás daquela moça, não teríamos nos perdido — o outro retrucou, rispidamente. — Você é um miolo mole, Lionel. Um verdadeiro cavaleiro é firme em seus propósitos.

— O verdadeiro cavaleiro sempre toma o caminho desconhecido — Leonel replicou, com raiva. — Só covardes dão as costas a uma aventura! E eu lhe pedi desculpas, admiti que estava errado, e você as aceitou!

— Isso mesmo.

— Se é assim que perdoa, imagine se guardar rancor! Elaine saiu de trás da árvore.

— Bom dia, senhores cavaleiros — gritou para ser ouvida. Os dois calaram-se e a fitaram.

— Bom dia, senhorita. — Lionel endereçou-lhe um sorriso derretido. — Receio que tenhamos nos perdido neste bosque.

— Oh, não, senhor. Isto é, se vieram ver sir Lancelot, estão no lugar certo.

Os dois desmontaram imediatamente.

— A senhorita deve ser Elaine de Corbenic — disse Lionel, seus olhos percorrendo-a com interesse. — A Dama da Luva Vermelha. Gawain afirmou que era encantadora, e com toda razão.

— Sir Gawain é muito gentil — ela murmurou, timidamente.

Bors torceu as rédeas nas mãos.

— Lance está... Como está passando? — perguntou, sem fitá-la.

— Muito melhor — ela apressou-se em dizer —, apesar de ainda fraco.

— Dirá a ele que estou aqui? — Bors indagou.

— Eu o levarei até ele.

— Talvez Lance não queira me ver.

— Tenho certeza de que ele ficará muito feliz com sua vinda.

Ela seguiu para a entrada da caverna, cornos irmãos logo atrás dela.

— Está vendo, Bors? Não lhe disse que o encontraríamos?

— Não através de você.

— Mas chegamos. Você adora jogar meus erros na minha cara...

Uma risada débil, porém alegre, recebeu-os à entrada do rústico aposento de Lancelot.

— Devem ser Bors e Lionel. Trata-se ainda da mesma discussão que travavam da última vez que os vi, ou uma nova?

— Uma nova — Lionel disse, sorrindo, e parou diante do catre. — Você está parecendo um frango depenado, Lance. Não lhe dão de comer?

— Só mingaus.

— Hoje comerá peixe. — Elaine lhe mostrou a fieira. — Há bastante para todos. Ficarão aqui esta noite, não? — completou, dirigindo-se a Lionel.

Lionel não respondeu de imediato. Fitou o irmão, parado à entrada da caverna, olhando para os pés.

— Ficarão — Lancelot confirmou. — A menos que Bors esteja planejando ir embora sem me cumprimentar. O que está fazendo aí?

Bors ergueu a cabeça, os olhos marejados.

— Lance, sinto muito. Pode me perdoar? Eu não percebi que era você...

— Eu sei, Bors. Esse é o problema de andar disfarçado.

Bors atravessou o quarto em duas largas passadas para cair de joelhos ao lado do catre e abraçar o primo.

— Pensei que o tivesse matado.

— Bem, não matou. E eu não levaria isso pelo lado pessoal. — Passou o braço brevemente pelo pescoço de Bors antes de afundar de novo no travesseiro.

— Está vendo, Bors? — comentou Lionel. — Não lhe falei que ele o perdoaria?

Bors soltou uma risada engasgada, sentando nos calcanhares e enxugando os olhos.

— Ele não falou isso, ao contrário, afirmou que você nunca mais falaria comigo

— Não, o que eu disse foi que *eu* nunca mais falaria com você. Mas ele estava se sentindo tão miserável — explicou Lionel a Lancelot —, que resolvi relevar. Bors sorriu.

— Agora que eu o vi, sinto-me muito melhor.

— Todos têm sido cruéis com ele — Lionel prosseguiu. — Mas até Bors tem limites, e acabou perdendo a paciência. Adivinhe com quem? Justo com a rainha.

Elaine notou que Lancelot e Bors ficaram tensos.

— Bors gritou com ela. — Lionel riu e continuou:

— Acredita nisso? Todos ouvimos. Ninguém sabia que Bors estava na antecâmara da rainha, até a porta se abrir e ele aparecer gritando.

Elaine desviou o olhar para Lancelot, cujos olhos estavam fixos na chama da vela. Bors fez uma carranca para o irmão, mas Lionel seguiu adiante com a narrativa.

— A rainha saiu atrás dele, chorando e dizendo: *Então é verdade que sir Lancelot...* Foi constrangedor. Ela entrou novamente e bateu a porta nas nossas caras. Bors não contou a ninguém sobre o que conversavam, mas ficou claro que se tratava do último boato...

— Não estou interessado em fofocas — Lancelot falou sem rodeios.

— Bom, eu não... — Lionel calou-se, e virou para fitar Elaine. Levantou-se, e dirigiu um olhar suplicante ao irmão.

Bors estava quase tão pálido quanto Lancelot. Abriu a boca para falar, mas desistiu.

— Espalharam um boato de que Bors o matou para herdar Benwick — Lionel prosseguiu. — Não é ridículo? Benwick nem é sua e, mesmo que fosse, Bors não iria matá-lo por isso. — Deu um sorriso amarelo. — Quero dizer... É isso o que dizem...

Bors acabou por encontrar a voz.

— Cale a boca, Lionel.

— Sim, vou me calar. É melhor irmos e deixarmos você descansar um pouco, Lance. Sinto muito se o cansei. Minha língua ainda me destruirá. Mas eu não... Não deveria ter falado sobre...

— Milady — Bors dirigiu-se a Elaine —, há um lugar onde possa trancafiar meu irmão para que ele não cause mais problemas? Alguma cela úmida e escura?

— Sim — Elaine reagiu. — Isto é, não... Por que não vão lá fora para conhecer o padre Bernard e beber alguma coisa enquanto eu levo isto aqui para minha criada?

— Elaine — Lancelot a chamou da cama. — Você fica.

— Mas...

— Permita-me. — Bors tomou-lhe os peixes das mãos. — Encontraremos o padre por nós mesmos.

Elaine limpou as mãos na saia, ciente do cheiro de peixe que se impregnara nela. Tudo não tinha passado de um sonho, pensou. Havia acreditado que Lancelot, de fato, iria com ela para Corbenic, mas agora tudo mudara. Ele estava melhor, cada vez mais forte, logo não precisaria mais de sua companhia. Voltaria a Camelot, onde a rainha, certamente, aflita, esperava por ele.

Guinevere. O próprio nome tinha o poder de drenar a felicidade de seu dia. Guinevere, a mais bela mulher da Grã-Bretanha. Guinevere, a jovem rainha radiosa, encantadora, inteligente e alegre, que todos os homens desejavam, mas que tinha olhos apenas para um homem.

Aquele que jazia numa cama diante dela, nu sob as cobertas. O rosto perfeitamente esculpido, revelando a perfeita harmonia da testa, face e queixo. Era de uma beleza intensa, que nem mesmo a longa enfermidade conseguiu prejudicar. Não era de se admirar que Guinevere o desejasse. Qualquer mulher desejaria.

Não eu. Eu me recuso a ser reduzida a uma patética nota de rodapé na história de Lancelot e Guinevere, apenas mais uma donzela na vida do grande Du Lac.

— Lionel é um tolo — Lancelot falou de repente.

— Ele não é hipócrita — Elaine afirmou, sem rodeios. — Eu o achei encantador.

Lancelot deu um sorriso melancólico.

— Você alguma vez tentou pôr fim a um boato? Cale-se, e a condenarão. Proteste, e a condenarão também. Tenho inimigos na Corte que não se atrevem a me desafiar diretamente, portanto sujam o meu nome.

Dizendo a verdade? A pergunta tremeu nos lábios de Elaine, mas ela não se atreveu a fazê-la.

Fui mandado para servir o rei Arthur, ele dissera, mas, por outro lado, havia Guinevere...

— Compreendo. Descanse um pouco. O jantar deve estar pronto...

— A rainha e eu chegamos à Corte quase ao mesmo tempo — Lancelot continuou. — Tínhamos a mesma idade, e sempre cumpríamos nossos deveres para com o rei em parceria. Não nego que a rainha é minha amiga: nossos temperamentos se assemelham, rimos das mesmas coisas, principalmente da vida na Corte, que, na maioria das vezes, é bastante ridícula. Dei-me conta agora de que nem sempre fomos discretos em nossas conversas.

Elaine recordou-se do dia em que Lancelot jogara seu humor irônico sobre Gawain, que ela ainda não conhecia. Concluía agora que os gracejos, além de indelicados, haviam sido também injustos. Se a rainha fosse tal como ele, não era de admirar que tivessem angariado vários inimigos.

— Elaine, eu me envergonho desses boatos. Minha única desculpa é que eu era jovem e tolo, e a vida na Corte me era estranha.

Ela queria muito acreditar em Lancelot. Tanto, que até se assustou com a intensidade daquele querer.

— Não é necessário explicar nada — ela murmurou. — Quando voltar à Corte...

Ele baixou os olhos, a expressão desalentada.

— Ah... Vejo que você reconsiderou seu convite.

— Não, claro que não. Você ainda é bem-vindo em Corbenic. Mas, assim que estiver melhor...

— Não vou voltar para a Corte.

— Mas seu dever para com o rei...

— A Grã-Bretanha está em paz, o rei não necessita de mim.

O coração de Elaine deu um salto. Ele não retornaria à Corte nem a Guinevere.

— Regressará a Benwick?

— Não. Tenho um castelo em Norhaut, que um dia foi chamado de Dolorous Gard, o Jardim Doloroso. Eu o ganhei de presente anos atrás, mas nunca coloquei meus pés lá. — Hesitante, ele concluiu: — Gostaria de mostrá-lo a você, se quisesse.

Impossível não entender o significado daquela frase. Lancelot desejava compartilhar algo com ela, não com Guinevere.

Talvez não fosse como Guinevere em graça, ou encanto e beleza, mas tinha qualidades para lhe dar um lar e filhos, tanto quanto a tranqüila segurança pela qual ele ansiava. Lancelot gostava dela, Elaine tinha certeza disso, com o tempo, a lembrança de suas tolices da juventude iriam se desvanecer.

— Sim — ela respondeu — eu quero visitá-lo. Mas não até que você esteja completamente curado. Agora durma. Eu o acordarei assim que o jantar estiver pronto.

Lancelot tentou alcançar a botija de água ao lado da cama. Suas mãos tremiam. Abandonou o intento e tombou sobre o travesseiro.

Elaine não acreditara nele.

Prometera a si mesmo que jamais mentiria para ela e não que trairia Guinevere. Duas promessas que estava cumprindo.

Pobre Guinevere. Como estaria se saindo sem ele?

Aparentemente nada bem. Restava-lhe apenas confiar em si mesma, e em Arthur.

Havia algo errado com aquele casamento, embora ele não soubesse exatamente o quê. Arthur ficara encantado com a noiva. Guinevere, por sua vez, apaixonara-se por ele antes mesmo de se casarem. Tinham se conhecido alguns meses antes das núpcias, quando Arthur fora ajudar o rei Leodegrance a defender Cameliard, que havia sido atacada.

— Conte-me tudo sobre ele! — Guinevere pedira a Lancelot, que havia sido destacado para levá-la a Camelot. — Quais são seus gostos, passatempos, paixões? Oh, sei que é um grande guerreiro, mas ele gosta de música? Sabe dançar? Ouviu-o cantar ou tocar algum instrumento? Ele é instruído, ou um desses homens que zombam da palavra escrita? Qual é seu prato favorito?

— Como vou saber? — Lancelot respondera, rindo. — Por que você mesma não perguntou a ele todas essas bobagens?

— Eu o encontrei duas vezes, e somente numa delas conversamos. Além do mais, ele estava muito ferido, e naquela ocasião, não me passou pela cabeça que ele seria...

— Não me diga que já está apaixonada?

— Claro que não! Como poderia, depois de um encontro?

— Você disse dois — Lancelot ponderara. — Como foi o primeiro?

— Nada demais. Uma noite, eu o vi de uma das ameias. Não sabia quem era ele, tampouco ele me conhecia. Foi apenas um olhar, nada mais.

— Hum... Isto me soa suspeito, e muito romântico. Tente ficar calada até que os votos sejam pronunciados. Assim ele só saberá que tola é você quando for tarde demais.

Guinevere ficara em silêncio, Lancelot inclinara-se, estudando-lhe a expressão.

— Foi só uma brincadeira, Guinevere.

Ela rira um riso falso, virando a cabeça para o lado.

— O que foi? Algo errado? — ele perguntara.

— Papai... Fez uma cena terrível antes de eu partir.

Lancelot pôde bem imaginar, ele próprio fora vítima de um ato insano cometido pelo pai dela. Como enlouquecido, Leodegrance o atacara, numa tentativa frustrada de atingi-lo com a espada. Desarmado, rompera a chorar, expondo-se a uma situação grotesca. Depois, contara-lhe uma história.

Leodegrance, recém-casado, chegara à Gália para visitar o rei Ban, seu querido e fiel amigo. Convocado de volta à Grã-Bretanha por Uther Pendragon, deixara a esposa aos cuidados de Ban, esperando voltar em questão de semanas. Porém, os saxões tinham atacado, e Leodegrance ficara para lutar. Ao retornar, um ano mais tarde, encontrara a esposa grávida. Esta lhe jogara na cara preferir ser a amante de Ban a continuar sendo sua esposa.

Contudo, ela infelizmente não sobrevivera ao parto. A criança, Guinevere, fora levada para um convento.

Leodegrance casara-se mais duas vezes. Três rainhas mortas depois e sem nenhum herdeiro, deparara-se um dia com a filha já adulta à sua porta. Antes que tivesse tido tempo de resolver o que faria, Cameliard fora atacada. O rei Arthur vira a moça e se encantara com ela, provocando em Leodegrance uma crise de consciência. Mais tarde,

com grande relutância, ele acabara por concordar em dar a mão de sua filha ao soberano.

Lancelot ouvira aquela conversa incoerente com desgosto. Que diferença fazia para ele saber quem era o pai da moça, uma vez que Arthur a desejava?

Mencionara a Elaine que ele e Guinevere tinham temperamentos semelhantes. E era de fato. Uma hora após se conhecerem, os dois já terminavam as frases um do outro. Logo, palavras não eram mais necessárias, o arquear das sobrancelhas ou um gesto de mão bastava para se entenderem.

Na chegada a Camelot, parecera a Lancelot que sempre haviam se conhecido. Guinevere podia ser, e quase sempre era, arrogante e impaciente. Mas eram defeitos iguais aos seus, e ele os aceitava com divertida indulgência. Ou a princípio fora assim. Aos poucos, porém, percebera o quanto ela era voluntariosa e impulsiva. Ligado a ela por juramentos inquebrantáveis, submetia-se ao silêncio, à obediência e a ficar perto dela, enquanto ela se incumbia de destruir sua amizade com Arthur.

O que dera errado naquele casamento? Arthur jamais comentava sobre seus assuntos particulares com ninguém, exceto talvez com seu confessor. Guinevere, por outro lado, recusava-se a admitir que algo não ia bem. No entanto, os sinais eram evidentes: a risada estridente, os olhos muitos brilhantes, os divertimentos extravagantes. Ela flertava descaradamente com todos os cavaleiros da Corte. Embora alguns poucos a considerassem indecente e ridícula, a maioria sucumbia ao seu charme.

Lancelot concluía, porém, que só um homem lhe interessava: Arthur. Entretanto, quanto mais Guinevere tentava conquistar-lhe a atenção, mais ele se afastava da bela, volúvel e intrigante criatura com quem se casara. Desse modo, Guinevere ligara-se a seu único amigo, que lhe preenchia o vazio da existência.

Lancelot a protegia, sempre apavorado ante a próxima tolice que ela cometeria. A única coisa que ele não lhe perdoava era o fato de ter envenenado seu relacionamento com Arthur, o irmão que ele sonhara ter, o pai que não conhecera, o melhor amigo.

Afastando-se dos dois, torcia para que eles se voltassem um para o outro.

Quando Elaine entrou, pouco mais tarde, com um prato de peixe fresco e verduras, ele fingiu que dormia. Não viu ninguém até o dia seguinte, quando Bors o procurou para se despedir.

— Partindo tão cedo?

— Prometi ao rei que retornaria tão logo tivesse notícias suas. Ele está muito preocupado.

— Eu sei. Diga-lhe que estou me curando. Bors concordou e calçou as luvas.

— Ele ficará feliz em saber. Quando pretende voltar?

— É melhor — Lancelot disse, com cautela — que não me esperem.

— Padre Bernard acha que levará ainda algumas semanas até você se restabelecer totalmente. Mas o rei me perguntará sobre seu retorno. Um mês talvez?

Lancelot meneou a cabeça.

— Seis semanas, então?

Com o passar do tempo, Arthur compreenderia que ele não voltaria mais. Melhor deixar que a constatação viesse gradualmente.

— Transmita-lhe meus cumprimentos, Bors.

— E à rainha? — Bors perguntou baixinho. — Não vai mandar nenhum recado a

ela?

— Diga à rainha que lhe envio minhas recomendações. Exausto, virou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos.

— Está bem, Lance.

Bors voltou-se para sair e, a meio caminho, parou.

— Você está agindo certo. Deus o recompensará por isso.

— Ore por mim.

— Seria melhor que você mesmo o fizesse. Lancelot esboçou um sorriso débil.

— Faça isso por mim, Bors.

— Fique tranqüilo — Bors respondeu, com um suspiro. — Adeus.

— O que há com essas moças? — Elaine perguntou a Brisen, irritada. — Ei, cuidado! Estão arrastando esse lençol na lama!

Rindo como tresloucadas, as três mocinhas pegaram o lençol que pingava, estendendo-o sobre um arbusto. O dia estava quente e uma brisa soprava constante, ideal para trocar as roupas de cama, lavá-las e alvejá-las ao sol, e arejar os colchões.

Brisen riu, divertida.

— Simples imaturidade. É que sir Lancelot está se exercitando no pátio.

— Está? — Elaine olhou para o pátio de exercícios. — Acha que ele deveria? Não é cedo ainda para isso?

— Espero que ele tenha o bom-senso de parar quando sentir dor — Brisen respondeu. — Acho melhor você ir até lá.

— Sim, também acho.

— Tire o avental — Brisen sugeriu, brandamente. Elaine desfez-se do avental com rapidez. — Voltarei em um instante.

Além de Lancelot, Torre também se exercitava no pátio. O poste de exercício fora colocado no centro da quadra e Torre investia contra ele com uma lança. Acertou-o em cheio, e o arcabouço rodopiou e caiu, acertando-o com um golpe de resvalo no ombro. Ele continuou sobre a sela, contudo, e trotou na direção de Lancelot.

— Gostaria de se juntar a mim? — Lancelot perguntou, girando nas mãos uma espada de madeira.

Torre hesitou, mas desmontou e respondeu, com ar de descaso:

— Por que não?

Lancelot exibiu uma complicada série de movimentos. Torre, depois de fracassar umas duas vezes, conseguiu imitá-lo. Saía-se surpreendentemente bem, Elaine pensou. Não com a agilidade de Lancelot, sem dúvida, adquirida com a prática de longo tempo. Depois de meia dúzia de repetições, Torre cambaleou e deixou cair a espada.

— Faz isso com frequência? — perguntou, enquanto seguia mancando até um balde com água pendurado no portão.

— Todos os dias. Investir, recuar, investir, virar. — Lancelot girou a espada acima da cabeça, e, com os joelhos dobrados, baixou-a, depois tornou a erguê-la novamente e atingiu o alvo feito de palha. Descansou a espada no chão, o peito arfando. — Cem

vezes. Mais do que isso os músculos não agüentam. Terei sorte se hoje conseguir umas vinte.

— Quem o treinou? — Torre perguntou, oferecendo-lhe uma concha com água.

Lancelot lavou a boca e cuspiu, jogando o restante da água sobre a cabeça.

— Um parente de minha mãe adotiva. Ele ria de mim se me visse agora.

Tinha arregaçado as mangas da camisa, que lhe grudava no corpo, revelando os contornos da rija musculatura do peito e dos ombros. Elaine voltou-se ao ouvir risinhos fortuitos, deparando-se com várias criadas debruçadas sobre a cerca. Torre as viu também e fez uma carranca.

— Já basta! — Elaine exclamou, enxotando-as. — Voltem ao trabalho. E chega para você também — disse, voltando-se para Lancelot.

— Estou fraco como um gatinho — ele zombou, com ar malicioso.

— Vá até o rio — ela o aconselhou — e descanse um pouco.

— Só se você for também.

— Alguém precisa trabalhar aqui. Talvez quando eu tiver terminado...

— Levará comida? — Lancelot indagou, esperançoso. Ela sorriu.

— Pode ser.

— Você vem, Torre? — Lancelot perguntou, encostando a espada à cerca.

— Não. — Torre montou em seu cavalo. — Tenho... Negócios a resolver na vila.

— Negócios... — Elaine resmungou. — Na cervejaria, eu aposto.

Lancelot sorriu.

— O que ele realmente precisa é de uma mulher.

— Ora, ele tem muitas!

— Eu me refiro a uma esposa. Alguém como... Brisen, por exemplo. Ela é caidinha por ele, não é?

Elaine suspirou.

— Até você percebeu. Acho que o único que não notou até agora foi Torre.

— É uma pena, ela lhe faria bem — ele falou baixinho.

— E desde quando os homens se interessam por aquilo que é bom para eles?

Lancelot a encarou, sério.

— Não somos tão tolos, você sabe. E, então, vai descer comigo até o rio?

— Sim — ela respondeu, virando-se para esconder o súbito embaraço. — Quando estiver livre.

Lancelot mergulhou nu e gemeu ao sentir a água gelada. Sempre fora bom nadador, mas os exercícios no pátio o deixara cansado. Ao menos foi um começo, ele pensou.

Que vai levar a quê? Subiu na pequena doca e esticou-se ao sol. A pergunta que descartara durante aquelas últimas semanas exigia uma resposta. Aonde iria agora? O que faria? Seu tempo como cavaleiro estava terminado. Arthur havia acatado sua ausência com um silêncio que dizia mais do que qualquer palavra. Tendo servido ao rei, recusava-se a oferecer sua espada a um homem inferior a ele.

Nada entendia de agricultura e cultivo, muito menos de ser senhor de um domínio. A ideia de viver em Dolorous Gard levava-o ao desespero. O que faria lá? Como preencheria seus dias?

A menos que Elaine fosse junto... Essa constatação o fez refletir.

Deixara os dias passar, deleitando-se com as atenções de Elaine. Não tinha dúvida de que a amava, e ela a ele. Mas esse amor seria suficiente para aceitá-lo como ele era?

Ou será que ela amava o homem que acreditava que ele fosse?

Vestindo-se, imaginou o que Elaine pensaria quando soubesse a verdade sobre o grande Du Lac, quando ele lhe contasse que suas vitórias, em particular aquela sobre Gawain, não tinham sido obras suas, de fato, porém conseguidas graças aos feitiços da Dama do Lago que, desgostosa com suas atitudes, o tinha renegado.

Elaine não teria o direito de fazer o mesmo? Ele era uma fraude, oco como um caníço, tal qual o Cavaleiro Verde o chamara. Tinha sido estúpido ao jogar fora a única chance de ter grandeza, e redimir o longo sofrimento e a morte solitária de sua mãe. Arthur, que lhe dera tanto, fora privado do protetor mágico concedido a ele pela Dama do Lago.

Lancelot enterrou o rosto entre os braços. Tinha tido oportunidade de servir o maior rei que o mundo já conheceria. Seu destino seria glorioso, assim como a Dama do Lago vaticinara, certamente o mais belo já oferecido a um mortal. Porém não fora capaz de conservá-lo.

Perdera tudo, a não ser Elaine. Se ela também o recusasse, ele estaria acabado.

Covarde. Esta noite você a pedirá em casamento e acabará com seu tormento.

E se ela respondesse "não"... Não. Não iria pensar nisso. Ao contrário, imaginou um fim para a tortura de estar perto dela todos os dias, sem nem mesmo ousar beijá-la.

Imaginou-a como naquele dia à beira do rio, em seus braços. Os pensamentos, porém, logo se tornaram sonhos.

O sol já se punha quando Elaine conseguiu escapar com uma pesada cesta no braço.

Encontrou Lancelot dormindo na doca diante da casa de barcos, com um leve sorriso a lhe curvar os lábios. Quando ela se aproximou, ele acordou e espreguiçou-se languidamente, o sorriso se alargando ao avistá-la.

— Então, você veio finalmente. Pensei que morreria de fome!

Elaine depositou a cesta no chão, entre os dois. Tirou dela um filão de pão, queijo, um pote de mel e metade de um frango assado.

— Um banquete! — ele exclamou, servindo-se de uma perna do frango.

Elaine meneou a cabeça, sorrindo conforme espalhava uma camada de mel sobre um pedaço de pão.

— Foi acostumado na corte a comidas bem melhores do que estas. Sei que gosta de pratos finos, Lembro-me de que, quando você estava doente, tinha desejo de comer fígado de ganso e pavão assado, bolos e pãezinhos doces.

— Sim, mas não podia comê-los.

— Mas agora pode.

— O que quer dizer, Elaine? Está planejando me oferecer um banquete?

— Você gostaria?

— Não exatamente. Prefiro o que me trouxe, e você aqui: comigo.

Ela sorriu, tensa.

— Você está habituado com o que há de melhor.

O sol ainda clareava a copa das árvores, mas o rio estava em sombras. Elaine quase não conseguia divisar a outra margem.

— Há algo de errado com isso?

— Claro que não. Mas é que depois de ter experimentado tais pratos, a vontade sempre vai estar lá, não é certo?

Ele se postou de joelhos diante de Elaine, passou os braços em torno de seu pescoço enquanto a puxava para si.

— Você é mais doce que bolos, mais embriagante que o vinho mais caro da Gasconha, mais exótica do que qualquer pavão que já tenha experimentado — sussurrou, pousando um leve beijo em seus lábios. — E... — recuou, fitando-a com ar divertido — tão tolinha quanto uma pavo! Quem enfiou tais bobagens em sua cabeça?

Elaine riu.

— Ah, eu me referia ao que você disse antes... A respeito de Torre...

— Quando você mencionou que os homens não se interessam pelo que é bom para eles? E se o que é bom para eles fosse alguém a quem desejassem acima de tudo na vida?

Então ele a desejava? Aquela tinha sido a primeira vez que ele a beijara desde que haviam voltado a Corbenic. Mas Lancelot afastou-se, o que a fez sentir-se confusa.

Não deve ter se referido ao mesmo tipo de desejo que sinto por ele, senão não teria recuado.

— O que está insinuando, Elaine? — ele insistiu, gentilmente. — Esse é o seu jeito de sugerir que eu volte à Corte?

Você quer? É Guinevere que o faz ficar tão triste? É nela que pensa quando me beija?

— Agora é você que está sendo tolo — ela retrucou com voz dura e vacilante. — Sabe que é bem-vindo aqui pelo tempo que quiser ficar.

— Obrigado — ele agradeceu e, embora sorrisse, sua voz soou estranhamente indiferente. — Bem, então, vamos embora?

Tomou-lhe a mão para ajudá-la a levantar e continuou a segurá-la enquanto desciam a trilha.

— Eu não deveria ter retido você aqui fora até tão tarde — disse ele em tom contrito, quando a escuridão da floresta se fechou em torno deles.

— Não tenho medo — ela respondeu. E era verdade. Com ele á seu lado, nada a assustava. Mas até quando?

A meia distância de Corbenic, Lancelot parou bruscamente, tenso, e ergueu a cabeça como se tivesse ouvido algo.

— O que foi? — ela perguntou.

— Não ouve o som de cornetas?

Elaine sentiu um calafrio correr pela espinha.

— Ouço o vento nas árvores .— murmurou. — Nada mais.

— Que noite é a de hoje? — ele perguntou. — Sim... É a noite do solstício de verão. Não deveríamos estar fora, não quando há caçadores por aí.

— Lancelot, não fale assim. Você está estranho.

— Estou? — Ele deu um sorriso forçado. — Sim, eu me sinto estranho... — Atraiu-a para si, afundando o rosto em seu pescoço. — Abrace-me, Elaine, fale comigo... Da colheita, do novo touro, de qualquer coisa.

— Fique calmo — ela pediu, afagando-lhe os cabelos com ternura. — Está tudo bem. É apenas o som do vento balançando as folhas, nada mais.

Lancelot ergueu a cabeça.

— Eles estão perto agora, está ouvindo? Elaine, diga que está ouvindo as cornetas e o ladrar dos cães!

— Não! — Ela se irritou. — Não estou! Talvez seja você queira ouvi-los. Oh, Lancelot, não está feliz aqui comigo?

— Sim, estou feliz, claro que estou. É que às vezes... Você se lembra de quando lhe disse que seria um grande cavaleiro?

— Sim, e você é. É o Primeiro Cavaleiro da Grã-Bretanha.

— Não! Eu queria ser o melhor que já houvera ou que haveria um dia. Conte-lhe como eu era quando cheguei a Camelot, orgulhoso, grosseiro... Mas eu ignorava muitas coisas. Eu não sabia o que era ter uma família, não entendia o que era lealdade nem cortesia, não conseguia conversar com ninguém. Nunca me ensinaram essas coisas, nunca me mostraram como conviver com as pessoas. Eu vivia sempre sozinho. Dizia a mim mesmo que isso não me importava, porque eu sabia bem o que viria a ser. E agora... — sua voz fraquejou.

Elaine segurou as mãos dele nas suas.

— O que fizeram com você foi errado, mas infelizmente não há como mudar isso. A única coisa que importa é o que você faz agora. Como vai ser, Lancelot? Vai voltar a Camelot? É isso o que quer?

— É tarde demais para voltar. — Ele se inclinou e beijou-lhe as mãos. — Estarei bem, contanto que a tenha a meu lado. Você é essencial para mim.

Nesse momento, Elaine ouviu um som. Talvez fosse o vento soprando nas copas das árvores, ou o canto de um rouxinol, ou o som leve de uma corneta à distância. O luar incidia sobre o rosto de Lancelot, emprestando-lhe uma beleza sobrenatural. Elaine abraçou-o pelo pescoço e roçou os lábios nos dele.

Ele a beijou como nunca o fizera, com uma selvageria feroz e possessiva. Elaine sentiu-se derreter pelo fogo da paixão. Lancelot afagava-lhe os cabelos com uma das mãos, enquanto a outra deslizava de encontro aos seios. Ela gemeu languidamente ao sentir o toque macio em suas costas, puxando-a pelos quadris de encontro ao corpo másculo. Ele se afastou e a fitou, os olhos queimando de desejo.

Sim, ela respondeu com o olhar, sem parar para refletir. A boca de Lancelot encontrou a sua outra vez, e ela se deixou envolver pela doce treva daquele beijo, rendendo-se à magia de suas carícias.

Elaine tremia de excitação, ansiedade e temor, para no momento seguinte,

esquecer-se de tudo. Riram como duas crianças, ambos aflitos para desatar os laços e as amarras de suas roupas. Quando a última peça de roupa foi descartada, e os dois, nus, jogaram-se sobre a grama, a alegria se apagou.

Num átimo, Lancelot estava sobre ela. O luar banhava os músculos encordoados de seus braços e lançava sombras fantasmagóricas em torno de sua cabeça. Seus olhos eram um poço de escuridão. Embora imóvel, expectante, ele tremia.

Ele era seu, só seu. Elaine sorriu, arrebatada pelo gemido que irrompeu das profundezas da alma de Lancelot. Instintivamente, ergueu os quadris, tomando-o dentro de si com um grito, mescla de dor e triunfo.

Ele a penetrou por inteiro, tão fundo que Elaine teve medo de ser dilacerada, e seu triunfo transformou-se em medo.

— Não se amedronte, Elaine — ele sussurrou entre seus cabelos. — Não vou machucá-la. — Investiu outra vez, e ela retesou-se, os punhos fechados. — Oh, Deus, Elaine, não consigo... Sim, querida, sim...

Por um instante ela pensou que iria morrer, porém, de repente, ele relaxou, caindo sobre ela como se desfalecido, a face encostada em seus seios. Deus fosse louvado! Acabara. Lancelot não se mexia, e ela não quis perturbá-lo, temendo que ele começasse tudo de novo. Estava certa de que não conseguiria sobreviver a um segundo avanço.

Mal se atrevia a respirar, até que Lancelot escorregou para fora dela. Uma onda de alívio a inundou, embora mesclada com um sentimento de decepção. Talvez fosse uma daquelas mulheres que não encontravam prazer no amor físico. Nunca esperara ser uma delas. Na verdade, imaginara que a diferença se fazia na escolha. Ela havia escolhido Lancelot, e sem dúvida o desejava. No entanto, pareceu-lhe não ser o desejo a peça fundamental que a levaria à satisfação.

Mesmo assim, sentiu-se recompensada por tê-lo tão próximo, e uma ternura infinita a envolveu, quando ele afastou seus cabelos da testa, os lábios macios e quentes beijando-lhe os seios, mordiscando os mamilos.

Ela estremeceu, movendo-se inquieta embaixo dele, a dor entre as pernas pulsando no mesmo ritmo de seu coração. Ela deu um grito, arqueando-se para cima, ao experimentar a sensação da língua de Lancelot correndo pelo mamilo e tomando-o na boca, a mão calosa acariciando suas coxas, um dedo mágico contornando sua intimidade.

Por favor, por favor... Sem saber pelo que pedia. Lancelot tocou delicadamente o centro de sua feminilidade, ao mesmo tempo em que a boca ávida cobriu a sua, a língua mergulhando, acompanhando o ritmo do dedo, acelerando-se com a reação dos movimentos de seus quadris.

— Por favor... — ela murmurou baixinho. — Oh, Lancelot! Sim. — Essas palavras incitaram-no a continuar, até o momento em que o mundo de Elaine explodiu em chamas incandescentes.

— E pensar — falou ela momentos depois, em tom sonhador — que eu tinha concluído que era imune a tal prazer.

Ele riu baixinho e a fitou.

— Elaine, case-se comigo.

— Oh, sim — ela respondeu, traçando-lhe o contorno dos lábios com o dedo. — Já disse que você tem uma boca maravilhosa?

— Não, deve ter se esquecido. Seus seios são belos — ele inclinou-se para beijar cada um deles —, e eu tenho absoluta certeza de que não mencionei isso antes. Mas

pensei muitas vezes que seriam. Quando você se sentava ao lado de minha cama e punha compressas frias em minha cabeça, eu costumava imaginá-la justamente como está agora.

— Como assim?

— Você não percebeu? Pensei que tivesse se dado conta de que eu ficava sempre... Assim. — Lancelot levou a mão dela ao membro ereto. — Cada vez que você me tocava, era impossível não reagir. Ela riu, fitando-o.

— Nunca notei. — Desatou a rir diante de sua expressão pesarosa. — E, mesmo que tivesse notado, não iria compreender. É extraordinário, não é? — ela completou, tocando-o novamente. — Nossa Senhora! Por isso doeu tanto!

— Sinto muito. Dizem que a primeira vez é sempre dolorosa.

— Hum... E para você? Como foi?

— Nada doloroso. Oh, Deus, Elaine, espere, é melhor parar. — Pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios. — Houve um instante em que pensei que ia morrer de prazer. Você não sentiu isso também?

Elaine aconchegou-se ao peito largo.

— Sim. Mas por outro motivo. Temi que você... que ele... não coubesse. Mas depois você... — Ela escondeu o rosto na curva do pescoço dele. — Foi como se estivesse voando — completou com a voz abafada. Lancelot riu, beijando os cabelos sedosos.

— É só uma questão de tempo, que teremos de sobra quando estivermos casados, para nos encaixarmos perfeitamente.

Quando estivermos casados. Elaine estremeceu, deitando-se ao lado dele e pousando levemente a mão sobre a cicatriz no peito, observando sua respiração voltar ao normal. Ele de fato dissera aquilo? E ela aceitara naturalmente, sem pensar duas vezes.

Ela sentou-se com as pernas cruzadas. Lancelot esticou-se na grama com um braço dobrado sob a cabeça, o luar banhando-lhe os contornos rijos do corpo com seu brilho prateado. Uma nesga de sorriso ainda se mantinha nos lábios lindamente modelados. Num impulso, ela se inclinou e o beijou.

Sem qualquer inibição, Elaine admirou aquele rosto de contornos firmes, o queixo largo, os maxilares salientes, as encantadoras covinhas.

Seria possível que algum dia se cansasse de contemplá-lo? Talvez em dez ou vinte anos... Não, ela jamais se cansaria de admirá-lo.

Um ruído no bosque interrompeu seu devaneio. Elaine trouxe os cabelos para cima dos seios e se voltou, ruborizada, porém sem medo, para enfrentar o que quer fosse.

Ouviu sons abafados que vinham da clareira. Arquejante, notou passadas na grama e teve a impressão de ter visto a barra de um vestido colorido deslizando sobre pés calçados em sapatilhas bordadas com pedrarias. De repente, a imagem sumiu, restando apenas dois trechos de grama amassada, o farfalhar de folhas e um brilho de olhos esverdeados.

— Quem está aí? — ela perguntou com voz tensa. Lancelot acordou assustado, erguendo-se nos cotovelos.

— O que foi, Elaine? — Dirigiu o olhar para além dela, e seu olhos se arregalaram.

— Quem é? — ela indagou, perscrutando a clareira.

— O que viu, Lancelot?

— Nada — ele respondeu com ar de preocupação.

— Não se preocupe. Não há ninguém ali.

Ele a puxou para si, e Elaine entregou-se ao abraço, confiante.

— Mas, e se a chuva não parar? — Elaine perguntou a Will, espiando pela porta do celeiro. — Teremos de trazer o feno para dentro.

— Não, milady. O feno poderá provocar fogo. Precisamos esperar a chuva passar.

Lancelot recostou-se ao batente da porta, um braço cruzado acima da cabeça e os cabelos molhados caindo na testa.

— Will, o que acha de darmos um descanso aos rapazes? Digamos uma hora, talvez duas...

Em instantes todos saíram, com exceção de Elaine e Lancelot.

— Não consegui dormir a noite passada — disse Lancelot.

— Uma caneca de leite quente teria sido de grande ajuda.

— Não era de leite quente que eu precisava. — Ele abaixou o braço e foi até ela, tirando-lhe a touca da cabeça. — Fiquei deitado mirando a lua, lembrando o pôr do sol no moinho e um certo som que escapou de sua boca...

Desmanchou-lhe a trança rapidamente, correndo os dedos pelos cabelos soltos, as mechas reluzindo em suas mãos.

— Sabe a que me refiro, não? Foi quando...

— Sim, eu sei — ela respondeu depressa e ruborizada, recordando-se das andorinhas que saíram voando debandadas pelo seu grito. Ela rira e enroscara os braços ao redor do pescoço de seu amado, sentindo a respiração quente e rápida em seu pescoço.

— Gostei daquele som — ele continuou, enrolando um cacho dos cabelos dourados em seu pulso. — Gostei demais, Elaine. Quanto mais penso nele, mais anseio ouvi-lo outra vez. — Apertou-a em seus braços, fazendo-a ouvir as batidas de seu coração. — Você o repetiria para mim?

— Talvez. Não posso prometer...

— É um desafio?

Lancelot abaixou-se e agarrou-a pelos joelhos, jogando-a sobre o ombro e seguiu rapidamente para a escada que levava ao palheiro.

— Ponha-me no chão! Você vai se machucar!

— Tarde demais. — Ele dobrou os joelhos e deitou-a na forração de palha. Inclinou-se sobre ela e, com os lábios, a língua e as mãos, iniciou uma doce e voluptuosa exploração de seu corpo.

— Assim?

Uma trilha de suaves beijos desde os mamilos até o umbigo fez Elaine gemer baixinho.

— Ou assim?

Os beijos escorregaram para seu ventre e ela arquejou. Lancelot ergueu a cabeça e fitou-a com os olhos semicerrados.

— Não? Ou isso foi um "sim"?

Sem lhe dar trégua, debruçou-se sobre ela, numa busca mais ousada. Elaine gritou e arqueou o corpo. Lancelot riu.

— Ora, esse foi com certeza um sim. E quanto a isto? — perguntou com falsa seriedade.

Como sempre acontecia antes de tomá-la, ele excitou-a o quanto pôde até senti-la pronta para recebê-lo. E quando a penetrou, ambos alcançaram o pico do prazer, dois corpos num só, atingindo o clímax ao mesmo tempo, num grito unissonante.

— Hum... — Lancelot resmungou momentos depois.

— O que foi? — Ela murmurou, sonolenta.

— Daqui a uma quinzena você será minha para sempre.

— E?...

— E faremos amor num lugar mais adequado: numa cama. Com travesseiros.

Ela riu, lembrando-se da visita ao castelo de Lancelot, e das horas que tinham passado no aposento do senhorio. Uma brincadeira com um dos travesseiros que jaziam sobre uma imensa cama levava-os a outra, bem mais interessante.

Elaine suspirou.

— Adoro travesseiros. Sim, quero ter dúzias deles. E onde iremos morar?

— Pensei em Joyous Gard — Lancelot respondeu, suas mãos a deslizar preguiçosamente nas costas dela.

Com um sorriso, ela se recordou do momento em que ele assim chamara o lugar quando juntos olhavam os campos através de uma ameia, o corpo radiante e agradecido pelas brincadeiras na cama.

— Agrada-lhe? — ele perguntou.

— Oh, sim, muito. É adorável. Só que... Antes eu gostaria de ver a colheita começar!

— Seja feita sua vontade. Joyous Gard não vai sair do lugar.

— Fala sério?

— Não tenho nenhuma pressa para me mudar, já que é lá onde passarei a eternidade.

— O que quer dizer com isso?

— Minha tumba já está construída. Tem até uma placa com meu nome e minha linhagem.

Elaine sentiu um arrepio percorrer sua nuca. O castelo estava praticamente em ruínas, e ele se preocupava em fazer sua própria tumba?

— Você mesmo a construiu? Que coisa assustadora, Lancelot!

— Não, não fui eu. Ela já estava lá.

— Mas, então quem a ergueu? E por quê?

Ele sorriu, atraindo-a para si e repousando-lhe a cabeça em seu ombro. Elaine

deslizou os dedos pelo peito coberto de pelos escuros.

— Já lhe contei que, quando fui para Camelot, não sabia meu nome verdadeiro nem quem eram meus pais. A Dama do Lago ofereceu-me ao rei Arthur, pedindo para que fizesse de mim um cavaleiro. Ele não se mostrou muito feliz com o presente, mas não teve como recusar. Eu era muito irascível naquela época. Disse a ele para não se preocupar, pois me apresentaria a ele quando eu soubesse que estava pronto para ser seu cavaleiro.

Elaine assentiu, embalada pelo som da voz de seu amado. Tudo aquilo ela já sabia, mas era a primeira vez que ele falava do passado desde a enfermidade.

— Sendo assim, pedi ao rei que me arranjasse uma aventura — ele continuou. — Arthur acatou meu pedido e, algum tempo depois, mandou-me numa missão, o que foi bom, uma vez que vivia em permanente discórdia com os demais escudeiros. Bem, o fato é que, um dia, me vi cavalgando em direção a Norhaut, com a incumbência de socorrer uma dama em apuros.

Elaine conhecia aquela história. Talvez não houvesse uma única pessoa em toda a Grã-Bretanha que não a conhecesse. A primeira aventura de Lancelot, o feito com o qual conquistara tanto as esporas de cavaleiro como a fama. Uma coisa tão fantástica e surreal, que parecia totalmente inverossímil. Uma dezena de perguntas pipocava em sua mente.

— Ela era bonita? — Essa era a principal delas.

— Não tanto quanto você — ele murmurou, roçando-lhe os lábios na testa. — Bem, assim que a batalha terminou...

— Espere! — Elaine o interrompeu, rindo. — Vai me deixar curiosa? Quero ouvir essa história de sua própria boca.

Ele soltou um suspiro.

— Muito bem. O que quer saber?

— Tudo! Para começar, quantos cavaleiros o ajudaram? Ele a fitou, a expressão resignada.

— Nenhum.

— Você lutou sozinho?

— Norhaut fora ocupada durante anos — ele explicou. — Seus defensores tinham morrido ou fugido havia tempos. Eu estava sozinho.

— Oh...

Elaine o encarou em silêncio, esperando que ele desse uma gargalhada. Mas Lancelot, com expressão resignada, limitou-se simplesmente a fitá-la.

— Quando voltarmos a este assunto, você vai me contar se havia realmente dois gigantes — ela falou com um sorriso —, e das seis vintenas de cavaleiros que guardavam os portões.

Lancelot riu.

— Havia apenas um gigante e o pobre-coitado era muito lento. E eram três vintenas de cavaleiros, não seis. Elaine parou de rir.

— Espere um pouco. Você está querendo dizer que derrotou um gigante e três vintenas de cavaleiros sem auxílio de ninguém?

— Não! Eu tive ajuda. Pouco antes de chegar a Norhaut, encontrei uma donzela...

— Outra? — Elaine deu um sorriso forçado, tentando esconder seu ciúme.

— A Dama do Lago a mandou. Ela me deu três escudos, e cada um deles multiplicava minha força por dez.

Elaine esquecera-se do detalhe dos tão propalados escudos.

— Por que não disse isso antes? Vamos ver... Trinta vezes sua força contra sessenta cavaleiros... Isto dá dois para um. Quase um empate. Sem contar o gigante, naturalmente.

— Eu utilizei somente dois escudos — ele explicou. — Deixei o terceiro de lado.

— Por quê?

— Não precisei dele. O gigante não foi problema. Como eu disse, ele era terrivelmente lento. Além disso, muitos dos cavaleiros enfiaram o rabo entre as pernas e fugiram. Duvido que tenha lutado com mais que a metade deles.

Ah, bom... Estava explicado então. Fosse outro homem, ela teria rido, acreditando tratar-se de um mero fanfarrão. Mas Lancelot não tinha razões para mentir.

Mesmo assim, ela custava a crer.

— Lancelot — continuou, cautelosa —, você tem absoluta certeza de que tudo se passou exatamente como acabou de me contar? Não que eu duvide de você, é que...

— É que?...

— Bem... — Elaine respirou fundo. — Um rapaz de dezoito anos, por mais destemido que seja, não tem condições de derrotar sozinho trinta cavaleiros, mesmo que sejam despreparados e covardes.

— Sim, concordo. Mas você se esquece de que eu tinha os escudos.

— Não existe escudo algum que aumente a força de seu dono por dez! Isso não existe! Escute-me... — Elaine, aflita, sentou-se e o encarou —, todos os dias o sol nasce ao leste e se põe a oeste. Este é o curso natural da vida, criado por Deus. Uma semente de centeio não gerará um nabo, ou uma cebola, uma rosa.

— Entendi. Você está me chamando de mentiroso.

— Não, não é isso. Por favor, não se zangue. Eu só quero ajudar. A Dama do Lago... Ela não é quem você pensa que é.

Rapidamente, Elaine resumiu a ele sua conversa com o padre Bernard. De cabeça baixa, Lancelot a ouviu com atenção.

— Precisa compreender — ela finalizou — que você era apenas uma criança que acreditava em tudo que lhe falavam.

Lancelot ergueu a cabeça:

— Agora está me chamando de louco.

Elaine encolheu-se como se ele a tivesse agredido.

— Não! Você só está... confuso. Oh, Lancelot, magia e feitiços não existem!

— Não existem? — Ele riu. — Você acredita mesmo que não existam?

— Sim, meu amor. Confie em mim. Juntos descobriremos a verdade.

— Então, o que você acha que aconteceu em Norhaut? — ele lhe perguntou.

— Você lutou, venceu a batalha e recebeu de presente um castelo. Quanto ao

resto da história, só posso conjecturar. Talvez a tal donzela que lhe foi mandada pela Dama do Lago o tenha sugestionado. Padre Bernard explicou-me que existem pessoas que, ao encontrar alguém facilmente influenciável, utilizam-se de um talento especial para manipular-lhe as idéias.

Lancelot chacoalhou a cabeça, como a colocar os pensamentos em ordem.

— Elaine, se o que falou é verdade, então sou realmente louco, pois me lembro de cada detalhe daquela batalha. E minha vida em Avalon não era como você descreveu.

— Tem certeza? — ela perguntou com doçura.

— Sim. — Lancelot levou a mão à testa. — Na verdade... Não sei se ainda tenho certeza absoluta de alguma coisa.

— No que diz respeito a mim, afirmo que pode ter — ela garantiu, pousando a mão em seu ombro.

Ele segurou-a e levou-a aos lábios. — Sim, você é minha única certeza.

— Tudo ficará bem — ela murmurou. — Agora, conte-me o que aconteceu depois da batalha.

— Quando tudo terminou, a donzela que tinha me acompanhado disse que o castelo era meu. Um velho mago tivera o presságio e o transcrevera num pergaminho.

— Aí está! Isso é absolutamente impossível.

— O pergaminho existe, Elaine, e está em Joyous Gard. Eu o mostrarei a você.

— Ora, não duvido disso. Mas deve ter sido algum tipo de truque, ou...

— A troco de quê me presenteariam com um castelo? Então está bem. Digamos que foi um mero palpite que, por um golpe de sorte, se materializou. Esse documento explicita que um cavaleiro salvaria Norhaut das mãos dos conquistadores, e que seu nome só seria descoberto nos subterrâneos do castelo. E antes que me pergunte, saiba que notei que a tinta estava seca e que o pergaminho parecia bastante antigo, embora eu saiba que existem meios para alterar a aparência da pele do animal, e deixá-la com aspecto de gasta pelo tempo. Eu lhe pergunto: por que se dariam a esse trabalho?

— Não sei — admitiu Elaine. — Essa história toda é muito esquisita.

— Há mais, Elaine, a donzela me levou aos subterrâneos do castelo. — Lancelot calou-se por um momento, os olhos sombrios. — Ela me mostrou uma lápide de mármore no chão. Eu a ergui facilmente, embora devesse pesar meia tonelada, e desci os degraus da cripta. Encontrei um sepulcro de mármore, cuja placa dizia: "Aqui irá jazer sir Lancelot Du Lac, filho do rei Ban de Benwick".

Elaine franziu a testa.

— Não acredito nisso.

— Pois ela está lá. Eu lhe mostrarei se...

— Oh, eu acredito em você, Lancelot. Mas alguém forjou isso tudo.

— Sim, é claro. A Dama do Lago.

Elaine estremeceu. Que tipo de mente seria capaz de planejar tal coisa com tanta antecedência?

— Que crueldade! — exclamou, baixinho. — E com que propósito?

Lancelot deitou-se de costas, parecendo muito cansado.

— Compreende agora por que não faço questão de viver em Joyous Gard? Voltei lá apenas uma vez, que foi quando a levei. — Tomou o queixo de Elaine na mão áspera, virando o rosto para fitá-lo. — Permaneceria aqui de bom grado, se você assim quisesse.

— Obrigada. — Elaine o beijou com ternura e deitou-se aconchegada a ele. — Mas, Lancelot, com que propósito o teriam mantido ignorante de sua identidade durante tantos anos? E porque escolheriam um meio tão complicado para...

A boca de Lancelot sobre a sua calou as perguntas, e as hábeis mãos acariciando-a fizeram-na deixar o assunto para depois. Só mais tarde, deitados entrelaçados e ainda suados, Elaine lembrou-se do que pretendia perguntar.

—Lancelot — ela chamou, mas não obteve resposta. Ele dormia profundamente. Com um suspiro, ela se deixou ficar com a cabeça apoiada no peito dele.

Coisas misteriosas permeavam a vida de Lancelot. Não acreditava em bruxarias. Tinha quase certeza de que alguém se esforçava para manipular os fatos de modo a que se parecessem magia. Em seu entender, uma teia emaranhada de intrigas tinha sido cuidadosamente arquitetada. Mas com que finalidade?

Ela chegou à conclusão de que Lancelot era a vítima inocente de um plano pérfido urdido pela Dama do Lago. E esse plano ainda não tinha atingido seu fim.

— Você não o terá — ela falou em voz alta. — Ele é meu.

A última palavra ecoou no celeiro até então silencioso: "meu". Elaine sentiu o ar pesado ali dentro, como se uma tempestade estivesse prestes a cair. Sentou-se tensa, os sentidos em alerta. Uma lufada de vento sacudiu o celeiro e ela gritou, assustada. O eco de seu grito, ainda reverberando, assemelhou-se ao som de uma risada de escárnio.

Capítulo V

— Acorde, Lancelot! Precisamos ir! Lancelot abriu um olho.

— Ainda não.

— Agora! — Ela jogou a camisa na direção dele e começou a se vestir. — Depressa!

— Por quê?

Ela não sabia explicar, mas sentia que tinham que sair dali urgentemente.

— Por favor.

— Aonde vamos?

— Para... para os campos. Precisamos virar o feno antes que o sol fique a pino.

— Está bem — ele concordou de boa vontade. Então ela ouviu: o som de patas de cavalo, que, sem saber como nem por que, estivera esperando escutar.

Lancelot não notou, enfiou as botas e se vestiu. Depois, estendeu a mão para ela.

Elaine a segurou, com os olhos cheios de lágrimas.

— Tarde demais — ela murmurou.

— Tarde demais para quê? — Ele se retesou, olhando para a porta. — Essa voz... Parece a de...

— Sir Bors — Elaine confirmou.

Lancelot saltou do palheiro para o chão. Elaine enfiou o vestido e passou os dedos pelos cabelos para retirar a palha presa entre eles. Suas mãos já estavam firmes e os olhos, secos. Desceu a escada com cuidado e foi para a porta. Antes de abri-la, olhou para trás. Tudo continuava tranquilo. Raios dourados de sol penetravam no celeiro, e o ar estava impregnado do cheiro das flores.

Maldita seja!, pensou. Devagar, sentindo uma rigidez fora do normal, ela abriu a porta e saiu.

— Elaine! Veja, é mesmo Bors! — Acenando e sorrindo, Lancelot chamou-a para que fosse encontrá-los. Torre já havia se juntado a eles.

— Lady Elaine. — Bors inclinou-se numa mesura.

— Alegro-me em vê-la novamente.

— Bem-vindo a Corbenic, sir Bors — ela respondeu.

— Vamos entrar?

— Sinto muito, mas não posso. Estou em missão do rei.

Elaine segurou-se na cerca atrás de si.

— Lance — Bors continuou, virando-se para o primo —, Arthur me pediu para lhe entregar isto.

Lancelot pegou o pergaminho e, ansioso, quebrou o selo. Leu a mensagem e, ao final, deu uma risada.

— Boas notícias? — Elaine perguntou.

— Sim, ele não está zangado. Diz aqui que sente muito por perturbar minha convalescência, mas precisa de mim. E mandou justamente você, Bors. O homem que enterrou a ponta de sua lança entre minhas costelas e continuou vivo para contar a história, mas que me é muito caro e a quem não recusaria um pedido.

Bors enrubesceu.

— Você está fazendo troça...

— Não, é a pura verdade — redarguiu Lancelot. Apesar de parecer feliz, Elaine entreouviu um tom de aspereza naquela demonstração de bom humor.

— Ele só lembrou de você, Elaine. Escute: "Apresente a lady Elaine nossos agradecimentos por ter cuidado de você, e pela paciência em suportar sua companhia. Ela deve ser uma santa e, se sua beleza for a metade do que dizem, não o culpamos por não ter dado mais o ar de sua graça em Camelot. Diga a ela que não o reteremos por muito tempo, e, com a ajuda de Deus, o devolveremos são e salvo."

— Ele é muito gentil — ela comentou. Lancelot dobrou a carta com cuidado.

— Preciso ir, Elaine.

De repente, a expressão de Lancelot fez-se tensa, como se tentasse lembrar alguma coisa, ou escutasse um som audível somente para ele. Seus olhos se arregala-

ram e os lábios se entreabriram ligeiramente num grito mudo. Então inspirou profundamente.

— Os navios já estão prontos para zarpar, portanto temo que tenhamos que partir imediatamente — Bors concluiu.

— Espere um instante, Bors. Acho que me esqueci de algo...

Lancelot correu para o celeiro e sumiu lá dentro. Vários minutos se passaram. Quando ele finalmente voltou, Elaine percebeu de imediato que alguma coisa mudara nele: era novamente o cavaleiro que viera a Corbenic pela primeira vez, e um fogo o consumia por dentro. Mesmo vestindo uma camisa suja de lama e calças velhas, sua aparência era a de um gigante invencível.

— Desculpem a demora, não conseguia encontrar o que eu queria. Bors, preciso de uns minutos a sós com Elaine. Vá, homem! — ordenou com uma ponta da antiga arrogância. — O navio não zarpará sem mim.

Bors encarou-o, surpreso, depois voltou o olhar para Elaine.

— Venha, sir Bors — disse Torre. — Tomaremos uma cerveja enquanto isso.

— Elaine, sinto muito — Lancelot desculpou-se quando, ficaram sozinhos.

Chocada, ela constatou que sua expressão de felicidade era a mesma que tinha visto no rosto dele quando haviam se deitado juntos pela primeira vez.

Lancelot deu dois passos à frente e pousou as mãos em seus ombros.

— Diga alguma coisa. Não fique me olhando assim, como se eu tivesse matado o gato.

— Você... Você está contente — ela balbuciou.

— Elaine, o rei mandou me buscar. Não nego que isso me enche de alegria.

Ela estremeceu. Não fora a mensagem do rei que lhe causara aquele contentamento. Não, isso viera depois. O que ele ouvira no ar? Quem ele tinha visto no celeiro?

— Lancelot, estou assustada.

— Não fique assim. Em breve estarei de volta. Está me ouvindo, Elaine? — Ele a sacudiu levemente pelos ombros. — Eu voltarei.

— Como pode estar tão certo...

— Sim, estou certo disso. Uma nova chance me foi oferecida.

Oh, Deus, Elaine orou, doce Jesus, não permita que o que ele está insinuando seja o que estou pensando.

— Pelo rei? — ela perguntou com voz esmaecida. Elaine leu a resposta nos olhos brilhantes de Lancelot.

— Tudo voltou a ser como antes — ele respondeu —, e desta vez darei o meu melhor. Você não tem com o que se preocupar.

Mas ela se preocupava, e muito.

Não havia ninguém no celeiro, afirmou a si mesma. Não existem bruxas que aparecem e desaparecem num passe de mágica. Ele não está louco... Desde criança foi levado a crer que suas fantasias eram, reais. Ele estava melhor, muito melhor... Até hoje.

Ela respirou fundo.

— Foi a Dama do Lago quem lhe disse isso? As sobancelhas escuras arquearam-se.

— Elaine, o rei manda, eu obedeço. Será sempre assim, pois minha lealdade a ele está acima de tudo.

— Sim, eu entendo.

Em menos de uma hora ele voltara a ser o grande Du Lac. Sem conseguir conter-se, Elaine começou a chorar.

— A Dama... Seja ela quem ou o quê for, está usando você. Será que não enxerga isso?

Lancelot franziu a testa.

— Chega, Elaine, eu lhe peço. Não quero discutir isso agora. Você não sabe nada a respeito da Dama do Lago.

— O que foi que ela lhe ofereceu, Lancelot? — Elaine gritou. — Qual será o pagamento pelos seus serviços?

Lancelot empalideceu.

— Eu disse chega!

Elaine estava inconformada.

— Bors está me esperando. Venha cá, dê-me um beijo de despedida.

Ela virou a cabeça para o lado quando ele tentou beijá-la.

— Só mais uma coisa — falou baixinho, a voz trêmula: — Vai se encontrar com a rainha antes de embarcar?

— Ah, não! Isto outra vez, não! — ele exclamou, impaciente.

— Jure que não terá nenhuma conversa particular com Guinevere antes de partir. Dê-me sua palavra de honra!

De quem é esta voz estridente? Minha? Não, não pode ser... Elaine pensou, horrorizada.

— Como ousa me dizer com quem devo ou não conversar? — ele exigiu. — Já lhe declarei meu amor, já propus casamento... O que mais quer de mim? — Afastou-se dela e acrescentou: — Se você realmente me amasse, teria confiança em mim.

— Eu gostaria de confiar em você, mas como?

— Esta é uma pergunta que só você pode responder. Sugiro — ele arrematou, friamente — que pense bem nessa questão enquanto eu estiver fora. Deus a guarde até nos reencontrarmos.

— E a você também. — Elaine não encontrou forças para mais nada. Observou-o afastar-se, enquanto parte dela ansiava por correr atrás dele e implorar perdão...

Perdão? Pelo quê? Por pedir que dissesse a verdade? Não, era ele quem estava errado. Errado por ter segredos para com ela, errado por submeter-se à Dama do Lago, errado por ir encontrar-se com a rainha, deixando-a sozinha enquanto ela... Ela...

Nesse momento, Brisen acercou-se, passando o braço sobre seus ombros trêmulos.

— Contou a ele?

— O quê?

— Que está esperando um filho. Oh, milady, não negue. Conheço uma mulher prenhe num relance. Não lhe contou?

Elaine meneou a cabeça.

— Eu queria ter certeza antes de falar.

Ficaram abraçadas vendo Bors e Lancelot sair do estábulo puxando seus cavalos. Por um instante Elaine julgou que Lancelot hesitava antes de montar, olhando em sua direção. Brisen a segurou firme quando percebeu que ela correria para ele.

— Não, é tarde demais. Não há sorte pior para um homem que parte para a batalha do que deixar para trás uma mulher chorosa.

— Então, vamos rezar — Elaine murmurou com amargura — para que ele não encontre a rainha antes de partir.

A chuva batia com força contra as venezianas do salão, o ar estava denso de fumaça da lenha que queimava na lareira. O bebê chorava a plenos pulmões aos pés de Elaine, que largou a pena para massagear as têmporas doloridas.

— Brisen — ela chamou sem gritar para não piorar a dor. — Galahad está com fome. Mande chamar a ama.

— Sim, milady. — Brisen pegou a criança no colo. — E a senhora deveria ir se deitar.

Elaine ficara acamada durante seis semanas após o nascimento do filho. As poções amargas que Brisen lhe dera finalmente surtiram efeito e ela se levantara. Havia muito trabalho a fazer.

A ama de Galahad chegou, uma moça alegre, que dera à luz uma filha quinze dias antes do nascimento de Galahad. Brisen entregou o bebê a ela com relutância.

Elaine apoiou a cabeça na mão e observou o filho mamar ruidosamente, os punhos pequeninos agitando-se no ar. O parto fora difícil e, quando por fim ela se recobrou, Galahad já tinha se acostumado à ama de leite.

Melhor assim. Havia muito o que fazer. Fora uma sorte encontrar uma moça tão gentil e saudável quanto Lotte. Elaine lhe daria uma boa recompensa quando seus serviços não fossem mais necessários.

Se ainda tivessem algo para dar, ela pensou.

Lancelot havia sido generoso. Deixara uma bolsa cheia de moedas de ouro com Torre e, antes de zarpar, dera um jeito de mandar duas dúzias de ovelhas e um carneiro, mais um pastor para tomar conta dos animais. Quinze dias depois, chegaram três leitoas, duas delas prenhes, e por último, uma peça de seda árabe de cor azul, entremeada de fios dourados. Mas nenhuma linha escrita.

Depois mais nada.

A maioria das ovelhas adoeceu e morreu, sobraram apenas duas e dois carneiros. Os porcos duraram um pouco mais, até que uma febre suína, que varreu a região, os matou. Tudo o que restava eram umas poucas moedas e um rolo de seda.

E Galahad.

Elaine vivia sobressaltada com o mórbido pensamento de que seu filho também pudesse ser seqüestrado. Era um bebê de uma beleza extraordinária, apesar de não ser nada parecido com o pai. Tinha os cabelos dourados e os olhos azul-claro. Um filho do

qual qualquer homem se orgulharia. Mas Lancelot nem sequer sabia de sua existência.

O rei retornara a Camelot havia seis semanas. Gaspar, um espanhol que se apegara a Lavaine e se tornara seu escudeiro, fora mandado a Corbenic para se recuperar de um ferimento e lhes dera a notícia. Falava a língua inglesa com dificuldade, mas fazia-se entender suficientemente bem. Em seus relatos a respeito das batalhas travadas no mar, o nome de Lancelot era o mais citado.

— Ele *ser* o melhor — Gaspar lhes dizia, os olhos negros faiscando. — O mais corajoso, o mais nobre, o...

— Onde está sir Lancelot agora? — ela perguntara. Gaspar dera de ombros.

— Com seu rei, *no*? Onde mais estaria?

Mais um mês se passou e, finalmente, Elaine aceitou o fato de que Lancelot não voltaria. Deixou de correr para a porta toda vez que ouvia o menor ruído de patas de cavalos entrando no pátio.

Naquele dia, não se apressou a ir ver quem chegava, deixando que Torre o fizesse. Instantes depois, ele a chamou. Ela não reconheceu, a princípio, o homem alto ao lado dele.

— E então, Elly? — O rapaz abriu os braços. — Não vai me abraçar?

— Lavaine! — Elaine gritou. Ele a ergueu e girou no ar. — Oh, Lavaine, estou tão feliz em ver você!

O garoto que partira, voltava agora um homem feito. Ombros largos, peito musculoso, movendo-se com leveza e elegância.

— Como está você, Elly? — ele indagou, o olhar cheio de preocupação. — Esteve doente?

— Um pouco, mas já estou melhor — ela respondeu, conduzindo-o para perto do fogo.

— Gaspar! — Lavaine gritou ao escudeiro. — Você me parece ótimo! Andaram mimando você?

— *Si*, senhor — Gaspar admitiu com um sorriso. — *Mucho*.

— Então levante daí e leve meu cavalo para o estábulo, seu cachorro preguiçoso — Lavaine caçoou. — E cuide de minha armadura, antes que enferruje.

— Brisen, olhe! — Elaine exclamou. — Lavaine voltou!

— Olá, Brisen — Lavaine cumprimentou, escarrapachando-se no banco e esticando as pernas na direção do fogo. — Continua bonita como sempre.

— Só por isso vou lhe dar um bolo de mel junto com o vinho. — Brisen pousou um beijo no topo da cabeça do rapaz.

— Também ganharei um? — Torre perguntou. Brisen encarou-o com os olhos apertados.

— Um o quê?

— Um bolo de mel. Por favor... — Torre acrescentou com um sorriso.

— Não! — Os olhos de Brisen faiscaram e ela virou-se, saindo do salão.

— Sempre fui seu favorito — Lavaine provocou, com ar convencido.

Torre deu um leve cascudo no irmão e sentou-se a seu lado, não sem antes fitar

com expressão contrita a porta por onde Brisen saíra.

— Conte-nos tudo, Lavaine. — Elaine sentou-se espremida ao lado do irmão e lhe deu o braço.

Batalha por batalha, Lavaine descreveu, com um pequeno intervalo para abraçar o pai, a vitória do rei Arthur sobre o imperador Claudius, de Roma.

— Chegamos a Camelot na noite passada, somente alguns poucos ainda estão na Gália. Acordei cedo e vim para cá. — Lavaine calou-se por um instante. — O que é isso? — perguntou assustado.

— Isso — respondeu Elaine, apanhando uma cesta embaixo da mesa — é seu sobrinho.

Lavaine olhou para Torre.

— Quando foi que você... Torre meneou a cabeça.

— Não é meu, seu idiota!

— Não?... Oh, Elly! Por que não me contou que tinha se casado? Quem...

Elaine colocou o filho nos braços do tio.

— Sabe segurar um bebê, não sabe? Cuidado com a cabecinha... Coloque a mão aqui... Pronto.

— Olá, sobrinho. — Lavaine cutucou a barriga de Galahad, fazendo-lhe uma careta. — Pelo amor de Deus, Elly, ele é sempre assim tão sério? Parece que está prestes a me dar um sermão. Como ele se chama?

— Galahad.

— É um belo garoto — Lavaine comentou. — Parabéns. Quando foi o casam... — Calou-se ao ver que Torre meneava a cabeça. — Ah... Entendo. Afagou os cabelos de Galahad, a expressão muito séria. — Como... Quem...

— Na sua idade já deveria saber muito bem como essas coisas acontecem — Elaine respondeu rispidamente, olhando para Torre com ar de desamparo.

— O pai é sir Lancelot Du Lac — Pelleas interveio inesperadamente. — Uma nobre linhagem...

— Sir Lancelot? — Lavaine indagou surpreso, suas faces tingindo-se de vermelho. — Mas... Mas eu lutei com ele. Estávamos constantemente juntos e ele nunca mencionou...

— Ele não falava de mim? — Elaine perguntou, pegando Galahad do colo do irmão.

— Sim, com frequência e respeito. Contou-me que você cuidou dele durante os meses que passou aqui... — Os olhos de Lavaine faiscaram. — Canalha! Por Deus que vou...

— Vai esperar sua vez, isto sim — Torre o interrompeu. — Eu vou pegá-lo primeiro. Depois, se sobrar alguma coisa dele, vai ser sua vez.

— Nenhum dos dois vai fazer isso — Elaine argumentou. — Eu os proíbo.

— Elly, mas somos seus irmãos...

— Não me importa! — ela exclamou, furiosa. — Eu cuidarei desse assunto na hora certa.

Quando, não sabia. Até então ela se limitara a esperar pela volta de Lancelot, mas acabara perdendo as esperanças. A única coisa de que tinha certeza era que não queria que os irmãos se metessem no assunto.

— Ele os faria em pedaços — Brisen observou com sarcasmo, cravando um olhar glacial sobre Torre. — Se pensa que vou consertá-lo de novo, está muito enganado.

Torre sustentou o olhar.

— Alguém lhe pediu para fazer isso?

— Claro que não você. — Brisen retrucou. — Aliás, nunca me pediu nada, não é? Só o que faz é me ignorar ou dar ordens.

— Ora, sua vassoura surda... Pedi-lhe várias coisas, e com delicadeza.

— Sim, pediu. — Brisen pegou o resto de um bolinho do prato e o jogou-o na cara de Torre. — Espero que se engasgue com isso.

Torre deu um salto do banco.

— Viram o que ela acabou de fazer? Que diabos é isso?

— Pergunte a ela — Lavaine propôs, apanhando o bolinho do chão e jogando-o no fogo.

— Você — Brisen gritou, cutucando o peito de Torre — é um vadio egoísta. Gostaria muito que voltasse a enfrentar sir Lancelot. Quem sabe ele acabasse com você de uma vez por todas!

Torre afastou-lhe a mão com um tapa.

— Você está louca.

— Não mais. — Os olhos escuros de Brisen faiscavam. Por fim, virou-se e saiu do salão.

— Brisen parece irritada — lorde Pelleas comentou.

— Ela é, surda. — Torre riu, constrangido. — E maluca.

— A mim me pareceu somente zangada — Lavaine opinou. — O que, você andou aprontando, Torre? Brisen é um belo tipo de mulher... Quero dizer, ela salvou sua vida, dedicou-se a você... Se estiver passando tempo com ela...

— Com Brisen? Isso nunca me passou pela cabeça!

As sobranceiras de Lavaine arquearam-se.

— Não? — Ele meneou a cabeça e deu um sorriso enviesado. — Então está explicado.

— Explicado o quê?

— Pergunte a ela — Lavaine propôs novamente.

Torre ficou parado, olhando fixamente para a porta, e então sentou-se novamente.

— Primeiro vamos terminar este assunto. Pretendo conversar com sir Lancelot.

Lavaine franziu a testa, olhando para o sobrinho.

— Elly, por acaso Lancelot sabe? Ela meneou a cabeça.

— Ainda não.

— Isso não faz nenhuma diferença — Torre falou, impaciente. — Será que não pensou nem por um momento que isso poderia vir a acontecer? Ademais, ele voltou há

um mês, tempo suficiente para ter vindo aqui e...

— Não — Lavaine o interrompeu —, ele só retornou a Camelot a noite passada, comigo.

Elaine receou que fosse desmaiar. Arfando, inspirou profundamente.

— Bem, mas você veio. Sendo assim, ele poderia ter vindo também.

— Não esta manhã, porque precisava conversar com o rei.

Elaine abaixou-se para colocar Galahad na cesta, demorando-se para ajeitar suas cobertas.

De novo, não, pensou. Por favor, Deus, não posso passar por tudo isso novamente.

A paz conquistada tinha sido destruída com as poucas palavras de Lavaine. Já começava a sentir outra vez aquela ansiedade doentia: às vezes tendo certeza de que Lancelot estava a caminho, absolutamente convencido de seu amor por ela, outras, tendo igualmente certeza de que o perdera para sempre. Revivia cada palavra, cada suspiro, carícia, ou beijo que tinham trocado, a última discussão. O que dera errado? O que deveria ter feito para que as coisas tomassem um rumo diferente?

Imaginava como e quando Lancelot saberia da existência de Galahad. Através de Lavaine ou de Torre? O que ele diria? Como se sentiria? Arrependido? Irritado? Penalizado?

Mãe Santíssima, não quero mais passar por esse martírio.

E não passarei.

Decidida, ela ergueu a cabeça.

— Vou para Camelot.

— O quê? — Torre espantou-se.

— Elly, você não pode! — Lavaine gritou.

— Posso. E irei. Sir Lancelot merece saber que tem um filho, e serei eu a lhe contar.

Torre deu um murro na mesa.

— Não deixarei você se humilhar diante daquele...

— Não tenho intenção de fazer isso — ela respondeu, friamente. — Porém, recuso-me a ficar sentada aqui, de braços cruzados.

— Mas, Elly — Lavaine protestou —, você vai se expor... Os nobres da corte são cruéis.

— Ele tem razão — Torre concordou. — Eu irei com você.

— Eu também — Lavaine completou.

— Sim — aquiesceu lorde Pelleas. Seus olhos encontraram os de Elaine, e ele sorriu. — Ambos devem acompanhar sua irmã.

Elaine caminhou até o pai e beijou-lhe a testa.

— Obrigada. Por... — *Por me amar. Por amar Galahad. Por nunca tratar nenhum de nós como se tivéssemos desgraçado o nome da família.* — Por tudo — ela concluiu.

— Está tudo bem, minha querida — ele murmurou, acariciando-lhe a face. —

Tenho muito orgulho de você. Sempre tive.

Elaine virou-se para os irmãos.

— Para Camelot, então. Partiremos ao amanhecer.

A festa estava sendo um sucesso. Guinevere obrigava-se a sorrir para Arthur e a conversar frivolamente sobre as últimas fofocas da Corte. Porém, a dor aguda no ventre não a deixava esquecer que mais uma vez falhara. Nenhuma vida nova crescia dentro dela. Talvez no próximo mês...

Seus convidados já estavam saciados. Guinevere fez um sinal a Tristão.

Ele lhe fez uma mesura e sorriu. Dois pajens trouxeram-lhe sua harpa e uma almofada. Ele sentou-se, suspirando profundamente.

Era difícil associar as feições belamente traçadas às narrativas a respeito de sua coragem quando em uma batalha.

— Você o viu nas justas — Arthur dirigiu-se a Guinevere como se tivesse lido seus pensamentos.

— Tristão parece sonso, mas se transforma num leão quando a ação começa. Além de Lance e Gawain, ele é um dos meus preferidos. É bom tê-los todos de volta, não é?

Lancelot voltara havia dois dias, mas ainda mostrava uma aparência cansada. No outro lado do salão, Dinadan, sentado ao lado dele, sorria, sem dúvida fazendo um de seus comentários ácidos e engraçados, e ocasionalmente arrancava um tímido sorriso de Lancelot, que tinha um ar distante e tristonho naquele festim especialmente oferecido em sua homenagem.

Arthur levantou-se e brindou a ele, elogiando sua coragem. Todos os convidados ficaram em pé, dando-lhe vivas que reverberaram no salão. Lancelot fez uma mesura, porém o olhar agitado transparecia um mal-estar inexplicável, como se ele se sentisse tal qual um animal preso numa armadilha.

O que há com ele? Guinevere inclinou-se, na tentativa de atrair-lhe o olhar. Ninguém gostava mais de uma festa do que Lance, particularmente quando era ele o centro das atenções. Sua reação normal seria estar sorrindo, alegre, e não com aquela expressão de embaraço. Ele a viu, por fim. Deu-lhe um rápido sorriso e voltou a prestar atenção na conversa de Tristão.

Uma mulher esbelta, de cabelos avermelhados, esgueirou-se pela porta e chamou a atenção do rei. Sentou-se na primeira cadeira vazia que avistou e relanceou os olhos pelo salão, encontrando os de Arthur.

Morgause. O que ela estava fazendo ali? Havia mais de três anos que sua meia-irmã não vinha à corte, e Gawain não mencionara que a mãe planejava fazer-lhe uma visita. Mas era bem provável que ele também não soubesse. Se assim fosse, com certeza teria arranjado uma desculpa para ausentar-se antes que ela chegasse, pois os dois mal se falavam. Arthur desviou o olhar para Tristão, que começava a tocar. Um segundo depois, esqueceu-se completamente de Morgause.

Quando Tristão começou a cantar todos ficaram em silêncio, quase em transe.

A canção era simples, falava de campinas verdes, passarinhos e borboletas, flores nas charnecas. Falava de juventude, inocência e esperança, levadas com as promessas da primavera pela tempestade de outono.

Arthur tinha o olhar fixo, não mais vendo Tristão, e sim a longa primavera de sua infância, quando o mundo era novo. Cada dia de sua vida, uma maravilhosa aventura. Lembrou-se das corridas pelos campos, com os cães a saltar e latir em torno dele, de sir Ector, corado, rindo com a primeira nevasca do ano, enquanto sua senhora, Orma, repreendia o marido e os filhos por estarem ao relento. Ector a agarrara pela cintura e rodopiara com ela pelo pátio, plantando um beijo estalado em sua face rosada. Como todos tinham rido! Até Merlin esboçara um de seus raros sorrisos ao vê-los dançando na neve.

Será mesmo verdade que fui tão feliz? Arthur ponderou. *Sim*, seu coração afirmou. *Tudo o que eu queria era ser escudeiro de Kay e intendente de suas terras. Jamais pensei em abandonar o lar, a família e os campos que eu amava.*

Às vezes, tudo ainda lhe parecia um sonho. A qualquer instante acordaria no salão de sir Ector, vendo Kay discutir com Merlin, Orma costurando suas túnicas e ameaçando deixar de fazê-lo se não fossem mais cuidadosos.

Agora sou rei, um grande rei, segundo dizem. Tenho uma infinidade de túnicas e ninguém ousa repreender-me se rasgar uma. A Grã-Bretanha está segura. Tenho música em meu belo castelo, os mais corajosos cavaleiros do mundo, e a rainha mais encantadora de todas. Como diria Merlin, pela lógica, nada me falta para ser feliz.

Resmungando uma desculpa apressada, Arthur levantou-se e saiu do salão, para que não vissem as lágrimas que brotavam em seus olhos.

Guinevere, por sua vez, não se emocionara. Tinha deixado para o dia seguinte o sofrimento de pensar sobre quão desesperadamente precisava de um herdeiro. Virou a cabeça e seu olhar encontrou o de Lancelot.

— Oh, meu Deus — ela murmurou baixinho, esquecendo de sua própria infelicidade ao ver tamanha tristeza nos olhos dele. — O que há de errado?

Lancelot deu de ombros, como se a tivesse escutado. Sem dar atenção a Dinadan, que falava com ele, levantou-se abruptamente e caminhou para fora do salão. Atônitos com sua atitude, imediatamente os convidados começaram a especular.

Guinevere, sentada sozinha na mesa principal, fitava, com lágrimas nos olhos, a cadeira que Lancelot deixara vazia.

Lancelot dirigia-se ao estábulo e a meio caminho parou. Virou-se para o salão, soltou uma exclamação de desgosto e começou a andar de um lado para o outro no pequeno jardim.

— Elaine — chamou em voz alta, esperando aliviar um pouco a pressão que sentia no peito. — Elaine — repetiu num gemido.

Iria procurá-la, pensou, e pedir que o perdoasse.

Mas, para quê? Não, Elaine estava perdida para ele. Fizera sua escolha no celeiro de Corbenic, e só percebera sua estupidez ao enfrentar o primeiro inimigo no campo de batalha.

O Cavaleiro Verde estava certo. Du Lac não tinha alma e jamais saberia o que era honra. Isso era privilégio de seus companheiros, que entravam rindo nas batalhas, mesmo sabendo que a morte os esperava de perto. Os rostos dos homens que matara assombravam seus sonhos, tanto dos cavaleiros veteranos quanto dos jovens de coração puro que empunhavam seu primeiro escudo, todos abatidos por uma força descomunal que, por mais corajosos e honrados, jamais teriam sido capazes de vencer.

O grande Du Lac. O animalzinho de estimação da Dama do Lago. Um fantoche

que se iludira e sonhara ser homem um dia.

Não havia lugar para ele no mundo de Elaine, onde o sol se levanta a leste e se põe a oeste. Estava além de sua compreensão aceitar que ele vivera numa terra além do sol, onde somente a Dama do Lago ditava as regras. E ele faria qualquer coisa para mantê-la intocada pela magia negra que o comandava.

Deixe-a em paz. Você não tem o direito de desejar uma mulher como ela.

Seu lugar era ali, em Camelot. Se insistisse em lutar contra o destino inevitável, traçado antes mesmo de ele nascer, seria tomado pela loucura.

— Lance?

Voltou-se, sobressaltado, vendo Arthur a seu lado.

— Você me assustou. — Lancelot deu um sorriso frouxo.

— Eu o chamei duas vezes. Por que veio para cá? Está doente?

— Não. Só estava incomodado com a multidão, o barulho... E você? O que faz aqui fora?

— A canção de Tristão... — Arthur fez uma careta — Fez-me recordar o passado, e isso é para os velhos. Ainda não cheguei lá.

— Pensei que gostasse de recordar os velhos tempos, pois tenho como certo que não existe nada de que possa se lamentar.

— Claro que existe! — Arthur exclamou. — Não sou nenhum santo, sabe muito bem disso.

Lancelot olhou para baixo, sentindo-se exausto, desejando deitar-se e dormir profundamente.

— Sinto muito.

— Não tem que se desculpar pelo meu mau humor.

— Eu... — Lancelot calou-se antes de se desculpar novamente.

Arthur passou a mão pelo rosto e suspirou.

— Você é quem deve me perdoar. Hoje estou me sentindo como um animal. Vou deixá-lo em paz com seus pensamentos.

— Não! — Lancelot falou. — Fique, por favor. Arthur sorriu.

— Mal tivemos tempo de conversar desde que voltou. O rei Bagdemagus mandou-me um falcão. Gostaria de vê-lo?

— Ah, sim — Lancelot respondeu com um sorriso.

— Ouvi dizer que salvou a vida de Agravaine em combate. — Os dois caminhavam em direção aos viveiros. — Foi a segunda vez, não?

— Má sorte, não é?

Arthur ergueu uma sobrancelha.

— Para ele ou para você?

— Para ambos. — Lancelot riu. — Pela expressão de seu rosto, percebi que ele preferiria morrer a ser salvo por mim.

— Ele não lhe agradeceu, eu suponho. — Arthur suspirou. — Pobre Agravaine. Parece pensar que você age assim propositadamente, com o intuito de constrangê-lo.

Lancelot não conteve o riso.

— Será que ele acha que eu o sigo por aí e fico à espreita, torcendo para que se meta em confusão para que eu possa livrá-lo de algum apuro?

— Não, essa é a tarefa de Gawain. Agravaine e Gaheris o mantêm muito ocupado.

Lancelot percebeu o que o rei diria a seguir: perguntaria outra vez por que Gawain e ele não eram amigos. E para não lhe dar chance, rapidamente retrucou:

— Gosto de Gaheris. Lutamos juntos na Gália por um tempo.

— Também gosto dele — disse Arthur.

Ambos emudeceram, caminhando lado a lado pela alameda. Amigos que eram, não se incomodavam com o silêncio que, ocasionalmente, intercalava-se em suas conversas. Naquele momento, porém, Lancelot sentiu-se inquieto, incapaz de suportar a ausência do som das palavras.

— Ele tem outro irmão mais novo, não é?

— Gareth — Arthur respondeu.

— Ah, sim.

— Estou ansioso para que venha juntar-se a nós. Lancelot esforçou-se para manter o diálogo, antes que aquele silêncio terrível caísse sobre eles outra vez.

— Gaheris comentou que Gareth está louco para vir, mas a rainha Morgause acha que é cedo ainda.

Arthur parou para examinar um canteiro de rosas.

— Sim, ouvi dizer.

— É natural, não é? Ele é seu filho caçula.

— Não — Arthur respondeu, inclinando-se para cheirar uma flor. — Gareth não é o mais novo. Há outro depois dele.

— E como se chama?

— Mordred — Arthur disse baixinho, preparando-se para tirar uma rosa do canteiro.

— Ele é...

— Escute, Lance — Arthur o interrompeu, secamente. — Tive uma informação de que sir Turquine voltou a aplicar seus velhos truques.

— Vou averiguar — prometeu Lancelot.

Ótimo. Isso o ocuparia por algum tempo. Com sorte, logo outra coisa surgiria. Talvez Arthur resolvesse também enviá-lo para verificar a veracidade dos boatos a respeito das tropas saxônicas, que davam conta de que andavam inquietas com a ausência do rei. Afinal, Lancelot sempre tivera muito boas relações com os saxões.

Sim, o melhor a fazer era viver um dia após o outro e esperar que, com o tempo, viesse não a esquecer Elaine totalmente, pois sabia que isso seria impossível, mas ao menos aprender a viver com aquele sofrimento quase insuportável. Era imprescindível que não olhasse para trás, não se permitisse ter esperanças ao desejar o que não poderia ter, para assim continuar a ser útil ao seu rei.

— Lance!

Lancelot percebeu que tinham chegado aos viveiros. Arthur estava parado diante

da porta aberta, dando-lhe passagem.

— O que foi? — Arthur perguntou, fitando-o com expressão preocupada. — Tem certeza de que não está doente?

— Não, não, estou bem.

— Não está. — Arthur pousou a mão em seu ombro. — Você está tremendo, Lance, e pálido como um espectro. O que aconteceu?

Lancelot contorceu-se e se afastou.

— Nada — disse, em voz baixa. — Apenas... Nada. Por favor...

— Como, nada? — Arthur indagou, calmamente.

— Não me faça perguntas... E não me olhe assim! Eu estou bem.

— Ora, ora, quem está berrando aí fora? — uma voz gritou de dentro dos viveiros. — Estão assustando o falcão do rei.

Lancelot passou a mão pelo rosto.

— Sinto muito. Eu... É melhor que me vá. Antes que Arthur dissesse algo, ele se voltou e saiu correndo dali.

O arauto soou sua trombeta, anunciando a chegada de sir Torre, sir Lavaine e lady Elaine de Corbenic, recuando para que eles entrassem no salão de Camelot.

Elaine esperava não ser notada e mandar avisar Lancelot, mas não houve chance. Tinham chegado no meio de uma festa. Apesar da claridade da tarde, o salão estava escuro para ela, que não conseguia distinguir as feições. Tudo o que via era um mar de olhos voltados para eles, parados, hesitantes, à soleira da porta.

— Lady quem? — as pessoas murmuravam, alto o bastante para ela ouvir. — Seria... Não, não pode ser ela, é impossível. Ela não pode ser a Dama da Luva Vermelha!

— Que sorte madrasta — Lavaine resmungou baixinho. Para sua própria surpresa, Elaine viu-se rindo da observação.

— É assim mesmo — disse Brisen, num tom reconfortante. — Não liguem.

— Eu não ligo. Espere, dê o menino para mim.

Elaine pegou o filho nos braços e sorriu para todos, que, imediatamente, quedaram-se num silêncio profundo.

— Por favor — ela começou a dizer —, alguém pode me informar...

— Bom dia, lady Elaine — uma voz débil a interrompeu. — Bem-vinda a Camelot.

A rainha da Grã-Bretanha a fitava com seus olhos cor de violeta, grandes e luminosos, emoldurados por cílios fartos.

— Senhora — ela murmurou, fazendo-lhe uma reverência.

— Não a esperávamos — disse Guinevere.

Elaine endireitou-se e sorriu gentilmente.

— Permita-me apresentar meus irmãos: sir Torre e sir Lavaine.

— Sir Lavaine não é um estranho aqui — Guinevere respondeu, endereçando um sorriso ao cavaleiro, o que provocou um ligeiro rubor nas faces do rapaz. — Sir Torre, seja bem-vindo.

— Esta é a sra. Brisen — Elaine continuou. — Antes a serviço da duquesa da Cornualha.

Guinevere inclinou a cabeça graciosamente.

— Creio que nos conhecemos, sra. Brisen, quando meu soberano pegou uma febre de verão.

— Sinto-me honrada por sua lembrança — Brisen disse, fazendo uma mesura.

O olhar de Guinevere pousou sobre o bebê nos braços de Elaine e então congelou.

— Meu filho. — Elaine fitou a rainha nos olhos. — Galahad.

As feições de Guinevere não se alteraram. Apenas uma leve dilatação das pupilas traiu seu espanto.

— Senhora, peço desculpas por perturbar sua festa — Elaine continuou com firmeza. — Pode me dizer onde posso encontrar sir Lancelot?

Um burburinho acalorado irrompeu entre os mais próximos da porta, espalhando-se como um incêndio incontrolável pelo salão.

— Sir Lancelot não está aqui no momento — disse Guinevere. — Mandarei chamá-lo. — Virou-se e voltou até a mesa principal.

— O quê, não vamos nos sentar? — Torre resmungou.

— Aparentemente, não — sussurrou Brisen.

As pessoas no fundo do salão haviam ficado de pé e esticavam os pescoços para assistir àquela nova e fascinante diversão. Elaine manteve a cabeça erguida, ao mesmo tempo em que sentia um rubor violento subir do pescoço à testa. Galahad acordou e começou a choramingar.

— Posso? — Brisen dirigiu-se a ela.

— Não, obrigada. — Elaine mantinha os lábios contraídos para impedir que tremessem.

Ela não dormira a noite anterior. Sua mente ficara ocupada estudando uma centena de diferentes versões para sua chegada a Camelot. Muitas delas eram desagradáveis, mas nem a pior poderia se comparar à realidade. Galahad, que raramente chorava, a não ser quando estava com fome, soltou um grito agudo. E quando uma onda de risadas correu pelo salão, a coragem que levava Elaine até tão longe começou a vacilar, para logo desabar por completo. Ela inclinou a cabeça e olhou desamparada para as pedras do chão, desejando que a terra se abrisse e a engolissem.

— Lady Elaine.

Gawain postou-se diante dela, resplandecente numa túnica azul e prateada, o semblante duro e os olhos cinzentos faiscando. Estendeu a mão, e Elaine, mudando Galahad de lado, tomou-a. Ele a levou aos lábios e lhe fez uma mesura.

— Estou muito feliz em vê-la de novo. Sir Torre, Lavaine — murmurou, inclinando a cabeça cortesmente, enquanto oferecia o braço a Elaine —, gostariam de esperar no jardim? Eu mesmo ia para lá agora. O ar aqui dentro não é bom para mim.

Foi somente quando a porta se fechou atrás deles que Elaine começou a tremer.

— Obrigada — disse ela. — Aquilo foi um pouco... Constrangedor.

Os lábios de Gawain se retorceram em escárnio.

— Um pouco, realmente. Venha. — Ele abriu um portão baixo que conduzia a um

jardim entre duas alas do castelo. As rosas subiam por um muro de pedra de onde se via a floresta logo abaixo. Uma pequena fonte marulhava num lago de mármore, no qual barbatanas douradas faiscavam entre nenúfares.

— Sir Torre. — Gawain apontou para um grupo de bancos de pedra.

Torre olhou para Elaine, que meneou a cabeça em concordância. Galahad se debateu, chorando desesperadamente, e Elaine o embalou nos braços enquanto caminhava, cantarolando palavras sem sentido.

— Posso? — Gawain perguntou. Pegou a criança nos braços com desembaraço, como alguém que tivesse prática em lidar com bebezinhos. — Chega. Todos já ouvimos você. Não tem nada do que reclamar.

Galahad aquietou-se, e os dois se estudaram com mútuo interesse.

— Bem, você é uma pessoinha linda, não é? — Gawain murmurou. Sentou-se no muro e estendeu um dedo que Galahad pegou com a mãozinha. — E tem um bom aperto também. O rei ficará encantado em tê-lo em sua mesa daqui a alguns anos.

Galahad soltou uma risada borbulhante de alegria, fazendo Elaine sorrir docemente.

— Você é muito bom com bebês.

— Ele é um belo rapazinho — Gawain elogiou. — Deve estar orgulhosa.

— Sim, Obrigada. — Os olhos de Elaine se encheram de lágrimas, e ela os desviou depressa, esperando que o cavaleiro não notasse.

— Bem, eis o que eu sugiro — Gawain disse de repente, muito sério. — Sente-se e recupere-se. Ninguém virá perturbá-la aqui. Mandarei trazer uns refrescos. Sir Lancelot está com o rei, provavelmente nos viveiros. Vou providenciar para que se junte a você o mais depressa possível. Gostaria que seus irmãos ficassem, ou devo...

Elaine, contudo, não mais o escutava. Por sobre, o ombro de Gawain ela avistara um homem que saía das sombras das árvores. Andava devagar, a cabeça abaixada, e, antes mesmo que ele a erguesse, ela pressentiu que era Lancelot. Ele não a viu, olhava direto para a frente.

Gawain virou-se, acompanhando-lhe o olhar.

— Ah! Ali está ele.

Tremendo, Elaine deu um passo à frente, as mãos entrelaçadas na altura do peito. Tentou chamá-lo, porém sua voz não saiu.

Lancelot virou-se como se pretendesse entrar no pomar. No entanto, parou ao lado de uma árvore, apoiou a mão no tronco e encostou a testa no braço esticado. Era visível seu desespero.

— Devo?... — Gawain perguntou em voz baixa. Elaine não precisou responder. Naquele momento, Lancelot virou a cabeça e os olhos dos dois se encontraram.

Por um terrível instante, ela teve certeza de que ele não a reconheceria. Sua expressão não se alterara, tampouco saíra do lugar onde estava. Porém, lentamente, ele foi baixando o braço e endireitou-se, franzindo o cenho. Ofegante, Elaine sentiu o coração disparar, de repente, os olhos de Lancelot se arregalaram e ele subiu a encosta correndo, vendo um borrão de ouro e escarlata a contrastar com a grama verde. Saltou sobre o muro e estacou a menos de dez passos de onde ela estava.

— Elaine? — Ele a mirou com ar estupefato, como se não acreditasse no que via.

Ela moveu a cabeça afirmativamente, com ar de desamparo e, num gesto instintivo, ergueu os braços buscando por ele. Lancelot não se moveu, tampouco sorriu, ou falou. Sentindo um violento rubor tingir-lhe a face, Elaine deixou cair os braços. A seu lado, Gawain levantou-se do banco, e Torre e Lavaine deram alguns passos na direção de Lancelot. Ela precisava dizer alguma coisa, qualquer coisa, para tentar dissipar a tensão insuportável que pairava no ar, mas os lábios entorpecidos mal conseguiam se mover. Então, Lancelot deu alguns passos à frente, a mão esticada.

— Elaine? — repetiu. A mão trêmula tocou-a na face. — Você... É *mesmo* você, Elaine? — Com um gemido, tomou-a nos braços e a apertou contra o peito, o rosto enterrado em seu pescoço.

— Claro que sou eu — ela sussurrou. — Pensou que eu fosse uma aparição?

— Pensei que era... Não importa. Você está aqui... — Afastou-se e a fitou com atenção. Depois riu e a beijou nas faces, na testa, nos olhos, até seus lábios se encontrarem.

Elaine esqueceu-se de que não estavam sozinhos. Esqueceu-se de tudo, na selvagem onda de alegria que a inundou. Como podia ter duvidado dele?

— Lancelot — disse, por fim, afastando-se. — Lancelot, espere... Não, espere, olhe para mim. Tenho de lhe dizer uma coisa.

Galahad, sentindo-se ignorado, soltou um gritinho agudo e exigente.

Lancelot ergueu a cabeça.

— O que...

Olhou ao redor, intrigado. Seus olhos se estreitaram ao ver Gawain, que imediatamente entregou o bebê a Elaine.

— Perdoe-me — ele disse —, não tive intenção de me intrometer.

— Quem... — Lancelot olhou de Galahad para Gawain. — O quê...

— Lancelot — Elaine disse com doçura —, este é seu filho.

Ela arrependeu-se na mesma hora de ter pronunciado aquelas palavras, pois não tinha sido daquela maneira que pretendia contar a ele sobre o filho. Apertou o corpinho da criança, agarrando-o com tanta força que o fez dar um gritinho indignado.

— Meu filho? — Lancelot repetiu com voz rouca, o rosto pálido. — Meu?

— Nosso — Elaine apressou-se em dizer. — Nasceu pouco antes da Páscoa. O nome dele é Galahad.

— Galahad? — Lancelot ergueu os olhos marejados de lágrimas para ela. — Nosso... É verdade?

Ela concordou.

— Você estava... E eu fui embora... Por que não me contou?

— Eu não sabia.

Lancelot tocou um dos cachos de Galahad.

— Olhe para ele, Elaine. Não é lindo?

— Sim, é — ela respondeu, rindo e chorando ao mesmo tempo. — Quer segurá-lo?

Lancelot recuou.

— Oh, não... Será que eu deveria? Ele é tão pequeno...

— Bobagem, não é tão pequeno assim. Pegue-o, ele não vai se quebrar. Coloque uma mão aqui... Outra aqui...

Lancelot, tenso, segurava. Galahad mostrando um misto de pavor e orgulho na expressão. Torre, que até aquele instante o havia observado com ar de desaprovação, explodiu numa gargalhada, fazendo os demais rirem também.

Lentamente e com todo o cuidado, Lancelot trouxe Galahad para mais perto, até que seus cachos brilhantes encostaram-se na altura de seu coração. Elaine aconchegou-se a ele, a face apoiada em seu ombro, ambos a fitar o filho, embevecidos.

Os outros, em silêncio, foram saindo do jardim. Torre foi o último. Ao fechar o portão atrás de si, pestanejou e balançou a cabeça, aturdido.

Só muito mais tarde, quando ela e Lancelot jaziam deitados, abraçados, é que Elaine se deu conta de que não tinham falado uma palavra desde que haviam saído do jardim. Brisen estava esperando no portão para levar Galahad para a ama-seca, que tinham alojado numa pequena hospedaria na vila, e Lavaine e Torre tinham desaparecido de vista. Lancelot a conduzira até o quarto, e ela simplesmente o seguira, flutuando, como se estivesse num sonho.

E esse sonho se desvaneceu quando ele desatou os laços de seu vestido com os dedos trêmulos.

O nascimento de Galahad a modificara em vários sentidos que iam muito além do aspecto físico, conquanto esse fosse o mais importante para ela no momento em que Lancelot deslizou-lhe o vestido pelos ombros e inclinou-se sobre ela. Ofegante pela sensação docemente excitante dos lábios em seus seios, uma pequena parte de seu ser teimava em lembrá-la de que não os tinha mais tão firmes e levantados como na última vez em que isso acontecera.

Elaine tentou relaxar e desfrutar o prazer do momento, mas quando ele tentou tirar-lhe as roupas ela resistiu, temerosa em mostrar-se. Depois do nascimento de Galahad, a carne colara-se nos ossos, as faces e o queixo afinaram-se, formaram-se cavidades profundas acima das clavículas. Os ossos dos quadris saltavam visíveis e, no meio deles, a pele macia de seu ventre se enrugara como um odre vazio. Pior que isso era constatar que durante a separação Lancelot se fizera mais belo. Pela primeira vez ela o via como o guerreiro que era, os músculos dos braços, coxas e abdômen tão duramente definidos como se fossem talhados em bronze. Porém, a ternura e a paciência dele a venceram, e ela se deixou desnudar.

Ao mostrar-se nua, Elaine lutou para reunir forças e suportar o desapontamento de Lancelot. Um silêncio insuportável se seguiu. Ela sentiu-se indignada. Afinal, fora por carregar o filho *dele* que seu corpo mudara. Fitou-o de soslaio, procurando por algum sinal de decepção em seu olhar, mas nada encontrou. Não notara nada? Como não, se devorava cada centímetro de seu corpo com os olhos brilhantes como brasas? Se a tocava de leve com os dedos calosos e... Oh, Deus a ajudasse! Com os lábios?

Foi então que caiu em si: ela era o que era, o que sempre fora e sempre seria. Ela era dele. E ele era seu.

Lancelot deitou-se, a pele quente e macia encostada à dela. Tomou-lhe o rosto nas mãos e a fitou profundamente nos olhos, como se procurando neles algo que não ousava pedir.

E tudo o que Elaine podia lhe dar era a si mesma, sem reservas ou pudores. Lentamente, sem deixar de contemplá-la, ele a penetrou, unindo-se a ela. Um sorriso de felicidade assomou-lhe aos lábios, cheio de assombro e gratidão, como se não pudesse

acreditar que algo tão maravilhoso estivesse acontecendo. Idêntica sensação apossou-se de Elaine, e ela não teve mais dúvidas de que tinham sido feitos um para outro.

Não tinham nenhuma necessidade de palavras, Elaine pensou, entontecida de prazer enquanto Lancelot movia-se dentro dela, a urgência crescendo a cada movimento, a cada doce beijo trocado. O que compartilhavam nunca poderia ser explicado. Era algo tão natural quanto a chuva batendo nas vidraças, tão grandioso quanto o milagre do filho que tinham procriado.

— O parto — ele disse por fim, puxando-a para si depois de saciados —, como foi?

— Bastante sofrido — ela contou. — Demorou muito e Brisen foi obrigada a virá-lo. — Estremeceu com a lembrança, os braços de Lancelot cingindo-a mais forte.

— Sinto muito. Gostaria de ter estado com você naquela hora.

— Foi melhor assim. Eu estava muito zangada com você na ocasião.

— Elaine, se eu soubesse...

— Ainda assim teria que partir e, mesmo que estivesse comigo, não poderia fazer nada. Isso acontece com todas as mulheres em tais condições — ela concluiu, sorrindo ao lhe acariciar o rosto. — Os homens têm todo o prazer e nenhuma dor...

— *Todo o prazer?*

— Bem, digamos que a metade — ela se corrigiu.

— E agora, foi... Bom?

— Nada mal — ela respondeu com displicência, rindo em seguida. — Foi maravilhoso, seu tolo.

— Recebeu meus presentes? — ele perguntou. — As ovelhas, os porcos e... Por que ri?

— Falaremos disso mais tarde. Os presentes foram muito significativos, mas eu teria preferido receber de você uma carta.

— Eu não sabia o que dizer — ele admitiu. — Detestei ter tido de partir daquele jeito. Além disso, como tínhamos discutido, não me sentia seguro quanto a você querer ter notícias minhas. Sinto tanto...

— Eu também. Mas deixemos este assunto para depois. Fale-me sobre as batalhas. Ele fez uma careta.

— Foram somente... Batalhas. O rei venceu, e é isso o que importa.

— Você não mudou nada, não é? — ela arguiu, rindo.

— Prefiro falar de você — ele emendou rapidamente.

— Tem certeza de que está bem?

— Eu lhe pareço muito diferente?

— Sim. Está bem mais linda do que eu me lembrava, o que eu juraria ser impossível. Mas gostaria de ver um pouco mais de carne sobre seus ossos.

— Então, terá que me deixar levantar para que eu vá comer.

Ele soltou um suspiro fundo.

— Sim, infelizmente... Ou não... Mandarei buscar alguma coisa para nós, se você quiser.

— Hum... Sim, eu quero. — Ela se espreguiçou, sentindo os músculos esticarem-se prazerosamente.

— Acorde-me quando a comida chegar. — Virou-se de lado e adormeceu.

Lancelot pegou um roupão e o amarrou na cintura frouxamente. Elaine estava deitada com um dos joelhos flexionado e uma das mãos esticada com a palma para cima. Ele parou ao lado da cama, a fitá-la. Ajoelhando-se, tomou uma mecha de cabelos entre os dedos e levou-a aos lábios, aspirando o cheiro com que sonhara por tanto tempo.

Não poderia perdê-la, não de novo. As razões que dera a si mesmo para permanecer longe ainda eram verdadeiras, porém a situação era outra. Havia mais em risco do que seu coração partido ou mesmo a tristeza de Elaine se os dois se separassem. Ele era pai. Elaine lhe dera um filho. Os três estavam ligados por laços que nem mesmo a morte poderia dissolver.

Tomarei cuidado. Elaine nunca saberá que eu mudei. Nenhuma treva a tocará, nem a Galahad, eu juro. Por favor, Deus, proteja-os de todo perigo.

Pensa que Deus ouvirá alguma prece sua? Uma voz zombeteira imiscuiu-se em sua mente. Lancelot pensou novamente nos cavaleiros que matara durante a última campanha, nos que derrubara nas liças com sua força sobre-humana, em Torre e em Gawain... Gawain no campo de batalha, cantando ao desafiar a morte. Gawain, cuja coragem e honra nunca seriam postas em dúvida, tal qual sua gentileza e bondade, comprovadas naquele mesmo dia. Deus, como o prejudicara, surgindo em Camelot como um ladrão para roubar-lhe a glória pela qual se esforçara tão arduamente para conquistar.

Não, Elaine não deveria saber jamais.

E mesmo que tentasse lhe contar, ela não acreditaria em mim, acharia que estou louco.

Deus sabia que ele chegara perto da loucura naquele último ano, louco de sofrimento e vergonha enquanto Arthur lhe conferia honra após honra. A festa daquele dia fora o golpe final.

Não enlouquecerei. O amor de Elaine me protegerá. Se ela acreditar em mim, tudo ficará bem.

Seus olhos ardiam de lágrimas quando ele se inclinou para beijar-lhe a testa.

Nenhum pajem encontrava-se no corredor. Lancelot compreendeu que devia ser bem tarde da noite e desceu as escadas, em direção às cozinhas.

Sentiu a pedra fria sob os pés descalços e pensou em voltar e se vestir, mas desistiu da idéia. Afinal, não encontraria ninguém àquela hora e rapidamente retornaria ao quarto.

Passou pelo salão escuro, procurando não perturbar os criados e os convidados que dormiam no chão. Ao fundo, uma porta dava passagem para outro corredor que levava às cozinhas. Ali a pedra era mais rústica, e as paredes eram intercaladas por aberturas escuras, formando pequenas alcovas que, na maioria das vezes, eram utilizadas para encontros amorosos, conquanto estivessem sendo ocupadas por servos do palácio, que ressonavam tranqüilamente. Devia ser muito tarde realmente, ele pensou. Deu de ombros, pois seria perfeitamente capaz de arranjar um pouco de comida sem precisar da ajuda de ninguém.

Imaginava se haveria algumas ameixas, quando uma figura saiu de uma das alcovas e parou. Ele recuou, e a mulher — era uma mulher, ele percebeu na penumbra, e quase tão alta quanto ele — saltou na direção oposta.

— Sinto muito — Lancelot falou, sorrindo, embora sentisse o coração disparado.

— Não, não, sou eu que devo me desculpar — ela respondeu. A voz doce, porém roufenha, soou baixa. — Não esperava encontrar ninguém.

— Nem eu. — Lancelot encostou-se à parede para fazê-la passar, e a mulher esfregou-se nele, deliberadamente, ele presumiu, uma vez que havia espaço mais que suficiente para que transitasse com facilidade. No ar, espalhou-se um odor de perfume doce e pesado.

— Ora, mas é sir Lancelot! — ela exclamou, postando-se à sua frente.

— Sim — ele respondeu, nada satisfeito por ter sido reconhecido, e surpreso com o fato de uma dama pega em tal situação comprometedora não se importasse em se demorar. Com um toque de malícia, ele emendou: — Não creio que tenha tido a honra de conhecê-la, lady...

Ela se aproximou da tocha para que sua luz incidisse sobre o rosto.

— Morgause de Orkney. Já nos conhecemos — ela ronronou —, não se lembra, sir Lancelot?

Sim, ele se lembrava muito bem, fazia bastante tempo. Ele quase caíra da cadeira quando ela entrara no quarto de Arthur e o rei a apresentara como sua meia-irmã, a rainha de Orkney. Não porque ela aparentasse ser muito jovem para ter um filho da idade de Gawain, ou por causa de sua beleza estonteante. O que o deixara constrangido naquela ocasião fora lembrar-se de que já a havia encontrado anteriormente, numa situação surreal.

Alguns meses antes desse encontro, Lancelot encontrava-se fora, vivendo uma de suas aventuras de cavaleiro andante. O dia estava quente, o sol brilhava abrasador, e ele se deitara à beira de uma sebe, caindo num sono pesado.

Acordara ou sonhara, e vira quatro damas em círculo sobre ele, protegidas da claridade do sol por uma tenda de seda púrpura. Deviam estar ali havia algum tempo, pois toalhas se espalhavam sobre a grama, e sobre elas, um verdadeiro banquete de finas iguarias. Todas usavam coroas sobre as cabeças e estavam ricamente vestidas. Apresentando-se como as rainhas do norte da Gália, das Ilhas Exteriores, de Gales e de Orkney, ordenaram-lhe que escolhesse uma delas como amante.

Aquele sonho fantástico era estranhamente realista em seus detalhes. Lancelot sentira-se confuso, lavado de suor, a boca ressecada. As damas eram belíssimas e nem um pouco assustadoras, muito embora a cor da tenda lançasse sombras de tom violeta em suas feições.

— Eu... Eu... — ele gaguejara. — Perdoem-me, mas acho que não entendi...

— Gostaríamos de nos deitar com você — uma das rainhas, de cabelos castanhos e olhos azuis, explicara gentilmente.

— Copular com você — esclarecera a outra, de cabelos pretos e olhos verdes. Lancelot fitara-as boquiaberto e mudo. Ela então se virará para as outras dizendo: — Não creio que ele esteja compreendendo.

Uma terceira dama, alta e de cabelos avermelhados, abaixara-se e agarrara seu membro com firmeza.

— Creio que agora ele compreenderá muito bem. — Dito isso, seus dedos longos e pálidos deslizaram pelo membro inchado, afagando-o em carícias demoradas. — Hum... — ponderara a rainha, endireitando-se. — Acho que *e*le bem poderia nos servir a todas.

— Mas não foi essa nossa aposta — protestara a última delas, de cabelos louros da cor de manteiga. — Ele tem de escolher. Você não deveria tê-lo tocado, Morgause. Isso não foi justo — concluíra em tom de reprovação.

Aquela que fora repreendida deu de ombros.

— Será justo se você fizer o mesmo. Ele não irá se importar — acrescentara, fitando Lancelot com os olhos semicerrados. Seu rosto era largo na altura dos maxilares, afinando-se num queixo pequeno e pontudo. Ao sorrir assemelhava-se a um gato.

Lancelot sentou-se, tentando inutilmente esconder a evidência de sua excitação.

— Senhora, tal escolha não posso fazer.

— Então ele quer todas nós! — A dama de olhos verdes rira e estendera-lhe a mão.

Lancelot recuara para trás, consciente da sebe que se enroscava em seus cabelos e espetava sua nuca.

— As senhoras me interpretaram mal — ele dissera com o pouco de dignidade que ainda lhe restava. — Sinto muito se isso soar descortês, mas sou forçado a lhes dizer que não quero nenhuma de vocês.

— Essa — a rainha de cabelos avermelhados disse, com outro sorriso felino — não é uma escolha disponível a você.

— Contudo, é minha decisão.

— Então, doce Lancelot... — A dama de cabelos loiros suspirara, — Você deve pensar duas vezes.

— Eu poderia pensar de agora até... — ele começara, contorcendo-se ao ver a mão que se aproximava de seu rosto. Então, a ponta do dedo tocara o espaço entre seus olhos, fazendo seu mundo desaparecer.

Ao acordar, vira-se encerrado num calabouço. Logo depois, uma criada bonita, que não sabia ou não podia dizer quem o aprisionara, ajudara-o a fugir, com a condição de que lutasse no torneio pelo pai dela. Na empolgação que se seguira, Lancelot acabara por se convencer de que as quatro rainhas nada mais tinham sido do que um sonho estranho.

Alguns meses depois, ao ver a rainha Morgause de Orkney no quarto de Arthur, ele ficara extremamente perturbado.

E, naquele momento, ao vê-la na passagem que levava às cozinhas de Camelot, ele mais uma vez se sentia confuso.

— Não me diga que me esqueceu? — ela indagou, rindo.

— Não, claro que não, senhora — respondeu, fazendo-lhe uma rápida medida. — Nós nos conhecemos no quarto do rei, seu irmão...

— Meio-irmão — ela emendou. — *Meu* pai era o duque Gorlois da Cornualha.

Um homem saiu da alcova, fechando o broche preso ao ombro. Quando viu Lancelot, recuou rapidamente para as sombras.

— Lamorak! — Morgause chamou, num tom imperioso. — Venha cá e cumprimente sir Lancelot.

Lamorak estivera com eles naquele ano que passara, fora sagrado cavaleiro no campo. Devia ter uns dezenove anos, Lancelot deduziu, embora parecesse ainda mais jovem com o rubor a lhe colorir as faces.

— Boa noite, sir Lamorak — ele cumprimentou, tenso de constrangimento.

— Sir Lancelot — o rapaz resmungou, olhando para os pés.

— O quê? Camelot tornou-se um mosteiro? — Morgause brincou, com uma risada de zombaria. — Não era assim nos dias de Uther! Vamos, Lamorak, erga a cabeça. Sir Lancelot não está em posição de julgá-lo. Fique! — ordenou rispidamente a Lancelot quando este se virou para sair. — Fale-me daquela moça que irrompeu no salão durante a festa.

Lancelot não tinha intenção de responder, tampouco seguir a ordem de permanecer ali. Contudo, viu-se dizendo: "Ela é...", antes de fechar a boca. Morgause arqueou as sobrancelhas.

— Conte-me — ela repetiu, agora num tom meloso.

Sem mais nem menos, Lancelot viu-se compelido a contar. Desejava falar de si mesmo e de Elaine a Morgause, como se somente ela o pudesse entender e mais ninguém. Na verdade, seria tolice recusar-se a isso, pois ela era uma rainha e tinha todo o direito de saber. Entretanto, ele não queria falar no assunto naquele momento. Fez um esforço para raciocinar com clareza, o que lhe causou pontadas de dor na cabeça, e concluiu que seria melhor ficar calado.

— É muito tarde, senhora — ele conseguiu balbuciar. — Não quero retê-la aqui.

Morgause riu, surpreendendo-o.

— Muito bem! Você não é tão tolo quanto parece à primeira vista. Eu já suspeitava disso. Espero que me perdoe por tê-lo submetido a esse pequeno teste. Claro que não tenho nenhuma intenção de me meter com a Dama do Lago, ou com sua... — Fez uma pausa, esperando que Lancelot dissesse alguma coisa, e então riu novamente. — Bem, ela tem um gosto excelente, assim como eu. — Dirigiu-se em seguida a Lamorak, acariciando-lhe o rosto: — Vá, meu bem, você precisa descansar.

Ele beijou a face que ela lhe oferecia, obediente, inclinou a cabeça para Lancelot e desapareceu no corredor.

Antes que Lancelot tivesse chance de fazer o mesmo, Morgause segurou seu braço.

— Vamos, conte-me sobre aquela moça, que chegou carregando um pirralho chorão e perguntando por você.

Lancelot esforçou-se para firmar os olhos. Não daria àquela mulher o gosto de saber o quanto suas palavras o enfureceram.

— A criança a que se refere é Galahad, meu filho, nascido durante a última campanha com o rei. Lady Elaine e eu nos casaremos assim que for possível, é claro.

— Naturalmente. — Morgause ajeitou-lhe o decote do roupão. — Isso é muito honrado de sua parte, Lance... Posso chamá-lo assim? — Sem esperar resposta, ela continuou: — Mas sinto que é meu dever dar-lhe uma palavrinha de aviso. Esses casamentos forçados, não importa se assumidos com nobreza ou não, costumam terminar mal. Pague-a. Tenho certeza de que você pode permitir-se fazê-lo, e mande-a de volta a *Carbúnculo*, ou seja lá que nome tiver o lugar de onde veio. Quando o menino tiver certa idade, você poderá ajudá-lo com alguma provisão. Conhecendo meu meio-irmão como conheço, estou certa de que ele terá o maior prazer em aceitar todos os ilegítimos de sua prole a seu serviço.

— Senhora, penso que entendeu mal — Lancelot interveio. Os olhos de ambos se encontraram, e ele soube que seu primeiro encontro com Morgause não tinha sido um

sonho. — Lady Elaine e eu estávamos noivos antes que o rei me convocasse. Nosso casamento é algo que tenho ansiado desde que o dever me tirou do lado dela.

— Ah, sim, compreendo. — O sorriso que ela lhe dirigiu fez os pelos da nuca de Lancelot eriçar-se. — Que lindo... Ninguém esperaria menos que isso do grande Du Lac! Porém, imagino — disse, inclinando a cabeça de lado e fitando-o com curiosidade — qual será a reação de sua senhora quando souber que terá de compartilhá-lo com a rainha... E o rei. Bem, por certo ela o fará saber exatamente o que pensa. Pelo que vi, não lhe falta coragem. O modo como ela encarou a rainha... Ainda bem que um olhar não mata, do contrário, ambas teriam caído fulminadas!

Lancelot a encarava perplexo, enquanto o olhar de Morgause percorria lentamente o peito nu sob o roupão.

— Ouso dizer que você e Guinevere já devem ter dado um fim a qualquer desentendimento que possa haver ocorrido entre os dois por conta dessa visita inesperada. — Olhou para trás, como se esperasse ver Guinevere saindo de uma das alcovas escuras.

— Senhora, peço que me dê licença. Lady Elaine me espera — Lancelot interrompeu-a com frieza.

Morgause riu.

— Ah, vocês, jovens cavaleiros! Tanta vida! Vá então!

Lancelot viu-a afastar-se, sumindo na escuridão.

Esquecido de sua tarefa, correu de volta ao quarto, onde Elaine ainda dormia. Sentou-se ao lado dela como se sua presença pudesse protegê-la da magia negra exalada por todos os poros da maléfica Morgause.

Magia não existe, Elaine lhe assegurara solenemente. Se houvesse realmente um Deus, era Nele em quem ela acreditava. Lancelot tocou de leve o rosto quente.

Sorriu a vê-la entrelaçar os dedos nos seus.

— Onde está a comida? — ela resmungou sem abrir os olhos.

— Trouxe-lhe algo melhor. — Tirando o roupão, ele se enfiou embaixo das cobertas.

— Milady terá de enfrentá-los a qualquer hora — Brisen disse, prendendo a última fita nos cabelos de Elaine e recuando para examinar o trabalho. — Venha, senhora. Não vai querer deixar sir Lancelot esperando, vai?

— Não. — Ouvindo a relutância, na própria voz, Elaine levantou-se e alisou as saias. — Não, é claro que não. — Assim era melhor: firme e objetiva. Mas logo no instante seguinte sentiu-se insegura. — Você irá comigo, não é, Brisen?

— Claro. Seus irmãos também.

A expressão de Elaine mostrou inquietação. Torre costumava dizer tudo o que pensava, e isso a perturbava ainda mais.

— Sir Torre prometeu comportar-se bem — Brisen acalmou-a ao saírem para o corredor.

— Pensei que não estivesse falando com ele.

— Não estou. Mas abri uma exceção por sua causa.

— Quanta devoção — Elaine respondeu com ar divertido. — Obrigada. O que foi que ele fez para cair em desgraça com você?

— Nada que não tivesse feito centenas de vezes antes — Brisen admitiu com um sorriso torto. — Mas eu topei com ele e aquela Bette na vila. Sabe a quem me refiro, não? O pai dela é dono da cervejaria. De repente dei-me conta de como tenho sido tola. Ah, eu sei — emendou com uma risada nervosa —, isso acontece com todas nós. Ou melhor, não com a senhora — ela tentou consertar. — Eu não quis dizer...

— Sei o que quis quiser, e você tem toda razão. Sinto muito por Torre ser um idiota cabeça-dura.

— Obrigada, milady.

No meio da escadaria, uma senhora subia, e Elaine parou para lhe dar passagem.

— Ora, é Brisen, não é? — a mulher perguntou.

— Senhora... — Brisen lhe fez uma breve cortesia.

— Morgana tem sentido terrivelmente sua falta, sabe? Outro dia me falava sobre isso.

— Estou em Corbenic — Brisen informou. — Rainha Morgause de Orkney, permita-me apresentar minha ama, lady Elaine de Corbenic.

Elaine inclinou a cabeça, cumprimentando-a.

Os brilhantes olhos azuis de Morgause arregalaram-se.

— Querida! — exclamou. — Não imagina como estava ansiosa para conhecê-la! — Voltou pelo caminho que viera, enfiando o braço pelo de Elaine e conduzindo-a pela escada. — Sir Lancelot fala tanto em você... E parabéns pelo nascimento de seu filho. Galahad, não é? Só o vi de relance ontem, mas parece um belo rapazinho saudável. Puxou ao pai?

— Não — Elaine disse, espantada com toda aquela efusão. — Receio que tenha puxado a mim.

— Então, deve ser um menino muito bonito. Ora, minha cara, não precisa enrubescer. Você é encantadora! Venha, vou apresentá-la a todos. Pode ir, Brisen — falou por sobre o ombro. — Eu tomarei conta de sua patroa.

Sem lhe dar chance alguma de protestar, Morgause arrastou Elaine na direção de uma saleta anexa ao salão principal.

— Vamos começar pelas damas da rainha, um bando de donzelas mais estúpidas eu nunca vi, mas tenho certeza de que...

Pararam diante de uma porta entreaberta, onde uma voz infantil tagarelava:

— Um ardil traiçoeiro! Aparentemente sua criada é uma bruxa. Foi treinada pela duquesa da Cornualha, e você sabe como *ela* é. Devem ter armado esse complô juntas, e sir Lancelot acabou na cama da tal senhora.

— A criada lhe deu um lenço com o perfume da rainha — outra voz continuou —, e deixou o quarto às escuras para que ele não notasse a diferença.

Não notasse a diferença? Elaine deixou escapar um gemido de desgosto, misturado a um riso de escárnio. *Estão subestimando os poderes de percepção do grande Du Lac!*

— Ele estava louco de desejo, é claro...

Pelo menos nisso acertaram, Elaine pensou. Um breve silêncio seguiu-se a um suspiro coletivo, e a história foi retomada.

— Pois a criada tinha-o feito beber uma poção do amor. Ele descobriu o logro na manhã seguinte, quando o feito se consumara, então ameaçou de cortar-lhe a garganta com a espada! Mas é óbvio que não o fez. É muito educado para fazer mal a uma dama doente, mesmo que tão falsa.

— Pobre sir Lancelot! — uma voz esganiçada entoou. — Tão cruelmente usado!

Elaine já ouvira o bastante. Virou-se, esquecendo que Morgause a segurava pelo braço.

— Não é aconselhável ter pressa — observou Morgause. Sua expressão era preocupada, porém os olhos brilhavam. Por um segundo, Elaine imaginou que ela a levara até ali com segundas intenções. Então Morgause arrastou-a para dentro da saleta.

— Senhoras, vejam quem está aqui! Esta é lady Elaine de Corbenic, ou, como alguns a chamam, a Dama da Luva Vermelha.

Um silêncio pesado abateu-se sobre as garotas, pois elas não passavam de garotas para Elaine, mesmo as poucas que aparentavam ter a sua idade, enrubesceram violentamente, os olhares culpados voando em todas as direções.

Tensa, Elaine cumprimentou-as uma a uma, respondendo às indicações de Morgause. Ao fim das apresentações, ela declarou: — Perdoem-me, mas devo ir. Sir Lancelot me espera. — Percebeu que agia como criança e isso a fez sentir-se envergonhada.

Assim que a viram fora da saleta, as damas irromperam num burburinho.

— Acham que ela ouviu?

— E daí, se ouviu? Depois do que fez ao pobre sir Lancelot...

Morgause, que seguira Elaine, deu uma risada.

— Não se leve tão a sério. Qualquer uma delas teria feito o mesmo, caso sir Lancelot olhasse duas vezes para ela.

— O mesmo? Eu lhe asseguro, senhora, que não enganei sir Lancelot...

— Claro que não — Morgause confirmou em tom caloroso. — Ora, uma moça como você não teria necessidade de feitiços para conquistar um homem e levá-lo para a cama. Nem mesmo se tratando do grande Du Lac! Ora, vamos, enxugue os olhos. Não permita que tais maledicências a aborreçam.

Elaine reconheceu a sensatez do conselho e obedeceu. Quando entraram no grande salão, deu-se conta de que não tinha reparado, na noite anterior, na beleza daquele lugar. Hesitante, parou à porta, admirada com seu esplendor.

— Siga na frente — pediu a Morgause. — Vou aguardar sir Lancelot.

A luz do dia refletia por um grande vitral colorido por ametistas, esmeraldas, turmalinas e topázios. Elaine nunca vira algo tão belo. Dezenas de tapeçarias adornavam as paredes, cada uma delas tecida nos mesmos tons reluzentes das jóias dos vitrais. Provavelmente ela chegara cedo, e Lancelot não se achava entre os poucos convidados presentes. A mesa principal estava posta. Ao centro, sentava-se um homem numa cadeira de encosto alto.

A coroa assentava-lhe com firmeza na cabeça, e os cabelos louros caíam pelos ombros largos. *Ele parece gentil*, Elaine pensou, ao ver que o, rei falava com um criado e,

rindo da resposta dada pelo garoto, dispensava-o com um gesto, recostando-se no espaldar. Seu olhar percorreu o salão e cravou-se em Elaine, que estacara a alguns centímetros da porta. Ele arqueou as sobrancelhas para depois sorrir, fazendo-lhe um gesto para se aproximar.

— Lady Elaine? — perguntou, quando ela lhe fez uma reverência.

— Sim, meu soberano.

O rei apontou uma cadeira à sua esquerda. — Venha juntar-se a mim.

Elaine tomou o assento oferecido e aceitou o cálice que o rei lhe estendeu.

— Bem-vinda a Camelot.

Estupefata, Elaine só conseguiu assentir com um gesto de cabeça.

Ficaram em silêncio vendo o salão aos poucos se encher de gente, somente Guinevere e Lancelot não apareciam. A um sinal de mão do rei, uma trombeta soou, e um jovem pajem ajoelhou-se aos pés de Elaine com uma bacia de prata com água, na qual boiavam pétalas de rosas. Ela molhou os dedos, secou-os e virou-se para o rei.

— Parabéns pela vitória, senhor.

— Obrigado — ele respondeu, distraído, voltando os olhos para a porta.

Ela seguiu o olhar do rei, torcendo para que finalmente fosse Lancelot, porém outro cavaleiro entrou e sentou-se. O rei tornou a fitá-la e, com grande esforço, disse mais algumas palavras:

— Espero que tenha feito boa viagem.

— Sim, senhor.

Fez-se silêncio entre os dois novamente. Elaine pegou um pedaço de carne e a mordeu.

— Corbenic — o rei falou de repente. — Agora me lembro. Os saxões a tomaram, não foi?

— E o senhor a devolveu para nós quatro anos atrás — Elaine concordou.

— Gawain fez a maior parte — disse Arthur. — Lutou com aquele sujeito... Qual era o nome dele?

— Binric.

— Sim, ele mesmo. A terra estava em péssimas condições — continuou o rei. — Como vocês têm passado?

— Foi difícil a princípio, mas este ano tivemos uma boa colheita.

— E seus aldeões? — Arthur perguntou casualmente. — Vêm tendo algum problema com eles? Elaine sentiu-se ruborizar.

— Sim, tivemos alguns. Creio que meu tio Ulfric deva ter feito uma reclamação formal ao senhor.

— Caça ilegal, me parece. Lembro-me de ele ter mencionado algo assim quando nos encontramos na Gália. Um bom homem, Ulfric — o rei disse, pensativo. — Sempre posso contar com ele para me mandar soldados, não apenas um bando de camponeses armados de qualquer jeito e prontos para fugir à primeira investida.

— Um bom homem... E muito cauteloso — Elaine murmurou. — Mas, como eu lhe dizia, agora estamos em melhor situação, e acho que meu tio não terá mais motivos para

reclamar.

— Minha cara, não é apenas Ulfric que me preocupa. Se seu pai estava em dificuldades, deveria ter me procurado. Eu sabia que ele estava para enfrentar tempos difíceis e lhe disse para mandar me avisar se precisasse de ajuda. Mas, infelizmente, ele não me pareceu estar em seu juízo perfeito. Talvez eu deva mandar alguém para conversar com ele e oferecer-lhe nosso auxílio.

— Não, senhor, por favor — pediu Elaine. — Papai ficaria aborrecido e não compreenderia. — Arthur concordou com expressão de simpatia. — Temos um novo oficial agora — ela continuou. — Ele é muito capaz, e sir Lancelot... Tem sido muito... generoso.

— Tem? Ora, então, não direi mais nada. Somente que, se você necessitar de algum tipo de assistência, não deixe seu orgulho impedi-la de me procurar — disse o rei, fitando-a diretamente nos olhos.

— Claro, senhor — prometeu Elaine. — Obrigada.

— Ah! — Arthur exclamou ao ver o pajem colocar uma bandeja sobre a mesa. — Finalmente temos aqui comida de verdade. Não suporto todos esses molhos e pimentas — confidenciou. — Gostaria de comer um pouco desta carne?

— Sim, obrigada — Elaine respondeu. Ambos compartilharam da mesma carne e do mesmo vinho enquanto continuavam sua conversa a respeito de Corbenic, o rei gentilmente dando-lhe conselhos e sugestões.

— O que houve com as ovelhas que Lance mandou? — perguntou inesperadamente. — Eu o avisei de que seria um erro. As terras de Corbenic são muito baixas para que aquele tipo de animal se desenvolva, mas ele insistiu.

— Ele atendeu a um pedido meu. Devo dizer que tinha razão, senhor.

— A doença do "pé podre"?

— Entre outras, algumas das quais o pastor jurava que eram até então desconhecidas.

Arthur riu e ela se viu rindo também, embora naquela ocasião o incidente tivesse sido tudo menos divertido.

— Vou sair para treinar meu novo falcão. Gostaria de me acompanhar?

Elaine olhou ao redor, notando com alguma surpresa que a refeição terminara.. Lancelot não tinha aparecido, tampouco a rainha. O que isso queria dizer ela não sabia, e também não quis pensar no assunto.

— O senhor vai a cavalo?

— Não, apenas fazê-lo voar preso à correia. — Levantando-se, Arthur ofereceu-lhe o braço: — Aos viveiros!

Uma pequena multidão de cavaleiros e damas deixou o salão. Elaine caminhava à frente, a mão sobre o braço do rei.

Capítulo VI

— Você veio me recriminar, não é? — Guinevere e Lancelot haviam ficado sozinhos após ela ter dispensado a criada. — Sei que mereço. Fui muito desagradável com sua Elaine.

Recriminá-la? Lancelot não tinha intenção de fazer isso. Desejava, isso sim, sacudi-la com força, tentar enfiar algum juízo naquela cabeça vazia.

— Por quê? — ele perguntou, furioso.

— Eu estava... aborrecida. Isso não é desculpa, é claro... Pedirei perdão a ela, juro! — A voz tremeu e ela engoliu em seco. — Não fique bravo comigo.

No dia anterior, Guinevere parecera-lhe bem melhor do que quando a vira pela última vez. Fizera o desjejum com ele e Arthur, e arrancara boas risadas dos dois ao reclamar do filho mal-educado do rei Bagdemagus que, entre seus muitos pecados, cometera a ofensa imperdoável de arrotar na presença da rainha e sequer pedira desculpas.

Naquele momento, porém, seu brilho se desvanecera. Ela parecia cansada e aflita, puxando sem parar as dobras do vestido. Mas isso não era de sua conta, Lancelot ponderou. Guinevere era uma mulher adulta, uma rainha, e tinha que ter maturidade.

— Se você se desculpar, esqueceremos o incidente todo.

— Ótimo, Lance — ela disse, com tanta humildade que a raiva de Lancelot transformou-se na usual sensação de pena. — Deixe-me apenas arrumar os cabelos, e descerei com você. Ouviu falar da última de Tristão e sua amada? — perguntou com um sorriso falso, ao prender uma flor entre as tranças negras. — O rei Mark está desconfiado, mas isso não é de se admirar! Por que ele simplesmente não baniu Tristão da Cornualha está além de minha compreensão. Você deveria conversar com ele, Lance. Convença-o a desistir antes que volte lá e algo terrível aconteça.

— Mesmo que eu pudesse cometer tamanha impertinência, duvido que ele fosse me ouvir — Lancelot respondeu com frieza.

— Não, não creio que o ouviria — concordou Guinevere. — Ele realmente a ama. Eu lhe contei que a conheci? — ela continuou depressa, ajeitando um cacho dos cabelos. — A bela Isolda esteve aqui com Mark faz duas semanas. E é tão encantadora quanto ouvimos dizer, embora, cá entre nós, seja uma péssima companhia. Tudo o que faz é suspirar e pender a cabeça, virando aqueles grandes olhos para Tristão. E ele não fica atrás: parece que coloca todo seu coração nos olhares que lhe lança. É realmente uma vergonha. Qualquer pessoa percebe que os dois vivem um para o outro.

— É uma situação infeliz — Lancelot disse, num tom neutro, segurando a porta aberta para que ela passasse. Saíram juntos para o corredor, Guinevere dando dois passos para acompanhar um dele, os olhos ansiosos a lhe perscrutar a face.

— Sim, é muito infeliz. E o pior de tudo é que eles parecem se deliciar com esse sofrimento. Oh, sei que dizem que os dois tomaram uma poção do amor, mas honestamente, Lance, mesmo que Tristão não possa ajudar a si mesmo, *ela* deveria fazer algum esforço. Mark não é tão ruim. Claro que não tem a boa aparência de Tristão, mas é muito meigo. Ora, pouco antes de ir embora, ele me disse...

— Não quero ouvir falar do rei Mark — Lancelot interrompeu-a —, ou de sua rainha, ou do pobre e sombrio Tristão.

Guinevere riu como se ele tivesse feito uma piada.

— Ora, claro que não. Desculpe-me. Mas há tão pouco sobre o que conversar. Todos os dias são iguais: lavar, costurar, orientar sir Kay com seus menus, agüentar as travessuras de minhas damas de companhia... Um bando de gansas, é o que elas são, e com todos os casamentos que tenho de arranjar para resgatar seus bons nomes, mal tenho um momento de calma para respirar. Nossa Senhora seja louvada por tê-las mantido bem-comportadas até agora, embora, honestamente, nunca haveria de pensar que donzelas criadas com tanto esmero pudessem ser tão travessas. E os cavaleiros! Outro dia entrei na saleta e encontrei sir Dinadan atrás de uma tapeçaria com... com...

À porta do salão Guinevere parou, uma das mãos comprimida à garganta, os olhos cravados na mesa principal. Arthur recebera bem Elaine, Lancelot percebeu com alívio. Conversavam amigavelmente, compartilhando comida e vinho da mesma travessa e do mesmo cálice.

Arthur ria um riso solto, sem estratégias, e Elaine correspondia com gargalhadas espontâneas.

— Eu... Não me sinto bem... — Guinevere falou num tom agudo. — Preciso... Apresente minhas desculpas, Lance...

Lancelot virou-se a tempo de vê-la cambalear de volta pelo corredor, uma das mãos no rosto, a outra esticada tateando a parede.

Deixe-a ir. Seja lá o que a aborreça, ela deve suportar sozinha ou confidenciar seus problemas com o marido.

Obrigou-se a dar outro passo para dentro do salão e, então, resmungando uma praga, virou-se e seguiu Guinevere, alcançando-a quando chegava ao quarto.

— Guinevere, pare! — Lancelot gritou.

— Volte — ela respondeu, lutando com o ferrolho. — Está tudo bem, eu só fiquei um pouco... Já estou me sentindo melhor.

Ele entrou com ela e fechou a porta, olhando ao redor para certificar-se de que estavam a sós.

— Olhe para mim — ele ordenou. — Não, não desvie o olhar. Diga-me: qual é o problema?

— Posso confiar em você? Promete que não comentará com ninguém?

— Algum dia traí sua confiança?

— Bem, então... — Guinevere soltou um longo suspiro. — Ontem... Eu pensei que estava... Pensei que esperava... — Meneou a cabeça. — Não, era mais que uma esperança. Pensei que tivesse engravidado! Pretendia contar a Arthur a noite passada, antes da festa, mas então... então... — O corpo esbelto de Guinevere foi sacudido por soluços. — Ele teria ficado tão feliz!

— Oh, Guinevere... Tem certeza de que não estava enganada? — Lancelot indagou com pesar.

— Não dessa vez. Eu tinha certeza... As mulheres sabem... Mas não pude segurá-lo. Por quê? — Começou a andar de um lado para o outro. — Já me perguntei milhares de vezes: por quê? O que há de errado comigo?

— Venha cá, sente-se. Você precisa descansar. Tome, beba este vinho. Vai lhe fazer bem. — Lancelot sentou-se ao lado dela. — Essas coisas acontecem. Isso não quer dizer que você não pode... Que não se sairá melhor da próxima vez — terminou, desajeitado.

— Foi isso o que eu mesma me disse da primeira vez. — Ela passou a manga do vestido pelos olhos. — E da outra. Mas agora... Pensei que a terceira... Parece até que é bruxaria... — Ela tomou um gole de vinho, jogando o cálice, repentinamente, contra a parede. — Deus o amaldiçoe! — berrou. — Ele me jogou uma praga e agora sou estéril!

— Ele? Ele quem?

— Meu pa... O rei Leodegrance — ela esbravejou. — Quando ele me disse quem... Eu era...

Lancelot fitou-a espantado. Em todos aqueles anos nunca tinham falado sobre as origens de Guinevere. E o fato de ela fazê-lo naquele instante o assustou.

— Eu sempre soube que ele me odiava — ela continuou, andando de um lado para o outro. — Sempre! Mas nunca imaginei o quanto. E então ele me contou a respeito de minha mãe e o rei Ban, coisas que eu não queria ouvir, que não podia suportar, foi tão horrível, tão... Sórdido!

— Eu sei — Lancelot concordou. Leodegrance lhe contara a mesma história, mas ele não lhe dera muita importância. Porém, depois de todos aqueles anos na Corte, ele compreendera: se a verdade fosse exposta, Guinevere e Arthur nunca se recuperariam do escândalo.

— Antes de partirmos para Camelot — ela prosseguiu —, Leodegrance jurou que contaria a Arthur, romperia nosso noivado, e me trancaria num convento para sempre. Eu lhe implorei... — Ela abraçou-se, tremendo. — Por fim, ele disse que guardaria silêncio... Pela honra de *sua casa*. Mas disse que seria amaldiçoado por impor uma prostituta de origem ilegítima ao seu rei, e, se Deus fosse justo, ele nunca teria um herdeiro gerado por mim.

— Isso é ridículo! — Lancelot objetou. — Se Deus concedesse suas graças a cada pedido feito com raiva...

— Mas ele tinha razão — ela murmurou, as lágrimas escorrendo de seus olhos. — Ele é maldito... E eu também, por não contar ao meu marido a verdade sobre minha origem.

— Então, por que não lhe conta tudo agora? — Lancelot indagou. — Já lhe havia sugerido isso antes e...

— Não posso! Ele anularia nosso casamento, me mandaria pára longe, trancando-me para sempre...

— Arthur não faria isso — ponderou Lancelot. — Você está sendo estúpida.

— Não, não estou. Pense, Lance: de que serve uma rainha que não pode dar a seu soberano um herdeiro? Agora, Arthur está ligado a mim por honra, mas se souber que o enganei, terá a desculpa perfeita para me expulsar e procurar outra noiva.

— Que bobagem! Ele nunca a poria de lado!

— Se acredita nisso, você é um tolo! — Guinevere gritou. — Ele fará o que é melhor para a Grã-Bretanha.

Lancelot calou-se. Sim, Arthur faria tal coisa se isso servisse aos interesses do reino. Na verdade, ele não teria outra escolha.

— Mesmo que ele anulasse o casamento — ele ponderou —, tenho certeza de que a deixaria voltar para casa,

— Para casa? Para Cameliard? Onde Leodegrance ainda reina? Eu não agüentaria! Não, prefiro morrer. E morrerei. Saltarei da torre antes que ele me mande para lá... Ou me enterre num convento. Eu não suportaria deixá-lo...

— Pare com isso — Lancelot ordenou, rispidamente. — Você não vai saltar de torre nenhuma. Nunca mais diga uma coisa dessas. Sente-se e beba isto. — Encheu uma caneca de vinho e colocando-o nas mãos de Guinevere.

Ela pegou o copo com as mãos trêmulas e bebeu um grande gole, derramando vinho no vestido.

— Beba tudo — ele ordenou, e ela obedeceu. — E agora? Sente-se melhor?

— Sim — ela murmurou.

— Você ainda é jovem, Guinevere. Tem muitos anos pela frente para dar ao rei um herdeiro. E preste atenção em tudo o que conseguiu. Em todos os lugares por onde passo, ouço o povo comentar sobre suas boas obras, sua caridade e todos sentem orgulho de você, que leva alegria às suas vidas. A Grã-Bretanha toda a adora.

Ela virou a cabeça para olhar pela janela aberta.

— Nem toda — sussurrou.

Lancelot seguiu seu olhar. Um grupo de cavaleiros e damas estava reunido no pátio, e a cabeça loira do rei destacava-se no meio deles.

— Ele não a trata bem?

— Oh, sim — ela concordou com veemência, as lágrimas escorrendo pelas faces. — Trata-me com muito respeito. Ele é maravilhoso...

— Respeito — Lancelot repetiu, começando a vislumbrar a essência da infelicidade de Guinevere.

— Sim, sempre. E com muita cortesia também. Ele é...

— Ele tem uma amante? É isso?

— Não. Creio que não. Mas você sabe muito bem que, se fosse o caso, ninguém me contaria. E dou graças a Deus por isso, pois acho que não suportaria saber. Se, ou quando acontecer, espero que ele seja discreto. E eu creio que realmente será. Presumo que não seria capaz de fazer alguma coisa que viesse a me envergonhar perante a Corte.

— Não, também penso que ele jamais faria isso.

— Sendo assim, não tenho nada do que reclamar, não é? Eu deveria me postar de joelhos agora e agradecer a Nossa Senhora por minha boa sorte. Mas... Se ao menos pudesse lhe dar um filho... — ela murmurou. — Juro por tudo que é sagrado que nunca mais pediria qualquer outra coisa.

— Você lhe dará — Lancelot afirmou. — Dê tempo ao tempo.

— Claro. — Guinevere sorriu, forçadamente. — Sou mesmo uma boba. Afinal, sou a rainha da Grã-Bretanha e todos me amam.

Todos a não ser um. Lancelot pareceu ouvir seu pensamento, como se ela o tivesse gritado bem alto.

— E por que ele *não* a amaria? — Lancelot indagou, sem se dar conta de que dissera a frase em voz alta.

— Ah, o amor! — Guinevere afastou os cachos do rosto. — O que é o amor, senão uma tola fantasia cantada pelos menestrels? Diga-me, Lance: você *ama* sua Elaine?

Lancelot sabia qual era a resposta que ela queria ouvir. Porém não iria mentir e ficou em silêncio. Guinevere soltou uma risada forçada.

— Ah, vejo que ela é uma dessas poucas felizardas, não é?

— Não creio — Lancelot retrucou, secamente. — Talvez eu não seja o homem ideal para ela.

— Que bobagem, todo mundo diz que você é um ótimo partido.

— Mas quem diz isso não me conhece. Guinevere riu de novo, desta vez com naturalidade.

— É verdade. Melhor se casar com ela rápido.

— Deus permita que eu possa.

— Nunca pensei em ouvir *você* falar tão virtuosamente! Tem passado tempo demais com sir Bors! — Guinevere suspirou, os dedos a mexer incessantemente no broche preso ao peito. — Pelo que sei, há apenas um jeito de se ter um filho, e cumprimentar meu marido com os olhos inchados e a pele manchada, vai contra os meus princípios. Portanto, vá embora, Lance. Vou tentar consertar o dano.

O que ela dissera fazia sentido, mas... aquela não era Guinevere, sempre tão orgulhosa e impulsiva. Lancelot não acreditava que ela fora reduzida a uma mulher que precisava armar esquemas para trazer o marido para sua cama.

— Por que está me olhando desse jeito estranho? — ela indagou. — O que está pensando?

— Nada — ele respondeu de imediato, mas sabia que Guinevere sempre conseguira ler seus pensamentos. — Guinevere, não chore. Eu não pretendia fazê-la chorar. Vou embora agora, e você vai se fazer bonita...

— Não bonita o bastante — ela murmurou e, então, encostou a cabeça em seu ombro e chorou lágrimas sentidas.

Lancelot afagou-lhe as costas, desejando poder encontrar palavras para acalmar seu desespero, porém essas não existiam. Ela tinha razão. Por mais que lhe agradasse ver Elaine ricamente vestida e cheia de jóias, tais enfeites não tinham nada a ver com amor. O sentimento maravilhoso que nutria por Elaine tinha a ver com o cheiro dela, o sorriso, o jeito com que seu coração exultava quando os olhos de ambos se encontravam. Não importava se estivesse usando veludo ou uma camisola suja de lama. Ele a desejava. Não apenas seu corpo na cama, mas toda sua essência, tudo o que ela era. E jamais haveria alguém que tomasse seu lugar.

Sua atenção foi atraída por vozes abafadas vindas do pátio. Olhou pela janela e viu que um grupo de pessoas se dispersava, exceto por um. Sir Agravaine olhava para o alto, os olhinhos arregalados e a boca aberta, a mão estendida apontada na direção da ameia aberta.

Foi então que Lancelot viu um segundo homem, que, alertado por Agravaine, virou-se para trás e seguiu com o olhar a direção apontada por ele. Seus olhos encontraram os de Lancelot, curvado sobre a cabeça de Guinevere. Sem ter tempo de raciocinar ou de mover-se, Lancelot observou o rei virar-se abruptamente e seguir para os viveiros, o falcão a se debater inquieto sobre seu punho, e Agravaine em seu encalço.

— Não foi nada — disse Lancelot.

Ajoelhado diante de Elaine, apertava as mãos dela nas suas. Consciente da força com que o fazia, afrouxou a pressão, e no mesmo instante, ela se afastou.

— A rainha estava preocupada... Angustiada — ele continuou —, e eu a confortei. Foi só isso, Elaine. Eu juro!

— Por que ela estava angustiada? — Elaine perguntou. — Foi por que eu o atraí para minha cama com poções do amor e fingindo ser ela para que você se deitasse comigo?

— O quê?!

— Ora, vamos, Lancelot, não me diga que não ouviu nada a respeito! Todo mundo só fala disso! Como eu o enganei e menti a você, e...

Lancelot sentou-se nos calcanhares.

— Não — ele murmurou.

— Como a rainha ficou atormentada ao saber de sua traição — Elaine continuou. — Mas dizem também que ela o perdoou quando soube de que maneira vil você tinha sido enganado.

Lancelot não conseguia olhá-la de frente. O sol entrava pela janela às suas costas, formando um halo em volta de sua cabeça, o rosto indistinto na sombra.

— Nada disso é verdade — ele conseguiu dizer.

— Eu *sei* que não é verdade — disse Elaine, suas palavras cravando-se na mente de Lancelot como punhaladas. — Mas como uma história assim teria começado?

— Não sei — ele respondeu, intrigado. Pestanejou e levou a mão à testa, esfregando o espaço entre os olhos.

— Tem certeza de que não foi você quem começou isso?

Ele se encolheu como se Elaine o tivesse agredido.

— Você não pode estar pensando isso de mim... Elaine tirou as mãos das dele.

— Por que a rainha estava tão angustiada? Lancelot meneou a cabeça.

— Não posso lhe dizer. Mas juro que não tem nada a ver com você, ou comigo. Ela está... infeliz.

— Isso eu já sabia. — Ela se levantou abruptamente. — Cansei-me de Camelot. Vou voltar para casa.

— Elaine, eu te amo — Lancelot disse, desesperado.

— Não existe outra mulher em minha vida.

O olhar de Elaine lhe era familiar. O mesmo de Arthur uma hora atrás, quando o vira à janela do quarto da rainha, e que parecia querer dizer: *mentiroso*.

Mas ele era inocente! Não fizera nada de errado, não traía nenhuma promessa. Contudo, Arthur acreditava que ele o traía, estava magoado, e ele era o responsável. Por acaso isso não seria uma traição? Ele não sabia dizer. Não conseguia entender como tudo aquilo acontecera e o que significava. A única coisa de que tinha certeza era que não podia agüentar o olhar de recriminação de Elaine. Segurou os pulsos dela, pousando a testa na dela.

— Elaine — sussurrou —, leve-me com você. Por favor...

Sentiu as mãos de Elaine frias e rígidas, e comparou-as à pedra áspera sob os joelhos. Se ela o rejeitasse, ele não resistiria. Não seria capaz de sobreviver sem Elaine a seu lado.

— Está bem — ela respondeu, por fim. — Está certo de que quer voltar comigo?

Lancelot sentiu um profundo alívio, mal conseguindo articular as palavras.

— Sim — ele murmurou —, sim, nunca estive tão seguro de uma coisa em toda a minha vida. Podemos partir hoje, assim que o rei me liberar.

— Não acho que isso será um problema.

— Irei falar com ele agora. — Lancelot pôs-se em pé, vacilante.

— Você está bem? — Elaine perguntou. — Está tão pálido...

— É só minha cabeça... que dói às vezes, mas vai passar... — Lancelot voltou-se em direção à porta, e perdeu o equilíbrio, apoiando-se no espaldar da cama.

— Deite-se — ela pediu. — Você não me parece nada bem.

— Não, preciso procurar Arthur.

— Então irei com você.

— Está bem. — Lancelot agarrou a mão dela. — Vamos dizer a ele que... que eu...

— Que você vai se retirar da Corte — Elaine completou. — Mas você não pode falar com ele neste estado. Venha, descanse um pouco.

— Não, precisamos ir agora.

A raiva de Elaine começou a se dissipar. Os boatos sobre ele e Guinevere, que davam conta de que haviam sido descobertos pelo rei num abraço apaixonado, não tinham demorado a chegar aos seus ouvidos. Algumas damas haviam corrido até ela para lhe contar, provavelmente esperando vê-la cair em prantos, para assim apimentar as fofocas um pouco mais. Ela não lhes dera esse gosto, muito embora tivesse se esforçado muito para não deixar transparecer seu sofrimento.

Caminhando ao lado de Lancelot pelo corredor, ela refletia sobre a conversa que ambos haviam acabado de ter. Talvez Lancelot tivesse dito a verdade. Quanto ao motivo da aflição de Guinevere, esse era outro assunto. Não tinha havido necessidade de saber alguma fofoca para que ela intuísse os sentimentos de Guinevere com relação à sua chegada...

Qualquer que fosse a verdade, porém, Lancelot estaria melhor longe de Guinevere. Quando chegassem a Corbenic, Elaine teria a prova. Só assim poderiam reconquistar a felicidade que haviam compartilhado.

Um pajem os conduziu até os degraus da escada que levava ao quarto de Arthur. Elaine teve a impressão de que ele parecia ter envelhecido dez anos desde que tinham se encontrado no jantar. Cumprimentou-os com frieza e, quando Lancelot, hesitante, solicitou permissão para deixar a Corte, ele se limitou a aquiescer com um gesto de cabeça.

— Obrigado, milorde — Lancelot agradeceu com ar altivo, emendando logo em seguida: — Arthur, sinto muito...

— Lady Elaine — o rei o interrompeu —, desejo-lhe boa sorte.

— E ao senhor, meu soberano — Elaine murmurou, puxando Lancelot pelo braço. Ele não se moveu.

— Arthur — ele repetiu com voz embargada —, não vai me desejar boa sorte

também?

— Não — Elaine murmurou por entre os dentes — agora, não.

— Você... não acredita que... — Lancelot balbuciou. — Arthur, você me conhece...

— Pensei realmente que o conhecia — o rei redarguiu. — Você pediu minha permissão para se retirar, e ela está dada. Não há mais nada a dizer.

— Nada?... — Lancelot ficou mortalmente pálido. Soltando a mão de Elaine, adiantou-se. — Não pode fazer isso, apenas me deixar ir para longe sem nem mesmo...

— Foi você quem pediu. — A princípio controlado, Arthur perdeu a compostura, levantando-se da cadeira. — Vá! Saia daqui! Poupe-me de suas desculpas e suas mentiras. Não quero ouvi-las!

— Jamais menti a você.

Arthur bufou de desgosto e desabou na cadeira.

— Vamos, Lancelot — Elaine suplicou. — O rei nos dispensou, devemos ir.

— Jamais menti a você — Lancelot repetiu com voz trêmula. — Sempre cumpri meu juramento.

Arthur o encarou por um longo instante. Aos poucos a fúria de sua expressão foi se desvanecendo.

— Lance...

De repente a porta se abriu e a rainha entrou.

— Arthur, eu... — Guinevere estacou. — Ora, Lance, o que faz aqui... e lady Elaine?

— Sir Lancelot e sua senhora estão nos deixando, Guinevere — informou o rei. — Estão de partida para Corbenic. Deseje-lhes boa sorte, milady, como eu fiz.

— De partida? — Com expressão abismada, Guinevere olhou de Arthur para Lancelot. — Não, isto não é... Lance, você não está realmente indo embora, está?

— Sim, senhora — ele confirmou. Apenas um minuto atrás, Elaine não conseguia tirá-lo dali, e agora Lancelot mostrava-se ansioso para sair. — Se puder me dar licença...

— Mas você não pode ir!

Elaine desejou estar em qualquer outro lugar menos ali. O que diria o rei? O que *poderia* dizer? Ela rezou para que Arthur calasse a esposa antes que ela os humilhasse ainda mais.

Contudo, Arthur não a calou. Recostou-se à cadeira, cravando nela um olhar penetrante, e perguntou com voz autoritária demais para o tom suave:

— Por que não?

— Por quê? — A rainha enrubescou de imediato. — Ora, porque amanhã o rei Bagdemagus vai chegar com aquele seu filho horroroso. Eu estava contando com Lance para lutar na justa contra ele! Você prometeu, Lance, não se lembra?

— Prometi? — Lancelot esfregou o cenho, a palidez aumentando. — Senhora, peço-lhe para me liberar dessa missão. Sir Gawain poderá assumir meu lugar.

— Eu não *quero* Gawain no seu lugar! — Guinevere replicou, falando tal qual uma criança mimada. Elaine teve vontade de esbofeteá-la. — Quero que você faça isso. Você me deu sua palavra!

— Já basta! — cortou Arthur. — Sir Lancelot, está dispensado.

— Você não tem direito de fazer isso! — Guinevere gritou. — Ele está sob meu comando, é meu paladino, e eu ordeno que ele fique e cumpra com seu dever!

— Que dever é esse, Guinevere? — Arthur perguntou, os olhos faiscando de raiva. — O dever que eu o vi realizando hoje cedo, através da janela de seu quarto?

Guinevere ergueu o queixo e fitou o marido com um olhar de desdém.

— Lance é meu amigo. Ele me ouve... ele se importa comigo se me sinto infeliz...

— Que motivo você tem para ser infeliz? — Arthur indagou.

— Acha que não sei o que o povo diz? Nem o que você pensa? Uma rainha estéril não serve para ninguém.

Os nós dos dedos de Arthur embranqueceram nos braços da cadeira.

— Algum dia... *alguma vez*... eu a recriminei?

— Não com palavras, mas... — As lágrimas tremiam nos cílios de Guinevere, mas não caíram. Algo na rigidez da boca, na inclinação da cabeça, fazia Elaine recordar-se de alguém, mas não conseguiu saber de quem.

— Sei o que eu sou, milorde: uma égua real que falhou em seu dever para com seu rei e seus soberanos. E agora o senhor me nega o conforto que pode me dar um amigo.

— Isso dependeria — respondeu Arthur — da forma como esse conforto se desse. Não nego que venho esperando por um herdeiro. Porém a última coisa de que a Grã-Bretanha necessita é de um príncipe cuja paternidade seja duvidosa. A julgar pelo que testemunhei mais cedo, esse fato relevante deve ter lhe escapado...

— Como ousa?! — Guinevere gritou. — Isto é um ultraje!

— Se pensa que sou o único a falar, você é uma tola, assim como...

— Parem!

Lancelot ergueu a cabeça.

— Arthur... Guinevere. — Olhou de um para outro, a expressão suplicante. — Eu... eu não sei o que querem de mim. O que devo fazer?

— Vá! — o rei ordenou.

— Fique! — a rainha contrapôs.

Lancelot desatou a rir. Já havia passado por aquilo antes. Ali mesmo. Todos tinham passado. O tempo se retorcera em si mesmo, o passado tornando-se o presente. Por que o encaravam tão estranhamente? Será que não enxergavam o quanto tudo era divertido?

Sua cabeça latejava, mas ele buscou forças para controlar a dor, pois precisava refletir e tentar esclarecer aquela confusão. Arthur estava muito zangado, e Guinevere... maldita fosse, por que *ela* não falava? Mas ela não devia ser recriminada. A culpa era do rei Ban, pobre e louco rei Ban, que traíra seu bom amigo. Arthur um dia não dissera algo sobre os pecados do pai recaírem sobre o filho?

— Venha comigo — Elaine disse, gentilmente, puxando-o pelo braço.

Lancelot meneou a cabeça. Não podia ir com ela. Prometera lutar disfarçado no torneio do rei... mas sir Torre tomara de volta seu escudo...

Ou não? Uma nova pontada de dor apunhalou suas têmporas. Isso havia acontecido muito tempo atrás, quando a Dama do Lago o expulsara de Avalon. Agora ele voltara a ser protegido por ela. E era como deveria ser, pois só assim ele seria útil ao rei Arthur, como era seu desejo. Arthur precisava dele, e ele não trairia seu soberano e amigo. Contanto que fosse fiel a Arthur, tudo ficaria bem.

Por que todo mundo está quieto? O rei e a rainha o fitavam, imóveis, congelados como desenhos numa tapeçaria. Talvez fosse isso mesmo o que eles eram: três personagens de uma canção cantada em Avalon pelo harpista da Dama do Lago... Qual era mesmo o nome dele? Se pelo menos ele pudesse se lembrar...

— Thomas — falou em voz alta. — O nome do harpista era Thomas!

— Venha — uma voz falou ao seu ouvido. — Você precisa descansar, Lancelot.

Era a voz de Elaine, sua Elaine, que o fitava com seus deslumbrantes olhos azuis. O que ela estava fazendo ali? Por que parecia tão assustada e o agarrava pelo braço? Algo estava errado, mas ele não conseguia se lembrar. Aquela terrível dor de cabeça não permitia que pensasse.

Elaine não sabia o que fazer. Olhava aterrorizada para a face acinzentada de Lancelot, seus olhos brilhantes de febre. O eco da risada tresloucada ainda ecoava em seus ouvidos.

— Venha comigo — ela pediu novamente, a voz apenas um sussurro.

— Meu amor, eu sinto tanto... — Lancelot desculpou-se. — Eu deveria ter mandado você embora, mas não consegui. Eu fiz muitos juramentos e eles me sufocam. Não consigo respirar. A Dama do lago acusou-me... — Ele levou a mão à testa. — Perjúrio... Não vou conseguir suportar isso outra vez. Milorde, por favor, ajude-me.

— O que foi, Lance? — Arthur inquietou-se. — Está passando mal?

— É este espaço, aqui, entre meus olhos, onde minha alma morou um dia. Você sabia, Arthur? Algum dia imaginou que eu fosse perdê-la? Muitas vezes achei que você sabia, e só não me revelava por ter pena de mim.

— Mande buscar sua criada, a curandeira — Arthur aconselhou a Elaine, mas ela não conseguiu se mexer. Voltou-se novamente para Lancelot e respondeu, gentilmente: — Não, jamais imaginei.

— Tinha de ser — Lancelot afirmou. — É meu destino. A Dama do Lago me revelou, no celeiro. Não podemos levar o feno para dentro... Will pensou que fui que matei a aranha. Mas está tudo certo agora. Não tenha cuidados comigo, Arthur, eu não mais... a não ser antes de uma batalha. Ver todos partir sem saber o que acontecerá... Faz ideia, meu soberano, do quanto seus cavaleiros são corajosos?

— Sim — Arthur murmurou, tomando-lhe o braço —, meus cavaleiros são todos homens corajosos. Sente-se, Lance.

— Tome sir Gawain — Lancelot continuou, como se não tivesse ouvido. — Um cavaleiro incrível, mas não, o infeliz deixa-se enganar. — Ergueu a cabeça com arrogância. — O quê, duvida de minha palavra? Eu afirmo, senhor, sei bem o que digo.

Elaine e Arthur trocaram olhares assustados. Lancelot não estava febril. Sua pele estava fria e seca. E ele fitava Elaine como se não a conhecesse.

— Lancelot — ela falou suavemente, pousando as mãos em seu peito —, olhe para mim, meu amor. Não me reconhece?

Os olhos de Lancelot se aguçaram, e ele segurou-lhe os pulsos com tanta força,

que ela gritou de surpresa.

— Elaine, o que faz aqui? Por que não está em Corbenic? Vá embora! Não é seguro ficar perto de mim.

— Eu não tenho medo — Elaine afirmou.

— Pois deveria ter. Oh, meu amor, se você soubesse onde estive! As estrelas cantam lindas canções e as pedras flutuam à luz do luar. Mas isso não é para você. Será que não entende?

Os olhos de Guinevere estavam arregalados.

— Ele está louco — ela murmurou. — Jesus do céu, ele está louco! Como nosso pa... como o rei Ban... Lancelot! — gritou, desesperada.

Ele livrou-se das mãos dela e recuou, cambaleando.

— Não me toque! Não sou mais humano.

— Você não está bem — o rei afirmou. — Deite-se um pouco, enquanto eu mando chamar...

— Não! — Lancelot olhou do rei para Elaine e depois através da janela, para o roseiral.

— Galahad — falou claramente. — Galahad.

Sem que ninguém esperasse, ele correu e se atirou pela janela.

Felizmente a queda não foi grave. Elaine debruçou-se no peitoril, vendo-o erguer-se, titubeante, o sangue de dezenas de arranhões dos espinhos das rosas escorrendo pelo rosto.

— Lancelot! — ela chamou, a voz do rei juntando-se à dela. Sem olhar para trás, Lancelot correu pelo jardim, saltou o muro, e desapareceu na floresta.

Arthur saiu do quarto berrando por seus cavaleiros, o baque da porta abafando sua voz.

— Eles o encontrarão — disse Guinevere. — Eles o trarão de volta.

— E depois? — Elaine indagou. — Você tem o rei... Ele é um bom homem, um homem honrado. Por que não deixa Lancelot em paz?

Guinevere encarou-a, tão pálida quanto Lancelot estivera antes, a mesma surpresa chocada toldando-lhe os olhos. As lágrimas saltaram dos olhos e escorreram pelas faces. Mesmo aos soluços, não deixava de ser encantadora.

— Nunca tive intenção de magoá-lo — Guinevere murmurou, estendendo as mãos.

— Mas magoou. Mais que isso: você o destruiu. Bom dia, senhora — Elaine disse, friamente. — Parece que voltarei a Corbenic sozinha.

— Fique... Talvez ele recobre o senso e volte para casa — Guinevere pediu com voz débil.

— Esta é minha única esperança. E, se isso acontecer, nós... nosso filho e eu, lá estaremos esperando por ele.

Ao ficar só, Guinevere correu para a janela. Os cavaleiros partiam de Camelot para procurar por Lancelot. As patas dos cavalos levantaram nuvens de poeira pela estrada até desaparecerem entre as árvores. O som das trompas soando à distância era carregado pela brisa da tarde.

O crepúsculo espalhou-se, drenando as cores dos campos, das árvores, das flores. Os cavaleiros eram meras sombras quando retornaram. O último dourado desvanecia-se na copa das árvores, quando a porta do quarto de Guinevere se abriu.

— Não o encontraram? — ela perguntou, sem deixar de olhar pela janela.

— Não.

— Sinto muito por isso. Arthur... — Guinevere emendou depressa, antes que perdesse a coragem: — Gostaria de conversar com o senhor.

— Agora? — O rei riu com rudeza. — O que ainda resta a falar?

— Isto...

Ela virou-se, as mãos apoiadas no peitoril atrás de si. Como era covarde! Sentia-se aliviada por falar com ele na penumbra do quarto, pois assim ele não veria seu rosto.

— Lancelot não é meu amante.

— Realmente?

Imaginava facilmente a expressão de Arthur: uma sobrancelha erguida e o canto da boca curvado para cima.

— Ele é meu amigo, como eu já lhe disse. Porém, existe mais outro laço entre nós. — Guinevere buscou forças para concluir. — O rei Ban era nosso pai. Dele e meu também.

Arthur permaneceu em silêncio.

— Ouviu o que eu disse? Eu...

— Que o rei Ban era pai de vocês. Sim, eu ouvi. Por que está me dizendo isso?

— Porque é a verdade, milorde. — Apressadamente, com a voz trêmula, ela contou toda a história.

— Você sempre cumprimenta seu... irmão abraçando-o da maneira que fez hoje?

— Nos últimos quinze dias... Bem, eu achava que estava carregando um filho seu. Fiquei muito angustiada quando me dei conta de que tinha sido um rebote falso. Não havia ninguém com quem eu pudesse falar — ela continuou, torcendo as mangas do vestido nas mãos. — Minhas damas só sabem mexericar. Não confio em ninguém, a não ser em Lance. Eu sempre pude... — Guinevere sentia a garganta apertada. — Contar com ele para tudo.

— Não lhe ocorreu que poderia contar comigo?

— Oh, não, milorde. Não vi razão para perturbá-lo.

A lua nascia por cima das árvores. A luz do luar desenhava a silhueta de Arthur, mas não era suficiente para revelar a expressão do rosto dele.

— Foi por essa razão que não falou a respeito de sua origem quando nos conhecemos em Cameliard? Para que eu não fosse *perturbado*?

— Só vim a saber quando você pediu minha mão. Foi quando Leodegrance me contou tudo.

— Eu teria preferido que ele contasse a mim — Arthur contrapôs. — Mas, supondo que o que ele desejava era vê-la no trono... Foi isso, Guinevere? Ele a obrigou a manter segredo?

Guinevere fechou os olhos por um breve instante.

— Não. Fui *eu* que implorei a ele para que ficasse calado.

— Você queria tanto assim ser rainha?

— Eu queria *você*. Lembra-se do dia em que entrou em Cameliard? Eu estava nas ameias...

— Sim, eu me lembro. — A voz de Arthur soou ríspida. — E então, você foi assaltada por uma atração irresistível pelo seu rei

— Pelo homem que me sorriu naquele dia, um homem cujo nome eu não sabia. Eu era jovem e tinha passado toda a minha vida trancada num convento. Eu acreditava — ela falou baixinho — no verdadeiro amor.

— E você achou que o verdadeiro amor pudesse surgir baseado numa mentira?

— Sim — ela falou num fio de voz. — Eu achei que o fato não tinha muita importância. Ninguém sabia, a não ser Leodegrance... e depois Lancelot, é claro. Quando ele chegou a Cameliard para me buscar, Leodegrance lhe contou. Foi muito estranho... Lance e eu nos encontramos depois de adultos, e parecia que eu sempre o conhecera.

Arthur suspirou.

— Compreendo. Deve ter sido um choque saber que ele era um parente tão próximo.

— Não, não foi um choque. Foi uma surpresa, uma feliz surpresa. Eu sempre ansiei por um irmão, e Lance também não tinha família. Ele percebeu de imediato como eu me sentia a respeito de nosso casamento... E eu não me importei que ele soubesse, porque vi que ele gostava muito de você. Só discutimos uma vez, na ocasião em que lhe disse que você não deveria saber a respeito de minha mãe e do rei Ban. Lance sempre me aconselhava a lhe contar, porque ficaria furioso se descobrisse por outras pessoas.

— Ele me conhece bem — afirmou Arthur.

— Mais tarde, me convenci de que ele tinha razão, mas já era tarde demais. Ele me odiou por não lhe contar. Eu pretendia, planejei confessar tudo depois que nosso filho nascesse. E agora que ambos sabemos que isso jamais acontecerá, julguei melhor lhe revelar de uma vez.

— E o que acha que devo fazer com essa informação?

— Use-a. Nosso casamento fracassou, não há mais como negar. Sei que alguns de seus conselheiros já lhe sugeriram pôr-me de lado e procurar uma esposa mais jovem. Portanto, eles não se surpreenderão se você decidir fazer isso. Diga-lhes o que quiser. Arrumarei minhas coisas imediatamente e irei para onde julgar melhor. Case-se de novo, Arthur. Ainda é jovem e tem muito tempo para gerar uma dúzia de herdeiros com uma nova rainha.

Pronto. Estava feito. Guinevere recostou-se ao peitoril da janela, os braços em torno do peito, tentando controlar o tremor.

— Com minha nova rainha — ele repetiu, pensativo. — Compreendo. — Arthur sentou-se. — Você ficará feliz em ir embora, não é? Eu diria que nosso casamento não foi o que seus sonhos de menina a levaram a esperar.

Guinevere deu graças à escuridão que escondia suas lágrimas. Respondeu com cautela, para que a voz não traísse sua tristeza:

— Não, milorde.

Arthur soltou uma risada.

— Pelo menos não nega.

— Nem poderia. Penso que somos duas pessoas... incompatíveis.

— Você quer dizer, na cama?

Um nó na garganta impediu-a de responder imediatamente, até que conseguiu murmurar:

— Sim. Mas a culpa é minha. Meu pai... O rei Leodegrance avisou-me de que seria assim. E eu não acreditei nele.

— Avisou-a de quê? De que você não gostaria de se deitar comigo?

— Não, isso não! Ele disse que... minha mãe era uma... uma pecadora, que não conseguiu controlar a luxúria, e que essa mesma nódoa sujaria meu caráter. Tinha para mim que ele falava por amargura. Mas eu soube na primeira noite... Bem, não importa agora. Estou certa de que será melhor para você da próxima vez. Agora, se puder me dar licença...

— Não, espere um pouco. Estou curioso, Guinevere. O que soube naquela primeira noite? Que você não era nada parecida com sua mãe afinal?

— Não — ela murmurou, sentindo o rosto queimar. — Eu descobri que era exatamente como ela.

Arthur soltou uma risada breve, sem nenhuma alegria.

— Quando? Como? Não vi sinal disso.

— Sempre me esforcei para cumprir meus deveres de rainha — ela respondeu, empertigada.

— E como é que uma rainha cumpre seu dever real no quarto de dormir? — ele indagou, a voz zombeteira. — Com corajosa tolerância?

— Com dignidade.

— Dignidade? — Arthur riu de novo. — Dignidade?

Arthur levantou-se e se acercou dela, colocando a mão em seu pescoço.

— Por que está mentindo para mim agora? — ele perguntou, sério. — O que acha que vai ganhar com isso?

Guinevere sentiu a pulsação em sua garganta refletir contra a palma da mão de Arthur.

— Nada.

— Então, admita a verdade. Você não suporta que eu a toque. — Sua mão escorregou até os seios de Guinevere. — Vê? Mesmo agora você se encolhe.

— Não — ela murmurou. — Isso é apenas... porque sou fraca e pecadora. — Ela tomou a mão dele e a apertou em seu seio. — Quando você faz isso, eu...

Arthur inclinou-se sobre ela, o hálito quente próximo a seus lábios.

— Você o quê?

— Eu... Não quero que você pare.

— Um grande pecado! — ele zombou. — O que mais gostaria que eu fizesse?

— Eu... eu gostaria... — Guinevere levou a mão ao pescoço de Arthur e puxou-o para si. Ele hesitou apenas um instante, e então sua boca fechou-se sobre a dela, num

beijo muito diferente dos outros que haviam trocado, um assalto feroz aos sentidos de Guinevere. Um pequeno gemido escapou de sua garganta quando a língua de Arthur encontrou a sua. Ela moveu a cabeça de lado, tornando o beijo ainda mais ardente, e abandonou-se às sensações atordoantes que a varriam como chamas. Torceu as mãos nos cabelos macios e sedosos de Arthur como sempre ansiara fazer, deliciando-se com a força férrea do braço que rodeava sua cintura, correndo as mãos pelos músculos rijos das costas e ombros que ela traçara tantas vezes com os olhos enquanto ele dormia.

Por fim, ele se afastou. Guinevere não conseguia vê-lo, mas a voz era rouca quando ele disse:

— E você satisfaz seus desejos pecaminosos com outros homens? Pode contar... Aproveite para juntar todos os fios soltos dessa trama. Se não foi Lancelot, então...

— Jamais desejei outro homem que não fosse você.

Arthur empurrou-a, fazendo-a cambalear e apoiar-se ao peitoril da janela.

— Muito bem, Guinevere! Uma ótima encenação! Pena que não tenha sido muito bem ensaiada.

— Não entendo o que quer dizer — ela balbuciou, endireitando o vestido com as mãos trêmulas. — Eu não lhe disse nada a não ser a verdade esta noite...

— E quanto a todas as outras noites? Será que convivi tanto tempo com você sem conhecê-la realmente?

— Sim. Também convivi com você pelo mesmo tempo, e nunca poderia imaginar que fosse capaz de tamanha crueldade. Fui sincera, admiti tudo, concordei que você me mandasse para onde quisesse, e, mesmo assim, você vê necessidade em... em...

Trôpega, Guinevere dirigiu-se à porta e a abriu. A luz da tocha do corredor iluminou o quarto, expondo Arthur diante da janela, os cabelos caídos no rosto. Deveria ser impossível para ela ainda desejá-lo. No entanto, percebeu que o queria acima de tudo, e seus olhos inundaram-se de lágrimas.

— Adeus, Arthur — ela conseguiu murmurar. E, erguendo o queixo, concluiu: — Creio que não nos veremos mais.

Sem esperar por resposta, ela fechou a porta e saiu correndo às cegas pelo corredor.

— Brisen — Elaine chamou, fechando a porta do quarto com cuidado. — Brisen! Você está aqui?

— Sim, senhora. O que aconteceu?

— Arrume tudo, vamos embora. Onde está Galahad?... Ah, aqui está você, meu bem — ela murmurou, pegando-o dos braços da babá e segurando-o com força.

— Precisamos partir imediatamente.

Brisen cruzou os braços e olhou para Elaine com curiosidade.

— Para onde?

— Para casa.

— Não podemos partir esta noite, milady.

— Por que não?

— Dificilmente chegaremos à vila sem pararmos antes. Primeiro teremos de ir a...

— Agora, Brisen! — Elaine ordenou.

— Lotte, leve Galahad lá para dentro — Brisen pediu à babá e virou-se para Elaine.
— Agora, senhora, por que não se senta e eu lhe farei...

— Não quero leite quente. — Elaine percorreu o quarto com os olhos. Suas coisas estavam espalhadas, a capa azul de Lancelot jogada sobre um banco. A espada, sua brilhante Arondight, ainda pendurada no gancho.

— Galahad e eu iremos esta noite. Se quiser, você poderá partir de manhã. Peça a Torre para ajudá-la com as arrumações.

— Mas...

— Não discuta comigo! Faça o que eu digo.

— O que aconteceu, milady? Onde está sir Lan...

— Não fale dele! — Elaine apanhou sua capa e a jogou sobre os ombros. — Não tenho tempo, já é tarde...

— Não pode sair sozinha uma hora dessas! — Brisen exclamou, bloqueando-lhe o caminho, — A senhora parece em choque. Por favor, conte-me o que aconteceu.

Elaine meneou a cabeça. Não poderia contar a Brisen. Não poderia contar a ninguém. Se falasse, as palavras fariam com que tudo se tornasse real. A mente de Lancelot seria destruída, sua razão se apagaria.

— Não posso demorar — ela quase gritou. — Pare de me atormentar com perguntas! Não há tempo...

Ouvindo o som de passos do lado de fora, ela empertigou-se. Era Lancelot... Ele voltara... Oh, fora tola em se preocupar! Abriu a porta e recuou, dando um grito de desapontamento ao ver Torre à sua frente.

— É verdade? — ele perguntou ao entrar e fechar a porta.

Elaine enrolou a capa em torno de si.

— É verdade o quê?

— Que sir Lancelot está louco — Torre falou sem rodeios.

— Não! — Elaine gritou. — É mentira!

— Disseram-me que ele pulou da janela e fugiu para a floresta — Torre insistiu. — E você presenciou tudo.

— Eu... Eu...

Ele a chacoalhou pelos ombros.

— Fale, Elaine!

— Ele não está louco — ela respondeu com desespero. — Estava... angustiado, passando mal. Mas ele vai ficar bem. Não vai? Por favor, Torre, diga-me que sim.

— Oh, Cristo... — Torre passou os braços em torno dela. — Pobre bastardo. Quem poderia imaginar que seu juízo estava fraco? Talvez tenha machucado a cabeça nas batalhas na Gália.

— Milady — Brisen interrompeu —, vou providenciar aquele leite quente agora, e a senhora o tomará. De nada adianta apressar-se a ir embora esta noite. Verá como sir Lancelot estará de volta antes do amanhecer. Amanhã teremos tempo para resolver o que fazer com calma.

O que *fazer?*, Elaine pensou. Nada havia a fazer. Lancelot partira. Seu desejo era gritar, ter um ataque de fúria, abraçar-se ao irmão, dissolver-se em lágrimas. Mas, se começasse a chorar, talvez nunca mais conseguisse parar.

Lancelot se fora. Estava além do alcance de sua ajuda. Um dia ele retornaria, e se retornasse, ela o estaria esperando. Era nisso que precisava se ater para não cair em desespero. Galahad já perdera o pai. Se desistisse de lutar agora, ele não teria mais ninguém.

— Tem razão, Brisen — concordou, por fim, afastando-se de Torre. — É melhor esperarmos.

Elaine tomou o leite que Brisen lhe trouxe sem protestar, depois deitou-se na cama que compartilhara com Lancelot. Seu cheiro ainda se fazia sentir nos lençóis, e o travesseiro guardava a forma de sua cabeça. Ela o apanhou e apertou contra o peito, os olhos, secos, abertos na escuridão, até a luz cinzenta da aurora infiltrar-se pela janela.

Ela levantou-se e se vestiu. Suas mãos pareciam de chumbo. Silenciosamente, acompanhou Brisen aos estábulos. Os primeiros raios vermelhos do sol incidiam sobre Torre e Lavaine já montados, tendo ao lado um pequeno ginete com Lotte e Galahad sobre ele. À parte, um cavaleiro segurava as rédeas de seu cavalo.

Comovida com as lágrimas que marejavam os olhos de sir Bors, ela inclinou a cabeça num leve cumprimento. Lionel saiu da escuridão do estábulo, puxando seu próprio cavalo e o do irmão. Ao avistar Elaine, largou as rédeas e correu para abraçá-la. Afastou-se passando a mão nos olhos, e assobiou baixinho. Outro cavaleiro surgiu de dentro do estábulo: sir Ector De Maris, o parente de Lancelot, que Elaine conhecera no dia anterior. Ele lhe fez uma profunda mesura e ajudou-a a montar.

Os três cavaleiros mantiveram-se ao lado de seus cavalos, sem dar mostras de que a acompanhariam. Elaine viu-se obrigada a dizer algo a eles, porém o som de um lento espocar de cascos de cavalo a deteve. Um instante depois, o rei apareceu conduzindo seu próprio garanhão. Arthur cumprimentou-a sem nada dizer e montou. Em pares, os cavaleiros cavalgaram vagarosamente ao lado dela, e o grupo partiu de Camelot.

Corra.

A ordem era premente, impossível de escapar.

Corra.

Cego pelo pânico, assim como um cervo que ouve as trombetas dos caçadores, Lancelot correu até tropeçar e cair. Deixou-se ficar deitado, reunindo forças para recomeçar a correr.

Algumas vezes dormia encolhido entre as samambaias, acordando ao menor ruído para fugir. Não sabia seu nome, nem de onde viera, ou mesmo se era humano. Era simplesmente um ser da floresta, sempre correndo sem parar até que lhe faltasse ar para respirar.

Comia o que encontrava pela frente: amoras, principalmente, que eram abundantes, e outras frutas e raízes que arrancava da terra com as mãos ensangüentadas. Quando as folhas começaram a cair, então foram as nozes. E depois mais nada. A fome o impelia rumo a lugares perigosos, onde a fumaça de lenha enchia o ar. Furtiva e astuciosamente, esgueirava-se para dentro de galinheiros, celeiros e até mesmo de cabanas, apanhava o que era comestível e carregava com ele para a floresta. Quando chovia, escondia-se em qualquer buraco que encontrasse, ou agachado debaixo

de uma margem de rio.

Certa vez, ao debruçar-se sobre uma lagoa para beber água, recuou com um grito, aterrorizado pela imagem de um esqueleto barbudo que o espiava. Rastejando um pouco para trás, atirou uma pedra na água, observando a coisa na lagoa desfazendo-se, para logo depois tornar-se novamente uma imagem inteira. Agarrou outra pedra e a atirou, depois outra e mais outra... E em todas as vezes o espectro voltava a surgir. Por fim, ele se sentou nos calcanhares, observando a água que se mexia, como se estivesse formando uma palavra que era incapaz de ler. Aproximou-se mais da margem para visualizá-la, e então pôs-se em pé de um salto e fugiu.

Acordou uma manhã e se deparou com o mundo transformado. Um reluzente manto branco cobria folhas e arbustos, e a floresta estava envolta em silêncio. Ao levantar-se, sacudindo sua coberta de folhas, ele não conseguiu sentir os pés. Sabia que estava próximo da morte, e isso o levou a se aproximar da pequena choça pela qual passara na noite anterior. Seguiu o odor de fumaça e se escondeu atrás de uma pilha de lenha ao lado da porta.

A idéia de bater à porta não cruzou sua mente, assim como tal coisa não passaria pela cabeça de qualquer outra criatura da floresta. E, mesmo que passasse, não teria palavras com as quais pedir ajuda. Na verdade, não tinha nenhuma lembrança de alguma vez tê-las conhecido. Tudo o que importava naquela hora era que seu instinto de sobrevivência dizia que ali dentro era quente e havia comida, e, se não tivesse calor e alimento, ele morreria. Apanhou uma acha de lenha e se acomodou para esperar.

O sol se postava quando a porta finalmente se abriu. Lentamente, ele se levantou e ergueu o pedaço de pau, mas ninguém apontou na porta. Em vez disso, alguma coisa voou pelo ar e aterrissou sobre a pilha de lenha. Ele quis recuar, porém seus pés congelados não permitiram, fazendo-o tropeçar e cair, o pedaço de lenha escapando de sua mão. Tentou erguer-se, todavia foi impossível.

Uma voz suave e agradável fez-se ouvir.

Lancelot começou a se erguer e parou, esperando. Minutos depois a mesma voz soou, dessa vez acompanhada por um cheiro de comida.

Ele se ergueu sobre os joelhos e espiou por sobre a pilha de lenha, procurando pelo que tinha sido jogado ali. Era a pele curtida de um animal, macia e grossa. Na soleira da porta, um homem, vestido num manto de lã marrom, apontou-lhe uma tigela e entrou.

Lancelot cobriu-se com a pele do animal, que, de tão comprida, arrastava na neve. Segurou-a com uma das mãos e, hesitante, foi se aproximando da tigela fumegante deixada na soleira da porta, agarrando-a e recuando alguns passos.

Com um olho na porta e outro na comida, ele a devorou. Estava tão quente que queimava seus dedos e a boca. Mas a fome era tanta, que ele não se importou. Recuou depois para trás da pilha de lenha, enrolando os pés e se aconchegando na pele. Quando a escuridão começou a cair, a porta se abriu de novo, e a voz voltou a falar. Outra porção de comida foi colocada do lado de fora, dessa vez acompanhada de um par de chinelos.

O ritual tornou-se freqüente, repetindo-se todas as manhãs e todas as noites. A porta se abria, o homem marrom falava, deixava uma oferenda e entrava. Com o tempo, Lancelot foi percebendo que os sons eram uma conversa e, lentamente, o significado das palavras começou a emergir em seu cérebro.

Permaneceu naquele lugar até as primeiras flores desabrocharem ao lado da cabana. Uma noite, quando a porta se abriu, ele saiu de trás de seu esconderijo e encarou o homem que lhe salvara a vida.

— Ah, aí está você. — O monge sorriu. — Nunca perdi a esperança de vir a conhecê-lo.

— Você me prestou um serviço ao qual jamais poderei retribuir. Deus o abençoe, irmão. — Lancelot calou-se, surpreso consigo mesmo. As palavras saíram de sua boca com facilidade, sem pensar.

O monge sorriu, satisfeito.

— Você é muito bem-vindo. Qual é seu nome, amigo? Diga-me.

— Meu nome? Meu...

Sacudiu a cabeça, recuando. Um nome! Ele tinha um nome... ou não, talvez um outro, não ele. Não ele. *Corra*, uma voz ordenou em sua mente. E ele obedeceu.

— Sir Lancelot está morto, mamãe.— Agravaine fez uma careta, remexendo o corpanzil na sela. — Por que não esquece isso?

Morgause elevou o olhar para o céu. Por que não era Gawain quem cavalgava a seu lado? O belo e inteligente Gawain, a quem nada precisava ser explicado. Agravaine, por sua vez... Bem, era necessário somente olhar para ele para se fazer uma avaliação. Sim, ele tinha uma boa aparência. Todos os seus filhos haviam herdado sua beleza. Mas os vícios estavam acabando com ele. Sem dúvida ele lhe era leal, porém nada inteligente. Gaheris e Gareth eram cavaleiros de Arthur. Havia bastante tempo ela os desobrigara de sua atenção e de seus conselhos. Mordred, embora promissor, ainda era uma criança.

Gawain era o melhor de sua prole, e ela o preparara para ser rei. A traição do soberano às suas pretensões ainda a amargurava profundamente.

— Sir Lancelot foi visto, meu querido — ela disse por entre os dentes cerrados. — Aquele monge...

— Ao diabo com aquele monge! Ele mesmo afirmou nunca tê-lo visto antes.

— E a senhora no pavilhão — Morgause continuou, reprimindo um suspiro. — Seu cavaleiro informou que somente sir Lancelot poderia ter desferido soco tão forte.

Agravaine resmungou e, desajeitadamente, levou a mão às costas em busca do odre de vinho.

— Mas isso aconteceu semanas atrás.

Tinha havido outros sinais, a maioria falsos. Outros poucos poderiam ser verdadeiros. Mas todos apontavam numa direção: se sir Lancelot ainda estivesse vivo, rumava para Corbenic.

— Mesmo que fosse ele — Agravaine disse, mal-humorado, certamente agora já está morto.

— Talvez.

O fato de não ter certeza disso inquietava Morgause. Desperdiçara horas debruçada em sua bola de cristal, procurando por um vislumbre do cavaleiro mais complicado de Arthur. E ela precisava encontrá-lo antes que outros o fizessem. Lancelot já causara dano suficiente ao desaparecer. Arthur não dispensara Guinevere como todos haviam suposto, muito pelo contrário: com o sumiço de sir Lancelot, o casal dava a impressão de ter se acertado, exibindo uma nova felicidade juntos. Entretanto, muita gente ainda achava que Arthur acabaria por se livrar dela e procuraria uma rainha que fosse fértil.

Porém, essa gente não o conhecia como ela. Arthur era um sentimental incurável, principalmente no que dizia respeito às mulheres. Contanto que nenhum novo escândalo surgisse, o rei manteria a seu lado a esposa estéril, e Gawain continuaria sendo seu herdeiro. Caso Gawain continuasse a se mostrar desleal para com seu clã, ainda havia Mordred. De um jeito ou de outro, Morgause refletiu, um de seus filhos teria a coroa da Grã-Bretanha... e *ela* governaria.

Era apenas uma questão de tempo. Arthur morreria em breve. Por duas vezes ele tivera sorte — veneno fora um estratagema grosseiro — e Arthur era exímio cavaleiro, bom demais para ser lançado ao chão mesmo por um garanhão louco de dor. Mas haveria outras oportunidades.

Precisava agir com cautela. Gawain já andava cheio de suspeitas e poderia se tornar um problema, porém um problema com o qual Morgause sabia muito bem como lidar.

Diferentemente de sir Lancelot.

Suas mãos apertaram as rédeas ao lembrar-se dele naquele dia distante, deitado sob uma rede, um braço dobrado atrás da cabeça e o outro esticado, os dedos curvados sobre a palma. Quatro rainhas passeavam à toa, sem nada melhor para fazer do que comer ao ar livre, até se depararem com o cavaleiro adormecido.

Morgause recordou-se das faces coradas, os lábios rosados ligeiramente entreabertos. Sol e sombra brincavam sobre o rosto sereno conforme um vento leve soprava, fazendo esvoaçar os cabelos negros como a asa de um corvo, agitando as mangas da camisa fina grudada no peito e no ventre do cavaleiro. Ela o quisera, e se estivesse sozinha ali, ela o teria tido. Havia sido tola em aceitar aquela aposta, confiando no resultado.

Lancelot a recusara. Ele, que mal chegara à idade adulta, fora indiferente tanto às suas palavras como ao seu toque... e à sua magia. Um homem perigoso, tanto mais por ignorar o próprio poder que detinha.

Maldita Dama do Lago e suas intromissões infernais! Que se preocupasse com sua Avalon e deixasse os assuntos da Grã-Bretanha para quem deles entendia! Como se já não bastasse Arthur...

Caso o paladino da Dama do Lago retornasse a Camelot, o rei mais uma vez estaria além do alcance de Morgause. Não, Lancelot tinha de morrer ou continuar para sempre louco.

Virou-se para Agravaine e sorriu.

— Ele pode muito bem estar morto. Mas não faria mal ter certeza.

— Não faria mal? — Agravaine deu um tapa na nuca. — Estou sendo comido vivo neste brejo!

— Logo estaremos lá. Já estou vendo a torre acima das árvores. Mande o arauto adiantar-se para nos anunciar.

Morgause estava sentada num pavoroso salão, fingindo beber a cerveja choca que Elaine lhe trouxera.

— Sinto muito por não tê-la avisado — Morgause desculpou-se. — Mas quando Agravaine mencionou que estávamos perto daqui, achei injusto seguir em frente sem lhe fazer uma visita. Tem certeza de que não a atrapalhamos?

— Claro que não nos atrapalha, senhora. Só receio que nos ache um pouco... rústicos para seus padrões.

— Oh, não! Corbenic é encantadora! — exclamou Morgause, reprimindo um ligeiro calafrio ao engolir a cerveja.

— Até que temos nos saído bem ultimamente — Elaine comentou ao pegar seu fuso e continuar a tecer. — A colheita do ano passado foi a melhor que tivemos, e este ano esperamos que seja melhor ainda.

Elaine tagarelava, o fuso subindo e descendo. Não parecia ter envelhecido desde que Morgause a vira pela última vez. Continuava magra como uma bétula, e seus cabelos dourados, presos numa trança impecável, embora sem qualquer criatividade, mostravam-se tão abundantes quanto antes. Tinha uma certa graça, Morgause admitiu com relutância. Suas mãos eram finas, o pescoço, deslumbrante. Contudo, era tão fria e contida que lhe era impossível imaginá-la envolvida em emoções mais fortes. E ter despertado um tipo de devoção que levasse o louco sir Lancelot a procurá-la era quase inacreditável.

Mas ele realmente parecia estar buscando por ela, e o amor era conhecido por operar milagres. Por mais estranho que fosse, Elaine era uma ameaça, e sendo assim, ela precisava ser afastada.

— Tenho pensado em você com frequência, minha cara, desde... — Morgause baixou a voz. — Desde que o pobre sir Lancelot...

Elaine continuou a sorrir. Só um imperceptível tremer das pálpebras denunciou que aquele nome ainda significava alguma coisa para ela.

— Que bondade a sua em se lembrar de mim — ela murmurou.

— E o pequeno Galahad, claro. Como está ele?

Pela primeira vez, um toque de animação iluminou a face de Elaine, e Morgause percebeu que ela já deveria ter sido muito mais bela.

— Está bem, senhora. Veja-o.

Morgause virou-se, o sorriso congelando em seus lábios ao reconhecer a mulher de cabelos negros que trazia o pequeno Galahad pela mão.

— Ora, sra. Brisen — disse com frieza. — Pensei que tivesse voltado aos serviços de minha irmã Morgana. Não foi isso que me disse?

Morgause detestava surpresas, particularmente as desagradáveis. Morgana sempre dizia que Brisen tinha mais talento que qualquer outra noviça conhecida. O fato de não ter completado o treinamento não era motivo para não temê-la.

— Sim, senhora — respondeu Brisen —, porém lady Elaine pediu-me para continuar a servi-la e eu aceitei. Milady — dirigiu-se a Elaine —, onde sir Agravaine dormirá?

— No quarto de sir Torre — Elaine respondeu. — Torre ficará bem acomodado com papai.

— Sir Torre? — Morgause perguntou.

— Meu irmão mais velho — Elaine esclareceu.

— Ah, sim, o coxo — Morgause comentou com desdém.

Os olhos negros de Brisen estreitaram-se.

— Com licença — ela disse, brusca. — Irei arrumar seu quarto.

— Nossa! — Morgause exclamou ao vê-la sair — Será que eu disse algo que a ofendeu?

Elaine franziu ligeiramente a testa.

— Brisen curou meu irmão do ferimento da perna.

— Ah... compreendo... Uma questão de orgulho profissional, não é? Mas, se bem me lembro, ele ficou manco.

— Nós achamos que agora ele está muito melhor — Elaine comentou, estendendo a mão para Galahad, uma criança robusta e tão loira quanto os próprios filhos de Morgause.

— Ele não é nada parecido com sir Lancelot, não? — Morgause comentou.

— Às vezes acho que vejo algo dele nos olhos, no queixo... Mas deve ser apenas impressão minha.

Elaine tinha razão. Os olhos de Galahad, embora diferentes na cor, era tão profundos quanto os do pai, oblíquos e com os mesmos cílios escuros. Mas a expressão que mostravam era completamente diferente. Enquanto o olhar de Lancelot era de cautela, o daquele menino a encarava com uma intensidade perturbadora demais para uma criança de sua idade.

— Bom dia, Galahad! Sou a rainha Morgause de Orkney. Já nos encontramos antes, mas é claro que não se lembra. Você era apenas um bebê na ocasião, e agora é um menino crescido.

Galahad virou-se e enterrou o rosto no colo da mãe.

— Vamos, querido, onde estão seus modos? Diga bom dia à rainha Morgause.

As feições de Galahad se retorceram, e ele agarrou-se à mãe,

Morgause fitou-o, perplexa. Ela costumava se dar bem com crianças. Orgulhava-se de ser bem recebida por elas, tendo dado à luz cinco belos filhos e criado mais meia dúzia de pirralhos do rei Lot.

— Ele está cansado — Elaine disse, em tom de desculpas. — Vou entregá-lo para a ama.

Levantou-se e o levou. Galahad olhou para Morgause por sobre o ombro da mãe com aquela mesma intensidade inabalável.

Que criança estranha, pensou ela, desconcertada. Talvez tivesse herdado mais que os olhos do pai. Sim, deveria ser isso. Seu juízo não deveria ser perfeito, como o do pai.

— Agravaine! — ela chamou.

Ele tirou os olhos da cerveja, assustado.

— Hoje à noite você precisa achar algum jeito de distrair Brisen.

O semblante de Agravaine se iluminou.

— Será um prazer — ele respondeu, passando o dorso da mão pelos lábios.

— Acho que não — aconselhou Morgause. — Melhor fingir uma doença. Cerca de uma hora depois do jantar. E trate de mantê-la por perto até a lua aparecer.

Agravaine reprimiu um arrote.

— Como quiser, mamãe.

— Ela é uma cadela! — Brisen exclamou, os olhos negros faiscando conforme

puxava a coberta da cama. — Não posso imaginar o que está fazendo aqui.

— Está de passagem — Elaine disse, endireitando a coberta — e resolveu parar.

— Por quê? Morgause nunca faz nada por gentileza. Onde ela está agora?

— Passeando com sir Agravaine no jardim. Pare de socar esse travesseiro, Brisen! Vai espalhar penas por toda parte.

— Melhor o travesseiro do que... — Brisen largou-o e se voltou com as mãos nos quadris. — Ah, eu adoraria dizer a ela o que penso a seu respeito.

Elaine meneou a cabeça.

— Espere aqui — Brisen disse, de repente. — Voltarei logo.

Elaine quase terminara de arrumar o quarto quando Brisen retornou, um vaso com algumas rosas nas mãos.

— Tome. — Ela entregou o vaso a Elaine. — Coloque-o ao lado da cama.

Quando Elaine virou-se para colocar as flores na mesinha de cabeceira, sentiu um jato de água em suas costas. Olhou por sobre o ombro e viu Brisen segurando um ramo de sorveira-brava nas mãos.

— O que está fazendo? — ela perguntou, rindo, enquanto Brisen resmungava algo, sacudindo o ramo sobre sua cabeça e espalhando água em seu rosto.

— Uma magia.

— Pensei que tivesse desistido dessas bobagens.

— Bobagens, é? Aposto que Morgause não concordaria com sua opinião. Não gosto dela. — Brisen sacudiu os ombros. — E não confio nela também.

— Concordo que a rainha Morgause *foi* muito grosseira — Elaine admitiu —, mas ambas sabemos muito bem que seu comentário maldoso sobre Torre não corresponde à verdade.

— Não a aborrece ter ouvido tal observação sobre seu irmão?

Elaine deu de ombros.

— Morgause irá embora logo. Não vale a pena aborrecer-me com ela.

Brisen ia começar a falar alguma coisa, mas controlou-se.

— Sim, tem razão. Mas houve um tempo em que milady se importava.

— Não continue — Elaine disse baixinho.

— Bem, alguém tem de se importar! Milady não pode continuar agindo assim. Não está certo!

— O que quer que eu faça, Brisen?

— Grite. Tenha um ataque de raiva. Bata em alguém! Tome... — Brisen passou-lhe um frasco de cristal pertencente a Morgause. — Quebre isto!

— Não vejo no que vai me ajudar destruir o frasco de perfume de Morgause. — Elaine pegou o frasco e devolveu-o à prateleira.

— A senhora só vai saber se experimentar.

— Estou bem, Brisen. Portanto, deixe-me em paz assim como estou.

E como eu estou?, Elaine ponderou ao sair do quarto, segurando uma pilha de lençóis. Às vezes tinha a impressão de que morrera no dia em que Lancelot se fora, e

tudo o que havia restado era uma casca que um dia abrigara uma mulher chamada Elaine. Porém, as coisas eram como eram e, para o bem de Galahad, ela precisava continuar vivendo da melhor maneira que pudesse.

O jantar transcorreu sem incidentes. O tédio só foi quebrado quando Torre entrou, de volta da caçada, mancando apenas ligeiramente. A expressão de Morgause iluminou-se. Diziam que ela gostava de homens jovens, e Torre tinha remojado sensivelmente desde que retornara de Camelot.

Empalidecendo, Brisen notou aquela expressão no rosto de Morgause. Saiu do salão no instante em que a viu sorrindo para Torre, chamando-o para sentar-se a seu lado, e, ronronando, a pedir que ele falasse sobre a caçada.

Pobre Brisen, Elaine pensou, por mais que venha a sentir sua falta, melhor seria ela ir embora.

Por mais que Brisen afirmasse ter deixado de gostar de Torre, era evidente que ele ainda tinha o poder de magoá-la.

Elaine terminou a refeição e levantou-se, murmurando uma desculpa que ninguém ouviu, e foi à procura de Galahad. O menino estava estranho. Não era próprio dele fazer manha na hora de dormir e, no entanto, ele se agarrara a ela gritando, até que Elaine passara-lhe os bracinhos pelo pescoço e o levara para sua ama. Ainda bem que não estava com febre, notou com alívio. Inclinou-se para beijar os cachinhos dourados, e ele, com um gritinho choroso, esticou o bracinho antes de se acomodar para dormir.

— Por favor, fique atenta — Elaine disse à ama.

— Sim, senhora. Não tenha receio. Acho que são os dentes que o estão perturbando.

Elaine retornou ao salão. As mesas tinham sido desmontadas, e o gaiteiro que ela mandara buscar na vila tocava uma melodia alegre. Brisen e sir Agravaine tinham saído. Torre jogava com lorde Pelleas, e a rainha Morgause os observava.

— Oh, que bom que voltou — disse ao ver Elaine. — Acho que exagerei na ceia. Não quer caminhar um pouco comigo?

— Claro — Elaine aquiesceu, educadamente.

— Gostaria que me levasse àquela torre — Morgause pediu. — Parece bastante antiga. Se entendi bem, sir Torre disse que há boatos de que seja assombrada?

— Assim dizem. Há alguns quartos que não são abertos faz anos, e a senhora sabe como são os criados. Está um pouco arruinado, mas se não se importar com isso...

— Absolutamente! — Morgause enganchou o braço no de Elaine, rindo. — Você não acredita em fantasmas, acredita?

— Não, senhora. Meu quarto fica na torre e nunca percebi nada incomum, tampouco ouvi qualquer ruído que não fosse o do vento ou das vigas estalando.

— Como você é sensata, minha cara! Mas não seria nada mau se encontrássemos lá um espírito! Melhor ainda se fosse o de um jovem e belo cavaleiro!

Morgause não era assim tão ruim, Elaine pensou. Na verdade, era uma pobrecoitada. Uma bela mulher que não conseguia aceitar o fato de que estava envelhecendo. Talvez se o rei Lot ainda vivesse as coisas fossem diferentes. Ele havia sido uma pessoa um tanto velhaca, segundo a opinião geral, mas Brisen certa vez comentara que Morgause falava dele com grande afeição. Conduzindo-a pela estreita escada em caracol, Elaine pensou que era uma pena que os dois não tivessem tido a oportunidade de

envelhecer juntos. Seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

Eu deveria ter trazido uma tocha, pensou.

— Consegue enxergar, senhora?

— Ah, sim. — Morgause, atrás dela, parecia ligeiramente sem fôlego. — Enxergo muito bem no escuro. Como um gato — concluiu com uma risadinha estranha. — Vamos começar pelo quarto mais ao alto. Não é onde dizem que o fantasma mora?

— Sim. — Elaine, que nunca se perturbara naquele lugar, sentiu uma estranha relutância em destrancar a porta. Alguns anos atrás, um criado saíra correndo da torre e barrara sua entrada, jurando que tinha visto um homem de armadura flutuando vários metros acima do chão. Bobagem, claro, mas mesmo assim...

— Tem certeza? — ela começou, incerta, no entanto Morgause já tinha passado por ela e erguia a barra.

— Absoluta — afirmou. O tom de sua voz fez os pelos da nuca de Elaine arrepiarse. — Certeza absoluta — completou.

Naquele instante, Elaine pressentiu que algo ruim estava para acontecer. Morgause abriu a porta e a empurrou para dentro com tanta força, que ela tropeçou, caindo no chão de joelhos.

— O que... — falou, mas não conseguiu completar a frase.

— Adeus, minha cara! — A voz de Morgause, soou ríspida. A risada, um guincho. — Sinto dizer que nunca mais nos veremos.

Elaine ergueu-se rapidamente, mas a porta bateu. Ao estender a mão, uma parede de chamas subiu diante dela.

— O que... — ela repetiu, caindo para trás, o calor incandescente queimando seu rosto. — Morgause! Fogo! Ajude-me!

Não houve resposta. Elaine tentou passar pelas chamas para aproximar-se do ferrolho, mas sua mão encontrou apenas o ar abrasador. Ela recuou, batendo as mãos freneticamente na manga do vestido em chamas, e correu na direção de uma das estreitas janelas. Mas o fogo seguiu-a até lá, impedindo-a de gritar por socorro.

Não havia como sair, nenhuma esperança de resgate também, pois ninguém, a não ser Morgause, sabia onde ela estava. Quando avistassem as chamas, seria tarde demais. Com o pouco de razão que lhe restava, ela percebeu que não havia fumaça, somente chamas em torno dela.

Elaine tentou voltar até a porta, esforçando-se para resistir à dor das queimaduras, mas todas as vezes que tentava ultrapassar a parede de fogo ela surgia novamente à sua frente, parecendo multiplicar.

Caiu ao chão no centro do quarto e se ajoelhou.

Padre nosso que estais no céu, começou, mas não conseguiu lembrar-se do restante da oração. O suor escorria por seu rosto e ardia em seus olhos.

Não quero morrer. Não agora, ainda não.

— Socorro! — ela gritou com todas as forças, mal ouvindo a própria voz em meio ao crepitar do fogo. Juntou as mãos queimadas e rezou para que, se a ajuda não chegasse, ela não perdesse a coragem. Mas mesmo essa graça lhe foi negada.

Diante do fim, seus gritos de socorro foram substituídos por outro. Não era mais ajuda que ela pedia, ou coragem, ou mesmo uma morte rápida.

— Lancelot! — ela berrou. — Lancelot!

Veze e veze seguidas Elaine gritou o nome de seu amado, até que a escuridão se fechou em torno dela.

Capítulo VII

Morgause seguiu pelo jardim, parando de vez em quando para cheirar uma flor. Quando a lua surgiu, ela puxou o decote do vestido, descobrindo os alvos ombros, e soltou uma pequena trança do arranjo de cabelos, deixando-a cair na testa. Logo depois, suspirou e enterrou o dedo na terra, para, em seguida, borrar o rosto com ela.

Ao chegar ao final do jardim, pôs-se a correr, entrando sem fôlego no salão.

— Fogo! — gritou. — Fogo... na torre...

Os criados ergueram os olhos, boquiabertos. Lorde Pelleas saltou da cadeira.

— Fogo? — repetiu, a voz vacilante. — O que... onde...

— Depressa! — Morgause gritou. — Lady Elaine está...

— O que está acontecendo? — Torre falou da porta, já meio despido, os cabelos caindo pelo rosto.

Os olhos de Morgause percorreram seus ombros largos e o peito másculo e nu à luz da lareira. Então recobrou-se e voltou ao presente.

— Fogo... na torre... — Ela arquejou. — Lady Elaine... a tocha caiu e o fogo se espalhou... ela não conseguiu voltar, eu implorei a ela... oh, depressa, depressa!

Torre já saía correndo, com Pelleas logo atrás. Morgause acomodou-se na poltrona, um dos braços esticados no espaldar. Quando sir Torre voltasse, ela o faria sentir-se impelido a confortá-la em sua aflição. Com um suspiro, começou a imaginar que rumo tomaria esse conforto e fechou os olhos. Um instante depois, arregalou-os e soltou um grito engasgado de espanto. Brisen estava à sua frente com um jarro gotejante na mão.

— Onde está lady Elaine?

Morgause endireitou-se, os olhos apertados.

— Ora, você... — Readquirindo o controle, respondeu debilmente: — Na torre... a tocha caiu...

— O que estavam fazendo lá?

— Ela... ela estava me mostrando o quarto assombrado.

— Ah, estava? — Brisen debruçou-se sobre ela. — Se algum mal acontecer a ela...

— Ficarei absolutamente desolada. Mas foi ela mesma quem insistiu em me levar lá. Elaine tropeçou, a tocha caiu e o fogo espalhou-se por uma pilha de panos velhos. Eu lhe implorei para que se afastasse, mas ela teimou em se arriscar a apagá-lo. As chamas

se espalharam e... — Morgause levou a mão à testa. — Tentei alcançá-la, mas...

Brisen não a deixou terminar. Virou-se e saiu correndo do salão.

Morgause levantou-se e foi para o quarto, chamando a criada.

— Arrume tudo — ordenou. — Vamos partir amanhã bem cedo. E traga-me vinho. Levei um susto terrível.

Deitou-se na cama bebericando o vinho e lamentando não ter tido a oportunidade de testar o entusiasmo de sir Torre. De repente, a porta se abriu e Brisen irrompeu no quarto.

— Por que a porta estava trancada?

— Trancada? — Morgause arregalou os olhos. — Oh, não. Eu a deixei aberta... deve ter sido um golpe de vento... — Conseguiram resgatá-la?

— Não conseguimos de jeito nenhum. A barra não se mexe. Mas ela está viva.

— Como pode ter certeza? — Morgause perguntou, inquieta.

Os olhos penetrantes de Brisen cravaram-se na face de Morgause.

— Lady Elaine estava sob *minha* proteção. Ela está viva. Agora, diga-me qual foi o feitiço para que eu possa desfazê-lo.

— Feitiço? — Morgause ergueu-se, apoiando-se na cabeceira da cama. — O que está querendo dizer? Eu lhe contei o que aconteceu.

— Mentira! — Brisen sentou-se na beirada da cama. — Uma mentira tosca, Morgause. Esqueceu que o sangue dos Antigos corre por minhas veias também?

— Você fala de uma coisa que não entende — Morgause retrucou, pálida. — O destino dos reinos...

— O destino dos reinos? — Brisen repetiu, dando uma risada sarcástica. — Ora, é disso que se trata? Eu diria a você para se preocupar consigo mesma e com sua ambição, tivesse eu uma opinião sobre tais assuntos, o que não tenho. Hoje em dia sou apenas uma simples moça do interior. Não interfiro mais nos destinos dos reis. Mas Elaine é diferente. Ela me é cara, Morgause. Pensei que tivesse deixado isso bem claro em Camelot.

Os olhos de Morgause faiscaram, e o ar estalou em torno das duas mulheres. A um erguer de sua mão, a cabeça de Brisen foi jogada para trás, batendo na coluna da cama com um estalo. Morgause relaxou, recostando-se à cabeceira e apanhando o cálice de vinho. Brisen abriu os olhos e se endireitou. O rosto da criada estava pálido e as mãos tremiam quando afastou os cabelos do rosto. As mechas negras agora exibiam uma faixa branca, que começava no centro da testa e corria como uma fita de prata pela trança solta nas costas.

Um pequeno preço a pagar, pensou Morgause, bebericando o vinho, *para aprender a respeitar seus superiores*.

Sentindo-se um pouco zozna, Brisen puxou o ar e se inclinou para a frente. Apoiou a mão na parede ao lado da cabeça da rainha, os olhos a centímetros dos dela.

Tola, não aprendeu a lição ainda?

Aparentemente, seriam necessárias medidas extremas. Morgause preparou-se para erguer a mão. Não conseguiu. Tampouco conseguia desviar o olhar do de Brisen.

A garota é melhor do que pensei, refletiu, divertida, e reuniu seus poderes mais ocultos. De nada adiantou.

— O que você fez? — Brisen perguntou.

— Chamei o fogo para dentro da torre — Morgause respondeu, maldizendo a si mesma, incapaz de segurar a resposta.

— E o que quer dizer com o mais valoroso cavaleiro do mundo?

— Não tenho idéia do que está falando.

— O aviso — Brisen redarguiu, impaciente.

— Que aviso?

— O que está na base da torre, inscrito em letras prateadas. Diga-me o que significa!

— Não posso. Não tem nada a ver comigo.

Brisen a encarava de um modo tão poderoso, que Morgause soltou um grito.

— Não sabe, é? — Brisen riu, pondo as mãos na cintura. — Sua tola! Clamando por forças que estão, além de suas aptidões! Na sua idade, já deveria ter aprendido. Lady Elaine está viva e um dia ficará livre.

— E quando será isso? — Morgause indagou.

— Quando o mais valoroso cavaleiro do mundo a libertar.

— Quando esse dia feliz chegar, serei a primeira a beber à saúde da dama. — Morgause ergueu a mão para abafar um bocejo. — Enquanto isso, gostaria de dormir um pouco.

O som da risada de Brisen reverberou nas têmporas latejantes de Morgause.

— Você não dormirá mais, Morgause... Pelo menos até que lady Elaine seja libertada.

Dinadan apanhou o cálice e cheirou seu conteúdo, torcendo o nariz.

— Gawain, se eu fosse você, não beberia isto. Cheira a urina de cavalo. — Virou-se para um criado que passava. — Você! Traga-nos um bom vinho. E carne fria também, e queijo... pão, se for fresco. Acho que seria demais pedir por alguma fruta.

— Sim, senhor... isto é, não, senhor... — o garoto gaguejou, apanhando o cálice que Dinadan havia empurrado em sua direção.

A mão de Gawain fechou-se no punho do serviçal.

— Não. Traga só vinho. Não temos tempo para comer.

— Ora, Gawain, estou faminto! — Dinadan reclamou, mas Gawain já despachara o garoto.

— Você poderá comer no salão.

— Temos de voltar para lá? — Dinadan perguntou, lamentoso.

— Prometemos que voltaríamos. — Gawain tomou um gole da cerveja, fez uma careta e a colocou de lado.

Sentia-se cansado, os cabelos loiros estavam em desalinho e tinha uma mancha de fuligem na testa. Os dois sentavam-se a uma mesa do lado de fora de uma cervejaria.

Gawain pegou um pequeno frasco, agora vazio da água benta que continha antes, e a rolou nos dedos, ao mesmo tempo em que perscrutava o perímetro da vila onde

estavam.

Corbenic era um lugar miserável, Dinadan percebeu. Não tinha tavernas nem lojas de qualidade. Poucas árvores de folhas empoeiradas e murchas pelo calor, e um punhado de camponeses de aparência deprimente vagando sem rumo, eram as únicas coisas que se viam. Um grupo de garotos, que àquela hora deveriam estar trabalhando, vagabundeava ao lado de uma ferraria.

O vinho que lhes foi trazido era tão diluído e azedo que Dinadan se viu tentado a jogá-lo na cara do criado. Porém, depois da provação pela qual tinham passado naquela maldita torre ardente, sua boca tinha se ressequido e ele não estava em condições de reclamar, forçando a bebida a descer.

Gawain fitava tristemente a colina onde a torre apontava acima da vila, como um animal de rapina esperando uma chance para saltar sobre sua presa.

— Não se culpe — Dinadan falou. — Ninguém conseguiria mover aquela barra.

Os olhos de Gawain cravaram-se no rosto de Dinadan com expressão sombria.

— Essa história é pura loucura. Toda aquela bobagem sobre apenas o mais valeroso cavaleiro ter sucesso... Você é esse cavaleiro, Gawain. Ninguém mais contesta isso... agora.

Os lábios de Gawain se retorceram num sorriso de mofa.

— Agora... que sir Lancelot sumiu.

— Que seja. Mas duvido que mesmo ele fosse capaz de quebrar o tal encantamento que caiu sobre a dama. Lancelot era excepcional, sem dúvida. Porém, desde que o conheci achei que havia algo de errado com ele. Sua impertinência para com você em várias ocasiões beirava o desrespeito. Além disso, todo aquele diz que diz a respeito dele e da rainha...

Dinadan hesitou e calou-se, lembrando-se de que Gawain nunca dera crédito àquela história, e que às vezes ficava bastante zangado ao ouvir os comentários maldosos.

— O que eu quero dizer — continuou rapidamente — é que, se ele tratou lady Elaine vergonhosamente quando estava em seu juízo perfeito, que dirá agora que está louco. Além do mais, um maluco não pode ser considerado o melhor cavaleiro do mundo. Isso não faz sentido.

— Nada faz sentido. — Gawain atirou fora o restante da cerveja. — Venha, vamos ver lorde Pelleas.

— Está bem — Dinadan resmungou, levantando-se e seguindo para o estábulo. — Afastem-se! — exclamou impaciente aos camponeses aglomerados no caminho.

Os jovens agrupados ao lado da ferraria, que tinham nas mãos pedaços de legumes apodrecidos e vísceras de animais, riram e caçoaram dele. Dinadan saltou agilmente para o lado, a tempo de evitar que um nabo podre o atingisse.

— Saíam daqui, seus caipiras! — gritou. — Somos cavaleiros de Camelot! O que é que você está olhando aí, de boca aberta? — perguntou a um deles, espiando por cima do ombro do rapaz. Dentro de uma jaula de ferro, um homem parecia estar nu. — É um criminoso?

— É um selvagem — o caipira respondeu, rindo. — Ele foi pego ontem. Estão tentando acordá-lo.

— Ah, entendo... Veja, Gawain, um selvagem! Interessante. Sei que não temos

tempo para parar, mas...

— Ele andava perambulando pela floresta há dias — o garoto continuou. — Só o viam de relance. E ontem sir Torre estava caçando um cervo...

— Era um javali, seu idiota! — outro rapaz gritou. — E ele atacou o cavalo de sir Torre, que ficou no chão, todo estropiado, depois de perder a lança, e o javali partiu para cima dele...

— E o selvagem saiu do mato — um terceiro interrompeu. — E daí, o que ele fez? Hein?... Pegou a lança e atravessou o javali! Matou o bicho de um golpe só...

— Foi um golpe de arrasar! — o segundo rapaz interveio. — Sir Torre disse que nunca tinha visto nada parecido. Depois foi atrás do selvagem, mas ele era forte demais. Derrubou três criados e foi pegar sir Torre...

— E então meu pai acertou ele com o cacetete — o terceiro emendou, todo orgulhoso. — E agora estamos com ele, mas tudo o que ele faz é ficar deitado aí. Pensamos em acordá-lo um pouco.

— Certo — concordou Dinadan. — Boa sorte a vocês. Agora, temos negócios com sua senhoria, portanto se fizerem o favor de nos deixar passar...

Os garotos se afastaram. Dinadan percebeu que Gawain não o acompanhara. Continuava na frente da jaula, olhando através das barras como que hipnotizado.

— Gawain — ele chamou —, vamos!

— Não, espere. — Gawain chamou-o com um gesto. — Venha ver, Dinadan.

Dinadan voltou correndo e olhou para dentro da jaula. Embora nunca tivesse visto um selvagem antes, supôs que aquele era um espécime absolutamente comum: sujo, emaciado, as feições escondidas por uma barba emaranhada e enormes cabelos desgrehados.

— Hum... sim. É isso mesmo.

Não tendo mais nada a comentar, deu um passo para trás.

Gawain permaneceu onde estava. Sua expressão era uma mistura de espanto e horror enquanto examinava a criatura. Intrigado, Dinadan observou mais atentamente e deu de ombros. O selvagem nem mesmo era hostil, somente repulsivo e até um pouco sem graça.

— Lorde Pelleas está nos aguardando — ele lembrou a Gawain. — Não devemos deixá-lo esperando.

O estranho transe de Gawain desapareceu.

— Sim — respondeu. — Tem razão.

Nem bem tinham começado a andar, Gawain estacou e olhou para trás.

— Dinadan...

— Ora, pelo amor de Deus! — Dinadan puxou Gawain pelo braço.

Esperava que Gawain não tivesse um ataque de pieguice e resolvesse ajudar aquela criatura miserável. Não que ele tivesse inclinação a ser sentimental, a não ser que se tratasse de algum animal em apuros. O cavaleiro, tão feroz em batalha, não suportava passar por um cão vadio sem lhe jogar um pouco de comida. Um dia, voltara para Camelot com um saco cheio de gatinhos que resgatara de uma lagoa. Era uma daquelas extravagâncias da natureza humana que ele normalmente achava divertidas. Porém um selvagem não era um animal que se pudesse manter no quarto e alimentar com restos de

comida.

— Deixe-o em paz, Gawain. Ele não é problema nosso.

Gawain encarou-o por um instante, os olhos cinzentos estranhamente velados. Suas feições endureceram-se numa expressão determinada, que Dinadan conhecia muito bem.

— Você está enganado — refutou.

Voltou correndo para a praça, gritando para que alguém abrisse a jaula. Dinadan o seguiu, suspirando. De nada adiantava discutir com ele quando enfiava algo na cabeça, e um bando de caipiras não o deteria.

Protestando, o ferreiro terminou por destrancar a jaula. Gawain ajoelhou-se, enfiou o braço por baixo do pescoço do selvagem para erguer-lhe a cabeça, afastando-lhe os cabelos desgrehados da testa. O burburinho das pessoas ao redor não permitiu que Dinadan ouvisse o que Gawain falava baixinho ao ouvido do selvagem.

— Gawain, tome cuidado. Estão dizendo que ele é malvado... Sem contar os piolhos e...

As pulgas, era o que ia dizer. Mas, de súbito, calou-se. Os olhos do selvagem estavam abertos, fitando Gawain. Aqueles olhos... A linha da testa e do nariz... Era... Não, não podia ser.

— Venha, sir Lancelot — Gawain disse com voz branda. — Deixe-me ajudá-lo.

Tirou a capa dos ombros e a colocou sobre a forma macilenta do cavaleiro, para depois erguê-lo nos braços e carregá-lo até o cavalo em meio ao grupo de pessoas que assistiam à cena, aturdidas e silenciosas.

* * *

Lancelot sentiu as pernas presas e só depois de lutar muito para se soltar foi que percebeu que não estavam amarradas, mas enganchadas nas pesadas cobertas. Despertando completamente, notou que estava dentro de uma casa, deitado numa cama. Com o coração disparado, reprimiu o impulso de fugir e deitou-se de costas para examinar o aposento, desconhecido para ele.

As venezianas estavam abertas, e um feixe de raios de sol incidia sobre o chão coberto de junco. Sons entravam pela janela, e, lentamente, ele os foi reconhecendo e dando-lhes nomes: a batida de um martelo de ferreiro, o ranger de uma roldana de poço... De repente percebeu que estava esfaimado.

Nesse momento, a porta se abriu, e uma mulher de cabelos pretos entrou, carregando uma bandeja. Lancelot espremeu-se contra a parede. A mulher parou na soleira da porta, dirigindo-lhe palavras tão calmas quanto água correndo pelas pedras, porém incompreensíveis para ele.

Ela deixou a bandeja e saiu. Depois de consumir toda a comida até as mínimas migalhas, ele se deitou e caiu num sono profundo.

Ao acordar novamente, uma sucessão de imagens inundou sua mente: a jaula, as pessoas rindo e caçoando dele, sir Gawain... Não. Certamente aquilo fora um sonho. Elaine. Um suor frio cobriu seu corpo quando finalmente percebeu o que andara procurando e por que não descansara por tanto tempo. Elaine...

Elaine em perigo, chamando seu nome. Onde estava ela? Havia quanto tempo vagava sem rumo?

— Quanto tempo? — ele murmurou. A porta se abriu de novo. A mulher de cabelos pretos, assustou-se e os pratos da bandeja estalaram, chocando-se uns nos outros. Brisen, ele supôs... o nome dela era Brisen...

— O senhor partiu de Camelot dois anos atrás — ela respondeu.

— Dois anos? — Ele correu a mão pela face, os dedos afundando na barba desgrenhada. — Estou em Corbenic?

— Sim. — Ela sorriu e lhe estendeu a bandeja. — Coma mais um pouco.

Corbenic. Então, onde estava Elaine? Havia alguma coisa muito errada. Ele podia ver isso na expressão de Brisen, no jeito com que se movia pelo quarto como se evitando fitá-lo.

— Ela está morta? — ele perguntou.

— Não. Agora, coma, sir Lancelot. — dizendo isso, ela saiu.

Não está morta, ele pensou. Sua mão tremia tanto que o fez derramar o leite. Se ela corra algum tipo de perigo, fora alguns meses atrás. A menos que tivesse sido outro sonho.

Mas, por que Brisen estava cuidando dele, e não sua patroa? Recordou-se da cena da separação, seu delírio psicótico, detalhe por detalhe. Conseguia ver a face de Elaine, claramente agora, o horror em seus olhos. Não era de admirar que ela não quisesse encontrá-lo.

Brisen retornou mais tarde acompanhada de alguns rapazes fortes, carregando uma tina e baldes de água. Lancelot não fez mais perguntas, nem eles o aborreceram com conversas. Um dos homens o lavou, e ele se submeteu sem protestar quando Brisen o barbeou e tentou pentear seus cabelos. Por fim, ela os cortou, deixando sua cabeça estranhamente fresca e leve.

Brisen já ia saindo quando ele perguntou: — Como está Galahad? Brisen sorriu.

— Ele está bem e forte. Boa noite.

Ele anuiu em silêncio e fechou os olhos, deixando-se afundar na inconsciência.

Ao acordar na manhã seguinte, sua mente estava desanuviada, e ele percebeu o que tinha de fazer. Abriu um baú ao pé da cama. O seu próprio baú, que ele deixara para trás em Camelot. Vestiu-se com uma túnica que um dia lhe servira bem e que agora estava folgada demais, o tecido pendendo em pregas de seus ombros. Sentou-se na beirada da cama, as mãos fechadas com força em torno dos joelhos, esperando a porta abrir. Não demorou muito e Gawain entrou. Um rápido olhar o fez entender que, tanto quanto ele, Gawain havia receado aquele encontro.

— Sir Gawain... Eu lhe devo minha vida.

— Não pense nisso, sir Lancelot. É meu dever ajudar um irmão cavaleiro em necessidade.

Lancelot obrigou-se a levantar a cabeça. Gawain estava parado diante da janela, a expressão muito séria e cortês, um raio de sol a iluminar o dourado profundo de seus cabelos. Ele parecia estar num pedestal.

— Com a palavra "Honra" gravada em letras garrafais na base.

— Perdão, disse alguma coisa?

Lancelot baixou os olhos, constrangido ao perceber que falara em voz alta.

— Não. Ou melhor, sim. O que eu quis dizer é que sei que a honra o levou a fazer

o que fez por mim. Você foi generoso, estou me lembrando agora, bem mais generoso do que eu merecia. Espero... — Calou-se por um instante para recobrar a voz. — Espero que aceite minha gratidão.

Treinara dizer aquelas palavras durante a manhã, e elas lhe tinham soado bem. No entanto, naquele momento pareceram fora de propósito. Gawain não respondeu, voltando o olhar para a janela. A cabeça de Lancelot começou a doer, e a nuvem cinzenta do desespero desabou sobre ele.

— Sinto muito — ele continuou. — Eu falei demais. Só queria dizer que...

— Sei o que queria dizer. — Gawain tinha os ombros tensos. — Mas você está enganado.

— Perdoe-me. Minha memória não está completamente... Você fez o que era certo...

— Receio que esteja enganado com isso também. — A voz de Gawain soava fria como gelo.

— Não foi minha intenção ofendê-lo — Lancelot disse com ar fatigado. — Estou... desacostumado a conversar. Por favor, perdoe-me se eu...

Gawain virou-se de repente.

— Pare de pedir que eu o perdoe. Você não fez nada errado. Eu é que deveria lhe pedir perdão.

— Pelo quê? — Lancelot indagou, atônito. — Você agiu com honra, como sempre fez. Sei que teria feito o mesmo por qualquer outra pessoa...

— Realmente acredita nisso?

— O quê? — Lancelot levou a mão à cabeça. — Que você... Não estou entendendo.

— Quando o vi deitado naquela jaula... — Gawain soltou um suspiro profundo — Meu primeiro impulso foi deixá-lo lá. Eu o reconheci de imediato, ao contrário de Dinadan, que insistiu para irmos embora e eu concordei.

Lancelot não se lembrava de nada antes de ver Gawain parado em frente à jaula. Por que ele voltara? O suor porejou em sua testa ao imaginar-se suplicando a Gawain que o levasse.

— Não consigo me lembrar — a voz soou rouca. — Seja lá o que eu tenha dito ou feito, sinto muito, mas...

Gawain interrompeu-o.

— Não está ouvindo, homem? — ele indagou, o sotaque escocês acentuado, como sempre acontecia quando ficava zangado. — Eu me comportei de maneira desprezível, covarde, e o abandonei em seu sono. Você, um irmão cavaleiro em extrema necessidade!

— Mas você voltou.

— Sim, voltei. Mas eu lhe digo, sir Lancelot, que por pouco não segui Dinadan e o deixei ali.

Lancelot sentiu vontade de rir. Mesmo depois de tudo o que acontecera, Gawain ainda insistia em chamá-lo de *sir*. E fora desse modo que ele o arrancara dos sonhos sombrios em que estava vivendo. Não havia palavras perfeitamente apropriadas para justificar-se ante aquele nobre cavaleiro.

— Sir Gawain — Lancelot começou com cautela —, compreendo perfeitamente a

razão de ter se sentido tentado a me deixar por conta de meu destino. Jamais o culparia se o tivesse feito. Desde o princípio sempre o tratei muito mal. Fui injusto com você, como lady Elaine costumava me apontar. Sinto muito por isso. Creio não ter o direito de pedir-lhe ajuda...

— Que ajuda gostaria de me pedir? Os dedos de Lancelot apertaram-se nos joelhos.

— Entendo muito bem que Elai... que lady Elaine não queira conversar comigo, mas eu gostaria de ver Galahad antes de ir embora. Só por uma vez e nem por muito tempo. Depois não voltarei mais. Ela pode ficar sossegada quanto a isso. Por favor, será que poderia lhe perguntar se me daria permissão para vê-lo?

Gawain encarou-o de modo estranho. Lancelot ficou perdido, sem saber o que havia de errado em fazer um pedido tão simples.

— Sinto muito — emendou, rapidamente —, se você acha que não deve...

— Lancelot... — Gawain desviou o olhar. Lancelot sentiu um arrepio correr pela espinha.

— O que foi? Elaine... ela está...

— Não, ela não está morta.

— O que é então? Está doente? Casou-se? Foi embora?

Gawain pousou a mão em seu ombro.

— Não, nada disso. Tome. — Gawain serviu-lhe uma caneca de vinho — Beba isto. Você vai precisar.

Gawain terminou de contar a história do que houvera com Elaine por volta do meio-dia, e juntos seguiram para o quarto na torre. Embora o dia estivesse frio, o ar que vinha de lá era fervente como a forja de um ferreiro. O suor escorria pelo rosto de Lancelot, ardendo em seus olhos.

— Se quiser, irei com você — Gawain ofereceu-se. Lancelot subiu sozinho a escada estreita e retorcida, o calor aumentando a cada degrau. Ao chegar no topo, sua respiração era arquejante, e as mãos suadas escorregaram na barra de ferro, que ardia como brasa.

— Elaine! — ele chamou. Sem respirar, esperou uma resposta contando vinte batidas do coração acelerado. — Elaine! Responda!

E então ele ouviu. A voz de Elaine soou como se viesse de mil léguas de distância.

— Lancelot! Graças a Deus! Depressa, por favor! Eu não consigo...

As palavras deram lugar a um grito que o encheu de pavor.

O mesmo grito que ele seguira durante dias, semanas, meses, através dos pântanos e da floresta. Seria o som de sua própria loucura? Não, ele não estava louco. O que via à sua frente, era real: a barra abrasada de calor, o vapor saindo pelas beiradas da porta. Não. Enquanto Elaine precisasse dele, ele não enlouqueceria outra vez. Com as mãos tremendo, enfiou luvas grossas de couro e colocou sobre elas suas manoplas. Então, segurou a barra, que cedeu muito pouco à sua primeira tentativa, não mais que um ou dois centímetros.

Ninguém conseguiria mover aquela, peça, salvo uma pessoa.

Mas não sou um cavaleiro perfeito, nunca fui. Tudo o que fui algum dia deveu-se à magia da Dama do Lago, e agora até mesmo isso perdi. Sou apenas um cavaleiro mortal,

e se algum cavaleiro for capaz de fazer isso, esse cavaleiro, será Gawain.

Contudo, lembrou-se de que Gawain também não fora bem-sucedido. Elaine continuava encurralada atrás daquela porta.

— Elaine! — ele gritou. — Pode me ouvir?

O silêncio foi sua única resposta. Um silêncio impenetrável, mais terrível que o grito de Elaine. Fazendo um esforço sobre-humano, ele arrancou a barra, jogando-a para o lado.

A porta cedeu contra seu ombro, e ele irrompeu no meio do inferno. Chamas lamberam seu rosto, o cheiro de cabelo queimado entupiu suas narinas. Cada respiração era penosa, o movimento quase impossível.

— Elaine! Onde está você? — ele gritou. Reunindo toda sua coragem, deu um impulso e saltou por cima das chamas. — Elaine!

Deitada no chão no meio do quarto, num pequenino espaço entre o fogo, Elaine jazia de olhos fechados, as faces pálidas como mármore. Ele se ajoelhou ao seu lado e a chamou novamente, mas ela não se mexeu. Arrancando as manoplas, esfregou-lhe as mãos e bateu-lhe de leve nas faces.

— acorde — implorou. — Elaine, olhe para mim!

Ela não estava morta. Um quase imperceptível arfar de seu peito mostrava que ela ainda vivia. Estava desfalecida, presa a algum encantamento que ele não sabia como quebrar.

Não havia outro jeito, senão carregá-la dali através das chamas. E aquilo precisava ser feito com determinação. Lancelot olhou lentamente ao redor. O suor que escorria por seu rosto e entrava em seus olhos, apertados pelo brilho e o calor das chamas, não permitia que ele enxergasse por sobre a parede de fogo. Um salto, um só salto, tinha de levá-los até a porta ou estariam perdidos.

Fique calmo, disse a si mesmo. Vá devagar.

Arrastou a espora da bota pelo chão, deixando uma pequena marca para servir de guia. A seguir, agachou-se e, encolhido, saltou no meio das chamas. Estas o receberam formando uma muralha, e ele se desequilibrou, caindo para trás, mas aparando o corpo nas mãos e nos joelhos. Recuperou o fôlego, fez uma segunda marca e saltou outra vez.

E mais uma vez. E outra. Tinha se queimado e sangrava, mas havia conseguido demarcar um círculo em volta de Elaine.

Ele a pegou nos braços, segurando-a contra o peito e embalando-a como uma criança.

— Está tudo bem, meu amor — murmurou. — Não tenha medo, eu estou aqui. Tudo vai dar certo.

Mentiroso, uma voz disse em sua mente, você falhou com ela mais uma vez.

— Ah, minha Elaine, eu sinto muito. — Inclinou-se sobre seu rosto e o beijou, depois a testa, e por fim a boca. Quando seus lábios tocaram os dela, o chão cedeu sob seus pés, e os dois caíram num redemoinho escuro.

Um ruído familiar acordou Lancelot. Um barulho que lembrava sua infância: o murmúrio fluido de pequenas ondas quebrando no mesmo ritmo constante na praia pedregosa. Abriu os olhos e viu o céu de um azul intenso, pontilhado de gordas nuvens brancas. Estava deitado sobre um gramado macio e farto, de um verde brilhante. O ar que respirava cheirava a incenso, inebriante como um vinho raro.

Ele virou a cabeça e viu uma mulher sentada de pernas cruzadas, a seu lado, os belos cabelos castanhos caindo soltos sobre os ombros e uma grinalda de margaridas em torno da cabeça.

— Bem-vindo ao lar, filho do Rei.

— Dama do Lago? Onde... — Sentou-se rapidamente, notando que Elaine dormia perto dele, a face tranqüila e relaxada. — Como...

A Dama do Lago riu.

— Você e sua senhora estão aqui por minha vontade, é claro. Sei que a estima muito, assim como você é estimado por mim.

— Eu? Estimado?— Lancelot repetiu com uma risada amarga.

— Ora, não vamos discutir sobre o que é passado e está feito. — A Dama do Lago franziu a testa e, mal-humorada, agarrou algumas cabeças de cardo. — Os destinos dos homens não são facilmente alterados. Mesmo em seu mundo, meus planos podem dar errado.

Morgana deixou pender a cabeça e começou a trançar os cardos.

— Não digo isso com leviandade, filho. Não foi uma constatação fácil de aceitar. Mas agora está terminado. Desisti de me intrometer nos assuntos dos homens.

Ela jogou uma teia de cardos ao ar, e o trançado esticou-se, transformando-se numa rede reluzente. Um aceno de sua mão a fez flutuar sobre a água, onde um minúsculo ser incandescente pegou-a e a levou embora. A Dama do Lago voltou a fitar Lancelot com expressão séria.

— Meu Cavaleiro tinha razão. Eu o mantive aqui por muito tempo. Você é tão despreparado para viver neste mundo quanto na lua. Estive observando seu sofrimento... Acompanhava-o enquanto vagueava sem destino, embora você não me visse. Mas agora basta. É hora de você descansar em seu verdadeiro lar.

— Aqui? Para sempre?

— Não. Para sempre, não. Você é um mortal. Mas vida longa e saúde, descanso e serenidade, estarão à sua disposição, e à de sua senhora também, claro. — A risada da Dama do Lago soou doce, como sininhos de prata. — Ah, esses mortais! Que contra-senso quererem sublevar-se! Felizmente eu a tomei aos meus cuidados. Por sua causa eu a mantive segura e me certifiquei de que só você pudesse libertá-la. Eu sabia que você não iria descansar em paz sem seu amor! Acorde-a... ela acordará agora. Nenhum encantamento feito por mortais pode perdurar dentro de meu reino.

— Elaine. Elaine, acorde — Lancelot apressou-se em chamá-la.

Elaine virou a cabeça, suspirando, e olhou dentro dos olhos de Lancelot. Ela conhecia aquele sonho. Todas as noites rezava para que voltasse a sonhá-lo, mesmo sabendo que o despertar seria amargo.

Sorriu, sonolenta, quando os lábios dele tocaram os seus.

Sim, ela pensou, só um pouco mais...

Porém, ao passar os braços pelo pescoço de Lancelot, ele recuou.

— Elaine — ele repetiu, a voz vacilante. — Não me reconhece?

— Se reconheço você?

Seu sorriso foi diminuindo conforme o fitava mais atentamente. Sim, era Lancelot, porém estranhamente mudado. Os ossos da face pontiagudos, os lindos cabelos cortados

curtos. Ela agarrou sua mão e sentiu-a sólida. Não era um sonho. Ele era de carne e osso.

— Lancelot! — Ela se sentou e tocou-o na face. — Lancelot, é... é você mesmo?

— Sim, meu amor, sou eu — ele afirmou. — Elaine, tenho tanto a lhe contar, que nem sei por onde começar. Qual é a última coisa de que se lembra?

Ela franziu a testa.

— A rainha Morgause veio me visitar. Quis ver a torre e... um incêndio começou... Eu gritei por você e... devo ter desmaiado. Oh, Lancelot, você veio me salvar! Eu sabia que viria! Mas...

Pela primeira vez ela notou que não estava em sua casa, e sim deitada num campo enlameado ao lado de um pântano.

— Onde estamos?

— Em Avalon. — Ele riu. — Você nunca acreditou em mim, não é? Mas agora pode ver por si mesma. — Fez um gesto com a mão abrangendo um campo árido.

— Avalon?

— Lá está o lago. Eu lhe falei dele, lembra-se?

Ela se lembrava bem da descrição que Lancelot fizera do lago cristalino de Avalon. Desviou o olhar do pântano fétido para os olhos brilhantes de Lancelot, sentindo o coração partido.

— Meu amor, precisamos voltar para casa, para Corbenic. Lá eu cuidarei de você.

Ele se voltou para um amontoado de caniços sujos de barro, achatados como se tivessem sido pisados.

— Senhora — disse, inclinando a cabeça — posso apresentar-lhe Elaine de Corbenic? Elaine, esta é minha mãe adotiva, a Dama do Lago.

Sem dizer nada, Elaine levou o olhar atônito para os caniços, voltando-o para ele.

— Oh, não — Lancelot dirigiu-se à Dama do Lago. — Claro que ela pode. — Virou-se novamente para Elaine. — Elaine, cumprimente a Dama do Lago. Você... você a vê, não é?

Elaine meneou a cabeça, negando.

— Não é possível! Olhe! Ela está bem ali! — Lancelot insistiu.

— Oh, Lancelot — Elaine murmurou com voz triste. — Por favor, leve-me pra casa.

— O que está acontecendo? — Lancelot perguntou à Dama do Lago. — Por que ela não consegue vê-la?

— A vontade dela é muito forte. Não quer ver aquilo que ela acredita que não exista.

— Então, faça com que ela veja!

— Não posso.

— Elaine, estamos em Avalon. A Dama do Lago está sentada diante de você, pode vê-la se quiser. Tente, por favor!

A despeito de suas reservas, Elaine atendeu à súplica de Lancelot e focou o olhar fixamente na direção que ele apontava.

— Não há nada ali, Lancelot. Só o pântano e caniços quebrados. Meu amor, não se atormente. Quando estivermos em casa de novo, você se sentirá melhor.

— Senhora — Lancelot dirigiu-se a Dama do Lago —, agradeço por seu presente, mas não posso aceitá-lo.

— Filho — ela respondeu —, você me entendeu mal. Este presente você não pode recusar.

A determinação em sua voz deu a entender que qualquer discussão seria inútil. Em Avalon, a vontade da Dama do Lago era absoluta.

— Então, mande-a de volta.

As sobranceiras da Dama do Lago se ergueram num ligeiro ar de desaprovação.

— Eu afirmei que não me intrometo mais no mundo dos homens. Se quiser que a devolva à torre, ela permanecerá lá para sempre. Só pensei em agradá-lo — ela emendou, num tom de reprovação. — Não sabia que ela era tão... teimosa. — Levantou-se com leveza e graça. — Com o tempo, ela acabará aceitando seu destino.

— Não, espere! Não se vá... — Lancelot gritou, mas a Dama do Lago já havia desaparecido.

Elaine segurou a mão de Lancelot, procurando fazê-lo ficar de pé.

— Galahad deve estar sentindo a minha falta. Você se lembra de seu filho, não é?

Lancelot levantou-se e tomou as mãos de Elaine nas suas.

— Galahad está bem, eu o vi esta manhã. Estava com seu pai, praticando as letras.

— As letras? Mas...

Lancelot pousou um dedo em seus lábios.

— Amor, preste atenção: você ficou na torre por doze meses. Escute, é a pura verdade. Morgause colocou um feitiço em você...

— Não! Morgause pôs fogo na torre, e isso aconteceu ontem. Eu entrei em pânico e desmaiei. Você deve ter me alcançado logo depois e me trouxe para este lugar antes que eu acordasse. *Esta é a verdade*, e você se lembrará com o tempo. E agora... agora eu preciso ir para casa ver Galahad. — Ela puxou as mãos, libertando-as. — Voltarei para casa. Eu preciso!

Lancelot inclinou a cabeça.

— Sim. Você precisa. Muito bem, Elaine, eu a levarei para casa. Conheço um caminho... Eu o descobri muito tempo atrás. Mas você tem de prometer não me perguntar nada e fazer o que eu disser, não importa o quanto tudo possa parecer estranho. Promete?

— Sim, qualquer coisa. Mas me tire deste lugar!

Levando Elaine pela mão, Lancelot contornou o lago, parando de vez em quando para ouvir. A água batia contra a praia, o orvalho pingava dos galhos das árvores, um cuco cantou na floresta.

Depois de uma hora de caminhada, ouviu o som que temia.

— Depressa — ele murmurou. — E nem uma palavra. Elaine obedeceu, os olhos arregalados de medo e dúvida. Ele a arrastava para mais perto do lago, onde uma bruma fina se erguia da água.

— Onde está você, rapaz?

A voz ecoou, assustando uma garça a três passos de Lancelot e Elaine. A ave levantou vôo com um grito zangado, numa sombra prateada que foi logo engolida pela neblina que se adensava.

— Você sabe que não pode se esconder de mim!

— Corra — Lancelot disse, empurrando Elaine para a frente.

Ele olhou por sobre o ombro e cambaleou, afundando o joelho na água gelada, a lama grudando em seus pés. Uma nuvem de asas iridescentes zumbiu em torno de sua cabeça. Carinhas minúsculas sorriam, revelando dentes aguçados.

— O que faz aqui, filho do rei? — as pequenas criaturas gritaram — Para onde vai?

— *Argh!* — Elaine gritou, agitando as mãos no ar. — Moscas!

Lancelot instintivamente sacudiu a mão ao sentir uma picada aguda no polegar, e viu uma das criaturinhas sair voando em círculos através da bruma,

— Bem feito! Bem feito! — elas gritaram em coro num tom dissonante e agudo, esvoaçando ao seu redor.

Ele tentava expulsá-las agitando as mãos, praguejando quando os dentes minúsculos arrancavam seu sangue. A voz do Cavaleiro Verde fez-se ouvir de novo, e Lancelot sentiu-se enregelar.

— Onde está você, rapaz?

Ao ouvirem o som, as fadinhas recuaram, pairando no ar por um momento. Voaram depois como flechas, numa nuvem de risos e zumbidos.

— Aqui, senhor, ele está aqui! Siga-nos...

— Vê aquele espinheiro em flor? — Lancelot perguntou a Elaine.

— Sim — ela murmurou, cansada demais para argumentar.

— Elaine, diga-me a verdade.

— O que vejo é uma árvore morta.

— Há um galho... olhe atentamente... a cerca de dez centímetros da base, caindo como um arco em direção ao chão. Está vendo?

— Sim.

— Corra para lá e passe sob o galho. Não dê a volta. Passe por baixo dele. Entendeu?

— Sim, Lancelot, sob o galho — ela repetiu, desanimada. — Venha comigo para me mostrar.

— Não, você precisa ir na frente. — Ele levou a mão à bolsa presa à cintura e tirou um pequeno saco que esvaziou na palma. Surpreendida, Elaine reconheceu o diamante que ele ganhara no torneio tempos atrás. — Eu sempre tive intenção de dá-lo a você — disse, com um sorriso enviesado. Devolveu-o à bolsa e pendurou-a no pescoço de Elaine.

— Mas, o que... Lancelot beijou-a na testa.

— É para Galahad. E isto é para você. — Sua boca fechou-se sobre a dela. Suas mãos emolduravam o rosto de Elaine, os olhos ardendo nos dela. — Se algum dia me amou, faça exatamente o que digo. Quando passar pelo arco, verá uma capela na colina. Vá até lá e pergunte pelo padre.

— Mas...

— Adeus, meu amor. Não pare, e não olhe para trás. Lancelot afastou-se. Meio cega pelas lágrimas, Elaine viu-o correr para o campo ao lado do pântano. Sua espada reluziu por entre a bruma quando ele a sacou da bainha. Agitando a arma como se estivesse em combate, dava cutiladas no ar e a erguia como se aparando golpes.

Ela cambaleou na direção da árvore, espantando as moscas enormes que zuniam em torno de seu rosto, o fedor da lama do pântano a lhe entrar pelas narinas. Raízes retorcidas que emergiam da água agarravam-se a seus tornozelos. Quando se acercou da árvore, abaixou-se para passar debaixo do galho.

Não pare, ele lhe recomendara.

Ele estava louco... Mas seus olhos eram tão límpidos, a voz tão firme... Ao erguer o pé para passar do outro lado, uma certeza irracional apropriou-se dela: se deixasse Lancelot para trás naquele momento, ela o perderia. E seria para sempre.

Não olhe para trás... E ela prometera obedecer.

— Não! — Elaine gritou. — Não o deixarei. Sejam quais forem os demônios que tenha de enfrentar, eu os enfrentarei ao lado dele.

Virou-se para voltar e estacou, atônita, apertando a mão na boca para abafar um grito.

O pântano havia sumido. Em seu lugar surgira um lago muito azul, que ondulava até o horizonte. O campo ainda estava oculto pela bruma. No entanto, ao dar apenas um passo à frente, Elaine viu a névoa dissipar-se, soprada por uma brisa suave, revelando uma vasta campina pontilhada de flores silvestres.

E avistou Lancelot. Ele não estava sozinho, afinal. Travava um combate mortal com um cavaleiro vestido numa armadura verde que o cobria do pescoço aos calcanhares. A névoa dançava em faixas entre as placas verdes que lhe envolviam as canelas. Um elmo saltava sobre ombros extraordinariamente largos, a fenda à altura dos olhos nada revelando de seu rosto. Numa das mãos segurava uma espada verde e, na outra, um escudo igualmente verde.

— O Cavaleiro Verde — ela murmurou, sentindo um terror gelado apossar-se de suas entranhas. — O Cavaleiro Verde.

Deu mais um passo e gritou, apavorada, ao ver-se rodeada de uma nuvem de criaturinhas aladas. Notou, admirada, que não eram moscas, mas pequeninos seres em forma humana, com asas que brilhavam como arco-íris ao sol.

— Vão embora — ela implorou, fazendo gestos suaves enquanto corria, tentando espantá-las com cuidado para não machucá-las. Vão! — repetiu com mais firmeza, seu espanto transformando-se em irritação ao vê-las continuar voando diante de seus olhos.

Então, alguma coisa agarrou seu tornozelo e ela caiu de joelhos. Aterrorizada, percebeu que não era uma raiz que se enganchara nele, mas uma mão esverdeada com membranas entre os dedos que o segurava.. Ela lutou para se soltar, mas sua força não se equiparava à da criatura que vislumbra sob as ondas. A coisa a arrastou com uma força inexorável, e ela ouvia as risadas das pequenas fadas ressoando em seus ouvidos. Tentou, em vão, enterrar os dedos na terra, quando a água gelada fechou-se sobre ela.

A criatura puxou-a para mais perto, uma das mãos se fechando em torno de seu pescoço. Elaine empurrou-a e livrou-se, subindo à superfície o tempo suficiente para inspirar, sendo novamente puxada para baixo.

Debatendo-se, os dois foram mergulhando juntos até o fundo coberto de algas. A

criatura tentou pegar a bolsa dela, mas Elaine conseguiu esquivar-se. Pontos pretos dançavam em seus olhos. Ela se agachou no fundo e, esticando as pernas, deu um impulso para cima, irrompendo à superfície de novo. O diamante na palma de sua mão. A cabeça da criatura emergiu, e Elaine pôde ver suas feições esverdeadas e imensos olhos negros antes de atirar a pedra com toda força.

Os olhos da criatura faiscaram, e ela se virou e mergulhou. Com muito esforço, conseguiu chegar à margem, arfando. Quando os pontos pretos em seus olhos desapareceram, ela se levantou, cambaleante, até conseguir firmar-se em pé.

Agora a campina estendia-se à sua frente em todos os detalhes. Lancelot e o cavaleiro ainda lutavam, as espadas tinindo a cada investida. Em volta deles, sentados em bancos cor-de-rosa com assentos acolchoados, Elaine viu seres que, a princípio, julgou que fossem humanos. Porém, um olhar mais atento revelou seu engano: eram criaturas estranhas, algumas disformes e horrendas, outras, de uma beleza esplendorosa. Nenhuma delas humana.

Acima delas, numa tenda decorada com seda rosada, sentava-se a mais bela de todas. E Elaine deduziu de imediato quem era ela. A Dama do Lago encarou-a, a face encantadora mostrando uma expressão glacial.

— Ah, é só isso o que sabe fazer? — o Cavaleiro Verde provocou. — Esqueceu tudo que lhe ensinei?

— Quase nada — Lancelot retrucou, investindo com um movimento fluido.

O Cavaleiro Verde recuou um passo, a lâmina mal raspando na borda da espada. Lancelot pressionou, usando a vantagem, a espada tecendo movimentos tão intrincados, que Elaine não pôde acompanhar. O Cavaleiro Verde tropeçou e caiu sobre um joelho, agitando a espada desajeitadamente, para defletir um golpe que teria lhe decepado o pescoço caso o atingisse. A espada de Lancelot cortou-lhe a armadura na altura do ombro, mas o Cavaleiro não deu sinal de ter percebido, saltando em pé e recuando para longe de seu alcance.

— Você está lento, velho. — Lancelot gritou, rindo.

— E você não passa de um tolo mortal.

— Dê graças por isso! E pela magia que o protege! — Respirando pesadamente, Lancelot ergueu a espada. Elaine percebeu que ele sangrava. Um fio de sangue escorria de um longo corte na testa, e outro pingava de uma ferida no ombro, caindo no chão como pequenos rubis.

Contudo, seu sorriso brilhava, o sorriso alegre e temerário que sempre a deixara sem fôlego.

— Posso ser mortal, mas viverei em sua memória... — Lancelot riu. — Para sempre é um longo tempo, velho. Mas enquanto viver você se lembrará de que não foi páreo para Lancelot Du Lac neste *verdadeiro* teste de armas.

O Cavaleiro atacou com um rugido. Metal chocou-se contra metal, Lancelot aparando a lâmina verde na sua. O Cavaleiro virou-se e investiu por baixo, a ponta da espada rasgando a manga da túnica de Lancelot do punho ao ombro. Elaine levou as mãos à boca vendo o sangue escorrer.

Lancelot recuou, levando a espada para a mão esquerda a fim de enxugar a palma da outra mão ensangüentada no colete. O Cavaleiro Verde investiu para a frente, e Lancelot agarrou a espada com as duas mãos, virando-a com tanta rapidez que seu oponente mal teve tempo de bloqueá-la com o escudo. A força do golpe o empurrou para trás aos tropeções. O Cavaleiro saltou para a frente com um berro, e os dois voltaram a

se atacar e recuar, enquanto os gritos sobrenaturais dos espectadores inumanos os incitavam a continuar.

Em dado momento ficaram travados, ambas as espadas bloqueadas, pelo que pareceu uma eternidade. Elaine podia ver cada músculo dos braços de Lancelot encordoados sob os restos ensangüentados da camisa, Os tendões de seu pescoço saltando com o esforço para segurar a espada do Cavaleiro Verde.

No entanto, ele não conseguiria resistir por muito tempo. Era humano, e o Cavaleiro, mais que isso. Elaine assistiu, horrorizada, Lancelot ser forçado a lentamente cair de joelhos. Por alguns segundos ele ainda manteve a espada levantada, mas o Cavaleiro Verde conseguiu arrancá-la de sua mão.

— Agora veremos quem é o melhor — o Cavaleiro urrou num êxtase de triunfo, a espada comprimida contra o pescoço de Lancelot. — Implore por piedade, mortal.

A risada de Lancelot retiniu.

— Homens não imploram. — Encarou o Cavaleiro, desafiando-o, com um sorriso de escárnio nos lábios.

— Parem com isso! — Elaine gritou.

A Dama do Lago não tirou os olhos do campo, apenas meneou a cabeça.

Lancelot olhou para ela, o sorriso desaparecendo.

— Elaine! — ele gritou. — O que faz aqui? Corra, vá embora...

O Cavaleiro Verde riu.

— Tarde demais. Morra, Du Lac. Morra sabendo que falhou, e quando seu sangue se esvair, sua dama será minha.

Lancelot voltou-se e se jogou para trás, a espada verde passando a centímetros de seu corpo. Erguendo-se sobre os joelhos, recolheu sua espada da grama, e com um grito rouco, enterrou-a sem dó nem piedade no peito do Cavaleiro Verde.

Uma trombeta soou, o toque vibrante perdido entre os aplausos da platéia. O Cavaleiro Verde parou por um momento, olhando para a espada, o cabo saltando de seu peito. Embainhou sua própria arma e sacou a espada do corpo, ajoelhando-se e esticando o braço, oferecendo-a a Lancelot. No momento em que ele a pegou, o Cavaleiro sumiu, assim como a tenda e a Dama do Lago. Lancelot viu-se sozinho no meio da campina.

Elaine correu para ele, a saia ensopada grudando em suas pernas. Tropeçou nos últimos passos, e Lancelot pegou-a nos braços, a espada caindo de sua mão. Um baque surdo se fez ouvir quando caíram no chão da torre e, abraçados, viram as chamas dançando em torno deles.

— Aqui estamos outra vez! — Ele riu, e Elaine o acompanhou, rodopiando em seus braços.

— Estou louca? — ela perguntou, sem fôlego.

— Você pergunta isso a mim? — Ainda rindo, ele se abaixou e a ergueu no colo. — Que caminho tomaremos, milady? Para a porta?

— Aquele. — Ela apontou.

As chamas morreram quando Lancelot pisou dentro delas. Ele sorriu para Elaine, debruçando-se para olhar pela janela.

— Seu senso de direção deixa muito a desejar. — Mudou-a de posição no braço.

— Olhe.

— É dia de festa? — ela perguntou, olhando pela fenda estreita. — Por que não há ninguém trabalhando? Lá está Torre... e Lavaine! Quando ele chegou? E... olhe! É sir Gawain! E sir Dinadan, e... veja, Lancelot! Lá estão Bors, Lionel e Ector. Mas onde... Galahad! Nossa! Como cresceu! — Ela ergueu os olhos arregalados para Lancelot. — Era verdade? — murmurou. — Fiquei presa aqui doze meses? — Tocou-o na face com os dedos trêmulos. — Sinto muito, meu amor, deveria ter acreditado em você...

— E por que deveria? Quando nos encontramos pela última vez eu estava realmente louco.

— Mas agora não está mais.

— Não, agora não. — Ele a pousou no chão. — Pela graça de Deus, eu ouvi seu chamado e me recobrei a tempo de chegar até você.

Elaine encostou a cabeça em seu ombro.

— E quanto à Dama do Lago? — ela perguntou. — Ela estava tão brava comigo. Por que nos deixou ir embora?

— Avalon tem suas próprias leis. Eu não as compreendo, mas sei quando estão em ação. Somente essa lei teria obrigado o Cavaleiro Verde a se ajoelhar diante de *mim*!

— Mas você acha... Ela voltará a procurá-lo de novo?

— Não. A Dama do Lago admitiu ter desistido de influenciar o mundo dos homens. — Ele sorriu, os olhos negros iluminados de felicidade. — Pelo menos por enquanto. Em cem anos ou um pouco mais ela pode mudar de ideia. Mas felizmente deixou-me em paz, e eu sou apenas um homem.

— Que sorte. — Elaine fitou-o. — Um homem é exatamente o que eu quero.

— Pensei que uma moça encantadora como você poderia ter o homem que quisesse.

— Só existe um que eu quero. — Ela segurou o rosto dele com ternura. — E é você.

— Acho que você deve ser um pouco maluca, mas não serei eu a discutir isso.

Lancelot abriu a porta com um chute e o casal saiu para o sol e para os aplausos da multidão.

A festa transcorria noite adentro. Lancelot e Elaine tinham saído furtivamente logo no seu começo, provocando o sorriso de Brisen ao vê-los se retirar. Pouco depois, ela também se recolheu a seu quarto ao lado das cozinhas. Uma ruga formou-se em sua testa ao ler um pequeno pergaminho que encontrou sobre o baú vazio. Deixou-o de lado e guardou no baú todos os seus pertences, fechando a tampa com força.

Ficou deitada na cama por algum tempo, olhando para o teto, e então se levantou para apanhar novamente o pergaminho. Dirigiu-se à porta do quarto correndo os olhos pelo papel e, após uma ligeira hesitação, amassou-o e jogou fora. Foi para o salão, parando de vez em quando para trocar uma palavra ou outra com os conhecidos até chegar a porta e sair para o jardim.

A noite estava fria. Andando rapidamente, olhou para a torre e viu a luz bruxuleante de uma vela brilhando no quarto de Elaine. Entrou na floresta, dirigindo-se a uma pequena clareira, onde demorou-se por algum tempo numa despedida silenciosa do lugar

que fora seu refúgio e templo. Depois, vagou inquieta pela trilha até o rio, e se sentou na doca, admirando a lua cheia refletida na água. Uma lufada repentina de vento despertou-a de suas reflexões e ela se levantou. Parou por um momento e contemplou a trilha até a casa de barcos. Seguiu até lá e abriu a porta. A luz suave de uma vela revelou Torre sentado à mesa.

— Pensei que não viria — ele disse.

— Tinha coisas a fazer — Brisen respondeu, seca.

— Sente-se. Se quiser, é claro — ele emendou, num resmungo.

Torre encheu uma caneca com o líquido de uma jarra, que Brisen percebeu ser água.

— Não estou bêbado, se é o que está pensando — ele esclareceu ao seguir-lhe o olhar.

— Imaginei que estivesse — ela admitiu. — Afinal, a esta altura todo mundo está.

— Todo mundo não precisa estar de pé ao amanhecer. — Ele empurrou um banco de sob a mesa para que ela se sentasse. — Vai sentar-se ou não?

Havia meses não ficava tão perto dele. Ao fitá-lo, Brisen recordou-se do jovem cavaleiro com a perna quebrada que roubara seu coração tempos atrás. Desde que voltara a Camelot, tinha concentrado suas energias na administração de Corbenic com o mesmo zelo que um dia devotara à malandragem. E tanto ele quanto o solar haviam melhorado muito.

Acabou. Ele agora está bem.

Torre calara-se, e Brisen relanceou os olhos para a porta. Ela também precisava estar de pé ao amanhecer, e a noite findava,

— Elaine me informou de que está de partida — ele disse, de repente. — É verdade?

— Sim. De acordo com sir Gawain, lady Morgana está em Camelot, e ele gentilmente se ofereceu para me levar com ele até lá.

— Mas você não pode abandonar Elaine. Ela precisa de você.

Brisen sorriu, passando o dedo sobre a superfície da mesa.

— Ela e sir Lancelot irão para Joyous Gard. Será uma nova vida. Duvido de que ela vá sentir falta de mim.

— Outros poderão sentir.

— Não consigo pensar em ninguém.

Torre fez uma careta e soltou uma risada curta e sem graça.

— Houve um tempo em que pensei que você fosse um espírito mau. Tente de novo, você sempre dizia. E de novo, e outra vez, e mais outra. Mesmo quando eu estava quase morto de dor, você insistia, exigia. — Seus olhos faiscavam à luz da vela. — Eu a odiava.

— Eu sei.

— Por que fazia aquilo? Parecia que você se divertia me vendo sofrer.

— Não. — A visão da mesa borrou-se diante dos olhos de Brisen. — Jamais me diverti, mas tinha de fazê-lo. — Ela franziu a testa e pestanejou com força. — Não suporto falhar.

Ele não disse nada. Brisen, com um ligeiro suspiro, levantou-se.

— Boa noite, sir Torre.

— Então não é um adeus?

Levantou-se de chofre e, em dois passos, postou-se à frente dela. Brisen nunca havia reparado como ele era alto, acostumada a vê-lo sempre encolhido. Inclinou a cabeça para trás para poder fitá-lo.

— Uma vez você me jogou na cara tudo o que pensava de mim — Torre falou. — E tinha toda a razão. Mas espero... Creio ter me tornado melhor de lá para cá.

— Você... melhorou, de certa forma. — Ela tentou encará-lo com frieza, mas não era nada fácil, com ele a fitá-la daquele jeito, como se não soubesse se ria ou...

O beijo de Torre foi tudo o que Brisen havia imaginado. Ela enterrou os dedos nas mechas onduladas, seus lábios se entreabrindo sob os dele.

— Fique até o ano novo — ele pediu com voz rouca. — Se então quiser partir, eu não a impedirei.

Ela deu um passo rápido para trás.

— Não serei sua amante, Torre.

— Jamais pensei nisso.

Brisen esperou que ele falasse mais alguma coisa, mas ele não o fez.

— Muito bem. Ficarei até o ano novo — ela falou com firmeza para disfarçar a agitação que sentia.

Torre abriu um sorriso radioso e a puxou para mais perto, encostando o rosto em seus cabelos.

— Não irá se arrepender. — Lentamente, com uma gentileza da qual Brisen jamais havia imaginado ser ele capaz, tomou-lhe o rosto entre as mãos e a beijou novamente.

Brisen amarrou sua trança e suspirou, a luz fria do prenuncio da alvorada infiltrando-se através das venezianas. Voltou para a cama e alisou os cabelos de Torre, espalhados em desalinho pelo travesseiro. Mechas cor de canela e noz moscada brilhavam sob a luz tênue da vela. Ele sorriu sem abrir os olhos e estendeu-lhe a mão.

— Devia ter imaginado que você faria de mim uma fingida — ela murmurou maliciosamente, aconchegando-se em seus braços.

— Não por muito tempo. Não a farei esperar pelo ano novo para estarmos casados.

— Você nunca pediu minha mão.

Ele abriu um olho.

— Preciso?

Brisen pegou a coberta e arrancou-a de cima dele.

— Fora. Vá! Tem trabalho a fazer, e a alvorada já está perto.

Ele se levantou como uma coruja sonolenta sob a luz.

— Você disse — ele a lembrou — que me amava. Que havia me amado desde...

— Sim, tenho certeza de que falei todo tipo de bobagem — ela o interrompeu.

Torre sorriu.

— Não era bobagem. Era a verdade. Brisen enfiou-lhe a túnica pela cabeça.

— Um momento de fraqueza. Mas acho que de agora em diante isso não terá mais fim.

— Nunca — Ele passou o dedo pelos lábios de Brisen, que se abriram num sorriso.

— Nunca nesta vida. Você tem minha palavra.

— Outro não! — Lancelot resmungou, enterrando a cabeça nas mãos. — Diga a ele que não estou em casa.

Elaine riu e caiu sobre os travesseiros empilhados na cama.

— Ora, vamos. Pobre homem. Provavelmente viajou durante dias só para vir conhecê-lo.

— Detesto justas! — Lancelot exclamou com voz abafada.

— Então, não deveria ter começado.

— A culpa é sua — ele acusou, erguendo a cabeça para encará-la.

Ela enfrentou o olhar com um sorriso.

— E você é o mais beneficiado com isso. O grande Du Lac! — ela exclamou com satisfação. — Não existe ninguém como você!

Ele deslizou pela cama e se aninhou ao lado dela.

— E se esse me derrubar?

— Eu o levantarei.

Lancelot rolou sobre ela, com os braços apoiados ao lado de sua cabeça.

— Farei isso por um beijo.

— Muito bem. Mas depois, agora não. Não, pare, Lancelot... Não podemos... O homem está esperando...

— Ele nem cruzou o fosso ainda.

— Mas... Bem, acho que... se nos apressarmos...

— Então vamos nos apressar. — Lancelot deu um sorriso malicioso, deslizando a mão por baixo da saia de Elaine.

Quando ela abriu os olhos de novo, o sol batia sobre a enorme cama.

— Céus! — ela exclamou, virando a cabeça no travesseiro — Que horas são?

— E quem se importa? — Lancelot murmurou, a cabeça entre os seios dela.

— Temos um hóspede — ela o lembrou. — Lancelot, vai pedir a ele que fique para o jantar?

— Não. — Ele se levantou e espreguiçou-se como um gato ao sol. — Lutarei com ele, se precisar, mas isso é tudo.

— Não podemos viver neste esplendor solitário pelo resto de nossas vidas — Elaine observou. — Não é certo.

— Dificilmente estamos sozinhos. Vemos Torre e Brisen quase todas as semanas e Lavaine passou um mês conosco na última primavera. Só Galahad mora em Corbenic, e ele tem bastante companhia por lá.

Elaine deitou-se de costas e observou Lancelot vestir-se, oferecendo-lhe a face para seu costumeiro beijo antes de sair. No início ela também não quisera mais nada a não ser ficar sozinha com ele e Galahad enquanto deixava Joyous Gard em ordem. Depois de um ano, sugerira a Lancelot convidar seus parentes para celebrar a colheita, mas ele se recusara, alegando que não tinha vontade de ver a casa cheia de gente e que só a sua companhia lhe bastava. Elaine esquecera o assunto por alguns meses, quando passara a maior parte do tempo em Corbenic ajudando Brisen a se preparar para o parto. Só depois do nascimento de seu sobrinho e da volta para casa foi que percebera o isolamento em que estavam vivendo. Novamente sugerira a Lancelot que fizessem uma festa, e de novo ele se recusara.

No transcorrer do ano seguinte, ela o observara atentamente e Lancelot lhe parecia feliz. Passava horas no campo todas as manhãs e andava a cavalo durante as tardes, às vezes na companhia de Galahad, mas na maior parte do tempo sozinho. Quando o sol se punha, ele, invariavelmente, encontrava-se nas ameias ao alto, olhando para a estrada que levava a Camelot.

Na primeira vez que o encontrou lá, Elaine sentiu um eco do antigo sofrimento que pensara ter passado por completo. Afastou-se sem falar nada, mas ele a chamou. Ao aproximar-se dele, Lancelot abraçou-a pela cintura e a fez deitar a cabeça em seu ombro.

— Tem saudades dela, não é? — Elaine perguntou, determinada a fazer com que a verdade prevalecesse entre eles.

— Dela?

— Guinevere.

Lancelot ficou em silêncio por alguns segundos, olhando o horizonte.

— Eu me preocupo com ela — disse por fim. — Ela estava terrivelmente infeliz.

— Não vejo razão para que estivesse infeliz. O rei é um homem bom e gentil.

— Guinevere falou o mesmo uma vez. Disse que ele a tratava com muito mais gentileza do que ela realmente merecia.

— Bem, então...

— Na verdade — ele emendou, virando-se para fitar Elaine —, ela me disse isso no dia em que o rei nos viu juntos. Estava justamente comentando comigo como se sentia afortunada por ter se casado com um homem tão amável.

Elaine franziu a testa, imaginando onde Lancelot pretendia chegar. Pelas coisas que ele lhe dizia, não conseguia encontrar nenhum motivo para queixas por parte da rainha.

— Sim — ela concordou. — Ela é mesmo afortunada. — E ela tinha consciência disso. Disse-me também — ele continuou, pensativo — que quando Arthur tomasse uma amante, e ela achava que ele faria, esperava contar com sua discrição. Sentia-se agradecida por nunca saber.

— E era esse o motivo de sua angústia? — Elaine perguntou.

— Sim, mas havia ainda outras razões: o amargo desapontamento por falhar em lhe dar um herdeiro, o medo de que ele a mandasse embora e procurasse outra esposa mais jovem...

— É o rei que ela ama? Não você?

— Eu? Não, ela gosta de mim, assim como eu dela, a despeito de, muitas vezes, ter tido vontade de lhe torcer o pescoço. — Ele a fitou intensamente, parecendo estar

escolhendo as palavras certas para continuar. — Lembra-se de quando Torre era profundamente infeliz? Ele fazia coisas que a deixavam zangada, e mesmo assim...

— Nunca deixei de amá-lo... — Elaine completou. Seus olhos arregalaram-se de espanto. — Lancelot, você está querendo dizer que...

— Por mais que gostasse de Guinevere, nunca fomos amantes. Mesmo que ambos fôssemos livres, nenhum de nós pensaria em tal coisa.

— E por que?...

Ele pousou um dedo nos lábios de Elaine.

— Nada mais posso dizer. — Acariciando-lhe a face, ele sorriu. — Tenha certeza de uma coisa, minha querida: nunca havia amado mulher alguma até pôr os pés em Corbenic. Ora! Nem ao menos beijara uma. E, depois que a beijei... — Beliscou-lhe a face. — Não houve nenhuma outra para mim, nem nunca haverá. Você acredita em mim, não é?

Rindo, ela o enlaçou pelo pescoço, erguendo-se na ponta dos pés para dar-lhe um leve beijo na boca.

— Agora acredito plenamente. — Elaine por fim compreendia sua tristeza. — Lancelot, por que não manda uma mensagem ao rei e lhe diz onde está?

Ele meneou a cabeça, os olhos toldados de amargura.

— O rei me expulsou, Elaine. Se me quisesse de volta, saberia como me encontrar.

Ao final do segundo ano, Elaine anunciou que iria realizar um torneio em Joyous Gard e esperava que Lancelot competisse. Isso resultou na primeira discussão do casal.

— Muito bem — Lancelot terminou por concordar. Mas não lutarei sob meu próprio nome. Você pode me chamar de... — Parou por um momento, os ombros tensos. — Chevalier Mal Fet.

Elaine tinha esperanças de que o sucesso de Lancelot na competição fosse alegrá-lo, pois havia derrotado todos os desafiantes. Entretanto, quando chegou a hora da festa, ele havia sumido, deixando-a sozinha para receber os convidados. Essa foi a causa da segunda discussão, e eles não se falaram por dois dias.

Outro ano se passou. Ambos tinham se acostumado aos cavaleiros que apareciam de vez em quando para desafiar o misterioso Chevalier Mal Fet. Apesar de todos os resmungos, Elaine suspeitava de que Lancelot, secretamente, alegrava-se com as oportunidades de testar sua perícia.

Um dia ele irá tirar seu elmo e convidar um dos visitantes para ficar.

Por mais que ansiasse por esse dia, ela o receava também, pois a solidão a dois tinha seu próprio encantamento.

Elaine vestiu-se e, antes de sair para assistir à competição, parou no quarto de Galahad para perguntar-lhe se queria juntar-se a ela. Ele negou e se desculpou, alegando ter uma lição, passada pelo avô, que ainda não terminara. Elaine despediu-se dele com um beijo. Suspirando, desceu a escada em caracol. Conforme crescia, Galahad ia ficando cada vez menos parecido com o pai, tanto em natureza quanto na aparência. Na verdade, era a imagem do avô, Pelleas. E, embora fosse sempre extremamente educado com o pai, Galahad tinha pouco interesse por armas e lutas, e nenhum por ver Lancelot conquistar suas vitórias.

Ainda ponderando sobre os mistérios entre pais e filhos, ela desceu ao salão e tomou o corredor que levava ao campo de torneio. Ao seu final, olhou para o pequeno cômodo onde ficava guardada a armadura de Lancelot.

Parou, a mão apoiada ao batente da porta, o ar fugindo de seus pulmões. Lancelot estava ajoelhado diante de um banco, a cabeça inclinada. Diante dele sentava-se o rei.

Arthur ergueu os olhos e sorriu.

— Lady Elaine.

— Milorde, bem-vindo a Joyous Gard.

— Obrigado.

Lancelot manteve a cabeça abaixada. Tremendo, Elaine sorriu para Arthur.

— Eu os deixarei agora.

— Até mais tarde, milady — disse Arthur. Através das lágrimas, ela enxergou compreensão e compaixão nos olhos do rei.

— Sente-se a meu lado, Lance — pediu Arthur ao ficarem a sós.

Lancelot obedeceu, sentindo-se tão constrangido quanto um menino repreendido pelo pai. Com Arthur não parecia diferente. Por duas vezes tentou falar, calando-se em seguida e olhando para as mãos.

— O senhor está bem, milorde? — Lancelot aventurou-se a perguntar.

— Sim. Ou melhor... — Arthur ergueu os olhos de repente. — Eu deveria ter vindo antes. Queria, mas... Bem, a verdade é que não tinha coragem de encará-lo.

— Como? — Lancelot repetiu, aturdido.

— Depois que você nos deixou, fui a Cameliard. Leodegrance e eu tivemos uma conversa, que não foi nada agradável, porém... esclarecedora.

— Guinevere ainda é rainha? — Lancelot indagou.

— Ela sempre será. — Arthur pousou a mão no ombro de Lancelot. — Jamais deveria ter duvidado de você, Lance. Poderá me perdoar?

— Por que precisa perguntar?

— Porque devo. Quando me lembro das coisas que lhe disse naquele dia... e a Guinevere... — Ele desviou os olhos. — Agi terrivelmente mal com vocês dois.

— Está muito severo consigo mesmo. Tinha bons motivos para suspeitar que não éramos honestos com o senhor.

— Por causa das atitudes de Guinevere, que agora compreendo bem. — Arthur meneou a cabeça e suspirou.

— A culpa foi minha. Ela era tão jovem, tão linda, e eu... tive receio que ela. Sei muito pouco sobre as mulheres... — Arthur riu baixinho. — Mas estou aprendendo.

— Fico muito feliz por vocês.

O sorriso de Arthur desapareceu.

— Contudo, não me perdão por ter me comportado daquela maneira. Você era inocente.

Lancelot meneou a cabeça.

— Não, senhor. Inocente, não. Eu guardava meus próprios segredos.

— Por que não me chama de Arthur? Sempre me chamou pelo primeiro nome.

— Mas isso foi quando... — Lancelot fez um gesto de impotência. — Tudo era diferente. *Eu* era diferente.

— De que maneira? Vamos, Lance, houve uma época em que podíamos dizer qualquer coisa um ao outro. Gostaria que confiasse em mim como antes.

A tristeza expressa nas palavras de Arthur levou Lancelot a lhe contar tudo, desde suas primeiras lembranças de Avalon. Falou da justa com Gawain e o que aprendera com ela, da covardia em não confessar que o Primeiro Cavaleiro da Grã-Bretanha não era o herói que alardeavam, mas um ser mais que humano, e muito inferior ao homem que Arthur acreditava que ele fosse.

Contou tudo de que se recordou em sua loucura, descreveu sua última aventura em Avalon e como se separara da Dama do Lago. Quando terminou, Arthur permaneceu calado por algum tempo.

— Sim, você está diferente — disse afinal. — Você amadureceu. — Bateu com a palma da mão no banco e sorriu. — Ora, Lance, você acha que foi o único garoto do mundo que sonhou ser invencível? Todos temos esse sonho. Porém, cedo ou tarde cada um de nós é forçado a constatar que não é perfeito, apenas humano, e que é impossível alcançar o glorioso destino a que achamos ter direito.

— Se fosse apenas isso — Lancelot murmurou —, eu não me importaria. Não é a glória que me faz falta, porque nunca fui tão feliz como nesses últimos anos. É em você que penso, Arthur.

— Não, por favor. Acha que quero um cavaleiro estúpido, sem nenhuma outra escolha a não ser me servir? Prefiro ter você ao meu lado exatamente como é. Perfeição não me interessa. — Arthur meneou a cabeça, com um sorriso nos lábios. — Você e Gawain! De onde vocês dois tiraram essa idéia está além do meu entendimento, mas asseguro que é uma noção falsa. Somos todos sujeitos a falhas. Cada um de nós é capaz de covardia e orgulho, de mesquinharia e maldade e igualmente incapazes de atingir plenamente nossos ideais. É isso que significa ser um homem. E a verdadeira dimensão de um homem reside naquilo que ele aprende com seus erros.

— Mas você não é assim — Lancelot protestou. — Você nunca falhou.

— Falhei muitas vezes, de muitas maneiras. — O rei calou-se e olhou para longe. — Ah, eu pequei, Lance. Nunca houve um homem mais necessitado da misericórdia de Deus que seu rei.

— Então, rezarei para que Deus a conceda a você, Arthur.

— Agora eu sei que você mudou! Lancelot Du Lac, rezando?

Lancelot sorriu.

— Como você mesmo disse, eu amadureci.

O silêncio caiu entre os dois, tão confortável e familiar que parecia que nenhum tempo havia se passado desde a última vez que tinham se encontrado. Arthur o rompeu com um suspiro.

— Receio que seja mais que amizade que me traz aqui hoje. Preciso de você, Lance.

— O que aconteceu?

— Problemas com os saxões. O que mais? Tomaram Dumbarton. — Ele tirou um mapa do cinto e o desdobrou. — Pensei em enfrentá-los aqui — disse, apontando um

lugar no mapa.

— Por que não aqui? — Lancelot perguntou, marcando um ponto mais ao norte. Ajoelhando-se no chão, começou a desenhar na areia. — Há uma colina logo além do bosque de Celidon. Se você reunir seus cavaleiros lá, e descer sobre os saxões...

Arthur concordou, franzindo a testa.

— Sim, você pode ter razão.

— Nossa vantagem será a cavalaria. Com quantos cavaleiros podemos contar?

Arthur o encarou, as sobrancelhas erguidas.

— Nós?

— Claro. Outro dia tive urna idéia sobre uma nova formação... O que foi? Por que está rindo?

— Aqui venho eu, preparado com uma dúzia de argumentos para convencê-lo, e vejo-me obrigado a dar a mão à palmatória de Guinevere, que afirmou que você estava apenas esperando ser chamado. As tropas já estão reunidas em Camelot, e eu preciso que você assuma a cavalaria. Poderá partir comigo amanhã? Poderá me contar seus planos pelo caminho. E sua senhora também, é claro. Guinevere pediu-me particularmente que suplicasse a lady Elaine que fosse à Corte com você enquanto nos aprontamos. E, Galahad, se quiserem levá-lo.

— Irei. — Lancelot alisou a areia, apagando o mapa. — Quanto a Elaine... Ela é que terá de decidir.

Lancelot encontrou Elaine nas ameias, no lugar que fizera seu, olhando na direção de Camelot. Ela não se virou com sua aproximação.

— Quando vai partir?

— Amanhã. Primeiro para Camelot, para preparar a batalha, depois para o norte, com o rei.

— Compreendo.

Por certo ela compreendia. Elaine conhecia-o melhor que ele mesmo. E ele a conhecia o suficiente para saber que ela não queria deixar seu lar, os amigos e a família para ir a Camelot. Quantas vezes jurara nunca mais pôr os pés naquele lugar que considerava maldito?

Olhando para ela naquele momento, a silhueta recortada contra o sol poente, Lancelot percebeu que aquela seria apenas a primeira de outras separações. Não conseguiria mais ficar enterrado naquela pequena vila do interior sabendo que a grande tarefa de Arthur continuaria sem ele. Chegara a hora de cumprir seu juramento e voltar a servir ao rei. Elaine não haveria de querer compartilhar essa parte de sua vida, nem ele a culparia por isso, pois sabia muito bem como ela fora infeliz na Corte.

Era um acordo bastante comum, ele disse a si mesmo. Com freqüência os cavaleiros ficavam muitos meses, às vezes anos, sem ver suas esposas. A maioria divertia-se com o fato, afirmando que isso impedia que seus casamentos caíssem na rotina.

Mas esse não era o seu caso.

Lancelot nunca se cansava de sua companhia, do mesmo modo que não se cansava do ar que respirava. Sempre que tinha notícias, fossem relativas a alianças com reinos distantes ou fofocas da vila, seu primeiro pensamento era invariavelmente para ela: *Preciso contar isso a Elaine*. Divertia-se durante seus passeios solitários a imaginar o que

ela diria disso ou daquilo. E ela sempre tinha algo interessante a dizer. Mesmo que suas opiniões fossem divergentes, ele nunca se cansava de ouvi-la.

Também as horas que passavam juntos na cama eram incansáveis. O ato amoroso modificara-se com os anos, ficara menos febril, porém muito mais terno. Por mais que tivessem aprendido a agradar um ao outro, ainda havia vários mistérios a ser explorados. Nenhum homem fora tão abençoado. Mesmo quando discutiam, Lancelot jamais deixava de dar graças a Deus pela presença de Elaine em sua vida.

Contudo, no dia seguinte, ele iria deixá-la. Voltaria tantas vezes quanto fosse possível, mas não seria a mesma coisa. Ela não se interessaria pelas histórias que ele teria a contar de Camelot e seus habitantes. O amor de ambos não morreria, isso ele sabia ser impossível, mas algo precioso se perderia. Estava sofrendo como jamais sofrerá antes, sentindo seu coração partido em dois.

Elaine virou-se, o vento a agitar as pontas de seus cabelos, a expressão inescrutável.

— Suponho que haverá uma festa antes que você siga para o norte. Que vestido devo levar? O azul ou o prata?

Ele a fitou em silêncio, não querendo se atrever a acreditar no que ouvira. Só conseguiu balançar a cabeça, admirado.. Como ela fazia aquilo? Todas as vezes que ele pensava entendê-la, ela encontrava uma nova maneira de surpreendê-lo.

E ela o fazia de propósito. Um pequeno sorriso erguia os cantos de sua boca, divertindo-se com ele, como sempre se divertira quando o surpreendia.

Um sorriso foi se espalhando pela face de Lancelot.

— O prata — ele respondeu.

— Tem certeza? — Ela se mostrava em dúvida. — Realmente, o tecido é lindo, mas sempre fico temerosa de que nele eu vá... bem, transbordar. Não consigo imaginar o que passava pela cabeça daquela costureira ao cortar um decote tão pronunciado.

A mão de Lancelot apertou-se em sua cintura, e ele a trouxe para mais perto.

— Eu a subornei.

O som leve e doce da risada de Elaine chegou até Arthur nos jardins. Ele ergueu os olhos e se deparou com duas figuras nas ameias, ensombrecidas contra o pôr do sol que banhava Joyous Gard de luz. Um sorriso aflorou em seus lábios quando viu as duas sombras moverem-se, fundindo-se numa só.